QVARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

HISTORIA
DOS
PORTUGUESES NO MALABAR

POR

ZINADÍM

[Zain al Din]

MANUSCRIPTO ARABE DO SECULO XVI

PUBLICADO E TRADUZIDO

POR

DAVID LOPES

S. S. G. L.



HISTORIA

DOS

PORTUGUESES NO MALABAR

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

HISTORIA
DOS
PORTUGUESES NO MALABAR

POR

ZINADÍM

MANUSCRIPTO ARABE DO SECULO XVI

PUBLICADO E TRADUZIDO
POR

DAVID LOPES
S. S. G. L.



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

BIBLIOGRAPHIA

Para evitar a repetição de citações sempre as mesmas, fazemos aqui uma resenha dos principaes trabalhos que consultámos; só indicamos os que serviram para toda a nossa introducção, ou para a parte principal de cada capitulo. Aquelles de que só aproveitámos muito poucos dados virão em nota, para justificação do que dissermos. Os nossos chronistas do Oriente, ainda que de grande importancia neste trabalho, tambem virão, não aqui, mas no respectivo logar, para fundamentar as nossas asserções ou refutar Zinadím, e em certos casos corroborar o que elle diz.

Bonnet (Max), *Acta Thomae*, in *Supplementum Codicis Apocryphi*, I. Lipsia, 1883.

Bem Batuta, *Voyages*, vol. IV, ed. de Defrémery e Sanguinetti. París, 1859.

Fabricius (B.), *Der Periplus des erithräischen Meeres*. Lipsia, 1883.

Gouveia (Fr. Antonio), *Jornada do Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, quando foi ás terras do Malabar*. Lisboa, 1606.

Heyd (W.), *Histoire du commerce du Levant au moyen âge*, I e II. París, 1878.

Hirth (F.), *China and Roman Orient*. Lipsia e Munich, 1885.

Hunter (W.), *Christianity in India*, in *The Indian Empire*, pp. 279-313. Londres, 1893.

Kennedy (Y.), *The early commerce of Babylon with India, 700-300 B. C.*, in *Journal of the Royal Asiatic Society*, abril, 1898, p. 243-288.

Kennet (E.), *S. Thomas, the Apostle of India*, 2.ª ed. Madrasta, 1892.

Kohut (G. A.), *Correspondence between the Jews of Malabra and New-York a century ago*, in *Semitic Studies in Memory of Rev. Dr. A. Kohut*, pp. 320-434. Berlim, 1897.

Lassen, *Indische Alterthumskunde*, vols. II-IV.

Lévi (Sylvain), *Saint Thomas, Gondopharès et Mazdeo*, in *Journal Asiatique*, 1897, t. IX, pp. 27-42.

Lipsius (R. A.), *Die Apocryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden*, I, Brunswick, 1883.

Logan (W.), *Malabar*, I e II, Madrasta. 1887.

Mc Crindle (J. W.), *The commerce and navigation of the Periplus Maris Erythraei*. Londres. 1879.

Major (R. A.), *India in the Fifteenth Century*, in *Hakluyt Society*. Londres, 1857.

Milne Rae (G.), *The Syrian church in India*. Edimburgo e Londres, 1892.

Oppert (Gustav), *Ueber der jüdischen Colonien in Indien*, in *Semitic Studies in Memory of Rev. Dr. A. Kohut*, pp. 396-419. Berlim, 1897.

Reinaud, *Relation des voyages faits par les arabes et les persans dans l'Inde et à la Chine, dans le IXe siècle de l'ère chrétienne*. Paris, 1845.

Reinaud, *Mémoire sur la Mésène et la Kharacène*, in *Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, t. XXIV, parte II, pp. 155-224. Paris, 1861.

Reinaud, *Mémoire sur le Périple de la mer Erithrée*, in *Mémoires de l'Académie, etc.* parte II, pp. 225-277.

Reinaud, *Relations politiques et commerciales de l'empire romain avec l'Asie orientale pendant les cinq premiers siècles de l'ère chrétienne*, in *Journal Asiatique*, 1863, I, pp. 93-234, 297-442.

Tennent, *Ceylon*, Londres, 1860.

Yule, *Cathay and the way thither*, in *The Hakluyt Society*. Londres, 1866.

Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, 2.ª ed. Londres, 1875.

Yule e Burnell, *A glossary of anglo-indian colloquial terms*. Londres, 1886.

INTRODUCÇÃO



PARA esta nossa introducção não pretendemos a vantagem da originalidade. Aqui, como no que escrevemos na *Chronica de Bisnaga,* ha um proposito mais modesto. O grande facto que gravou o nome português na historia universal, foi o que se synthetisou no descobrimento do caminho maritimo para o Oriente, porque os trabalhos persistentes e tenazes ao longo da costa africana são apenas um momento anterior d'elle, e as façanhas ou infamias praticadas posteriormente são simplesmente as resultantes do movimento adquirido. Este facto é, pois, a nossa razão de ser nacional, e a nossa funcção historica e social. Se elle consubstancía a actividade productiva da nossa nacionalidade, nós de-

vemos tratá-lo, por assim dizer, maternalmente, curar d'elle como da cousa mais preciosa, ver emfim nelle o amparo do nosso futuro, como sacrario das nossas glorias.

Ora é forçoso dizer que, ainda que assumpto de bastante predilecção, não é precisamente assim. O abandono quasi completo dos estudos historicos —quero dizer historia e não historias— entre nós, affecta tambem aquelle ponto que tanto nos deve fallar ao coração. Ha immensos materiaes para a historia do nosso dominio no Oriente, da influencia portuguesa manifestando-se de multiplices maneiras, politica, linguistica, economica e socialmente, ha tudo isto, e comtudo não temos uma historia d'ella! É grandioso e muito difficil de construir este edificio, mas é necessario que se faça, não simplesmente narrativo, mas verdadeiramente critico. Para isso é preciso que sejam publicados os muitos elementos que existem nos nossos archivos, e isso levará o seu tempo.

Não bastarão só por si para tal architectura; os nossos auctores podem ser parciaes, ou ver as cousas através do prisma dos interesses nacionaes; mas serão elles comtudo a ossatura d'esse organismo, e por vezes a carnação, mas quando, a critica das fontes que o diga. Neste ponto o estudo dos auctores estrangeiros será bastantes vezes proveitoso, porque o português ha de sempre transparecer por debaixo do historiador, é-nos impossivel abstrahir de circumstancias que fazem parte do nosso modo de ser, que são a nossa educação e o meio que actuam sobre nós inconscientemente. E por fim o que disseram as gentes que ou vencemos ou combatemos são tambem dados preciosos; ellas melhor do

que ninguem nos dirão as condições internas da sua sociedade, e da sua narração podemos deprehender, quando taes factos não venham expressos, se as circumstancias permittirem ou contrariarem a nossa acção ali. São escassos esses elementos nas linguas orientaes, mas imprescindiveis para quem conscientemente queira apreciar os factos. Nós vimos, com esta introducção e o texto adeante publicado, trazer uma pedra para o futuro edificio, e é essa a unica vantagem que pretendemos para este trabalho.

David Lopes.

I

O COMMERCIO DA INDIA ATÉ AO SECULO VIII

A INDIA foi desde tempos immemoriaes uma fonte de riquezas ambicionadas pelos povos do Occidente. As suas producções naturaes e a sua posição no globo tornaram-na o fito dos povos mediterraneos desde alta antiguidade, e dos do Atlantico desde a idade media. Muitos dos productos que alimentavam os mercados dos phenicios eram indianos, como parece demonstrado que o eram os que traziam as frotas de Salomão; e a mesma origem tinham as especiarias com que gregos e romanos condimentavam as suas iguarias, e as pedras preciosas com que abrilhantavam a sua soberbia os senhores do mundo, sem contar a seda das suas ricas vestimentas,

que por lá transitavam. A marcha da civilização tornou mais preciosos e procurados esses productos; o Mediterraneo nos tempos medievos viu muito mais numerosos os navios que os distribuiam pelos seus portos e alargar-se a area do seu consumo. No fim da idade media as nações do Atlantico conseguem supplantar as do Mediterraneo: Vasco da Gama foi ao descobrimento do caminho d'ella, e Colombo nella pensava e lá queria ir. Posteriormente, portugueses, hollandeses, franceses e ingleses disputaram-se vigorosamente o exclusivo d'esse commercio, e só no principio d'este seculo os ultimos ficaram senhores indisputados d'elle.

Duas circumstancias fizeram a India tão appetecida: a primeira, as suas maravilhosas riquezas; a segunda, a sua posição. Arranquemos do seu mar esta massa triangular, e elle assemelhar-se-ha a um grande deserto; a sua grande massa de agua contínua seria um obstaculo ás communicações entre o Extremo Oriente e o Occidente, um novo Pacifico sem os innumeros apoios insulares d'este. Ella é a estrada que mão gigante quis lançar ao polo sul, ou alguma cousa como o esboroamento do grande massiço central da Asia. Está lançada a meio do mar do seu nome para que o navegante da China, ou do Archipelago Malaio, para que o do Cabo da Boa Esperança, ou de Adem, ou de Ormuz, possa ali refazer-se de tão longa travessia. A sua posição era pois favoravel para o commercio entre o oriente e o occidente do mar das Indias.

O mundo occidental, representado primeiro pelos greco-romanos, e depois pelos neo-latinos, como recebia esses productos? Duas fundas ramificações do mar das Indias, no sentido da Europa, juntas ao rendilhado do Mediterraneo, facilitavam esse trafico: o Golfo Persico e o Mar Roxo de um lado, e do outro os ramos orientaes do Mediterraneo. A estreita faixa de terra que se estende do Egypto á Syria, entre uns e outros, foi durante muitos seculos o país receptor e distribuidor de

taes riquezas, e estas uma fonte de prosperidades para os seus felizes possuidores; mas o seculo XVI é para elles, com o descobrimento do caminho maritimo do sul da Africa, o declinar da fortuna.

Podemos neste tempo estabelecer dois grandes periodos, um desde a antiguidade mais remota até o apparecimento dos muçulmanos; o outro desde então até o apparecimento no Oriente dos povos europeus. Effectivamente, o advento do islamismo marca para os povos da Asia anterior uma era nova. A Syria e o Egypto são dos primeiros países vencidos pelo proselytismo arabico. A derrocada de tantos velhos imperios carcomidos indica quanta podridão nelles lavrava, e ao mesmo tempo a vitalidade de povos recemvindos á historia. Possuidores dos territorios onde se fazia o transbordo das mercadorias indianas, e animados de extremo zelo religioso, os arabes paralyzaram por algum tempo esse trafico; mas isto foi apenas momentaneo, porque o amor do ganho e a fundação de Bagdade e do califado abacida, lhe deu um incremento até nunca attingido. Os muçulmanos passaram a ser os senhores indisputados do mar das Indias, e o seu trafico em breve tempo se estendeu até á China.

Por outro lado, no mar Mediterraneo, pouco a pouco vão apparecendo outros mercadores: venezianos, genoveses, catalães. Ha, pois, uma mutação completa nos tempos que seguiram a prégação da doutrina de Mohamede, que marca tambem no Occidente a formação de novas nacionalidades, e a regularização de tantas modificações após a decadencia do imperio romano.

As origens d'este trafico perdem-se na noite dos tempos, e só na epocha que se approxima da era de Christo começa a haver dados mais positivos. Estas fontes são exclusivamente greco-latinas, como as do segundo periodo o são quasi só muçulmanas; mas não deixam os annalistas ou viajantes chineses de nos fornecer bastantes informações, ácerca do grande trafico que se fazia

entre a India e os países a occidente d'ella, e a China, Indo-China e Archipelago Malaio. Do seculo XIII em deante as fontes christãs, de origem occidental, começam a preponderar, e a ser as mais importantes.

É fora de duvida que muitas mercadorias que affluiam ás cidades phenicias vinham da India, e pelos seus navegadores eram depois distribuidos pelos paises occidentaes. Parece tambem demonstrado que lá algures devia ser o país de Tarxixe e de Ophir, de onde Salomão recebia as riquezas com que assombrou a imaginação do seu povo, e graças ás quaes o seu reinado passou á historia com a nota de opulento. As razões que fazem propender para ahi a maioria dos especialistas, são não só que alguns d'esses productos só nascem na India, como porque a philologia vem confirmar essa hypothese. É assim que o nome com que o pavão nos apparece designado na Biblia (*thukiyim,* em I Reis, x, 22, *thūkiyim* em II Chronicas, IX, 21, *pavões*), é de origem indiana (*tōgai, tōkai* em malaialam e tamil).

Este commercio devia fazer-se sobretudo pela via do Mar Roxo; as mercadorias atravessavam depois o isthmo na direcção das cidades da costa do Mediterraneo; e era de lá, de Ezion Gebel, que partia a frota de Salomão, ou lá que navios de outras partes vinham trazer os productos do commercio. Isto mesmo nos diz Herodoto, affirmando que esse commercio estava nas mãos dos phenicios e dos egypcios, e cita duas especiarias de origem malabar, o que confirma a nossa asserção sobredita.

Este commercio, que subia o Mar Roxo, devia já ser muito importante no tempo de Alexandre Magno, porque o seu primeiro cuidado no Egypto foi fundar Alexandria, depois de destruir Tyro. O sitio fôra effectivamente admiravelmente bem escolhido, e esta cidade tornou-se em breve um emporio dos productos orientaes, e o mercado de abastecimento para todos os mercadores occidentaes durante muitos seculos. Encur-

tava-se por esta via a travessia por terra, porque se aproveitava o curso do Nilo e um dos seus braços do delta, e mesmo por certo tempo se pôde utilizar o canal que o ligou ao Mar Roxo, partindo dos lados d'onde hoje é Suez.

Pelo Golfo Persico, e os dois rios Tigre e Euphrates, algum commercio se devia fazer, mas a esse respeito estamos reduzidos a inferencias; pelo Euphrates, navegavel até grande proximidade do Mediterraneo, havia sem duvida movimento de mercadorias que se dirigiriam aos mercados da Syria; parece fora de duvida comtudo que neste tempo a via do Mar Roxo era a preferida. A fundação de Seleucia por Seleuco, para os lados de onde depois foi Bagdade, foi, pela sua posição, uma correspondencia a Alexandria. Ella foi durante os seleucidas, como sua capital, e durante os Parthos e Sassanidas Ctesiphon, sua successora, a chave de todo o commercio d'aquella região, porque demais a mais o canal que ligava o Tigre ao Euphrates, a fazia senhora das duas grandes redes fluviaes que formam e fertilizam a Mesopotamia. Na costa do Persico desde os primeiros tempos da nossa era tem importancia commercial o porto de Farate, depois Apologo, a que os arabes e persas chamaram Obolla; e nas margens do Euphrates, primeiro Vologesia, e depois Hira.

A dynastia, que depois de Alexandre dominou o Egypto e a Syria, se provocou o desenvolvimento intellectual do seu país, elevou-o tambem a um alto grau de prosperidades materiaes. A navegação e trafico do Mar Roxo, que para elle era uma fonte inexhaurivel de recursos e vantagens, mereceram-lhe particular attenção. Assim Ptolemeu Philadelpho creou os portos de Arsinoe, Myo Hormo e Berenice, na costa occidental do Mar Roxo, onde vinham desembarcar os productos quer da Arabia, quer da India e Africa Oriental. Terminou o canal, que havia muito fôra principiado, que ligava Arsinoe ao Nilo, canal que, reparado no tempo

de Trajano, serviu até ao seculo IV da nossa era. Apesar d'esta facilidade, parece que a difficuldade da navegação no seu golfo fez com que durante muito tempo Berenice fôsse o porto preferido. As mercadorias iam d'aqui, ou mais tarde de Myo Hormo, por terra, até Copto, nas margens do Nilo, e seguiam este até Alexandria. Esta solicitude dos Ptolemeus indica-nos quão importantes deviam já ser as transacções commerciaes que se executavam por este país. A passagem do Egypto e da Syria para o dominio romano não fez senão augmentá-las, como veremos de testemunhos coevos, que marcham parallelamente com o melhor conhecimento que vamos adquirindo da India, muito vago nos auctores anteriores á nossa era. Na Syria do norte Palmyra foi até ao III seculo o grande mercado onde affluia quasi todo o commercio que subia o Golfo Persico e os dois rios Tigre e Euphrates. Petra, entre Ela e o Mar Morto, foi durante o poderio romano uma cidade de activissimo commercio, que se dirigia a Gaza, e por Bosra communicava com Palmyra, ligando assim a via do Mar Roxo á do Golfo Persico.

Nos primeiros tempos parece que nem phenicios nem egypcios ultrapassavam Adem, para irem até á India; era ahi que recebiam as mercadorias dos navegantes arabes ou indianos, facto que deve desde muito cedo ter convertido aquella cidade num grande emporio. Ha, comtudo, uma vaga noticia de certas tentativas que se fizeram da parte d'aquelles para irem alem d'aquelle limite. Todas essas tentativas parecem ter ficado infructiferas, pelas condições especiaes da navegação de então. Os navegadores do Occidente não conheciam os ventos periodicos que reinam naquelle mar, nem a pequenez das suas embarcações lhes permittia grandes aventuras fora do Mar Roxo.

Um marinheiro, Hippalo, teve a coragem de se abandonar ás monções, informado sem duvida da regularidade d'estes ventos, por marinheiros orientaes, e par-

tindo do cabo Syagro (cabo Fartaque), na costa meridional da Arabia, foi levado pela monção de sudoeste a um emporio indiano muito afamado, Muziris, que tem sido identificado com Mangalor, e mais recentemente com Cranganor. Este descobrimento e acto de ousadia de Hippalo foi-lhe gratificado dando-se o seu nome a estes ventos, pelo qual effectivamente é conhecido entre os escriptores gregos, seus compatriotas. Desde então as dimensões das embarcações foram modificadas, e os navios adaptados a estas longas travessias, que de costa a costa levavam seis meses. D'este facto resultaram grandes vantagens para o trafico indiano e do Extremo Oriente, que deixou de se adstringir a seguir as cartas.

A influencia e poder romano nos mares do Oriente foi sempre crescendo nos seculos posteriores. Numerosas frotas d'aquella nação partiam dos differentes portos do Mar Roxo, e commerciavam com a Arabia, Ethiopia, e India desde o Indo ao cabo Comorim; nestes differentes paises, mas sobretudo nas cidades da costa occidental da India, havia feitorias romanas; e a influencia foi tão grande que a carta de Peutinger (cêrca do meado do seculo III) marca um templo a Augusto entre Muziris e Tyndis. Estrabão, que em 24 annos antes de Christo esteve em Myo Hormo, viu lá 120 navios romanos que iam partir para a India. O luxo em Roma era grande, e os productos do Oriente encontravam sempre bom mercado.

Hippalo é do primeiro seculo, da sua primeira parte; e da segunda metade possuimos preciosos dados ácerca d'este commercio, com Basilio, auctor do *Periplo do mar Erythreo,* e Plinio, com a sua *Historia Naturalis.* Basilio era um mercador grego, estabelecido no Egypto, que escreveu um roteiro das suas viagens, e dá todas as informações que a sua experiencia e profissão permittem; é uma testemunha visual e pratica, e por isso muito superior a Plinio, que colheu as suas informações

de outrem, e cujas noticias se ressentem d'isso mesmo. É interessante conhecer os seus itinerarios, porque elles nos indicam o desenvolvimento da navegação no seu tempo, e deixam ver a actividade e vida commercial que reinavam no mar das Indias. Mc Crindle faz d'elles os seguintes agrupamentos:

I. — De Berenice, pela costa occidental do Mar Roxo, costa de Africa, cabo Guardafui, até Rhapta, logar cêrca de 6° ao sul do equador.

II. —Tem duas variantes: 1.ª, de Myo Hormo a Leuce Corne, na costa fronteira, perto da bocca do golfo Elanitico, de onde continuou até Muza, porto ara, bico, não longe do lado occidental do Estreito; 2.ª, de Berenice directamente a este porto.

III. — Da bôca do Estreito, pela costa sul da Arabia, até o promontorio agora chamado Roçalgate; d'aqui pela costa oriental da Arabia até Apologo, emporio importante perto da foz do Euphrates.

IV.—Tem tres variantes: 1.ª, seguindo as costas da Arabia, Carmania, Gedrosia e Indo-Scythia até Barygaza, grande emporio na foz do Narmadá, a moderna Baroche; 2.ª, de Cane, porto ao occidente do cabo Syagro, e 3.ª, do cabo Guardafui, pela monção, a Muziris e Nelcynda, grandes cidades commerciaes na costa do Malabar.

Alem dos emporios sobreditos da costa da India, o auctor do *Periplo* na sua viagem de Baroche ao extremo sul da peninsula, falla de Acabaron, não identificada, de Supara, perto de Vasai, e Calliena, actualmente Caliana, não longe de Bombaim; e no interior, de dois grandes mercados: Paithana, vinte dias ao sul de Barygaza, e Tagara, dez dias para leste de Paithana. Na costa do Canará e Malabar cita entre outras Naura, Onor, e as duas importantes já referidas: Muziris, no reino dos Quéralas, que já vimos quererem identificar, uns com Mangalor outros com Cranganor, e Nelcynda no reino dos Pandias, que Yule colloca no Travancor,

entre Coulão e Canetti. Eram portos de activo commercio, e os navios que os frequentavam tinham grandes dimensões, e transportavam grandes carregações de pimenta e betel.

Tal é, segundo Basilio, a actividade commercial, neste mar, e Plinio não discorda d'elle na essencia das suas informações. Graças a elle podemos reduzir a algarismos a importancia d'esta actividade: Roma recebia do Oriente annualmente mercadorias na somma de 55 milhões de sestercios, ou sejam £ 486:979, um desfalque em ouro enorme para aquelles tempos. Nos tempos que se seguiram este activo commercio não diminuiu; mas desde o meado do seculo III, as circumstancias foram sendo outras, e um rival appareceu a disputar-lh'o. Foi em 225 da nossa era, que a antiga dynastia dos Parthos, o inimigo secular dos romanos d'aquelles lados, succumbiu emfim. A dynastia sassanida que a substituiu deu grande impulso á navegação, e assenhoreando-se dos territorios banhados pelas duas margens do Golfo Persico, e depois da Arabia meridional e parte da occidental, começou a fazer uma concorrencia terrivel aos romanos. A decadencia no fim do seculo IV é já grande, devida não só á concorrencia dos persas, mas tambem ás desordens que dividiam o imperio, e que haviam de terminar com o seu esphacelamento. No seculo VI as frotas e feitorias romanas no Oriente já não existiam; o commercio estava nas mãos dos persas e dos abexins, como nô-lo testemunham os auctores da epocha; e no proprio Mar Vermelho estes ultimos vão-nos supplantando. O estabelecimento do imperio do Oriente e a sua capital em Constantinopla fez por fim derivar o maior commercio para à via do Golfo Persico, ficando a do Mar Roxo em decadencia por alguns seculos.

No tempo de Ptolemeu o conhecimento que no Occidente se possue do Oriente é muito maior do que no tempo de Basilio e Plinio; isso diz-nos, alem das infor-

mações de ordem commercial que elle nos dá, que as relações com a India não affrouxaram no intervallo, antes augmentaram, e as noticias a respeito das costas da India e Ceilão são d'isso uma exhuberante prova.

Se do seculo II passarmos a meados do seculo VI, nós veremos esta lei de progresso mantida. Cosmos Indicopleustes é para então o que Basilio foi para o seculo I; o conhecimento pratico que possuia d'aquellas regiões fazem d'elle um magnifico informador. Ceilão adquirira no seu tempo uma excepcional importancia, porque marcava o extremo occidental onde os mercadores chinezes vinham com os seus productos, sobretudo com as suas sedas. Parece que anteriormente os navios chinezes se haviam aventurado muito aquem, até mesmo á foz do Euphrates e Tigre. A impericia dos povos d'este mar terão sido causa de um tal avanço, mas os progressos dos persas e dos arabes fizeram-nos retrogradar cada vez mais até ao limite que indicamos. Isto não é improvavel, porque o commercio chinês neste mar passou por variadas vicissitudes, dependendo de circumstancias internas que o facilitassem. Veremos ainda este limite umas vezes adeantado, outras recuado até á Peninsula de Malaca. A posição central d'esta ilha favorecia de resto este trafico. Aqui affluiam mercadores da China, India, Persia, Abyssinia e Arabia; era o mercado de todos os productos dos países do oriente e occidente, alem dos seus proprios, e Cosmos enumera uns e outros.

Factos de outra ordem confirmam esta intensa vida commercial. As differentes embaixadas que do Oriente vieram a Roma e a Constantinopla dizem-nos isso, e servem de supprir as bastas lacunas que a falta de fontes directas nos dá, porque poucos são os escriptores que de taes assumptos se occuparam. Estas embaixadas são: no anno de 24 de Christo, do rei dos Pandias a Augusto; a de Ceilão a Claudio, em 24; da India a Trajano, em 107; a Antonino Pio; a Juliano em 361,

e a Justiniano em 540. A esta data a capital do imperio estava já em Constantinopla; e com esta mudança o commercio começa a preferir a via do Golfo Persico em detrimento da do Mar Roxo.

Outro facto comprovativo do grande commercio da India com Roma são as grandes quantidades de moedas de imperadores romanos que se teem achado na costa do Malabar. Assim, na collecção numismatica do museu do governo de Madrasta estão representados todos os imperadores desde Augusto até Adriano, alguns com muitos exemplares encontrados não só no districto do Malabar como nos de Nellor, Coimbator, Salem e Maduré; e segundo Logan, na collecção do Maharaja de Travancor existem 9 aureos do imperador Augusto, 28 de Tiberio, 2 de Caligula, 16 de Claudio e 16 de Nero.

Nesta data os byzantinos são os senhores d'este commercio nos países receptores, porque dominam politicamente o Egypto e a Syria; e como agora o grande mercado de consumo é Constantinopla, este commercio vae pouco a pouco preferindo as vias da Syria, através do Euphrates. No Mar Roxo os gregos byzantinos possuiam dois portos: o de Clisma, perto de Suez, de onde as mercadorias seguiam a Alexandria pelo canal que ia ao Nilo, ou em cargas de camellos; e Aila, no golfo do mesmo nome, de onde os productos orientaes eram transportados á Syria. Á entrada do Mar Roxo havia outro porto muito frequentado, Adules, na Abyssinia, onde concorriam mercadores byzantinos e da India e Arabia, mercado principal dos productos africanos d'aquelle país, e da outra costa oriental da Africa. Os mercados maritimos da Mesopotamia já d'elles fallámos; e por terra chegavam através da Asia central e Persia muitos productos d'aquelles paises e da China, ás cidades gregas de Artaxata, Nizibe e Callinico, nas margens do Euphrates, depois chamada Raca.

II

O COMMERCIO DA INDIA DO SECULO VIII AO SECULO XVI

Estamos chegados ao segundo periodo. A carta politica do velho mundo está profundamente modificada, e uma religião nova nascera para a historia. Um homem obscuro de uma tribu do Hejaz prégara uma doutrina que havia de unificar a Arabia, e lançar os seus pobres habitadores á conquista do mundo. Os arabes são no Oriente, e quasi ao mesmo tempo, os herdeiros d'uma grande parte do velho imperio de Constantinopla, como os germanos o são no Occidente. Estes são sangue novo que veiu insuflar vida no carcomido imperio do Occidente; no Oriente os arabes organizam-se politicamente fora das suas fronteires á custa do Baixo Imperio. A Syria e o Egypto são as primeiras pedras destacadas d'aquelle edificio, e a breve trecho se seguiu a Mesopotamia e Persia, para alem da Arabia, como para áquem a Berberia; mas não tardará que esses limites se estendam até aos Pyreneos de um lado e do outro ao Indo.

Foi, pois, rapida a conquista, e conforme o parallelismo sobredito, vasto e com a mesma funcção civilizadora que o imperio de Carlos Magno; mas isso durou pouco: as desintelligencias que sempre roeram os organismos politicos onde o Alcorão é a quasi unica e suprema lèi, e onde, por consequencia, todos os poderes estão num só homem, não tardou a produzir os seus fructos; — fructos amargos em que homens da mesma crença, e muitas vezes da mesma raça e lingua, se haviam de esphacelar, e impedir o completo desenvolvimento da sua funcção social e historica.

O apparecimento do islamismo na scena da historia não foi desfavoravel ao commercio do Oriente com o

Occidente, antes lhe creou um meio propicio apesar da instabilidade dos negocios politicos. Diversas circumstancias tornam isso possivel. As vias do transito d'esse commercio estão agora sob o mesmo poder, primeiro dos Omaiadas de Damasco, e depois dos Abacidas de Bagdade. É verdade que este imperio, que ia dos Pyreneos ao Indo, se fraccionou em mil outros, mas em todos esses países havia a mesma crença, e se veiu a fallar a mesma lingua, e, por consequencia, uma communidade de interesses, ainda que não politicos. Por muito tempo o chefe de todos os crentes fôra o califa de Bagdade, e o seu nome era annunciado do pulpito das mesquitas como o do supremo e bemaventurado successor do Propheta, e tenente de Deus na terra. Meca era o coração do islamismo e alvo de todo o crente; o seu Propheta dissera que todo o bom muçulmano, qualquer que fosse a sua condição e sexo, a devia visitar ao menos uma vez na vida; ella era o fito do seu olhar no momento da oração, o logar sagrado por excellencia. De todos os pontos do velho mundo accorriam alli peregrinos, e este vae-vem manteve sempre um grande commercio. Demais o proprio Propheta dizia expressamente que esses interesses mundanos eram compativeis com o fervor religioso. O trafico que esta prescripção do Alcorão determinou, foi um dos incentivos do commercio indiano. Quem ler os nossos chronistas ou os documentos dos nossos archivos encontra constantemente factos que confirmam isto. Os nossos andavam sempre á caça das naus que iam carregadas a Meca, carregadas de peregrinos e de mercadorias; os soberanos da India, sobretudo do Malabar, como se vê do proprio documento arabe que adeante publicamos, pediam o direito de enviar certo numero de navios com pimenta ou qualquer outra especiaria a Meca; e um dos maiores aggravos de Zinadím feito á sua raça, é impedir que taes embarcações possam fazer essa viagem e trafico. Por fim a fundação de Bagdade

e Báçora, e o estabelecimento de capital dos abacidas na primeira, favorecem essas relações pela sua posição á beira do Tigre, e ser o ponto de convergencia d'esse grande imperio até o seculo XIII.

O predominio dos muçulmanos no mar das Indias fôra preparado por factos anteriores. Nós temos elementos que nos permittem assegurar o estado de prosperidade da navegação arabe e persa antes ou nos primeiros tempos do islamismo. Assim no seculo VI um soberano da Persia, Nuxirvám, mandou a Ceilão uma poderosa frota para vingar alguns dos seus nacionaes; e os testemunhos d'este mesmo seculo são conformes em dizer que o commercio do Mar das Indias estava nas suas mãos e nas dos ethiopes, como vimos anteriormente.

Os arabes parecem ter-se estabelecido cedo na costa occidental da India, pelo menos ha factos que nô-lo permittem dizer de Ceilão; esta ilha, pela sua excepcional importancia nas trocas que se faziam entre as duas costas do Indico, o emporio d'esse commercio, devia effectivamente tê-los attrahido ha muito tempo. Assim, cerca do seculo VIII, uma embarcação em que mulheres e filhas de mercadores voltavam de Ceilão á Arabia, foi tomada por piratas indianos, e isto comprova a nossa asserção. A primeira relação circumstanciada do estado d'esse commercio foi-nos deixada por um mercador arabe do principio do seculo IX, Soleimão, que fez varias vezes a viagem da India e da China, e d'ellas nos deixou preciosas informações.

Do lado do Golfo Persico o grande emporio commercial era no seu tempo Cirafe, cujas ruinas se vêem hoje perto de Bender Congo. Era ahi que vinha a grande navegação da India e China; outros aventuravam-se até ás bôcas do Euphrates e do Tigre. Na costa da Arabia, Sohar e Mascate estavam cidades prosperas, e eram frequentadas por navios tambem da India e China. As mercadorias subiam depois o Tigre e o Euphra-

tes até Raca e Balis, nas proximidades do Mediterraneo. D'aqui seguiam para Alepo e Damasco, das quaes seguiam aos differentes portos da costa. Damasco era um grande centro de commercio. Situada na intersecção das estradas que ligavam o Egypto e a Arabia de um lado com as estradas da Mesopotamia e Asia menor do outro, ali affluiam immensas mercadorias, que as caravanas de novo espalhavam.

Do lado do Mar Roxo reina tambem grande actividade. Adem continuava a ser o grande emporio da navegação do Oriente que se dirigia a estas partes; ella tem no Occidente a importancia que tem Sirafe na costa oriental do Persico. Dentro do Mar Roxo, Juda (fundada no meado do seculo VII) adquiriu grande importancia por ser o porto de Meca. No fundo do golfo de Suez a povoação de Colzum succede no nome e na importancia a Clisma do periodo anterior. D'aqui as mercadorias seguiram para Alexandria pelo canal que a ligava ao Nilo até cêrca do meado do seculo VIII; e, desde este momento, por via do entulhamento d'ella, por terra em cargas de camellos até o Cairo; ou então estas mercadorias seguiam directamente por terra até Faramia, a antiga Pelusa, num dos braços do Nilo.

As mercadorias que vinham por esta via do Mar Roxo podiam ainda chegar por outro modo aos portos do Mediterraneo, sendo transportadas pelas caravanas que de todas as regiões da terra muçulmana tinham vindo á peregrinação de Meca e Medina; umas viriam engrossar as que haviam desembarcado em Colzum, e outras, seguindo a via de Jerusalem e Damasco, ir-se-iam juntar ás que haviam subido o Euphrates. Na costa da Syria os principaes portos de Berito e Antioquia davam vasante ás cidades de Damasco e Alepo, que vimos serem os dois grandes emporios da Syria.

Na India os muçulmanos eram já preponderantes, como o prova a conversão do rei do Malabar, Chera-

mám Perumál. Só nesta costa foram fundadas 11 mesquitas, como se pode ler no texto de Zinadím, o que indica uma grande população muçulmana. No principio do seculo x, Maçudí encontrou em Saimor, perto de Bombaim, cêrca de 10:000 muçulmanos, não só de naturaes como de mercadores da costa da Arabia e da Persia, e esta colonia tinha jurisdicção propria, podendo-se reger pela sua lei. Mais para o norte as antigas cidades de Supara e Baroche, assim como Cambaia, possuiam tambem colonias de muçulmanos, e estavam em grande prosperidade.

No extremo sul, Ceilão possui-as tambem naturalmente. Ceilão fôra, até o seculo VI, o extremo limite das navegações dos occidentaes; mas os muçulmanos haviam de passar muito alem. Os productos que os chineses aqui vinham trazer, foram-nos elles buscar aos seus paises de origem. Já no seculo VIII elles nos apparecem em Cantão; no seculo IX, a cidade principal do seu estabelecimento é Canfu, ao sul da actual Xangae, e ahi tiveram uma colonia bastante numerosa com um cadi dos seus. Para o fim do seculo o país viu-se a braços com a guerra civil, que se prolongou por longos annos. Desapparecera a segurança e tolerança dos primeiros tempos para as populações estrangeiras, e os arabes decidiram-se a abandonar o país e ir procurar regiões mais hospitaleiras. Desde então o estabelecimento commercial dos arabes, mais ao Oriente, é Cala, na peninsula de Malaca, que por ser o ponto de reunião dos mercadores chineses e do archipelago malaio, de um lado, e os do Occidente, arabes, persas e indios do outro, adquiriu em pouco um alto grau de prosperidade. Este incremento tomado pela navegação dos mulçumanos, fá-los senhores indisputados do trafico do Mar das Indias, e obriga os navios chineses a restringir cada vez mais a longura da sua navegação. Esta passou, até o seculo XVI, por varias vicissitudes, por alternativas de progresso e de decadencia, dependen-

tes não só das circumstancias internas, como tambem da concorrencia maior ou menor que encontraram no Oceano Indico.

As primeiras noticias que temos acêrca do seu commercio com a India nos seus annalistas não vão alem do seculo III da nossa era. Mas não foi só este que os trouxe até áquellas paragens; a communidade de crença, o budismo, que expulso da India ganhara aquelle immenso país, uniu por estreitos laços estas duas partes do continente asiatico. Grande número de peregrinos veem retemperar a sua fé no seu berço; e os imperadores chineses mandam muitas embaixadas a Ceilão, a ilha sagrada, e fazem copiar todos os livros santos da sua religião e haver todas as reliquias que podem do Buda, e recebem em troca outras em que os reis de Ceilão procuram satisfazer esses desejos de fervor religioso. Estas relações diplomaticas de Ceilão com a China começam no seculo V, e prolongam-se até o seculo VIII; em seguida ha uma lacuna de cinco seculos nos annaes chineses; mas neste periodo de tempo podemos supprir esta falta com as informações dos arabes relativas ao seu commercio; ellas são em todo o caso uma epocha de decadencia para elle tambem, e só com o seculo XIII começam elles a retomar as anteriores vantagens. O fervor religioso que arrastava os chineses á romagem ao berço do budismo produziu dois trabalhos importantes para o conhecimento da India nestes tempos remotos: Fahiam, no seculo V, e Hiuam Sangue, no seculo VII, de volta ao seu país escreveram a relação das suas viagens na India, e hoje podemos lê-las em linguas europeias, graças a Rémusat e Stanislas Julien que as trasladaram a francês.

A dynastia chinesa dos Tangue, que dirigiu os destinos da China do seculo VII ao X, foi para o commercio chinês uma epocha de grande prosperidade, sobretudo os dois primeiros seculos. É tambem a epocha em que o commercio occidental está em decadencia, aquella

em que estão convulsionados os paises a occidente do Indico, em que Mohamede prega a sua doutrina, e os seus successores caminham á conquista do mundo, religiosa e politica. Os navios chineses chegam até Cirafe, e mesmo por vezes até ás embocaduras do Tigre e do Euphrates, depois de passarem na ida (e na volta) pela costa do Malabar. O desenvolvimento do commercio e navegação dos muçulmanos foi pouco a pouco reduzindo-os; mas é ainda em navios chineses que no principio do seculo IX o mercador Soleimão fez a viagem da India e da China; nem é provavel que essas visitas tenham nunca cessado por completo, ainda que em certos periodos mais reduzidos do que noutros.

Durante as cruzadas, isto é, do seculo XI ao seculo XIII, o trafico oriental pelo mar das Indias não diminuiu, tomados os factos em globo. Houve, é verdade, crises neste respeito, porque os acontecimentos politicos que se passavam ora na Syria ora no Egypto, não podiam deixar de o affectar; mas passados esses estados agudos as cousas retomaram o seu anterior pé, porque eram bons os lucros, e perante elles cessavam os escrupulos religiosos. Demais as cruzadas não podiam deixar, se não nas suas consequencias immediatas nas mediatas, de favorecer esse commercio. Nessa prolongada lucta de duas crenças, e tambem de duas raças, está um principio de vida e progresso. É a primeira vez que apparece na historia a entidade politica, religiosa e ethnica que se chama Europa. Até aqui os seus elementos estiveram em lenta elaboração e de formação interna; com as cruzadas e com o seu estado de alma, em que todos os corações batem em unisono, ha a manifestação do seu poder de vida e de expansão. Ella ha de ser dominadora do mundo, o coração d'elle, ella ha de constituir a historia; para alem d'ella ou da sua raça só haverá provincias e provincianos. Ora o enthusiasmo religioso, que a levou a querer livrar o

Santo Sepulchro dos muçulmanos, produz effeitos muito contrarios dos que no primeiro momento se pensava. Os odios embotaram-se; as incompatibilidades de raça e de religião trouxeram a tolerancia.

No ponto de vista do commercio as cruzadas tiveram esta consequencia: que entre os paises do Occidente e as costas do Mediterraneo oriental se estabelecem intimas relações. Em seguida á mudança da capital do imperio para Constantinopla, esta cidade torna-se o grande emporio dos productos da Asia, e são gregos os mercadores que a abastecem, unicos senhores d'esse trafico. Coincide com este facto a diminuição do trafico pelo Mar Roxo, e augmento d'elle pela via do Golfo Persico. As cousas mantiveram-se assim por muito tempo, e apesar do apparecimento do islamismo e das suas consequencias, a importancia de Constantinopla, como grande mercado occidental, não diminuiu e conservá-la-ha até á sua queda. É lá que os povos do Mediterraneo vão principalmente abastecer-se das especiarias, drogas e mais productos de Oriente; e até tambem de lá seguem, subindo o Danubio, aquelles que se vendem nos mercados allemães.

No fim das cruzadas as cousas estão mudadas. As primeiras fazem-se por terra, mas as ultimas já se fazem por mar. O incremento que d'ahi resultou para a navegação foi importantissimo. As republicas italianas, mas sobretudo Veneza e Genova, apparecem-nos potencias navaes de primeira ordem, e ellas, que começaram tambem por ser tributarias de Constantinopla, vão agora buscar os objectos do seu commercio ao Egypto, Syria e Mar Negro directamente, e possuem em todo o Mediterraneo oriental filas de feitorias que os fazem senhores indisputados d'elle. De outro modo favoreceram as cruzadas este commercio. O estabelecimento dos christãos na Syria pelo espaço de dois seculos dava aos mercadores occidentaes uma base de operações que até ahi não possuiam; deixavam de estar

em país estranho, e a proximidade dos dois grandes mercados de Damasco e Alepo tornava o abastecimento facil.

Em consequencia d'isto, ao alvorecer do seculo XIV, os horizontes da Europa tinham-se alargado sob todos os respeitos. O Mediterraneo recebia uma extraordinaria vida, e era sulcado por uma navegação activissima que ligava todas as suas costas. As nuvens que tantas vezes se tinham acastellado para os lados do Oriente iam-se desvanecendo; e as mercadorias que os mercadores italianos, franceses e catalães trazem dos portos do Egypto e da Syria são o symbolo da paz, e a garantia do futuro para as populações cujos paises eram banhados pelo Mediterraneo. As prohibições com que a Igreja quís obstar a essas relações, sobretudo após a queda de S. João de Acre em 1291 e a expulsão definitiva dos christãos da Syria, com o pretexto de que os mercadores occidentaes davam elementos para os muçulmanos luctarem contra a Europa, não surtiram effeito, porque a breve trecho os venezianos e mais populações da Italia os violavam abertamente. As necessidades da epocha já não permittiam uma tal ruptura, e era impossivel já crear barreiras religiosas entre o Oriente e o Occidente. Demais, a parte mais importante do commercio que se fazia no Mediterraneo era a dos productos vindos da Asia; cessá-lo seria dar um córte na prosperidade d'essas cidades.

Com o affrouxamento da tensão de relações entre o espirito religioso europeu e os muçulmanos, e com a formação do grande imperio mogol, o commercio readquire pois novo folgo; e desde então, seculo XIII, até o seculo XV, é a epocha de maior poderio dos venezianos e genoveses. Filho de um espirito de aventura e de mercador apparece-nos Marco Polo, cuja relação das suas viagens é um preciosissimo monumento para os conhecimentos geographicos do Oriente na sua epocha. Marco Polo era um mercador veneziano que o

imperador mogol Cubilaicão encarregara de varias missões; e na sua volta para Veneza descreve os paises que na sua viagem por mar da China á Europa vae encontrando.

Da India descreve a actual costa de Coromandel, o reino de Coulão, o reino de Eli e o de Malabar; e mais ao norte, seguindo a costa, Guzerate, Tana, Çambaia, Semenate e Quesmacaram; e vae dando os productos de cada país, dos que exporta e dos que importa, e os povos estranhos que frequentam os seus portos.

Do Malabar diz Marco Polo: «Ha neste reino uma grande quantidade de pimenta, gengibre, canella, turbite e noz da India. Tambem fabricam bocaxins muito perfeitos e bellos. Veem aqui navios da grande provincia de Manzi (isto é, China meridional) com roupas de seda e ouro, e ouro, prata, cravo e outras especiarias valiosas, de que ha procura ali, e permutam-nos pelos productos dos outros paises. Exportam-se d'aqui especiarias inferiores, tanto para Manzi como para o Occidente, as quaes os mercadores levam a Adem e Alexandria, mas os navios que seguem esta ultima direcção não chegam a um decimo dos que vão para o Oriente; facto notabilissimo a que já me referi».

Apesar do que diz Marco Polo, Adem era uma cidade muito prospera, e um emporio, como nos tempos passados, dos productos da costa oriental da Africa, do Guzerate, Malabar, Indo-China e China. No meado do seculo XII, Edricí dá a seguinte lista de productos que affluiam ali d'aquelles differentes paises: o almiscar, a pimenta, o cardamomo, a canella, a galanga, os myrabolanos, a camphora, a noz de coco e a noz moscada, a madeira de aloes e a de ebano, o marfim e as conchas. Zebide tem, na costa da Arabia dentro do Estreito, certa importancia até fins do seculo XII, recebendo estes productos de Adem, quer por mar, quer por terra. O grande porto de desembarque na costa do Egypto era agora Aidabe, junto do cabo Elbea, de

onde em caravanas eram transportados a Cris, á beira do Nilo, e d'ahi por agua a Alexandria, Roseta ou Damieta, mas principalmente á primeira.

Do lado do Golfo Persico Cirafe está em decadencia; e do seculo XIII em deante toda a sua importancia passa para a ilha de Quis, escala forçada, desde então, de todos os navios que veem e vão ás bôcas do Tigre e do Euphrates. Na costa de Omam, Sohar decae muito, mas Caliate é, até ao seculo XIII, muito frequentado. Bagdade é, graças á sua posição e á circumstancia de ser a capital dos abacidas, um grande centro de consumo e de abastecimento. As caravanas da Persia e da Asia Central traziam ali os productos d'essas regiões e os da China; e pelo Tigre e Euphrates recebia os da India e Extremo Oriente.

Na costa da Syria, alem dos portos anteriormente citados, teem importancia durante as cruzadas S. João de Acre, Ptolemaida, Tyro, Tripoli e Laodicea. Famagusta, na ilha de Chypre, foi porto importante no fim do seculo XIII e principios do seculo XIV, por ser onde os mercadores occidentaes se iam abastecer, depois da prohibição do papa de o fazerem em paises muçulmanos; mas a sua conquista pelos genoveses, e a destruição do reino fronteiro da Pequena Armenia, de onde recebia seus productos, fizeram-na decair rapidamente.

Cêrca de meio seculo depois, um mouro de Tanger fez a viagem da India e da China, e deixou-nos uma importantissima relação das terras e cousas que viu nos paises que atravessou. As noticias que nos dá do estado do commercio do Mar das Indias, e especialmente da costa do Malabar, são preciosas. Bem Batuta estava em circumstancias muito favoraveis para d'elle nos fazer uma descripção bem informada. Os muçulmanos eram os senhores do commercio que ahi se fazia então; elle é recebido por elles como um verdadeiro irmão, e tratado como merecia o seu saber e a missão que levava para o soberano da China do de Delí. Elle visi-

tou toda a costa do Malabar, e dá-nos noticias bastante minuciosas das colonias que os seus correligionarios formavam nas differentes cidades d'ella; por ellas se verá quão importante devia ser o commercio d'esta região.

Vamos extractar da sua relação o que nella mais importa ao nosso proposito. Onor, tem rei muçulmano, debaixo do imperio de um sultão cafre, chamado Hariabe, (isto é, Harihara, segundo rei de Bisnaga); Bacanor, tem rei cafre, e trinta embarcações, cujo commandante é mouro; Mangalor, cidade onde desembarcam a maior parte das mercadorias da Persia e Arabia Feliz; ha nella immensa pimenta e gengibre; o seu rei é cafre e um dos maiores reis d'aquelle país; ha nella 4:000 muçulmanos que habitam um arrabalde num lado da mesma, e todas as vezes que ha discordia com os da cidade, o rei faz logo a pacificação por causa da necessidade dos mercadores; Hili, cidade grande e bem povoada, junto de um golfo, em que entram navios grandes; a esta cidade chegam navios da China, e não entram senão no seu porto e nos de Coulão e de Calecute; Jorpatam, cujo soberano era dos mais poderosos do Malabar, e possuia numerosos navios que commerciavam com Omam, Persia e Arabia Feliz, pertenciam-lhe as duas cidades de Dehpatam e Podepatam; Pandarane, é uma cidade grande e excellente, com pomares e praças, e na qual os muçulmanos teem tres bairros, e em cada um d'elles uma mesquita; Calecute, é um magnifico porto do Malabar, ao qual se dirigem os habitantes da China, de Java, de Ceilão, das Maldivas, da Arabia Feliz e Persia, e nella se ajuntam mercadores de diversos climas; o seu porto é dos maiores do mundo; Coulão, é uma das melhores cidades do Malabar; as suas praças são boas e os seus mercadores teem muitos cabedaes, pois que alguns d'elles compram o navio com o que ha nelle, e o carregam de sua casa com mercadorias; dos mercadores muçulmanos ha grande

multidão. Esta parte da India era a mais importante no ponto de vista commercial, pela natureza dos seus productos e porque ahi se encontravam os mercadores do Occidente, Arabia, Egypto e Persia com os do extremo Oriente.

Ao norte d'ella havia comtudo outras povoações de importancia. Daibol na embocadura do Indo, Supara, Baroche e sobretudo Cambaia, onde parece ter havido uma grande colonia muçulmana, como provavelmente noutros portos em torno do golfo de Cambaia, o que já succedia no seculo X em Saimor, porto a que nos referimos precedentemente á fé de Maçudi.

Se os mercadores muçulmanos tinham a importancia que se deduz do que diz Bem Batuta, não se creia que eram unicos nesse commercio. Elles eram realmente senhores de todo o trafico que se fazia com o Occidente, eram elles que abasteciam os mercados do Egypto e da Syria; mas naquelle que se fazia a oriente da India, elles tinham uma parte minima, e ahi os chineses eram dominadores. Desde o fim do seculo XIII que assim succede; e já anteriormente vimos que Marco Polo diz que esse commercio era dez vezes maior que o que se fazia com o Occidente.

A dynastia mogol que então reinava na China, sobe ao seu auge de prosperidade com Cubilaicão; e no tempo d'este estabelecem-se activas relações com a India, chegando a haver troca de embaixadas com os pequenos reis do Malabar, e affirma-se até que elles reconheceram a sua suzerania. Já vimos, segundo Bem Batuta, que elles frequentavam na costa do Malabar os tres portos de Hili, Calecute e Coulão. Os juncos chineses que faziam este commercio eram de grandissimas proporções, e d'elles nos faz Bem Batuta uma descripção quando falla de Calecute, e ás vezes diz que levam mil pessoas; e eram em tão grande numero os que se entregavam a este commercio, que este viajante, ao dirigir-se á China, pôde em Calecut escolher entre treze

d'elles. Um pouco antes (1318) Odorico de Pordenone embarcou em Coulão num que levava 700 peregrinos; e já no seculo v Fa-Hiam voltou ao seu país num que transportava 200 pessoas, e Bem Batuta tambem diz que no mar da China não se navegava senão em navios da China. Os chineses teem muitos navios, diz elle, pois não ha no mundo quem tenha mais dinheiro do que elles; e a bordo empregam abexins, como soldados, para defesa do navio no caso de ser atacado pelos piratas, que abundavam no Mar das Indias.

Eis-nos agora chegados ao seculo xv. Principiou mais auspiciosamente do que ha de terminar, porque os marinheiros portugueses lá vão indo pertinazmente ao longo da costa de Africa, e depois que Bartholomeu Dias dobrou o cabo Tormentorio, Vasco da Gama foi emfim á India. Começa, pois, o seculo com activissimo commercio entre o Oriente e o Occidente. Comtudo, a marcha dos Turcos para Constantinopla, o seu assenhoreamento da Asia Menor e de parte da Peninsula dos Balcans, foi de natureza a estancar por esse lado o commercio. O abundantissimo trafico que das costas do Mar Negro e pelo Caspio se fazia com a Europa, teve muito a soffrer; mas restavam livres as duas estradas naturaes dos productos orientaes, a Syria e o Egypto. Esta era a mais curta e favoravel ao commercio, por ser a mais maritima; mas as extorsões e gravames dos ultimos sultões muçulmanos não eram proprios para o animar, e encareciam extraordinariamente esses productos nos mercados europeus. Cada vez se evidenciava mais a necessidade de prescindir dos intermediarios, e de que o grande consumidor, isto é a Europa, os fosse buscar ao seu país de origem. Esse caminho acharse-ha, e sobre tal acontecimento se encerrará o seculo. Será uma rapida decadencia para os paises do Mediterraneo que os vendiam á Europa; e desde então e com elle o predominio politico passará para os paises do Atlantico.

Neste seculo é ainda Veneza a rainha do Mediterraneo. O seu poder maritimo é tão grande que só no arsenal de Veneza se empregavam 16:000 operarios e 36:000 marinheiros. O seu commercio era protegido por quatro frotas, a do Mar Negro, a da Syria, a do Egypto e a de Flandres; e a elle se dedicavam cerca de 3:000 a 4:000 navios[1]. Depois dos venezianos são os genoveses os mais importantes, e depois d'elles são os florentinos com os pisanos, os anconitanos, os palermitanos, os napolitanos, os ragusanos, os marselheses, os narbonenses, os montpellieranos, e os catalães.

Alexandria era o grande emporio; estas cidades lá tinham as suas feitorias onde se reuniam as mercadorias e moravam os seus concidadãos. Estavam ahi ao abrigo da gentalha fanatica; e não lhes era permittido durante a noite saír, nem mesmo durante o dia da sexta feira, sem grande perigo. Veneza tinha duas feitorias ou *fondachi;* e as outras cidades sobreditas uma. Algumas d'ellas tambem tinham o seu consul, como Veneza e Genova, e a primeira não só nesta cidade como noutras tambem, Damieta, Burlos e Cairo, por onde se fazia grande commercio.

No Mar Roxo as mercadorias já não veem a Aidabe ou Coceir; estas duas cidades cederam essa importancia a Tor na peninsula do Sinai, e Juda porto da Meca. Á entrada do Mar Roxo, Adem é sempre senhora do commercio que da India se dirige ao Egypto; comtudo, no meado do seculo teve a soffrer dos vexames que um soberano do Yamam ali residente lhe quís impor, para mais vantagem tirar da navegação que ahi vinha; mas os donos dos navios evitaram o seu porto, e começaram a preferir o de Juda.

As mercadorias que preferiam o Golfo Persico vinham aos dois grandes centros de Alepo e de Damasco

---

[1] Daru, *Histoire de Venise,* III, p. 43—52, 125.

pelas vias já anteriormente indicadas. O seu principal porto era para estas duas cidades Berito; mas por Tripoli e Laodicea faziam-se grandes transacções tambem. Os venezianos, genoveses e catalães tinham feitorias em Berito assim como em Alepo e Damasco; Veneza tinha ainda feitorias em Tripoli e Hama; alem d'isso Veneza tinha consules em Berito, Tripoli, Damasco e Alepo; e Barcelona em Damasco. As especiarias, drogas e mais productos do Oriente que passavam pelo Egypto, chegavam aos mercados de consumo por preços elevadissimos, porque, sobre tudo o mais, as imposições que ahi recebia eram enormes. Os direitos de entrada em Juda e Tor, portos pertencentes ao Egypto, eram de 10 por cento; no Cairo pagavam 15 por cento; em Alexandria 10 por cento de entrada, e outros 10 por cento de saída: ao todo 45 por cento, que se deviam elevar a muito mais de 50 por cento graças ás extorsões dos funccionarios. Os productos indianos chegavam á Europa com o seu valor triplicado! No Mar das Indias os muçulmanos senhoreiam todo o commercio, como anteriormente, e no fim do seculo a concorrencia dos chineses é quasi nulla.

Á entrada do Golfo Persico, Ormuz succede em importancia a Quis. Quão grande era já a sua importancia no meado do seculo dir-no-lo-há Abdarrazaque, embaixador da Persia ao rei de Bisnaga, que nella se embarcou em 1442 para Calicute.

«Ormuz, tambem chamada Jerrum, é um porto situado longe da costa (da Persia) e sem igual na superficie do globo. Os mercadores de sete climas, do Egypto, Syria, país de Rume (i. é, Anatolia), Azerbijam, Iraque arabe, Iraque persa, as provincias de Farce, Coraçam, Mauaramahar, Turquestão, o reino de Desti-Capchaque (i. é, o deserto de Quipchaque na Tartaria), os paises habitados pelos Calmuques, todos os reinos da China, e a cidade de Cambálique (Pequim), todos fazem o seu caminho para este porto; os habitantes dos paises ma-

ritimos chegam ali dos paises da China, Java, Bengala, as cidades de Zirbade (a India cisgangetica), Tenacerim, Socotara, Xarino (Queri, na provincia de Bijapor), as ilhas Maldivas, os paises do Malabar, Abyssinia, Zanguebar, os portos de Bisnaga, Calbergá, Guzerate, Cambaia, as costas da Arabia, que se estendem até Adem, Juda, Iambo; elles trazem ali os raros e preciosos artigos que o sol, a lua e as aguas levaram á perfeição e se podem transportar por mar. Ali veem viajantes de todos os paises, e em troca das mercadorias que trazem podem sem trabalho ou difficuldade obter tudo o que desejam. Os negocios fazem-se ou a dinheiro ou troca de generos. Todas as mercadorias, á excepção do ouro e da prata, pagam de direitos um decimo do seu valor. Ha nesta cidade em grande numero adoradores de todas as religiões e até idolatras, mas nenhuma injustiça é permittida contra quem quer que seja: Esta cidade é por isso chamada a *morada da segurança*. Os seus habitantes são affaveis como o povo do Iraque e vivos como os indios.»

Cerca de 1410 o viajante russo Nikitin confirma em termos sobrios esta enthusiastica descripção do escriptor muçulmano. «Ormuz é um vasto emporio de todo o mundo; encontram-se ali gente e fazendas de toda a especie, e tudo o que se possa produzir na terra ali se achará; mas os direitos são elevados, um decimo do valor». A descripção que d'ella nos faz Duarte Barbosa no principio do seculo XVI não discorda das anteriores; e assim se comprehende como Affonso de Albuquerque tão grande empenho tivesse na sua posse.

Calecute era na India o emporio mais importante; diga-nos tambem Abdarrazaque da sua prosperidade.

«Calecute é um porto perfeitamente seguro onde, como ao de Ormuz, veem mercadores de todas as cidades e paises. Nelle se encontram em abundancia artigos preciosos trazidos ali de paises maritimos, e especialmente da Abyssinia, Zirbade e Zanguebar; de

tempos a tempos veem ali navios das costas da casa de Deus (Meca) e outros portos do Hejaz, e demoram-se neste porto mais ou menos tempo conforme querem; a cidade é de infieis e assentada numa costa má. Ha nella um grande numero de muçulmanos residentes; teem duas mesquitas em que todas as sextas feiras se se reunem para a adoração; teem um cadi e um sacerdote; pertencem na sua maioria á seita xafeita. A segurança e a justiça estão tão firmemente estabelecidas nesta cidade, que os mercadores mais ricos trazem ali dos paises maritimos carregamentos importantes que, logo que desembarcados, enviam aos mercados e bazares, sem se darem ao trabalho de conferir a remessa ou fazer guardar as fazendas. São os officiaes da alfandega que estão encarregados de cuidar das mercadorias de dia e de noite. Se estas se vendem, elles cobram sobre as fazendas um direito de 40 por cento, e se não são vendidas não pagam nada.

Nalguns portos ha um estranho uso. Quando um navio que se dirige a certo porto é por um decreto da Divina Providencia levado a um outro ancoradouro, os seus moradores, com o pretexto que o vento o impelliu para ali, roubam-no. Mas em Calecute todos os navios, de onde quer que venham ou possam ir, quando elle os faz entrar neste porto, são tratados como os outros e não teem nenhum incommodo a soffrer. . . . De Calecute partem continuamente navios para Meca, carregados na maior parte de pimenta. Os moradores de Calecute são marinheiros arrojados; são conhecidos pelo nome de *chini-bechegan*, i. é, filho de chinês, e os piratas não se atrevem a atacar os seus navios. Neste porto encontra-se tudo o que se pode desejar».

Nicolò dei Conti, cêrca da mesma epocha, Nikitin e Jeronymo de Santo Stefano, no fim do seculo xv, e Varthema e Duarte Barbosa e outros viajantes do principio do seculo xvi, assim como as informações officiaes dos nossos capitães, nô-la mostram neste mesmo estado

prospero. Era á sua população muçulmana que ella devia a sua hegemonia commercial; e por isso tambem foi ella o baluarte da resistencia contra a intrusão dos portugueses no seu trafico. Bem o comprehendeu o seu principe, e se negou a expulsá-los como lh'o exigiram os portugueses: d'ahi a sua hostilidade constante contra estes e os seus alliados. Os portugueses tambem lh'o não perdoaram, e corresponderam-lhe com actos de extrema violencia, por ciume e monopolização do commercio, e sem duvida pela natureza da sua crença. Elles nunca esqueceram que tinham a mesma que os homens que combatiam em Marrocos, e haviam cambatido antes na libertação do territorio; e para que as suas palavras não encobrissem as suas idéas deram-lhes o nome que tinham no Occidente, posto que de raças muito diversas,—o de mouros. Os portugueses consideravam os mares por onde transitavam como os paises onde levantavam padrões, e essa foi a jurisprudencia do seculo XVI, não só nossa; aqui os padrões eram as suas caravellas ou naus, e os mares eram seus. Era preciso evitar que as mercadorias da India seguissem os anteriores caminhos, que viessem enriquecer venezianos e genoveses; d'esse modo toda a Europa viria abastecer-se a Lisboa. Mas conseguia-se outro effeito com esse monopolio: era dar um golpe em Meca, por cuja peregrinação ella era um centro de transacções inexcedivel. Só os povos amigos podiam navegar em certas e determinadas circumstancias, e com um cartaz ou carta de seguro; e navio encontrado sem elle era presa nossa em bens e vidas. Impedia-se por esse modo o cumprimento do preceito do Alcorão que torna obrigatoria a peregrinação á cidade santa; foi essa má politica e má orientação commercial que nos creou todas as difficuldades com Calecute. Para um bom crente, tal prohibição era a maior das oppressões, porque ia ferir os seus sentimentos religiosos; e é effectivamente o ponto capital das accusações de Zinadím.

A população muçulmana de Calecute devia, nestas condições da grande resistencia que nos offereceu, ser bastante numerosa, mas não temos dados seguros para affirmar o seu numero. No principio do seculo XVI, Varthema calculou-a em 15:000; porém Thomé Lopes, pela mesma epocha, em 4:000 a 5:000; a differença é bastante sensivel entre os dois totaes, e inhibe-nos de poder tirar uma conclusão, a não ser a que acima expressamos de dever ser numerosa.

Elles deviam ser preponderantes nos negocios publicos, ainda que não estivessem á testa d'elles, e comprehende-se por toda a sua prosperidade advir d'elles. Alguns cargos publicos parecem ter sido exercidos por elles; pelo menos o viajante chinês Mahuam, que lá esteve em 1409 como interprete arabe do almirante Chengho, affirma que o feitor[1] d'el-rei era muçulmano, e o seu cargo collocava-o em boas condições para o saber, e a mesma affirmação faz o auctor do *Roteiro* de Vasco da Gama no fim do seculo; e segundo o mesmo auctor chinês, no país haviam vinte a trinta mesquitas. No seculo XVI, Goes diz que em Calecute havia mouros mercadores que tinham cincoenta a sessenta navios de seu.

A população muçulmana de Calecute era de duas cathegorias. A primeira era a dos naturaes da terra, convertidos ou descendentes dos primeiros conversos, conhecidos pelo nome de Moplás; a segunda era a dos estrangeiros, Arabes, Persas, etc., que lá se tinham vindo estabelecer, chamados Pardetís; e era na mão d'estes que estava quasi todo o commercio da cidade.

A segunda cidade commercial da costa da India era Cambaia. A prosperidade d'esta era tambem devida aos muçulmanos. Aqui as condições politicas eram outras,

---

[1] *Overseer*, na traducção inglesa, *The Journal of the R. Asiatic Society*, p. 346, 1896.

porque Cambaia ou Guzarate era um reino muçulmano desde seculos. A cidade era afamada pelos seus tecidos e toda a sorte de pannos manufacturados que exportava para longe; era, á falta de ricos productos naturaes para exportar, um centro industrial sobretudo. Não temos a seu respeito tantas informações como para Calecute, Ormuz ou Adem, porque estava um pouco fora do caminho ordinario dos viajantes. Mas sabemos o sufficiente para apreciar o seu grande trafico. Os seus mercadores enviavam navios, de um lado até Malaca, e do outro a Ormuz e costas da Persia e Arabia; os guzarates foram sempre gente muito dada ao commercio. Ao sul Dabul, Chaul, Goa, Batecalá e Cananor eram tambem cidades de importancia commercial; era por elles que os reis do Decão e de Bisnaga recebiam grandes quantidades de cavallos arabes e persas, para as luctas que entre si sustentavam; e muitos vinham tambem a Caiel, no extremo sul da Peninsula, junto da foz do Tamraparni. E quão importante elle era se pode inferir do empenho com que os ditos reis procuravam haver dos nossos governadores e vice-reis, o direito de os receber pelos ditos portos, e da massa de cavallaria que figurava nas suas guerras.

Na costa do Canará e Malabar, outras cidades, alem de Calecute e Cananor, são importantes: assim Mangalor, Cochim e Coulão.

Na peninsula do seu nome, Malaca era o maior emporio d'aquellas partes. Era o ponto de convergencia dos productos indianos e do Occidente que se dirigiam ao Extremo Oriente; e ali vinham os mercadores chineses, da Indo-China e do archipelago malaio para as suas trocas.

Os chineses, no principio do seculo XV, tiveram, segundo parece, um grande predominio politico no Mar das Indias; o almirante Chengho parece ter passeado por aquelle mar triumphante o estandarte do celeste imperio. Na ilha de Ceilão é isso positivo, e estabeleceram

a sua suzerania nella até meado do seculo, chegando os proprios soberanos a serem os portadores do tributo. Os nossos ainda lá acharam vestigios de tal dominio, a ponto de Barros e Couto quererem, erradamente, derivar *Singalês* da palavra «china». O mesmo almirante que conquistou a ilha, Chengho, visitou as costas da India, Cochim, Calecute, e até Adem e Ormuz, e em todas offereceu, em nome do seu soberano, presentes aos chefes d'estas cidades, mas não sabemos se estas visitas tiveram algumas consequencias politicas, e se as tiveram foram ephemeras[1]. Comtudo com Calecute parece ter havido algum desaccordo, de que o almirante tirou desforço, mas não podendo d'ahi por deante os junços frequentar aquella cidade e costa; para o fim do seculo raras vezes passam aquem de Malaca, porque Abdarrazaque, que lá esteve em 1442, não se refere a elle. É aqui, pois, que os mercadores occidentaes se vão fornecer; e nesse trafico tornam-se sobretudo notaveis os mercadores e marinheiros de Calecute e Cambaia; e os de Calecute eram no tempo de Abdarrazaque conhecidos pelo nome de «filhos dos chineses» *(Chini bachagân),* pelas suas aventurosas empresas.

Depois que Vasco da Gama descobriu o caminho maritimo da India, esta corrente secular do commercio oriental desviou-se do seu anterior leito. No ponto de vista commercial, como sob todos os outros, este facto é da maxima importancia. A Europa deixa de ser tributaria dos paises dos muçulmanos, e de soffrer o monopolio dos italianos, sobretudo dos venezianos. Os vexames de toda a especie que os mercadores supportavam naquelles, as humilhações e caprichos até, a que tinham, por vezes, de se submetter no Egypto e na Syria, e não só os simples mercadores, mas tambem os consules; os grandes direitos que taes mercadorias paga-

1 *The Journal of the R. Asiatic Society,* 1896, p. 341-351.

vam nas alfandegas d'aquelles dois paises; e, por fim, o grande numero de intermediarios e de meios de transporte, que tambem vinham augmentar-lhes o preço da venda, todos estes inconvenientes pelo descobrimento dos portugueses desappareciam. Agora os productos da India passavam a vir directamente a Lisboa; d'aqui os mercadores estrangeiros e nacionaes levavam-nas a toda a Europa, sem terem a recear nem os caprichos de um soberano, nem as exacções dos funccionarios.

Mas occorre perguntar se seriamos nós os primeiros europeus que fomos commerciar ao Mar das Indias. Não fomos, porque já anteriormente venezianos e genoveses lá nos apparecem; mas estabelecimentos permanentes só com a vinda dos portugueses os houve lá. Era mesmo difficil que os italianos pudessem fundar feitorias. Os soberanos do Egypto, senhores tambem da Syria, não consentiam que os mercadores europeus passassem alem do seu país para irem buscar as mercadorias, que podiam comprar em Alexandria. D'este modo conseguiam dois effeitos: primeiro, que os muçulmanos continuassem a ser os senhores d'esse commercio, e a Europa sua tributaria; segundo, que se não juntassem aos christãos da Abyssinia e pudessem assim vir a ter supremacia naquelles mares. Era uma boa politica para os seus interesses; alguns mercadores e viajantes alcançaram comtudo frustrar-se a essa vigilancia e visitaram a India, uns para os seus negocios, outros para verem paises novos; e é graças a elles e a alguns viajantes muçulmanos, que do seculo XIII ao seculo XVI nós temos alguns conhecimentos d'aquellas remotas regiões. No principio do seculo XIV, no dizer de Mandeville, viajante inglês, e de João Marignoli, bispo de Coulão, havia mercadores venezianos e genoveses na costa do Malabar; e Fr. Jordão, auctor das «Mirabilia», pela mesma epoca, encontrou um genovês em Tana, perto de Bombaim. No fim do seculo XV, Calecute parece ter sido bastante frequentada por mercadores occidentaes,

pelo menos os nossos escriptores assim o affirmam; e de dois sabemos nós os nomes, Abonajuto Albani, e o judeu Gaspar, que Vasco da Gama encontrou lá, e que nos serviram muito nos primeiros tempos da nossa navegação, pela experiencia e conhecimento d'aquelles portos. O judeu Gaspar veiu com o grande navegador e converteu-se ao christianismo, e Albani teve de D. Manuel uma commenda.

Comtudo o trafico pelo Mar Roxo e Golfo Persico não acabou completamente com a boa fortuna de Portugal, porque a vigilancia que os nossos exerciam nas bôcas d'elles era insufficiente para o impedir; mas fez-se desde então com grande difficuldade, e não tardou que não pudessem abastecer os mercados europeus.

Não foi de bom grado que Veneza viu estes acontecimentos. A primeira noticia do apparecimento dos portuguezes no Mar das Indias, chegou-lhe por via do Cairo e Alexandria em 1499. Não lhe pareceu, de momento, que tal facto devesse ter graves consequencias; mas quando partiu a frota de Pedro Alvares Cabral, em 1500, começou a alvoroçar-se. Em 1501, o embaixador veneziano na côrte de Hespanha participou que se estava esperando a frota de Cabral, e que el-rei mostrava grande calor pelas expedições á India, e não tinha esperado que chegasse a de Cabral para fazer partir outra, a de João da Nova, naquelle anno. Veneza começou a ver a gravidade dos acontecimentos, e mandou ao seu embaixador em Hespanha que fosse a Lisboa para melhor observar a marcha e importancia d'elles. Assistiu á chegada de Pedro Alvares Cabral e pôde bem certificar-se do enthusiasmo de D. Manuel; este disse-lhe que escusavam d'ali em diante os venesianos de ir a Alexandria, porque em Lisboa achariam tudo o que lá poderiam haver, e que elle folgaria muito de os ver vir a Lisboa, onde seriam muito bem tratados. O embaixador parte da côrte portuguesa, mas deixa um agente que o informe da situação das cousas.

Ainda neste mesmo anno de 1501 vem um novo agente especial, Pasqualigo. D. Manuel recebeu-o muito bem, e escolheu-o para padrinho de seu filho D. João; mas, apesar d'isso, Pasqualigo aproveitou a presença de dois enviados de Cochim e Cananor para lhes dizer que Portugal era um país pobre, e não lhes poderia prestar nenhum auxilio; que, pelo contrario, Veneza era uma potencia rica e poderosa. Partiu Pasqualigo, como embaixador, para Hespanha, mas de lá enviou um relatorio acêrca dos negocios de Portugal no principio de 1502.

Veneza via já o senhorio do commercio do Oriente escapar-lhe; os factos eram de uma brutalidade cruel para os seus interesses; já não podia restar duvida de que a nova via maritima a havia de desthronar; as frotas, que constantemente partiam e chegavam a Lisboa carregadas de especiarias, eram um pesadello que as suas guerras europeas mais pesado tornavam. Assim, em 1498, ainda as suas galeras tinham encontrado mais do que precisavam para a sua carregação; mas já em 1502 a não podiam completar pela falta de mercadorias. Esta falta determinou uma grande alta de preços; e não bastando à praça de Veneza para fornecer os outros mercados européus, começam estes a vir a Lisboa onde não só o obtinham mais barato, mas na quantidade que quizessem. A concorrencia ia-se tornando cada vez mais difficil.

Mas não eram só os mercadores estrangeiros que vinham a Lisboa; as nossas caravellas levavam-nos tambem aos paises importadores. Assim, já em 1501 nos apparecem na Hollanda, e em 1504 vão à Londres.

Quando isto viu, Veneza passou a obrar, a luctar pela vida. Em fins de 1502 manda um embaixador ao Cairo, Sanuto; e o Conselho dos Dez nomeia uma commissão para elaborar os pontos a tratar com o sultão, que são logo transmittidos a Sanuto. Este fez pois ver ao sultão quanta importancia o trafico com a India dava ao seu

país, e quanta riqueza nelle deixava; mas se elle vier a Lisboa o Egypto perderá todas essas vantagens; que o commercio começa a encaminhar-se para alli, e até elles proprios se verão na obrigação de lá ir se as cousas continuarem assim. É pois preciso mandar embaixadores aos reis da India para que fechem os seus portos aos portugueses, e que esses productos sejam vendidos mais baratos, para que possam estabelecer concorrencia com os provenientes de Portugal.

Esta embaixada não deu os resultados desejados; mas pouco depois o sultão do Egypto enviava por sua vez em missão a Veneza e Roma um monge franciscano hespanhol, Mauro. Elle expôs ao Santo Padre os maus tratos infligidos aos muçulmanos de Granada pelos reis hespanhoes, e aos do Mar das Indias pelos portugueses; que visse elle se podia impedí-los, porque de con trario se vingaria sobre o Santo Sepulcro, e expulsaria dos seus estados todos os mercadores christãos.

Esta missão, porém, não surtiu effeito como a anterior. Em 1504, nova embaixada veneziana ao Cairo; em 1505, outra; mas todas ellas não tiveram resultados favoraveis. Em 1504, Veneza manda a Lisboa um agente especial, Massari, que informa o seu governo acêrca do estado politico e commercial de Portugal: os negocios iam por cá bem, signal de que corriam por lá mal. Effectivamente assim era. Em 1502 partira a expedição de Vasco da Gama, e levava já por missão destacar uma parte d'ella que fosse vigiar a bôca do Mar Roxo, e impedisse o commercio com o Egypto. As intrigas dos mercadores muçulmanos, sobretudo os de Calecute, creavam-nos bastantes difficuldades; as vantagens que de momento obtinhamos á força eram destruidas na nossa ausencia pela perseverança d'aquelles. Os reis de Cananor e Cochim declararam-se desde o principio por nós; e a regularidade das nossas frotas e as tremendas lições infligidas aos muçulmamos fortaleceram-nô-los nessa amizade.

Em 1505 D. Manuel, para obstar a esses vaivens da fortuna, resolveu-se a manter na India permanentemente um seu representante. Desde então o nosso dominio firma-se, e o commercio do Oriente é nosso. Durante o vice-reinado de D. Francisco de Almeida, os mamelucos tentam emfim um esforço contra nós; mas a victoria de Diu tirou-lhes toda a esperança. No governo de Affonso de Albuquerque, a conquista de Goa, Malaca e Ormuz colloca em bases solidas o monopolio do commercio no Mar das Indias. Mandou tambem D. Manuel fazer fortaleza em Socotora para dominarmos a entrada do Mar Roxo; mas a que lá fundámos pouco durou, e as tentativas contra Adem falharam; comtudo, todos os annos na epoca propria mandavamos uma frota a vigiar os portos do Estreito.

Em 1512 queixavam-se os egypcios, ao seu embaixador Trevisani, de que os seus navios tão pouco frequentassem os portos do Egypto e da Syria; ao que elle respondeu que o dinheiro começava a rarear na Italia; consumiam-no as guerras e a pimenta que se comprava em Lisboa.

Em 1514 Veneza ainda fez um ultimo esforço: isentou os mercadores e importadores da pimenta do Egypto e da Syria de todos os direitos municipaes, e communicou-o ao sultão para que fizesse outro tanto; porém tambem esta esperança se desvaneceu porque a medida não deu o resultado que se previa. Por fim, em 1516–1517, os turcos conquistaram a Syria e o Egypto; mas o incremento que quizeram dar ao seu antigo commercio não deu resultado; ainda em 1529 tentaram reparar o canal que ligara o Mar Roxo ao Nilo em outros tempos, como os venezianos nisso haviam pensado em 1504, mas não se concluiu tal obra.

Assim pois todas as esperanças e enthusiasmos de D. Manuel eram fundadas, e se colhiam agora opimos fructos; ao expirar, a victoria era sua: Veneza já não podia luctar contra a nova corrente commercial. Por

muito tempo julgaram os seus adversarios que as grandes perdas de vidas e de fazendas haviam de inutilizar o novo caminho; e no proprio conselho d'elrei havia quem assim pensasse e fosse contrario a taes expedições; mas nada o demoveu do seu proposito, e por fim a nação toda seguiu esse impulso e fez-se mercador. A India foi a miragem estonteadora da riqueza facil: para o pobre, o futuro dourado; para o nobre arruinado ou amigo de aventuras, viço novo nos seus murchos florões; para o sacerdote, novas almas a conquistar; para todos o sol radiante de uma manhã de primavera. Fizeram-se todos mercadores, desde o rei ao mais humilde subdito; mas lá está a liquidação forçada de 1580, e a causa de tudo isso foi o pêso de tanta gloria e tanta riqueza. Fomos durante mais de cem annos os senhores do commercio do Oriente, mas ao cabo d'elle o nosso organismo estava cançado de tanto batalhar e de tanto correr mundo; dois milhões de portugueses eram insufficientes para tantos dominios, era fatal a fallencia. A India, que é pois a nossa maior gloria, é tambem a causa da nossa decadencia e morte politica. Veneza estava vingada!

III

HISTORIA DO MALABAR

No seculo XVI, o Malabar era aquella estreita faixa de terra que do rio de Cangerecora, ao norte de Cananor, se estendia ao cabo Comorim, e das abas dos Gates occidentaes ao Oceano Indico[1]. Fôra desde tempos antiquissimos afamada pelas suas riquezas naturaes.

---

[1] O antigo país dos Quéralas está hoje distribuido pelo districto do Malabar, sob a administração directa inglesa, pelo territo-

Era o país da pimenta e do gengibre, productos sempre tão cubiçados dos occidentaes. As mais antigas referencias que achamos a elle são do seculo VI em Megasthenes, e do seculo III nas inscripções de Axoca. O nome com que ahi nos apparece não é o mesmo que hoje tem. Chera se lhe chama ahi, e com igual nome vem nas inscripções dos povos vizinhos com que esteve em contacto, em Ptolemeu no seculo III, numa das tábuas de cobre dos christãos de S. Thomé, e no *Queralolpati* com uma significação restricta. No mesmo *Queralolpati* tambem se lhe chama Malanade, que quer dizer «país de montanhas», com que parece ser mais conhecido; é designado com esse nome na inscripção do grande templo de Tanjor, e com elle tambem a sua lingua, Malaialam. Cosmes Indicopleustes chama-lhe Male, elemento igual á primeira parte das palavras anteriores, e significa «monte», que parece estar tambem

---

rio francês de Mahé, e pelos estados indigenas de Cochim e Travancor, tributarios ingleses.

A sua populção, segundo o recenseamento de 1891, é a seguinte:

	Malabar — (districto)	Cochim — (estado)	Travancor — (estado)
Hindus	1,834,298	501,544	1,871,864
Muçulmanos	769,857	46,389	158,823
Christãos	47,631	173,831	526,911
Budistas	174	—	—
Jainas	431		10
Parsis	106	—	1
Judeus	27	1,142	125
Outros	2	—	—
Não classificados	39	—	2
	2,652,565	722,906	2,557,736

Superficie em kilometros quadrados: Malabar, 19:904; Cochim, 4:722; Travancor, 23:353.

no nome do grupo de ilhas madreporicas Maldivas (Male + duipa, i. é, ilhas pertencentes ao país de Male). A forma *Malabar* apparece pela primeira vez em Albiruní, fins do seculo x ou principios do xi, com a graphia *Malibar*, que é geral nos escriptores muçulmanos, sem exceptuar o nosso Zinadím; e o elemento *bar*, بار, julga-se que seja a palavra persa que significa «país», correspondendo ao arabe بر, formação que se encontra em Zanzibar, زنجبار, e Calabar, كلهبار, na peninsula de Malaca.

Os elementos que possuimos para a historia d'este país são muito poucos, apesar das activas relações commerciaes que sabemos ter tido desde remota antiguidade com o Oriente e Occidente. O que d'elle sabemos não tem caracter historico, quer em relações propriamente ditas, quer mesmo em inscripções. Seria de estranhar que assim não fosse; segue nisso a feição geral do resto da peninsula, cuja historia se procura fazer nos seus grandes traços com a epigraphia e a numismatica, porque não ha d'elles chronicas ou annaes, e muito menos por consequencia uma historia seguida, contínua. Ora neste ponto o Malabar está mal representado. As suas inscripções são muito escassas, e os seus reis só raramente nos fizeram constar as suas doações; d'este modo o recurso que possuimos para as outras populações dravidicas falta-nos aqui.

Por outro lado, o que d'elle nos informam as referencias dos povos vizinhos é tão reduzido que muito pouco d'elles nos podemos servir. As luctas em que andaram envolvidos com Cholas, Pandias, Pallavas, Chaluquias, Rastracutas e Cadambas, as differentes populações que no sul da India alternativamente foram poderosas e dominadoras, de algumas das quaes parecem ter sido tributarias, são referidas incidentemente, e de maneira tal que nada ou pouquissimo aproveitam á sua historia. Assim, desde a sua origem até o seculo xvi, só temos d'elle tres nomes de reis verdadei-

ramente authenticos, dados pelos tábuas dos judeus e dos christãos que nos seculos VIII e IX ali se estabeleceram; as longas listas de nomes de soberanos que tanto abundam nos reinos vizinhos não existem aqui.

Os naturaes teem uma especie de chronica, intitulada *Queralolpati,* que é um especimen do modo como a India entendeu a historia[1]. Afora algumas tradições que, comparadas com outras dadas por outras vias, poderão talvez vir a ser de acceitação bastante plausivel, tudo o mais é cheio de maravilhoso e inapproveitavel para a critica. Ahi se falla de Crisnaráo, rei de Bisnaga, que sabemos ter reinado desde 1509 a 1530 da nossa era, e comtudo o auctor fá-lo contemporaneo de Cheramám Perumal!

A quem vir bem a complexidade do organismo das sociedades da India não escapará a razão da sua incapacidade historica. O systema de castas, em que ella crystallisou, e a supremacia sacerdotal dos brahmanes deixaram na obscuridade a politica d'elles. As engre-

---

1 Alem do *Queralolpati,* que está escripto em Malaialam, e quer dizer «origem do (país de) Quérala», ha em sánscrito o *Quérala Mahatmia* que trata do mesmo assumpto e com elle concorda no essencial; é comtudo mais brahmanico ainda do que o outro, que é uma forma mais popular, e a feição fabulosa é nelle mais accentuada. Um e outro foram traduzidos pelo eruditissimo dr. Gundert.

A lingua fallada no Malabar, desde Trivandrum ao rio de Chandegrí, ao sul de Mangalor, é o *Malaialam,* pertencente ao grupo dravidico; a sua população é, segundo Caldwell, de cêrca de 3.750:000. O Malaialam está escripto em tres alphabetos differentes: o *valélutu,* em que estão redigidos os diplomas dos judeus e dos christãos dos seculos VIII e IX, e usado até fim do seculo XVII; o *calélutu,* um seu derivado, só usado nos diplomas dos rajas; e e alphabeto actualmente em uso, formado no seculo XVII do alphabeto *Granta* por um naire que se diz ter traduzido para Malaialam, nos novos caracteres, os principaes poemas sanscriticos.

A sua litteratura é muito pobre; a sua poesia tem tanta abundancia de palavras sanscriticas que fez Ellis chamar lhe macarronica. (Logan, *Malabar Manual,* I, p. 90—105.)

nagens perfeitamente definidas e exclusivas creadas por elles e em seu favor, em que a actividade de cada casta se podia desenvolver, punham nas suas mãos a religião e o outro saber, como apanagio proprio do seu nascimento. A historia politica fazia-a a casta guerreira, mas a esta era vedado escrevê-la: seria destruir as attribuições do systema existente; e aos brahmanes que importavam os feitos das outras castas? A India, pois, tem monumentos litterarios e religiosos, productos brahmanicos, onde ha elementos historicos, mas não tem em regra historia propriamente.

O *Queralolpati* não é mais do que uma reunião de lendas brahmanicas, algumas provaveis e outras inverosimeis; os outros elementos da população entram muito secundariamente na trama da historia. O país foi pela Divindade tirado das aguas e por ella povoada de brahmanes; e os reis são instrumentos do poder e direito d'estes.

Esta penuria de dados acêrca da historia politica do Malabar só começa a desvanecer-se com a chegada ali dos portugueses; e o seu apparecimento representa pois para estas populações o seu advento á historia. Neste ponto foram menos felizes do que o resto da India onde chegaram muçulmanos, porque ahi a vinda e conquistas d'estes é para elles o que os portugueses são para os malabares. Até certo ponto isto é comprehensivel. Ali elles eram exclusivos dominadores, eram o poder politico, e a sua historia é a historia das suas guerras e façanhas, em que o outro elemento só entra anonymamente. No Malabar eram em certas cidades preponderantes pela sua riqueza e pelo numero, mas não era d'elles o mando supremo, e por isso lhes faltava o elemento principal e o interesse para elles. Como fazer a historia de tantos principados, de principes de outra fé e de nomes tão estranhos? Se todo o Malabar constituisse um só reino, ainda a tarefa seria relativamente facil, mas naquelle estado de fraccionamento

ainda menos podia tentar um muçulmano. Alem d'isso, nesta faixa tão rica de productos para exportar, a preoccupação mercantil sobrelevava todos as outras; pensava-se mais nas náus a carregar para a China, Mar Roxo e Golfo Persico do que historiar os acontecimentos politicos de estados minusculos.

Na nebulosa historia do Malabar nos primeiros tempos destaca-se, comtudo, um vulto que já podemos considerar: Cheramám Perumal. É a personagem mais popular de todo o Malabar, e o seu nome anda na bôca de todos; e passa por ser o ultimo rei da antiquissima dynastia dos Cheras, e ter dividido o seu país pelos seus parentes e amigos. Na chronica sobredita diz-se como terminou o seu reinado, a sua conversão ao islamismo e a sua abdicação. Depois de abdicar partiu em romaria a Meca, tendo previamente dividido o seu reino por dezoito chefes; e, nada mais tendo que dar deu a sua espada ao antepassado do Samorim, com a faculdade de matar e tomar aos outros chefes o que lhes havia distribuido. Depois embarcou-se em Darmapatanam para a Arabia, residiu algum tempo em Juda, e ahi morreu. Antes de morrer, conseguiu persuadir um arabe principal a que fosse á costa do Malabar com alguns companheiros que convertessem os seus habitantes á fé de Mohamede. Elles assim fizeram e edificaram ali onze mesquitas.

Segundo Zinadím, entre os mulçumanos do Malabar dizia-se que este rei do Malabar se convertera no tempo de Mohamede, por causa de uma visão que teve uma noite em que lhe pareceu ver o milagre da bipartição da lua, e por isso desejou ir visitar o Propheta. Zinadím não acredita; para elle ha todas as razões de crer que este facto se tenha dado cêrca de dois seculos depois da Hegira. O que é facto, acrescenta elle, bem sabido de todos é que este rei foi enterrado em Zafár, na costa arabica, onde o seu tumulo pode ser visto, o qual é muito concorrido por causa das suas virtudes. Os

habitantes d'aquellas partes chamam-lhe Samorim. O seu desapparecimento é muito conhecido de muçulmanos e pagãos do Malabar; mas estes crêem que elle subiu ao céu e um dia ha de voltar á terra. Para celebrar o qual facto, elles, em certo dia, reunem-se em Cranganor trazendo tamancos (?) e agua, para que dado o caso da sua vinda estas cousas lhe não faltem; e tambem certa noite todos os annos accendem lanternas em honra da sua memoria. Mais se conta entre estes pagãos que este rei, antes de partir, dividiu o reino de Malabar pelos seus companheiros, á excepção do que depois se chamou Samorim que naquelle tempo estava ausente; e que, nada mais tendo de territorios a partilhar, lhe deu uma espada e lhe disse: Fere com ella e serás rei; o que elle muito bem fez, e veiu a ser senhor de Calecute em breve tempo. Estes mesmos factos se acham em Duarte Barbosa narrados pela mesma forma, o que não admira porque ambos os recolheram da tradição, um no principio do seculo XVI, e o outro cêrca do meado do mesmo seculo. Em Barros vem tambem esta tradição, mas reduzida ao facto principal da sua conversão ao islamismo e a sua partida para a Meca, depois da partilha do reino; e em Camões pela mesma forma com o nome de Saramá Perumal[1].

Como se vê, Zinadím rejeita a opinião dos que fazem Perumal contemporaneo de Mohamede, e entende pelo contrario que taes acontecimentos se devem ter passado cêrca do seculo II da Hegira, ou seja cêrca do princi-

[1] Duarte Barbosa, p. 312-3 (in *Collecção de noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas,* II.); Barros, d. I, l. IX, c. III; *Lusiadas,* VII, 32—37. Couto, d. VII, l. X, c. X, conta as cousas de outro modo. Segundo elle, Cheramám Perumál não se fez muçulmano, mas sim christão, e foi em romaria, não a Meca mas a S. Thomé de Meliapor, e se os mouros dizem o contrario, é porque assim lhes convem. As datas que dá tambem não concordam com as commummente acceitas.

pio do seculo IX da nossa era. Todos os factos lhe dão razão. O mercador Soleimão, que escreveu a sua relação em 851-52 da nossa era, mas que deve ter visitado o Malabar anteriormente, affirma que não havia ali ninguem que tivesse abraçado o islamismo ou fallasse arabe; e certamente tal não succederia se elle ali houvesse sido introduzido dois seculos antes.

Zinadím tambem affirma peremptoriamente que o seu tumulo, no seu tempo, ainda existia em Zafar, «como era notorio de todos»; ora ultimamente um arabe d'aquella localidade, que foi ao Malabar, confirmou este facto, e que elle tem uma inscripção onde se diz que chegou áquelle logar no anno 212 da Hegira ou 827 de Christo, e morreu nelle em 216 ou 831.

Por outro lado, é sabido que os Malabares fazem a computação do tempo pela era de Coulão, que principiou em 25 de agosto de 825; ora acontecimentos importantes se devem ter dado no principio do seculo IX para assim se tomar para ponto de partida essa era, e nós chegamos á conclusão muito plausivel que esses graves successos, que sem duvida se deram, devem ter sido origem da abdicação de Perumal, a sua conversão ao islamismo e partilha do reino. Se notarmos que agosto passado principia a monção de nordeste propria para a viagem que ia emprehender, e que elle se deve ter demorado algum tempo em Xael, na costa arabica, onde desembarcou, antes de chegar a Zafar, nós temos o espaço de tempo que decorre de 825 a 827. Ainda hoje os maharajas de Travancor, ao receberem na sua coroação a espada, teem de declarar: «Eu hei de conservar esta espada até que volte o tio que foi a Meca»; e no principio do seculo XVI, segundo diz Duarte Barbosa, o Samorim quando saía levava deante de si um pagem «que levava uma espada que foi do rei que senhoreou todo o Malabar, e se tornou mouro». Seja como for, a tradição faz datar d'elle a existencia dos differentes pequenos reinos em que nos

apparece dividido o Malabar posteriormente; e a era de Coulão é ainda hoje a mais usada entre o povo.

Notamos atrás quão escassos são os elementos que possuimos para fazer a historia d'este país, e que nesse ponto estava em condições de inferioridade com as restantes populações dravidicas. Ha, comtudo, para os seculos VIII e IX tres documentos de summa importancia, e sem iguaes nos povos do sul da India, isto é, as tábuas de cobre dos judeus e christãos em que os reis do país lhes concedem grandes privilegios. Ellas são preciosissimas, porque nos revelam o estado da sociedade e a sua organização naquella epocha, e a luz que lançam sobre ella nô-la deixa suspeitar ainda nos seculos posteriores, porque essa organização ainda subsistia no fim do seculo XVIII, á data em que os ingleses tomaram posse do país. As datas provaveis d'estes tres documentos são respectivamente: para o dos judeus, cêrca do principio do seculo VIII; para o dos christãos de Cranganor, 774 da nossa era; e para o dos de Coulão, cêrca de 824 de Christo; mas ellas são ainda assumpto de controversia entre os especialistas. Os soberanos que então reinavam são: Báscara Ravi Varmá, para o primeiro; Vira Rágava Chavarti para o segundo; e Estanu Ravi Gupta, para o terceiro; e estes são na historia do Malabar os unicos tres nomes verdadeiramente authenticos, pelo menos que saibamos. Se é certa a data do terceiro, e verdadeiro o que atrás dissemos de Cheramam Perumal aquelle deve ser o nome dynastico d'este, pois que Cheramam Perumal significa «soberano dos Cheras».

Das referencias topographicas infere-se que o país de Chera se estendia ao norte pelo menos até Calecute, e ao sul pelo menos até Coulão. A casta mais nobre, porque mais proxima estava da divindade, era a dos brahmanes: eram os sacrificadores e os mestres da lei dos Deuses; para elles fizeram estes surgir das ondas aquelle país, onde os estabeleceram por *gramam* ou aldeias.

A casta guerreira e politica, soberana por consequencia, era a dos Naires: de *Nãiar,* plural do sanscrito Nãian, empregado naquelle numero para significar honorificamente «senhor», ainda que tomado vulgarmente como synonymo de «soldado», porque esta era a sua funcção regular. Em ordem decrescente seguiam-se differentes castas, que por sua vez, como aquellas duas primeiras, se subdividiam em muitas outras: mercadores e agricultores, servos, artistas e operarios.

A unidade territorial administrativa era a *tara* ou aldeia; uma reunião de *taras* constituiam o *nade* ou districto; e os nades todos formavam o reino. Á testa d'esta organização estava o Perumal, o *con* ou rei; á testa do nade um principe hereditario chamado *utaiavar*[1], como senhor feudal dependente do suzerano. Os anciãos ou *canavares* das differentes taras constituem uma assembléa ou, para melhor dizer, um verdadeiro parlamento chamado dos seiscentos, que tem por dever velar pelosi nteresses da communidade; e ha boas razões para crer que a *mahámacam,* celebrada de doze em doze annos, era primitivamente a grande assembléa nacional onde eram discutidos todos os negocios de interesse geral[2].

---

[1] A estes principes chamam sempre os nossos chronistas reis, assim os reis de Tanor, de Chale, Porcá, etc.

[2] A tradição faz remontar a instituição d'esta festa ao tempo dos Perumaes; pela sua conversão e partida para Meca coube a sua presidencia e celebração ao raja de Valluvanade, em cujo territorio era celebrada, e com a supremacia, que do seculo XII ou XIII em deante o Samorem exerceu, esse direito passou a elle, como suzerano de todo o Malabar, o qual teve até 1743, em que cessou a sua celebração, e ficou preponderante o rei de Travancor. Naquella grande festividade, segundo o *Queralolpati* e o *Querala Mahatmia* era deposto o anterior Perumal, e eleito o novo, porque o seu governo só durava doze annos. Estas festas faziam-se em Tirunavái, onde havia um templo, na margem direita do rio Panani, e duravam doze dias. Dois mezes antes, uma ordem real

A divindade, diz o *Queralolpati*, distribuiu os naires por taras, e determinou que a elles pertencesse o dever de vigilancia e o poder executivo, para impedir que os direitos sejam violados ou caiam em desuso. Os naires eram, pois, os protectores das leis costumeiras, e mantinham cada casta dentro das suas funcções hereditarias; e ao mesmo tempo parecem ter sido os administradores do país, encarregados de recolher as contribuições do estado e da communidade. A sua organização em conselhos de seiscentos, que se reuniam nos *cnttam*, ou assembléas, para discutir tudo o que dissesse respeito á communidade, impediu o despotismo dos chefes, e contribuiu para uma estabilidade de cousas que se encontram ainda nos fins do seculo XVIII. Assim o representante em Calecute da companhia inglesa das Indias escreveu de lá a respeito de certas desordens, ahi ha-

---

convocava todos os capitães para a grande festividade, os quaes deviam ir acompanhados dos seus homens de guerra; e era grande a multidão que por virtude d'isso se reunia na planicie de Tirunavái; e os principes que reconheciam a sua suzerania mandavam bandeiras em prova de fidelidade, e ainda se podem ver os logares onde ellas eram içadas. O Samorim apresentava-se nella com a espada de Cherumám Perumal; e no fim d'ella os capitães da sua guarda de corpo (trinta a quarenta mil homens), renovavam o reconhecimento de obediencia.

Se realmente a principio a eleição era só por doze annos, posteriormente as cousas mudaram pelo menos em apparencia. Os Samorins não são depostos (tanto quanto o podemos saber), mas ha ceremonias que são talvez vestigios de o terem sido. Cercado da sua guarda, trinta a quarenta mil homens, e empunhando a espada de Cherumám Perumal, áquelles que poderem abrir caminho através da massa humana que o protege, e o matarem, esses terão o direito de lhe succeder. Isso nunca acontece, a não ser que haja descontentamento e traição da sua guarda; e, comtudo, durante estas festas muitos tentavam a sorte da fortuna, quer por conta propria, quer por outros capitães do Malabar. Na de 1683, morreram cincoenta e cinco homens por este motivo. Cf. Logan, *Malabar Manual*, I, p. 162—168.

vidas em 1746, o seguinte: «Estes naires, como são cabeças do povo de Calecute, parecem formar um parlamento, e não obedecem ás ordens do rei em todas as cousas, antes castigam os seus ministros quando commettem actos não permittidos».

A tolerancia parece ter sido grande para os estrangeiros e seguidores de outras religiões. As colonias judaicas e christãs, que lá se foram estabelecer, e o grande numero de vantagens que receberam, são uma prova d'isso. A sua organização era em tudo identica á dos naires, modelada pela d'elles dentro da jurisdição dos territorios que lhes foram concedidos, com os seus principios hereditarios, e corporações como as dos seiscentos.

Esta deve, pelas razões sobreditas, ter sido a organização do país no seculo XVI quando os portugueses aportaram lá, mas nenhum dos nossos escriptores a ella se refere, e sem duvida nenhum a conheceu, nem tal facto é para admirar, porque os proprios ingleses quando se assenhorearam do Malabar, não a conheceram bem, e quando no principio d'este seculo reorganizaram o país não attenderam sempre a ella, e não souberam aproveitar a força que d'ella resultava. É facto que tambem se não deve estranhar as grandes forças armadas que estes pequenos principes punham em pé de guerra nas luctas communs; toda a casta dos naires era gente de guerra, e o seu numero devia ser grande, porque o recenseamento de 1881, dá, só para o districto do Malabar, 321:674.

A obscuridade que reina na historia do Malabar até o seculo IX, depois d'este raio de luz que deixamos notado, continuou até o seculo XVI. É certo que algumas noticias temos d'ella, quer pelos viajantes muçulmanos, quer christãos e mesmo chineses, mas são informações bastante vagas, e importando quasi que só ao seu desenvolvimento commercial. Assim Marco Polo diz que no territorio que lhe corresponde ha tres

reinos Coilão, Eli e Malabar; mas já Bem Batuta, meio seculo depois, contou doze.

Segundo a tradição, recolhida pelo *Queralolpati,* a epocha de Perumal parece ter sido bastante agitada; ella falla de invasores do norte e leste, que comtudo foram repellidos; mas os Cholas, que exerceram hegemonia no sul da India desde o seculo XI a XIII, parecem ter tambem tido suzerania sobre o país. Os principes que depois da partida de Perumal o ficaram governando são quatro principaes, que são conhecidos no seculo XVI pelas suas capitaes: Cananor, Calecute, Cochim e Coulão. O de Cochim parece ter sido até o seculo XII o mais poderoso d'elles; era o herdeiro directo de Cheramám Perumal, como elles ainda hoje pretendem. As duas lias Colátiris, a do norte estabelecida em Cananor, e a do sul em Coulão, conservaram-se quasi sempre no segundo plano; a do sul, do seculo passado para cá, subiu em importancia, e constituiu o poderoso estado de Travancor. Esta ultima já no seculo IX era *utaiavar* de Venade, i. é, Travancor, como se lê no diploma dos christãos de Coulão, e ainda hoje os seus maharajas se intitulam Venade Adigal [i. é, o adoravel pé de Venade].

O Samorim já tambem no seculo VIII era *utaiavar* de Eralinade ou Ernade; actualmente ainda o secundogenito da familia se chama Eralpadi, e a familia é por vezes chamada Eradi. A tradição do *Queralolpati* diz que foi elle o fundador de Calecute, que dentro de pouco, graças ao concurso dos muçulmanos, se tornou o mais importante porto da India; e essa importancia parece ter começado no seculo XII: no seculo XIV em Bem Batuta já é um grande emporio.

Á data em que nós chegámos ao Malabar, o Samorim exercia a hegemonia sobre todo o país de Perumal, reconhecida por todos os outros principes; e o seu pomposo titulo condizia com essa situação politica, porque Samorim é a palavra sanscritica *Samudri,* na fórma po-

pular malaialam *Samuri,* i. é, «rei do mar», correspondendo á designação que vem no *Queralolpati* de *cunalacon,* «rei dos montes e das ondas», ou «senhor da terra e do mar».

IV

OS CHRISTÃOS DE S. THOMÉ

Falla-se frequentemente na chronica de Zinadím de christãos que andam envolvidos nas luctas que os pequenos principes do Malabar travam entre si; e a simples reflexão permitte-nos logo comprehender que se não trata dos portugueses recemvindos, mas de outras populações que parecem estar ali estabelecidas. Estes christãos que nós lá fomos encontrar são effectivamente naturaes e nestorianos, que através de vicissitudes e difficuldades de muitos seculos conseguiram manter-se no meio de populações de outras crenças. São essas circumstancias da sua vida que nós vamos tentar dizer. Ellas são um admiravel exemplo de energia moral, de crença forte, que se não deve deixar na obscuridade; e tanto mais notavel, que ella assistiu ao sossobrar de outras mais poderosas, e subsistiu até aos tempos modernos.

As origens do christianismo no Malabar são difficilimas de destrinçar; mas parece fora de duvida que lá deve ter sido implantado desde os primeiros tempos da nossa era. As referencias numerosas, que desde cedo nos apparecem nos escriptores ecclesiasticos e outros, e as muitas tradições que existem do facto, attestam-no-lo como muito provavel. A critica, porêm, não conseguiu ainda determinar o periodo em que elle se deu, nem tem sido possivel conciliar com bastante grau de plausibilidade essas differentes versões que possuimos d'elle. Não discutiremos, por consequencia, esses dados; não chegariamos a conclusões senão no dominio do hy-

pothetico, seria trabalho talvez engenhoso, mas esteril; vamos contentar-nos com apresentá-los para estabelecer uma sequencia que nos dará o christianismo existindo naquelle país desde remotos tempos. Ter-se-ha assim uma impressão geral favoravel aos ditos factos, e isso no estado actual da questão é quanto basta.

Os escriptores e tradições de que fallamos dizem-nos que o christianismo foi introduzido na India por dois apostolos: S. Bartholomeu e S. Thomé; mas o que se diz do primeiro é tão vago e restricto que se tem S. Thomé como o verdadeiro evangelizador do Malabar; e por isso os christãos do Malabar se chamam a si proprios christãos de S. Thomé. Nos actos apocryphos dos apostolos por Abdias, que representam a forma tradicional mais antiga, contam-se as suas missões assim.

Um rei da India quís mandar edificar um palacio na sua capital, e encarregou o mercador Abbanes, que ia partir para o seu país, a Syria, de lhe procurar um bom architecto para esse fim. O mercador de volta assim fez, e justamente o acaso deparou-lhe com Jesus, que lhe vendeu Thomé como escravo seu, muito habil naquella arte. Partiram os dois para a India; desembarcaram primeiro em Andrapolis, e d'aqui se dirigiram á côrte do rei Gondophares, cujo era o seu nome. Aqui permaneceu bastante tempo, convertendo á lei do seu divino mestre grande multidão de povo e o proprio rei. Por fim, por ordem d'elle, o qual lhe appareceu numa visão, caminhou para o Oriente a converter o rei Misdeos e o seu povo, e num monte vizinho da sua capital foi finalmente morto; e alguns christãos conseguiram haver os seus restos e levaram-nos para Edessa.

Nada ha inverosimil nisto. Gondophares foi um poderoso monarcha do nordeste da India cuja existencia nos foi revelada pela numismatica; e as suas moedas teem sido encontradas desde Herate até o Penjabe.

As proprias circumstancias a favorecem. Num festim do rei de Andrapolis, em que é conviva Thomé, este

entoou um cantico religioso na sua lingua natal, e só é comprehendido de uma tocadora de flauta da mesma nação que elle, a qual o rei havia comprado para alegrar as suas festas; e segundo Estrabão este genero de importação do Occidente era vulgar entre os principes indianos.

O carro, em que Thomé seguiu do reino de Gondophares para o de Misdeos, foi puxado por burros selvagens que expontaneamente vieram offerecer-se ao jugo; e estes animaes na India só se encontram nas margens do Indo, onde ficava o reino d'aquelle principe.

Por outro lado o caminho seguido por ambos é perfeitamente comprehensivel. Plinio e Basilio, provavelmente seus contemporaneos, ou quasi, dão este mesmo itinerario. De Myo Harmo e Berenice partiam os navios até o cabo Syagro, hoje Fartaque, e d'ahi se dirigiam quer á costa do Malabar, quer ás bocas do Indo e Guzerate. Assim, pois, todas as particularidades da lenda parecem confirmar-se, e d'este modo a hypothese da origem apostolica dos christãos da India tem muita plausibilidade.

A lenda de S. Bartholomeu é pelo contrario vaga e indecisa. «Affirmam os historiographos», diz ella, «que ha tres Indias; a primeira está fronteira á Ethiopia; a segunda á Media; e a terceira fica para alem; de um lado chega á região das trevas e do outro ao Oceano. Partiu, pois, o apostolo Bartholomeu para a India, e entrando num templo onde havia um idolo de Astarote, nelle começou a installar-se como peregrino». Tudo o mais é assim; e a falsa erudição com que principia, indica-nos que o seu auctor suppria com a fantasia a falta de conhecimentos exactos. O contraste entre as duas narrativas é flagrante, e todo a favor da de S. Thomé.

Comtudo, a tradição corrente entre os christãos de S. Thomé desde o seculo XVI, e recolhida por differentes escriptores nossos e estrangeiros, fá-lo vir ao Mala-

bar e depois a Meliapor[1]. Isto não é improvavel. As relações commerciaes da India meridional com o Occidente foram nos primeiros tempos da nossa era muito importantes, como vimos anteriormente. Muziris (i. é, Cranganor) era naquelle tempo o porto mais importante da costa do Malabar; e é justamente naquella cidade e proximidades que as suas tradições collocam os seus primeiros estabelecimentos. As povoações, onde segundo a tradição S. Thomé fundou as sete primeiras igrejas, são conhecidas, e em quasi todas ellas existem ainda igrejas. Alem d'isso, naquella epocha dominava ainda o budismo, e isso devia favorecer a implantação da nova religião, porque entre ellas havia de commum uma mesma aspiração de bondade e de paz. Porêm a critica dos homens competentes, e entre elles Lipsius e S. Lévi, rejeita esta lenda por ella ser relativamente moderna, e não ter base positiva em que assente, contrariamente á serie de testemunhos e de factos que attestam a de Abdias; todos os factos a parecem favorecer, só faltam auctoridades contemporaneas que fortifiquem a nossa convicção.

Ha na historia da igreja do Malabar tres Thomés que importa desde já considerar: S. Thomé apostolo,

---

1 Acêrca d'estes christãos de S. Thomé existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa tres pequenos manuscriptos (de muito pouca importancia) do seculo XVIII. I. A-2-36, 11 folios: *Noticias do reino do Malabar e breve e verdadeira relação da christandade de S. Thomé, Apostolo no Malabar*. II. A-2-33, 32 folios: *Historia verdadeira da christandade de S. Thomé no Malabar*. III. B-8-49, 29 folios: *Noticias do reyno do Malabar; Breve relação da christandade de S. Thomé, Apostolo no Malabar*. Estes tres manuscriptos são uma mesma obra; os dois ultimos são os mais completos. Conteem uma descripção do Malabar, geographia, usos e costumes; e uma parte historica que vae até ao tempo de D. Maria I. A primeira parte só existe nos manuscriptos I e III; o I tem a parte historica muito reduzida; o melhor é o III. Segundo o seu auctor, a missão de S. Thomé foi no anno 52 da nossa era.

de que já fallámos, Thomé manicheu e Thomé Cana. Alguns escriptores dão-no-los como fundadores do christianismo na India, e a tradição ás vezes confunde-os com S. Thomé. Thomé manicheu era um discipulo de Manes, fundador da seita do seu nome na Persia, cêrca de 277 de Christo. La Croze, Tillemont e outros, consideram este Thomé como o verdadeiro fundador da igreja do Malabar, mas ha elementos com que podemos asseverar que ella é anterior ao seu tempo, de cêrca do fim do seculo II, dos quaes fallaremos em breve. Segundo tambem a tradição actual, Thomé veiu no seculo III ao Malabar, onde prègou as doutrinas do seu mestre, e parece que com algum exito.

Thomé Cana era um mercador syrio que vindo estabelecer-se no Malabar ali adquiriu grande importancia. Sabendo elle que em tempos passados ali houvera na costa christãos, mas que perseguidos se tinham refugiado nas montanhas, obteve do reï do país que elles pudessem vir para as cidades da beira-mar mais ricas, e concedeu-lhes grandes privilegios, que foram gravados em umas tábuas de cobre que elles sempre guardaram, e guardam ainda como seu diploma de alforria. Depois d'isso elles fizeram-no seu arcebispo, e depois de morto foi canonizado, e o seu nome veiu a identificar-se com o de S. Thomé, o apostolo. Esta lenda colloca estes factos cêrca do fim do seculo VIII.

Uma outra diz que, sentido do abandono espiritual em que eram deixados estes christãos, e querendo restabelecer a antiga fé, voltara ao seu país, e conseguira que grande numero de christãos para ali se fossem estabelecer com um bispo, Mar José. Estes christãos em numero de cêrca de quatrocentos, estabeleceram-se em Cranganor e país circumvizinho, e obtiveram do rei do Malabar, Cheramám Perumál, muitos privilegios que são aquelles de que fallámos. Segundo esta lenda isto passou-se cêrca do meado do seculo IV; mas para Burnell a unica data possivel é a de 774, como deduzida d'estas

tábuas, traduzidas do Malaialam pelo dr. Grundert; alem d'isso Cheramám Perumál, como veremos na parte historica do Malabar, é de cêrca do meado do seculo IX, ainda que Burnell acceita para ella a data d'esta lenda.

Alem dos Actos dos Apostolos, nós possuimos acêrca da missão de S. Thomé e S. Bartholomeu outras auctoridades. S. Hypolito, cêrca do principio do seculo III, affirma que S. Thomé evangelizou os Medos, Persas, Parthos, Bactrios, etc., e por fim soffreu o martyrio em Calamina, cidade da India; mas a par d'isto attribue a conversão da India a S. Bartholomeu. Eusebio, bispo de Cesarea, cêrca do fim do seculo III, tambem diz que S. Bartholomeu foi á India; e diz que, cêrca do fim do seculo II, em 190, Panteno, philosopho de Alexandria, tendo ouvido fallar de christãos que estavam na India, partiu para lá, e achou entre os indios convertidos o evangelho de S. Matheus, escripto em hebraico, e deixado por S. Bartholomeu, segundo declararam. É a mais antiga referencia que temos da existencia do christianismo na India; mas esta palavra tinha nestes tempos um sentido muito amplo e vago, para que possamos dizer que se trata ali da India actual, muito menos por consequencia da costa do Malabar. Cêrca do seculo IV havia duas Indias: *India Major* e *Minor*; e posteriormente houve mesmo tres: *Major, Minor* e *Tertia*. Parece que a India Major comprehendia esta costa; mas teria realmente Panteno ido á India Major? É o que se não pode assegurar.

É muito mais longa a serie de auctores que attribue a conversão da India a S. Thomé. Dorotheo, bispo de Tyro, do fim do seculo III, tambem diz, como Eusebio, que prègou aos Medos, Persas, Parthos, Bactrios, etc., e foi soffrer o martyrio em Calamina, na India. A India anda pois associada sempre a paises differentes ao oriente do mundo christão; vê-se assim como é vaga a noção que se tem d'ella: era alguma cousa de indeterminado que ficava lá para o extremo oriente, para alem

d'aquelles paises. D'ahi a difficuldade de identificar a cidade de Calamina; von Gutschmid approxima-a de Calama, aldea da costa de Gedrozia, em frente da ilha de Carmina, porque assim o exige a sùa theoria e a lenda do rei Gondophares, que reinou naquelles lados. Outros querem que seja a traducção syriaca de «Meliapor», porque *Mala* em tamil, e *Galamath* em syriaco significam «monte», vindo pois a ser a cidade do Monte; mas a verdade é que nada sabemos de certo a tal respeito.

A tradição conta que as suas reliquias foram trasladadas da India para Edessa, mas variam as datas dadas. Assim a *Passio Thomae* diz que foi em 232; outros que cêrca (e antes) de 373, trazidas por um mercador; e uma terceira tradição, dada pela chronica de Edessa, diz que em 394, sendo bispo d'esta cidade Cyro. Nos fins do seculo IV Epiphanio, bispo de Salamis, S. Gregorio Nazianzeno e S. Jeronymo no seculo VI, e tambem S. Gregorio de Tours dão S. Thomé como evangelizador da India. Por fim os escriptores catholicos dos seculos XVI e XVII, assim como o breviario chaldeu da igreja do Malabar, fazem-no fundador do christianismo da India, mas elles exageravam extraordinariamente a missão de S. Thomé. Assim, segundo Vincenzo Maria, primeiro converteu a Bactria, Asia Central, China, os estados do Grão Mogol, Sião, Germania, Brazil e Ethiopia; em seguida partiu para a India, convertendo de passagem a ilha de Socotora; prégou a doutrina de Christo no Malabar, onde fundou sete igrejas, e passou á costa de Coromandel, onde terminou os seus dias, em Meliapor, em 21 de dezembro de 68 de Jesus Christo, nos tumultos que os brahmanes levantaram contra elle. As tradições modernas do país dizem tambem que, no anno 52 de Christo, S. Thomé viera á costa do Malabar, onde estabeleceu sete igrejas, e passando depois a Meliapor ahi converteu o seu rei; mas depois foi morto num monte vizinho da cidade ás lançadas por um brahmane.

Barros, Goes e Couto tambem assim explicam a vinda do apostolo, mas sem indicarem a data em que tal facto se deu. Esta tradição, comtudo, é rejeitada pelos mais abalisados historiographos de S. Thomé, por ser relativamente recente, e não se apoiar em nenhum documento positivo.

A igreja do Malabar não era autonoma; os seus bispos eram sagrados quer na Persia quer na Syria. No momento em que chegámos á India ella soffria a influencia syriaca; e fôra precedida da influencia persa como vamos ver. As mais antigas referencias que possuimos apontam-nos para a Persia, mesmo antes do nestorianismo. Entre os bispos presentes no concilio de Nicea, em 355, havia João, metropolitano da Persia e da India Maxima. Parece, pois, que a India terá seguido desde o principio as formas asiaticas do christianismo. Burnell colloca os primeiros estabelecimentos christãos sob a influencia persa, e provavelmente na forma da heresia manichea ou gnostica; mas a presença d'este metropolitano em Nicea contradis a sua asserção, porque se fosse heretico não teria tido assento naquelle concilio.

No seculo VI, Cosmas Indicopleustes diz que na ilha de Ceilão ha uma igreja de christãos, assim como na costa do Malabar, e em Caliana um bispo sagrado na Persia. No seculo VII, uma carta do patriarcha Jesujabus a Simeão, metropolitano da Persia, censura-o pelo abandono em que estão as christandades da India, desde o reino da Persia até Coulão.

Fallámos anteriormente de uma colonia que na companhia de Thomé Cana se veiu estabelecer em Cranganor, cêrca do fim do seculo VIII; as tábuas de cobre em que veem os seus privilegios, revelam não uma influencia syriaca, como poderia suspeitar-se, mas persa. A tradição diz que, cêrca do seculo IX ou X, uma outra colonia vinda de Babylonia se estabeleceu em Coulão, e obteve, como a primeira, grande numero de privile-

gios. As suas tábuas foram traduzidas, como as outras, por Gundert, e Burnell e Haug attribuem-nas ao seculo IX approximadamente.

A cruz que em 1547 foi desenterrada em S. Thomé de Meliapor, com uma inscripção em lingua pelvi, e interpretada recentemente por Haug e Burnell, é tambem a favor dos factos anteriores; esta cruz não parece ser anterior aos seculos VII ou VIII da nossa era, segundo Burnell pelo texto, ao seculo IX, segundo Fergusson, pelo caracter architectural d'ella[1]. Quando teria terminado esta influencia secular da Persia? É o que ao certo se não pode dizer; mas como as inscripções em pelvi mais recentes pertencem aos seculos XI e XII, é provavel que então começasse a influencia syriaca, existente ao tempo da nossa chegada, e que em parte ainda se exerce actualmente.

Mas esta influencia persa seria realmente na forma nestoriana, ou na forma da heresia de Manes? Não podemos affirmar cathegoricamente qual d'ellas seria; mas todas as probabilidades são a favor da doutrina de Nestorio. Do seculo V ao seculo XV, o nestorianismo teve um brilhante desenvolvimento desde o extremo occidente da Asia ao extremo oriente. O seu patriarcha residia em Ctesiphon, Selencia e depois Bagdade; mas os seus missionarios levaram-no até á China, onde a ins-

1 Estas traducções são discordantes, nem se podem considerar como definitivas. A de Burnell diz: «Este (foi) crucificado: Elle é o verdadeiro Christo, e o Deus acima de tudo, e guia puro para sempre». A de Haug diz: «Todo aquelle que crê no Messias, e em Deus acima de tudo, e tambem no Espirito Santo, está na graça d'Aquelle que soffreu a crucificação». O sr. Thomás lê a parte central entre duas pequenas cruzes assim: «+ Em nome do Messias +». Cf. Yule, *Marco Polo,* II, p. 345; Hunter, *The Indian Empire,* p. 282. A gravura é dada por Yule, *Marco Polo,* II, p, 339; P.e João de Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier,* p. 170-1; J. F. d'Andrade, *Vida de D. João de Castro,* p. 40-1; Couto, d. VII, l. X, c. V.

cripção de Singanfu[1] nô-los faz ver desde 635 de Jesus Christo. No seculo XIII a igreja nestoriana chegou, diz-se, a comprehender vinte e cinco metropolitanos. Os viajantes que, do seculo XII ao seculo XV, percorreram a Asia central e a China, são todos concordes em affirmar a grande extensão e prosperidade do christianismo naquelles pontos; e d'ahi nasceu a celebre lenda do Preste João, do monarcha, guerreiro e sacerdote que num país longinquo seguia a lei de Christo. É pouco provavel que a India, recebendo os seus prelados da Persia, só muito tarde entrasse no gremio nestoriano. Alem d'isso o manicheismo começou a decair depois do concilio de Roma de 444, em que as suas doutrinas foram condemnadas, e os seus livros queimados, justamente na epocha em que o nestorianismo, banido do Imperio do Oriente,

[1] Esta importantìssima inscripção foi desenterrada por uns trabalhadores em Singanfu, na provincia de Xemsi, em 1626. Foi dada pela primeira vez a sua traducção por Alvaro de Semedo, procurador das provincias da China e Japão, que em 1628 foi ao proprio sitio em que fôra encontrada, e a publicou na sua obra acêrca da China, cuja primeira edição é de 1642. Antes d'isso, em 1631, fôra já publicada em Roma por uma copia que o mesmo padre remettera para Lisboa. A inscripção é muito comprida; a maior parte é em chinês, e algumas linhas em syriaco; contém a historia do christianismo na forma nestoriana na China, desde 635 até 781 da nossa era. Desde o seculo XVIII foi contestada a sua authenticidade, pretendendo-se que era uma falsificação dos jesuitas; mas a sua genuidade está hoje fora de toda a duvida. A obra de Alvaro de Semedo tem duas edições em hespanhol, duas em francês, duas em italiano e duas em inglês, mas em português não tem nenhuma! Cf. Alvaro de Semedo, *Histoire universelle du grand royaume de la Chine*, Paris, 1645, pp. 221 a 230; James Legge, *Christianity in China*, que publicou o texto original (15 pp.) e a traducção inglesa, pp. 1 a 31, e um fac-simile da parte superior do monumento. O trabalho mais completo acêrca d'este monumento é o de H. Havret, *La stèle chrétienne de Si-Ngan-Fou*. Xangae, 1897. Esta obra, que ainda não pudemos ver, divide-se em tres partes (das quaes já saíram duas), que contem *fac-similes* da in scripção, historia do monumento, traducção e commentario.

se refugiava na Persia, e se abalançava á conquista de quasi toda a Asia. O proselytismo enthusiastico dos discipulos de Nestorio, não pôde deixar de cedo abranger a India.

Vimos anteriormente que S. Hippolyto e o bispo Dorotheo dizem ter S. Thomé soffrido o martyrio e estar enterrado em Calamina, cidade que não tem sido possivel identificar; e o mesmo affirma o martyrologio latino. Posteriormente, a lenda localizou-se em Meliapor, e o logar foi não sómente venerado de christãos, mas até de pagãos e muçulmanos, porque estes consideravam S. Thomé como um dos seus prophetas. Esta identificação geographica só apparece claramente feita no fim do seculo XIII, por João do Monte Corvino e Marco Polo, que recolheu a lenda do santo como vem nos escriptores posteriores. Sobre o monte em que S. Thomé fôra morto existia uma igreja, e é notavel que já Abdias dizia que tinha sido martyrizado sobre um monte, e Gregorio de Tours, no seculo VI, tambem affirma que no logar onde estava o corpo de S. Thomé, antes de ser trasladado a Edessa, havia um mosteiro e um templo de grandes dimensões. Assim, pois, as primeiras referencias aponta-nos um logar que satisfaz ás condições d'aquelle em que depois encontramos a igreja de S. Thomé de Meliapor. A igreja existiu todo o seculo XIV e XV, como o sabemos por varios viajantes que depois a visitaram. No principio do seculo XVI, em 1501, José de Cranganor, que veiu a Portugal na armada de Pedro Alvares Cabral, e depois foi a Roma e Veneza, comparava-a á igreja de S. Paulo e S. João d'esta ultima cidade. Duarte Barbosa, cêrca de 1516, já a encontrou em ruinas, e a communidade religiosa tão pobre, que o faquir muçulmano que a guardava vivia de esmolas. Em 1522, sendo vice-rei D. Duarte de Menezes, foram solemnemente levadas para Goa as reliquias suppostas de S. Thomé, onde ainda existem na igreja de S. Thomé. Neste mesmo logar foi, em 1547, desenter-

rada uma cruz que foi depositada na igreja que depois ahi se edificou em 1551, e que se tornou a séde de um bispado que ainda pertence ao padroado de Portugal, onde se tem guardado até hoje. A inscripção d'esta cruz foi por um brahmane impostor traduzida como referindo-se á morte de S. Thomé ali, e isto se acreditou muito tempo; modernamente tentaram traduzí-la Burnell e Haug, mas a sua interpretação não é muito segura; comtudo nada ahi ha que se refira directa ou indirectamente a S. Thomé.

É impossivel fazer a historia da igreja do Malabar, nos seus primeiros tempos; os seus progressos ou retrocessos, até o seculo XVI, só se podem discriminar numa ou noutra referencia vaga; mas desde a chegada dos portugueses isso é possivel até hoje. Os factos que nô-la deixam ver decadente ou victoriosa já os apontámos. São a carta de Jesujabus ao Metropolita Simeão, queixando-se do abandono em que estava a igreja da India, e a falta de ministros regulares; a vinda de Thomé Cana, que encontrou os christãos refugiados nas montanhas; e por fim o estabelecimento de duas colonias christãs no Malabar, uma em Cranganor, e a outra em Coulão, e a concessão de grandes privilegios a ellas.

Estes privilegios, como sabemos pelas tábuas de cobre em que foram gravados, eram muito numerosos, e davam-lhes a cathegoria de classe aristocratica, equiparada á dos Naires, a nobreza pagã. A organização d'estas colonias christãs fez-se pelo modelo da do país; os reis doadores concederam-lhes um certo territorio e deram-lhes um chefe hereditario, com as mesmas attribuições das dos naires. Nestas condições as communidades tinham ampla liberdade de acção, soberanas dentro da sua organização liberalissima. Parece que estas communidades, algum tempo antes da chegada dos europeus, estavam em decadencia, e que a antiga e proverbial tolerancia dos principios indianos já se não mani-

festava em toda a sua plenitude. Ellas já não possuiam principe temporal, nem gozavam, como anteriormente, dos seus privilegios todos; comtudo a liberdade religiosa era ainda ampla, os seus bispos, arcediagos e mais prestes, que eram confirmados pelo patriarcha de Babilonia, exerciam livremente o seu mister; a cidade episcopal era Angamale. Os bispos nestorianos que em 1504 foram á India a informar-se se era verdade que um povo christão tinha apparecido ali, calcularam, na carta que escreveram ao seu patriarcha, que seriam cêrca de 30:000 familias, e entre as vinte cidades do Malabar onde havia igrejas, citam, sobretudo, Cranganor, Palur e Coulão.

Com a chegada dos portugueses, a igreja do Malabar entrou num periodo perfeitamente historico, infelizmente cortado de dissenções religiosas e violencias de consciencia. A vinda dos portugueses, povo da mesma crença que elles, não podia deixar de os encher de alegria; e por isso elles, em 1502, mandaram entregar em Cochim a Vasco da Gama o sceptro dos seus antigos principes, em prova de vassalagem a el-rei D. Manuel[1]. A sua organisação em costa militar, como os naires, fazia delles um auxiliar preciosissimo para a preponderancia que queriamos exercer no Oriente; mas a nossa intolerancia religiosa alienou-no-lo, e nas lutas que tivemos de sustentar de nada nos serviram.

Effectivamente, o zêlo e amor de Deus dos nossos reis e dos nossos missionarios, sentiu-se susceptibilizado com o contacto de christãos que não eram orthodoxos como elles. Não fôra só para traficar, diziam, que tinhamos ido a tão longes terras, e passado tantos perigos, fôra tambem para alargar a lei de Christo. Ora no

[1] «Com as quaes palavras (de submissão a el-rei de Portugal) lhe apresentaram uma vara vermelha tamanha como um sceptro, guarnecida nas pontas de prata, e na de sima tinham tres campainhas de prata». Barros, I, liv. VI, cap. VI.

momento em que a Europa se degladiava ferozmente nas guerras religiosas, em que por consequencia o fervor religioso mais se avivava e accendia, haviamos nós de permittir livre vida a uma heresia, como era a dos nestorianos do Malabar?

Assim, pois, aquelles que entendiam velar pelos interesses da fé, e se julgavam sempre os mensageiros da boa nova, não podiam ver com bons olhos que a igreja do Malabar continuasse fora do aprisco catholico. Os membros das differentes ordens religiosas tentaram-no; tentaram-no tambem depois os jesuitas; mas nem meios persuasivos, nem as escolas que se crearam em Cranganor em 1546, e em Vaipicota em 1578, em que instruiam a mocidade do país no verdadeiro caminho da salvação, servindo-se do ensino das linguas caldaica e syriaca, em que celebravam os officios divinos, obtiveram o almejado fim; mas o que a persuasão não pôde fazer, fizeram-no as desordens que rebentaram no seio d'aquella igreja, e a santa inquisição que em 1560 se estabeleceu em Goa. Notavam os que mais empenhados andavam neste proposito de trazer os christãos de S. Thomé ao gremio da Igreja, que o maior mal lhes vinha dos seus prelados. Determinaram, pois, prender o que então os governava, Mar José, e mandá-lo a Roma a purgar-se dos seus erros. Assim se fez por ordem do arcebispo e do viso-rei ao nosso capitão de Cochim; mas, remettido a Roma, tão bem se explicou, e tanto prometteu abandonar os seus anteriores erros, e collocar-se debaixo da protecção da santa sé e trazer os seus diocesanos ao seio d'ella, que o papa lhe permittiu que voltasse ao Malabar, confirmando-o arcebispo de Angamale.

Succedera, porém, que na sua ausencia os seus governados tinham pedido ao seu patriarcha um novo bispo, o qual lhe mandou Mar Abraham, e á sua volta Mar José achou este intruso senhor da diocese. Dividiram-se estes christãos em dois partidos, uns favora-

veis a Mar José, e outros a Mar Abraham. Mar José não se cansava de se queixar do seu competidor, que prégava cousas que a Igreja romana condemnava. Prêso Mar Abraham foi tambem remettido a Roma de onde voltou confirmado. Chegando a Goa desconfiou o arcebispo de que assim pudesse ser, e que o Pontifice haveria sem duvida sido mal informado para assim proceder; e, emquanto não chegava melhor informação, que pedira para Roma, foi Mar Abraham recolhido no mosteiro de S. Domingos d'aquella cidade. Teve elle a boa fortuna de se escapar e de se refugiar na sua diocese, onde chegou por terra; e naturalmente não pôde nunca ser-nos favoravel, e para evitar qualquer surpreza dos jesuitas tratou de se afastar o mais possivel de Cochim, e por consequencia da acção portuguesa.

Os factos deram-lhe razão. Em 1579, o seu patriarcha enviara um novo prelado, Mar Simeão, que tendo sido acceito por alguns, deu causa a graves desintelligencias pouco edificantes para a religião. Aconselhado pelos franciscanos a vir a Roma, a fazer acto de contricção e obter a confirmação do papa, assim resolveu, mas quando chegou a Lisboa a santa inquisição fê-lo sua victima, como hereje.

Comtudo Mar Abraham foi ao concilio provincial de Goa de 1578, por ordem e com seguro do Santo Padre, e nelle prometteu abjurar seus erros, e fez profissão de fé; mas se era prodigo em palavras não o era em actos, se é verdade o que nos conta D. Fr. Antonio de Gouveia, e de volta á sua diocese não teve em nenhuma conta o que antes havia promettido; e temendo as consequencias já não foi ao concilio de 1590. Tudo isto o deitava a perder no animo dos seus inimigos.

O novo arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Menezes, indignado das heresias e desordens d'estes christãos, resolveu terminar com umas e outras. Obteve do papa Clemente VIII, em 1595, um breve em que elle lhe mandava tirar inquirição das culpas de Mar Abraham e dos

erros em que vivia, e, no caso de o achar culpado, o fizesse vir a Goa, e nella o prendesse, provesse o bispado de um governador e vigario apostolico do rito latino, e não consentisse que naquella igreja entrassem mais bispos fóra da obediencia da Igreja romana, quer fossem armenios quer caldeus; mas a séde do arcebispado ficava longe da costa, em Angamale, e por isso da influencia portuguesa, e o seu titular tão velho que se não podia já levantar da cama; assim, pois, foi-se adiando a solução da questão.

Em 1597 morreu este emfim, e as suas ovelhas trataram de eleger para successor o arcediago Jorge. Quando isto soube, Aleixo de Menezes, em conformidade do breve do papa, nomeou um governador e vigario apostolico á Igreja do Malabar, e escolheu para isso Francisco Roz, do collegio de Vaipicota. Era inutil tal nomeação, porque os christãos ainda não estavam reduzidos á fe catholica, e assim lh'o fizeram sentir. Então o arcebispo investiu d'essas funcções o arcediago Jorge, com a condição prévia de se submetter á obediencia de Roma e de ter dois adjuntos do rito latino, mas elle recusou não só a nomeação, mas taes condições.

Por fim o arcebispo de Goa decidiu transportar-se a Cochim, para de mais perto seguir as cousas do Malabar, e intimou o arcediago a comparecer á sua presença naquella cidade. Resolveu-se o arcediago a assim fazer, e com seguro de D. Aleixo ali se apresentou acompanhado de grande numero de gente dos seus. Depois de muitas tentativas e instancias do arcebispo, o arcediago e alguns dos principaes converteram-se á fé catholica, e ambos convocaram o synodo diocesano que se reuniu em Diamper, perto de Cochim. Mandaram cartas a todas as igrejas e povos para que viessem todos os sacerdotes do Malabar e os procuradores dos povos, quatro de cada um, para darem consentimento em nome do seu povo a tudo o que se fizesse no synodo; e uns e outros vieram em grandissimo numero.

No entretanto o ardente arcebispo conseguiu chamar ao seu partido o rei de Cochim. Seria impossivel resistir, e os christãos tiveram de soffrer as duras condições de D. Aleixo. Este, depois de enunciar os erros d'aquelles christãos, condemnou-os e toda a doutrina de Nestorio, e declarou-os de ora avante filhos da santa madre igreja de Roma. Foi forçoso adoptar os novos ritos e cerimonias sob penas rigorosas; e tudo o que pôde lembrar a anterior forma foi queimado ou destruido. Em 1601 foi escolhido o seu primeiro bispo catholico, Francisco Roz, com a séde em Angamale; em 1605 o bispado foi elevado a arcebispado e estabelecido em Cranganor, para esse fim destacada da diocese de Cochim creada em 1557.

Não durou muito esta sujeição á santa sé, porque em 1653 se revoltaram estes christãos, e recusaram obediencia ao seu prelado jesuita, Francisco Garcia, e em seu logar puseram o arcediago Thomé. A attitude hostil dos christãos manifestou-se logo por factos, porque reunindo-se em grande numero obrigaram os jesuitas a refugiar-se na costa. Roma mandou ao Malabar Fr. José de Santa Maria para ver se podia compôr as cousas; as suas tentativas foram em parte fructiferas, porque uma parte d'elles voltou ao gremio da igreja de Roma, e são os que ainda hoje são governados pelos vigarios apostolicos de Cotáiam e Trichúr, cujo numero em 1891 era de 221:551.

Estas luctas religiosas vieram emfim a produzir fructos mais ruinosos. Os hollandeses, aproveitando-se d'ellas, atacaram e tomaram Coulão em 1661, Cranganor em 1662, e Cochim em 1663; e as populações christãs, por aversão pelas perseguições soffridas, receberam-nos com alegria e não nos prestaram nenhum auxilio. Os jesuitas receberam ordem para abandonarem os novos territorios conquistados, e assim pois se perdeu o dominio temporal e o espiritual pelo excessivo zêlo religioso.

Ao revoltarem-se, os christãos do Malabar appellaram para os patriarchas syriacos pedindo-lhes um bispo confirmado. O patriarcha de Antioquia mandou-lhes, em 1665, Mar Gregorio. Mas este prelado era da seita jacobita, e os christãos que tinham permanecido fieis ao nestorianismo seguiram desde então esta communhão; e assim terminou a igreja nestoriana no Malabar. O seu numero em 1891 era de cêrca de 300:000[1].

V

OS JUDEUS DE COCHIM

Falla-se tambem frequentes vezes, na chronica de Ziriadím, de judeus; e, como para os christãos, vamos dizer o que se sabe a respeito do seu estabelecimento no Malabar.

Como e quando tal succedeu é o que não podemos affirmar ao certo; e a incerteza é ainda maior do que para os christãos. A longa e antiga lista de testemunhos que possuimos para estes não existe para aquelles. Nós pudemos com esses auctores recuar o seu estabelecimento até ao fim do seculo II; emquanto com os judeus elles são muito raros, e de epocha recente relativamente. Benjamim de Tudela, Marco Polo, Abulfeda

[1] A população christã da India e Birmania era em 1891 de 2.601:355 almas (catholicos syriacos, jacobitas, catholicos romanos e protestantes). A parte que pertencia ao padroado português era de 494:762 almas, assim distribuidas: Em territorio português: *a*) Arcebispado de Goa, 279:146; *b*) Bispado de Damão (e Diu) 1725 (e 377): total, 281:284. Em territorio britannico: *a*) Arcebispado de Goa, 27:013; *b*) Bispado de Damão, 66:056; *c*) Bispado de Cochim, 70:445; *d*) Bispado de Meliapor, 50:000: total: 213:514. cf. Hunter, *The Indian Empire*, pp. 279 e 311.

e Odorico de Pordenone fazem referencias ligeiras ás suas colonias na India, mas, como são posteriores ao seculo XII, não nos é possivel por meio d'elles confirmar as pretenções dos judeus ao seu estabelecimento nos primeiros tempos da nossa era.

Elles apparecem nos em tres pontos isolados do Oriente: na China, em Caliana e no Malabar; mas nenhum d'estes grupos possue monumentos verdadeiramente authenticos que nos digam do seu apparecimento primeiro naquellas regiões.

Relativamente aos judeus da China, temos as duas inscripções de Caifungfu de 1489 e 1511 encontradas ali em 1850; e, segundo ellas, o seu estabelecimento foi durante a dynastia Ham, i. é, entre 202 antes de Christo e 220 depois de Christo. Estas inscripções são muito modernas para que devamos confiar plenamente nos seus dizeres; e com effeito o seu testemunho não é em geral acceito como o melhor. O dr. Glover, de Nova York, que ultimamente se tem occupado dos judeus d'aquellas remotas partes, pretendeu, pelo contrario, que essa vinda deve ter sidò posterior áquella epocha, e não mais antiga do que o seculo V, por uma interpretação nova da inscripção de 1489; mas essa affirmação é-lhe contestada pelos especialistas das cousas chinesas, e segundo parece com bastante fundamento[1].

Uma tradição óral entre estas populações judaicas fálas vir á China durante o reinado de Mingti, que sabemos ter governado de 58 a 76 de Christo; e H. Cordier[2], approximando este facto da destruição do segundo templo em 70 da nossa era por Tito, vê nelle uma con-

[1] A. K. Glover, *The tablet inscriptions of the chinese Jews found at Kaifung Fu in 1850*, in *The Babylonien and Oriental Record*, V, numeros 6, 8, 9, 10; VI, numero 9; Terrien de Lacouperie, *The Jews in China*, p. 131-134, V, da mesma revista citada.

[2] H. Cordier, *Les juifs en Chine*, in *Anthropologie*, p. 549, 1890.

firmação; mas ainda que isto não é impossivel, não se comprehende porque esses judeus haviam de ir de fito feito estabelecer-se tão longe do seu ponto de partida; e, por consequencia, a data do seu estabelecimento na China continua em controversia.

Com respeito aos judeus estabelecidos ao sul de Bombaim, em Caliana, a pobreza de informações é ainda maior; elles dizem ter vindo para ali ha 1700 annos, em numero de 14 pessoas, 7 homens e 7 mulheres, e terem desembarcado em Chaul. Actualmente a sua colonia está bastante augmentada, porque o recenseamento de 1891 dá-lhe 13:336 pessoas; e são conhecidos pelo nome de Bene Israel.

Os chamados judeus de Cochim são d'estas tres colonias a mais conhecida, e aquelles a respeito dos quaes mais informações possuimos, devido sem duvida á posição geographica do país, desde antiquissimos tempos em relação com o Occidente.

Muito se tem escripto a seu respeito; a bibliographia que d'elles trata é desde o seculo XVI até aos nossos dias bastante grande; mas, á falta de elementos authenticos dos seus primeiros tempos, tambem se não póde determinar bem a data do seu estabelecimento ali. As tradições que entre elles correm ou correram a esse respeito são bastantes; e ha mais para o seu estudo as tábuas de cobre em que o rei do Malabar lhes concede grandes privilegios, identicamente ao que succede com as tábuas de cobre de que fallámos para as colonias syriaco-christãs, em que tambem se fazem referencias a elles.

Uma d'essas lendas fá-los oriundos da tribu de Ephraim; tendo-os Salmanazar desterrado para Moca, na costa da Arabia meridional, d'ella partiram um seculo antes de Christo para a India. Se dermos, porêm, credito a estas pretenções não foram elles os primeiros, porque a lenda diz que se foram juntar aos seus compatriotas ahi estabelecidos.

Uma outra fá-los descender da tribu de Manassés, que tendo sido transportada por Nabuchodonosor para a Mesopotamia, um pequeno grupo de familias d'ella se embarcou para o Malabar, onde fundou uma colonia.

Uma terceira lenda data o seu estabelecimento em Cranganor, capital do Malabar, de 68 de Christo, os quaes em numero de 10:000, entre homens, mulheres e levitas, para lá fugiram depois da destruição do segundo templo. Segundo, porêm, a tradição recolhida pelo auctor das *Noticias dos judeus de Cochim*, esse estabelecimento seria muito posterior, de 360 de Christo, e formado pelos descendentes dos judeus de Maiorca, que ali se tinham vindo fixar depois da destruição do segundo templo, em numero de 70 a 80:000.

É impossivel de taes dados tirar uma conclusão mais plausivel; mas devemos dizer que a maioria dos auctores entendidos, que teem tratado o assumpto, propendem para a hypothese apresentada pela terceira lenda, e que os judeus vieram estabelecer-se na India cêrca de 68 de Christo. Não ha demonstração do facto ao certo; ha só certos graus de probabilidade que a favorecem.

Recordemos aqui o que precedentemente dissemos do philosopho Panteno, que cêrca do fim do seculo II foi á India e lá encontrou o evangelho de S. Matheus em hebraico, o qual havia sido deixado por S. Bartholomeu aos povos que fôra converter; isso parece indicar-nos a existencia d'aquellas colonias em tempos muito remotos.

O estabelecimento d'elles naquellas partes cêrca da era christã não é improvavel. Vimos no primeiro capitulo d'esta introducção quão remotas eram as relações que os paises do occidente mantinham com a India. As navegações dos phenicios, e aquellas que elles fizeram com Salomão a Ophir, tornaram possivel desde aquelles antigos tempos a sua fixação ali.

Alem d'isso, devemos considerar as vicissitudes desgraçadas da sua nacionalidade, que tanto teve a soffrer

dos povos que para infelicidade sua visitaram a Syria como conquistadores. Estes factos são principalmente: primeiro, a destruição do reino de Israel por Salmanazar, em 721 antes de Christo, e captiveiro das dez tribus; segundo, a destruição do reino de Judá e do primeiro templo por Nabuchodonosor, em 586 antes de Christo, e o segundo captiveiro; terceiro, a destruição de Jerusalem e do segundo templo por Tito, em 70 depois de Christo.

Estas transplantações forçadas da terra da Promissão para as das bacias do Tigre e Euphrates collocaram-nos no caminho da India, quer por terra quer sobretudo por mar. Por mar porque, como já dissemos, esta com a do Mar Roxo eram as duas grandes vias por onde os productos orientaes chegavam ao Occidente. Por terra as conquistas de Dario nas margens do Indo, as de Alexandre Magno, e a formação dos reinos bactrios e indo-scythas, onde predominava a influencia da civilização grega, tinham tornado possivel a sua communicação com a India por aquellas partes; mas era, sem duvida, a primeira via mais facil do que esta, e as localidades, onde estas colonias apparecem, dizem-nos com alto grau de probabilidade que este foi o caminho.

Ha, sobretudo, certos acontecimentos passados no reino da Parthia, cêrca de 34 da nossa era, que podem até certo ponto justificar a data da tradição sobredita, e as circumstancias de os judeus irem tão longe fixar-se[1]. Naquelle anno, diz-nos Rawlinson, os judeus de Babylonia que em grande numero tinham ficado ali do tempo do captiveiro, por causa do mau governo de dois dos seus compatriotas que Artabano III fizera satrapas, foram obrigados a transferir a sua residencia para Se-

[1] Terrien de Lacouperie, *The Jews in China*, p. 132-3, da *The Babylonian and oriental Record*, v.

lencia; nesta cidade a perseguição continuou contra elles, e por fim 50:000 d'elles foram assassinados; alguns conseguiram escapar e refugiar-se em Ctesiphon, mas outros mais prudentes fugiram para as partes affastadas da Parthia. Estes factos teriam determinado alguns membros da communidade judaica a ir mais longe procurar hospitalidade, e collocar o Oceano Indico entre elles e os seus perseguidores? Ter-se-hiam então ido estabelecer no Malabar, em Cranganor? Não sabemos; mas as circumstancias eram bem propicias para isso. Seja como fôr, a tradição que os faz vir para o Malabar em 68 de Christo é a mais seguida entre elles. No fim do seculo XVII o rabino David, de Cochim, numa carta para os judeus de Amsterdam dá esta data; e no fim do seculo XVIII, numa outra que escreveram aos seus correligionarios de Nova York, apresentam a mesma.

Estes judeus, que se diz terem vindo em numero de 10:000, fixaram-se na maior parte em Cranganor, a capital então do Malabar, e a cidade mais importante da costa; e posteriormente receberam do soberano reinante, Báscara Ravi Varmá, grande numero de privilegios que constam de uma tábua de cobre que é ainda guardada por um dos anciãos da synagoga de Cochim[1]. Este diploma não tem data; mas a sua traducção hebraica attribue-lhe a de 379 de Christo, comtudo, como já dissemos, a opinião mais auctorizada hoje (a de Burnell) é a que o faz do fim do seculo VII ou principio do VIII.

As noticias posteriores que possuimos a seu respeito são muito escassas. Até o seculo XVI temos apenas as simples referencias dos escriptores medievos de que precedentemente fallámos. Com o dominio português no Malabar pareceria, como succede para os christãos, que essa mingua de informações acabaria; mas, se é

[1] Logan, *Malabar*, II, p. CCCCXXII.

verdade que algumas mais ha, não são ellas ainda muito satisfactorias.

Contrariamente á nossa expectativa os nossos chronistas, á excepção de Gaspar Correa, quasi que ignoram a existencia da communidade judaica de Cranganor. Foi debalde que nelles procurámos algumas informações, magras que fossem, acêrca d'ella. As que encontrámos em Gaspar Correa são bem pouca cousa em verdade.

Em 1506 Francisco Pinheiro, filho do dr. Martim Pinheiro, corregedor da côrte, levou para a India uma arca cheia de «brivias escritas em abraico», tiradas das synagogas que então se desfaziam em Portugal por via da sua expulsão, as quaes elle vendeu muito bem aos judeus da India, á razão de 400 e 500 pardaos cada uma; mas o vice-rei, sabedor do caso, prohibiu a sua venda[1]. Parece que os havia tambem em Calecute, attrahidos lá pelo grande trafico de commercio d'esta cidade; pelo menos Gaspar Correa dá-o a entender: «No exercito do Çamorim havia dois mil espingardeiros, mouros e judeus, que havia muitos em Calecute[2]».

Em 1524 elrei de Calicute declarou guerra ao de Cranganor, seu vassallo, por elle se ter alliado com Cochim. O Samorim destruiu-lhe a terra, matou-lhe muita gente e queimou o proprio logar de Cranganor em que estava a igreja de S. Thomé, que foi queimada. Em 1536 fez-se a fortaleza de Cranganor. Em 1540 foi toda a terra destruida e roubada novamente e queimadas as proprias casas de elrei, não já pelo soberano de Calecute mas pelas tropas do de Cochim, nosso amigo; d'isto se queixou elle amargamente ao nosso governador, que se mostrou muito descontente, e lhe escreveu promettendo que tal facto se não repetiria[3].

---

1 Correa, *Lendas*, I, p. 656-7 e p. 900.
2 Idem, idem, III, p. 762.
3 Idem, idem, II, p. 785-6; IV, p. 157-8.

Por outro lado Zinadím diz que em 1524 rebentaram em Cranganor disturbios entre muçulmanos e judeus, e que, tendo sido morto um d'aquelles, os muçulmanos das outras povoações se congregaram para tirar vingança do caso, e nisso, diz elle, foi connivente o Samorim; mas segundo Correa, como vimos, os factos passaram-se de outro modo.

Na guerra de elrei de Cochim com o da Pimenta em 1550, o capitão das nossas forças queria dar batalha num sabbado, ao que tentou oppor-se elrei de Cochim, porque nesse dia não pelejariam os judeus, «que era a mais guerreira gente que levava[1]».

Em 1565 os judeus abandonaram a sua residencia de tantos seculos de Cranganor e refugiaram-se em Cochim, cujo rei lhes permittiu que se estabelecessem em Mattancheira, junto da sua capital[2].

Graves acontecimentos se devem ter dado para que assim fizessem, mas quaes elles foram nós não o sabemos ao certo. É de suppor que as luctas em que andavam empenhados os dois soberanos de Calecutc e Cochim, não fossem estranhas a essa determinação. A situação de Cranganor fazia d'ella o campo de batalha dos dois principes rivaes, e nesse mesmo anno

---

[1] Correa, *Lendas,* IV, p. 708.

Segundo o P.e Lucena havia tantos judeus no reino de Cochim que vulgarmente chamavam ao seu rei, rei dos judeus. P.e João de Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier,* p. 54.

[2] A data que damos, de 1565, é a que anda nos livros que tratam d'esta questão, mas confessamos não saber o que a fundamenta. As razões da partida dos judeus de Cranganor veem em Oppert muito confusas (p. 411); ao vago do auctor procurámos dar a explicação que se nos antolhou mais razoavel. A data que o mesmo Oppert dá para o levantamento da fortaleza de Cranganor (elle diz propriamente que nós tomámos posse da cidade, o que não é verdade), de 1523, não é exacta. Nem Barros, nem Castanheda nos dizem quando isso foi, mas diz-nos Correa (*Lendas,* III, p. 772) que em 1536.

elles haviam travado batalha junto d'ella. A cidade fôra muitas vezes tomada e incendiada pelos dois inimigos; o principe d'ella era mais favoravel aos nossos e a elrei de Cochim do que ao de Calecute; a sua população judaica e christã tinha sem duvida mais a soffrer dos muçulmanos que do lado de Cochim, e é essa talvez a razão porque se acolheram ao reino de Cochim e não ao de Calicute, de que fôra dependencia politica.

É possivel tambem que o estabelecimento ali de um seminario, em 1540, pelo franciscano Fr. Vicente de Lagos, onde se educavam clerigos para o bispado da Serra, e por fim a fundação da inquisição em Goa em 1560, os tivessem, com aquelle espirito proselytico que animava os portugueses da epocha, forçado áquella decisão, porque a tolerancia não foi sempre a nossa norma de proceder. Effectivamente, numa epoca indeterminada, mas proxima de 1560, já os que estavam estabelecidos em Cochim tinham tido que soffrer perseguição da parte dos nossos padres; abriu-se uma devassa por se dizer que elles blasphemavam contra a nossa fé, e alguns foram remettidos para Goa, e isso parece ter apressado a vinda da Inquisição[1].

Posteriormente a conversão forçada dos christãos de S. Thomé, em 1598, e por consequencia a acção portuguesa tornando-se cada vez maior naquelle país, deve ter sido desfavoravel aos judeus. O que parece prová-lo é o regozijo com que acolheram os hollandeses em 1663, e os judeus da Hollanda começaram logo a interessar-se pelos seus correligionarios de alem-mar.

Em 1685 uma commissão de judeus de Amsterdam foi a Cochim a inquirir do estado da communidade; e em 1687 um dos seus membros, Moisés Pereira de Paiva, publicou uma *Noticia dos judeus de Cochim.*

---

1 Fr. Francisco de Sousa, *Oriente couquistado,* I, p. 135-6.

No fim do seculo XVIII uma carta d'elles aos judeus de Nova York[1] informa-nos do seu estado naquella epocha, não muito differente do actual. Elles dividem-se em brancos e pretos; os primeiros são os de raça pura, descendentes dos que primitivamente se estabeleceram em Cranganor, da mesma pureza que os do Occidente; os outros são os descendentes dos naturaes convertidos á sua fé.

Segundo esta carta os primeiros eram quarenta familias, todas em Mattancheira, com uma synagoga; os segundos tinham ali cento e cincoenta familias e tres synagogas. Elles estavam estabelecidos em mais seis localidades do interior, formando ao todo trezentas e vinte familias, e sete synagogas. A sua distribuição é ainda hoje, segundo cremos, a mesma, mas a sua população parece estar em decadencia. O recenseamento de 1881 dava-lhes 1:249 almas, mas o de 1891 só lhes dá 1:142.

VI

O DOMINIO PORTUGUÊS NOS ESCRIPTORES ORIENTAES

Ha espiritos, ou desdenhosos ou lamuriosos, que se comprazem a considerar o pouco ou nenhum echo que o dominio português deixou na India; e tomam para prova que os seus historiadores umas vezes nenhuma allusão fazem a elle, outras só ao de leve, como fallando de acontecimentos sem importancia.

A consideração é até certo ponto verdadeira; são limitadissimos em numero os escriptores que se referem á nossa dominação. Mas tal facto é naturalissimo e de

[1] Kohut, *Semitic studies*, p. 427-9, 430-3.

facil explicação. A India não tem verdadeiramente historiadores. Os fracos especimens da historia, esses mesmos apparecem-nos no Caxemira e em Ceilão. A India propriamente dita apresenta-nos, aqui ou acolá, rarissimos esboços em que ella se compraz em alinhavamentos infindos, que a desnaturam por completo. Tiveram sem duvida muitos dos seus povos cultura litteraria, mas não historia, e aquella apresenta-se com taes caracteres que nos deixam prever uma tal impossibilidade.

A historia da India faz-se até o apparecimento dos muçulmanos com monumentos architectonicos, inscripções e moedas, e muito pouco com monumentos escriptos; mas nem toda a India á data do nosso apparecimento, e mesmo posteriormente, estava em poder dos muçulmanos; para essa parte os meios de informação são essencialmente os mesmos que anteriormente á sua conquista. Os grandes interesses da India, país pouco dado a empresas maritimas, debatiam-se nos planaltos da peninsula dravidica, ou nos plainos do Indo e do Ganges, e a nossa dominação foi quasi só maritima.

Ao sul do Crisna ou Quistna dominava politicamente o elemento indigena, inapto para a historia, e que desde muito continha o impulso dos muçulmanos na direcção do sul; ao norte o elemento dominador era o muçulmano, extremamente curioso de historia ao inverso do outro; os seus interesses maritimos eram pequenos, comtudo a elles devemos a historia que aqui damos e a de Ferista. Onde, porêm, este elemento floresceu com exuberancia foi nos plainos do Indo e do Ganges; a historia da India colligida por Elliot e Dowson forma oito volumes com pequenos extractos e noticias a respeito das obras que d'ella se occupam, excluindo Ferista que só por si forma na traducção de Briggs quatro volumes.

O proprio reino de Bisnaga, tão importante e grande na historia da India, e numa lucta de todos os dias contra

o elemento muçulmano invasor e em contacto com os portugueses, elle proprio tem uma historia fragmentada e fornecida quasi só por inscripções; a intensidade de vida historica que essa lucta lhe devia dar não produziu dentro d'elle nenhum momento importante. Nestas condições, como exigir dos povos indigenas da India longas referencias á nossa acção entre elles, se elles se não occupavam senão com rarissimas excepções de si proprios?

Assim, pois, se nas suas poucas chronicas mal se falla de nós isso nada prova contra a influencia portuguesa; dada a sua incapacidade nessa ordem de manifestações não nos devemos admirar de tal.

Ha, comtudo, bases mais seguras de apreciação do que umas simples referencias de chronistas. Não esqueçamos que nós fomos senhores indisputados do Oriente durante todo o seculo XVI; e com a intensidade de vida que manifestámos nelle nós tinhamos forçosamente de imprimir caracter á nossa acção. Uma grande parte do onomastico oriental entrou nas linguas europeas passando pela fieira do português; não precisamos de citar nomes: sigamos toda a costa africana, toda a costa asiatica até o extremo oriente, a cada momento encontramos formas que recordam a lingua que as revelou á Europa.

O português foi até o fim do seculo passado a lingua de communicação, como anteriormente fôra o arabe durante muitos seculos. O português foi nos seculos XVI e XVII a lingua franca entre nacionaes e estrangeiros em toda a costa da India, e mesmo entre estrangeiros.

Ficaram d'esse tempo muitas palavras nas linguas d'ella, ainda hoje usadas; formaram-se os creolos de Calecute, Cochim, Ceilão, Malaca e Singapura, Batavia e Tugu; grande numero de vocabulos portugueses entraram noutras linguas do Oriente, assim o japonês e o malaio: tudo isto attesta uma forte acção do domi-

nio português, a qual os estudos de Yule e Burnell, de Teza, Adolpho Coelho, Schuchardt e Gonçalves Vianna vieram ultimamente revelar[1]. Os primeiros missionarios lutheranos no sul da India começaram por estudar o português, e até prégavam nesta lingua, segundo affirma Yule.

O extraordinario desenvolvimento das missões religiosas por toda a India, Persia, China, Japão, etc., trouxe elementos preciosos aos nossos conhecimentos geographicos e historicos de paises ainda pouco ou nada devassados. Notabilissimas foram as missões da China e Japão; e neste ultimo, se circumstancias especiaes politicas não teem advindo, o país seria talvez hoje catholico; mas d'essa influencia tão grande em todo o Oriente só possuimos hoje fracos restos no actual padroado, que cada dia Roma vae cerceando mais.

É certo que nos não pudemos manter, mas não admira, porque o corpo era pequeno e foi-se depauperando. Dizem que o nosso dominio foi violento, anti-politico, e uma prova de incapacidade administrativa e colonial. Consideremos que fomos os primeiros, que não tinhamos os erros de antecessores a indicarem-nos o bom caminho. Foram os outros povos que aproveitaram com a nossa inexperiencia; a verdade é que elles vieram um seculo depois, e esse seculo, XVI, é de grande progresso.

---

1 Yule e Burnell, *Glossary*, p. XVI-XVIII; E. Teza, *Indoportoghese*, (separata de *Il Propugnatore*, t, v. Pisa 1872); Ad. Coelho, *O dialecto português de Ceilão ou indo-português*, p. 156–167, e *O dialecto português de Malaca*, p. 167, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 2.ª serie, n.º 3, 1880; dr. Hugo Schuchardt, *Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen romanisch*, v, e *Kreolischen Studien*, II, III, VI, IX; Gonçalves Vianna, *Les vocables malais empruntés au portugais* (separata de *Mélanges Charles Harlez*); Wenceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, p. 36. Aqui só fallamos de territorios que já não portugueses.

A audaciosa empresa estonteou-nos. D'ahi a nossa inferioridade diplomatica; juntemos-lhe as circumstancias religiosas, em que nos encontravamos, inferiores áquellas em que estavam os povos nossos rivaes. Apesar de tudo não se esqueça que o caminho que abrimos de Lisboa ao extremo oriente, foi a estrada por onde a nova civilização europea foi pagar á velha asiatica a sua divida, levar sangue novo ao seu berço, que elle foi a iniciação d'essa expansão colonial que fez da Europa o centro da circulação terrestre. Se tal se fez e se pôde fazer foi graças á nossa tenacidade de um seculo, emquanto os estados da Europa se degladiavam em guerras de ambições.

Mas, ainda que escassas, ha nos chronistas orientaes referencias ao nosso dominio naquellas paragens. São quasi todas de escriptores muçulmanos pelas razões sobreditas. Pelos reinos do Idalcão e do Guzerate eram nossos vizinhos politicos, e pela posse do commercio da costa do Malabar foram nossos inimigos e rivaes commerciaes.

Os muçulmanos que se occuparam de nós, que saibamos, são: Zinadím, que adeante publicamos; Ferista, quando trata dos reinos muçulmanos do Deçam, mas brevemente; Muhabbatecão, na sua historia geral dos gasnevidas até 1806, que damos em appendice na parte que nos diz respeito; Cutbadím, na sua historia da conquista do Yamam pelos turcos; Cide Alí, nas suas viagens; Haje Califa, na sua historia da marinha otomana; o auctor do *Mirate Iscandari*, acêrca da morte de Bahadurxá, cujo trecho tambem damos em appendice; Badauni, acêrca da construcção da fortaleza de Surate; Alí Mohamedecão, na sua historia do Guzerate. Fóra da India ha as seguintes chronicas e auctores: Sajara Malaiu, acêrca da conquista de Malaca por Affonso de Albuquerque; Salil bem Razique e Abú Soleimão Mohamede Benamir bem Ráxede, nas suas historias do Omám, acêrca da nossa dominação

na costa oriental da Arabia; a chronica de Mombaça; e a chronica de Quíloa[1].

Mas são muçulmanos estes auctores e obras; quanto a auctores puramente indianos, quer arias quer dravidas, não sabemos que existam. As chronicas de Ceilão, Mahávansa e Rajávali, são uma unica e rarissima excepção, e ella é devida sem duvida á sua religião que, sendo o budismo, lhe não pôs as peias do brahmanismo

---

[1] Ferista, *History of the rise of the Mahomedan Power in India till the year A. D. 1612*, trad. de John Briggs. Londres, 1829.

Cutbadím, *Extractos da historia da conquista do Yaman*, trad. de David Lopes. Lisboa, 1892.

Sidi-Aly, *Relation des voyages de*, trad. de Diez em allemão e d'este em francês por Moris. Paris, 1827.

Haje Califa, *The history of the maritime wars of the Turks*, trad. de James Mitchell, p. 71–77. Londres, 1831.

Badauní, Historia da India desde os ģasnevidas até Acbar, extracto de Elliot, *Historians of Muhammedan India*, 1, pp. 239–241. Calcuttá, 1849.

Alí Mohamedecão, Historia do Guzerate, trad. de Bird. Londres, 1835 (Oriental Translation Fund).

Sajara Malaiu, Histoire des rois malays de Malaka, trad. de Aristide Marre, publicada sobre si e no *Congrès des Orientalistes*, 1, pp. 536–565. Paris, 1874; nos *Malay annals*, trad. de John Leiden. Londres, 1821. O texto malaio foi publicado por Dulaurier na *Collection des principales chroniques malayes*, Paris, 1849; por Klinkert, *Sadjarah malajoe*, Leiden, 1884; por Shellobear, *Sajarah Malayu*. Singapura, 1896.

Sabil bem Razique, *History of the Imâms and Seyyids of Omâm, from A. D. 661-1856*, trad. de G. P. Badger, pp. 54–92. (Hakluyt Society, Londres, 1871).

Bem Ráxede (Abú Soleimão Mohamede Benamir), *Historia do Omám*, fl. 47-54, ms. arabe 5126 da Bibliotheca nacional de Paris. Cf. Guillain, *Documents sur l'Afrique Orientale*, 1, p. 474–527.

Chronica de Mombaça, em Owen, *Narrative of voyages*, 1, pp. 414-422; Guillain, *Documents sur l'Afrique Orientale*, 1, pp. 614–622.

The history of Kilwa, edit. por S. Arthur Strong, Londres, 1895 (separata do *Journal of the Royal Asiatic Society*, de abril, pp. 427-429).

do continente. Os reis de Ceilão tiveram os seus chronistas officiaes, e graças a esse facto nós temos uma chronica, o Mahávansa, que abrange a historia da ilha desde 565 antes de Christo até o fim do seculo passado. Ambas estas chronicas fallam do dominio português na ilha, e em appendice damos dois pequenos extractos d'ellas.

VII

ZINADIM E A SUA OBRA

O manuscripto que adeante publicamos e traduzimos tem por titulo «o mimo do campeão da fé», e é realmente a historia do dominio português no Malabar desde 1498 até 1583. O nome do seu auctor é, segundo o manuscripto da Sociedade Asiatica, de Londres, Zinadím Benalí Benahmede; mas os outros manuscriptos só teem Zinadím, «o ornamento da fé».

Esta obra foi já traduzida para inglês por Rowlandson[1] em 1833, mas o seu texto é agora publicado pela primeira vez; e anteriormente já Duncam dera d'ella uma analyse no tomo v das *Asiatic Researches,* com pequenos extractos acêrca dos usos e costumes do Malabar.

É bastante vulgar no Malabar entre as familias muçulmanas do país, mas alguns dos manuscriptos offerecem grandes differenças entre si na parte que diz respeito ao estabelecimento do islamismo naquella cos-

---

1 TOHFUT-UL-MUJAHIDEEN, *an historical work in the arabic language, translated into english by lieut. M. J. Rowlandson, cor. M. R. A. S.* 4.º, pp. XVI, 181. Londres, 1833. [Oriental Translation Fund].

ta; uns são do typo do que se serviu Duncan, outros do que publicamos[1].

Não parece ser toda do mesmo auctor. Sendo dedicada a Alí Adilxá, que foi assassinado em 1579, a parte posterior a este anno deve ter sido acrescentada por outrem, porque se fosse o mesmo não deixaria sem duvida de se referir a esse facto.

A biographia de Zinadím não nos é possivel fazê-la. Os escriptores que depois d'elle escreveram acêrca do Malabar, e parecem ter-se servido da sua obra, não fallam d'elle, que saibamos, e elle nenhuma referencia faz a si. Ferista, cujas informações a respeito do Malabar parecem ser bebidas nella, e foi seu contemporaneo, porque redigiu a introducção da sua *Historia* em Bijapor dez annos depois da morte de Alí Adilxá, a quem Zinadím dedicou a sua obra, o proprio Ferista nem mesmo cita o seu nome.

Porventura Zinadím não vivia na côrte do Idalcão, e inclinamo-nos a crer que fosse natural e vivesse no Malabar, provavelmente em Calecute. A minucia com que falla dos acontecimentos ahi passados, e das communidades muçulmanas estabelecidas na costa, é o que nô-lo parece indicar; talvez mesmo mercador d'aquella cidade, e esse facto se se pudesse demonstrar seria um forte argumento para o valor d'esta historia. Alem d'isso, a sua narração dos usos e costumes dos pagãos do Malabar denotam um bom observador, e sem duvida testemunha presencial d'elles.

[1] Assim o manuscripto de que se serviu Duncan considera Cherumám Perumal contemporaneo de Mohamede, e recebendo d'elle o titulo de «a corôa da fé», e fá-lo morrer no dia primeiro do primeiro anno da hegira. Duncan chama-lhe Zeirredien Mukhdom, «arabe, egypcio ou vassallo do imperio turco mandado á India contra os portuguezes»; mas não nos diz o auctor os argumentos em que se fundou para essa affirmação. Como se dirá adeante, elle é mais provavelmente natural do Malabar.

Esta obra é, como dissemos, offerecida ao Adilxá, por ser o soberano muçulmano mais em contacto com os portugueses naquellas partes, cujo trafico era tambem prejudicado pela nossa hegemonia dos mares, e pelo seu zêlo pelos interesses da fé contra os infieis. É possivel que entre elle e o soberano do Bijapor tivesse havido algumas relações, e que elle estivesse algum tempo na sua côrte, ou mesmo que fosse seu subdito, mas a esse respeito nada sabemos, e a sua obra é muda acêrca de tal; em todo o caso os elogios encomiasticos que d'elle faz suppõem que elle algum beneficio d'elle recebeu.

Zinadím é injusto comnosco. Os auctores europeus tomam as suas queixas como verdades assentes, e lançam sobre nós um labeo de crueldade. Na verdade não fomos sempre de grande brandura para com os muçulmanos, mas antes de accusar deve-se attender ás circumstancias em que nos achavamos para com elles. Essa brandura era impossivel. Lucta de crenças em primeiro logar, concorrencia commercial em seguida; procurava-se saber quem havia de ficar victorioso. O nosso auctor attribue-nos as maiores injurias á sua religião e interesses; mas acha bem todos os ataques e violencias que nos são feitos, sejam em que condições forem. Elle exalta, nos seus, actos que dos nossos são affrontosos; é evidente o exagêro e a parcialidade.

A par d'isso é digno de credito quando estas razões particulares não invalidam o seu juizo; e isso comprehende-se visto ser contemporaneo dos acontecimentos que narra. Ver-se-ha a verdade do que affirmamos na critica de notas á traducção, mas desde já podemos apontar alguns factos que testemunham, ao mesmo tempo que a sua veracidade como historiador, o seu criterio e a sua observação.

Fallando da polyandria entre os malabares, emitte a sua opinião acêrca da razão d'ella: que é para evi-

tar alienação de propriedade, o que na verdade parece ser.

Acêrca da origem do islamismo no Malabar, depois de citar a tradição, regeita-a por improvavel, e entende, pelo contrario, que esses inicios não devem ir alem do seculo II da hegira; e effectivamente os dados citados anteriormente dão-nos essa data como a mais plausivel.

Por fim, a razão que elle dá á estabilidade dos negocios dos portugueses, e o motivo das nossas victorias, em contrario do desconcerto que reinava entre os muçulmanos e que os impedia de as terem, i. é, a sua disciplina e obediencia aos superiores, são tambem de boa observação; pois é sabido que os muçulmanos foram sempre refractarios aos principios que regem as nações de raça arica. Assim, pois, é forçoso crer que Zinadím não era um homem sem certo saber e experiencia, porque de vez em quando entra na explicação das cousas por uma maneira racional.

A traducção de Rowlandson está cheia de notas sommando tanto como o texto seguramente, abundando, sobretudo, na parte acêrca dos portugueses. Ellas são quasi que exclusivamente tiradas da obra de Maffeo; o traductor conheceu mais Osorio, o bispo de Silves, e Faria e Sousa, havendo para estes simples referencias, pois elle parece não saber o hespanhol nem o português. Os nomes portugueses veem positivamente desfigurados como quem só os viu através do latim de Maffeo, ou do hespanhol de Faria e Sousa; e quanto á traducção os nomes proprios estão, e muito bem, orthographados para os leitores inglezes; escusado é, pois, dizer que na nossa traducção apparecem com uma outra forma, por vezes muito diversa, porque a têem portuguesa. E neste ponto cingimo-nos á doutrina que expusemos na nossa brochura *Textos em aljamía portuguesa*. Supprimimos as notas de Rowlandson,

e se algumas mantivermos faremos d'isso menção expressa; nossas poucas daremos, e só onde ellas forem necessarias ao sentido ou melhor comprehensão do texto; em todo o caso outras serão as fontes onde iremos beber, porque as supracitadas são de segunda ordem.

Os nomes indigenas veem muitos d'elles completamente alterados[1]. Nem só do traductor nos devemos queixar, porque em grande parte a culpa não é d'elle. A data em que elle fez a sua traducção (cuja fidelidade deixa por vezes a desejar), isto é, em 1833, ainda se possuiam poucos elementos acêrca do Malabar; só recentemente os trabalhos dos conhecedores da lingua do país nos puseram em melhor caminho. Alem d'isso Rowlandson parece só ter conhecido dois manuscriptos da obra de Zinadím, e esta circumstancia junta á anterior deve ter sido causa de que nos não desse esses nomes sempre correctamente orthographados, dadas, bem entendido, as differenças provenientes do genio das linguas inglesa e portuguesa, que vimos já terem sido attendidas.

Na nossa traducção estes nomes teem a forma que os nossos escriptores dos seculos XVI e XVII lhes deram; e áquelles que não pudemos identificar, ou de que elles não fallam, demos a que achamos nos escriptores ingleses, depois de feita a transplantação ao idioma português. Neste ponto, pois, affastamo-nos completamente do criterio de Oliveira Martins e outros escriptores modernos portugueses. Para elles os nomes orientaes, taes quaes apparecem nos nossos chronistas do Oriente estão todos alterados. O nosso modo de ver é muito differente, nós acceitamos esses nomes assim escriptos

---

1 Yule e Burnell dizem, fazendo uma citação da traducção de Rowlandson: «The want of editing in this last book is deplorable». *Glossary*, p. 122, b. Cf. Yule, *Marco Polo*, II, p. 376.

como a genuina adaptação á linguagem portuguesa; já teem fóros de cidade nella, e assim entendemos que os devemos adoptar. Essa transplantação obedece, em regra, ás normas da lingua, e querer substituí-la por prurido de erudição, é muito condemnavel; e d'esse modo, palavras que tinham uma forma completamente portuguesa, passam a tê-la illegivel dentro da nossa lingua. Assim, Oliveira Martins na sua *Historia de Portugal*, na parte correspondente ao Oriente, entendeu que era mais correcto reverter esses nomes ás formas originaes; mas, não attendendo ao genio do português, tomou taes quaes as palavras segundo a trascripção allemã do auctor onde as encontrou, e o resultado é que ellas não representam, nem os sons originaes, nem os sons portugueses.

Da obra de Zinadím ha, que saibamos, quatro manuscriptos em Londres: um no Museu Britannico e na Sociedade Asiatica, e dois no India Office[1]. O da Sociedade Asiatica e o 1:044 IV do India Office só começam na parte segunda, vindo a faltar-lhes o prefacio e a primeira parte, que trata da obrigação dos crentes de combaterem os infieis, e vantagens que d'ahi lhes adveem.

O manuscripto do Museu Britannico com o começo do da Sociedade Asiatica serviu de base á nossa edição; e foi-nos feita a sua copia pelo prof. Dr. E. Denison Ross. O nosso texto foi conferido com os dois manuscriptos do India Office pelo Dr. F. Steingass; as varian-

---

1 *Catalogus Codicum manuscriptorum in Museo Britannico*, p. 434, Add. 22:375.

Loth, *Catalogue of Arabic Mss. in the India Office Library*, 714 e 1:044 IV.

Morley, *Descriptive catalogue of the Historical Manuscripts*, p. 13, IV.

tes vão em nota, indicando o primeiro algarismo a linha, e o segundo a palavra da linha[1]. A lettra *C* representa Add. 22:375 do Museu Britannico, *B* 1:044 IV e *A* 714 da livraria do India Office; e dos tres, *B* é o mais cuidado, seguindo-se-lhe *C*, e em terceiro logar *A*.

Como a Imprensa Nacional não possue mais que um typo arabe, que é o d'esta publicação, para indicar os titulos dos capitulos fomos obrigados a recorrer a um processo que nos pudesse compensar d'essa falta; foi o que fizemos com a differença de côr que se verá no texto.

Tambem damos tres pequenas cartas, que devem auxiliar bastante o leitor; a pequena extensão de costa, em que a maior parte dos acontecimentos aqui narrados se passam, pode facilmente baralhar e impedir a localização dos logares referidos na chronica de Zinadím. São todas extrahidas da obra commemorativa do Centenario da India dos Drs. Bittner e Tomaschek, *Die topographischen Capitel des indischen Seespiegels Mohit*, Vienna 1897.

Esta publicação não teria talvez sido possivel sem o auxilio pecuniario da Commissão do Centenario da India, a cujas expensas se fez a copia do manuscripto *A*, que agora pertence á Bibliotheca da Sociedade de Geographia[2]. Cumprimos pois um dever agradecendo-lhe publicamente a sua cooperação, e em especial ao sr. Conselheiro Luciano Cordeiro, benemerito secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, que mostrou mais uma vez o seu interesse e enthusiasmo pela historia e glorias nacionaes.

---

[1] Assim **5**, 2 *B* quer dizer: a segunda palavra da linha quinta, do ms. B. Contamos como uma só palavra as que se juntam formando uma unidade graphica, ex. فقتلهم, ولنا.

[2] A copia do ms. *C* custou 46$470 réis pagos pela Commissão do Centenario; a conferencia de *B* e *C* 32$165 réis pagos por nós.

Tambem não deixaremos de fazer uma referencia especial ao nome do sr. J. A. Dias Coelho, que compôs o texto arabe d'esta chronica, assim como o texto da nossa *Aljamía,* publicada em janeiro: o seu valioso e intelligente auxilio aqui lhe agradecemos.

Para terminar devemos fazer aqui uma declaração. Nalgumas apreciações nesta Introducção, sobretudo na especie de prefacio que a principia, encontrámo-nos em considerações com o sr. Conde de Ficalho no seu excellente trabalho *Viagens de Pedro da Covilhan.* Como as suas «Considerações preliminares» são datâdas de abril d'este anno, poderá parecer que houve copia. Declaramos, pois, que o nosso original entrou na Imprensa Nacional em 1897, como ali se poderá verificar.

TEXTO

فهرست اقسام وفصول الكتاب

فهرست اسماء الرجال والنساء والدول

فهرست اسماء الاماكن

ارسل السامرى بعض كبرائه فوقع التلاقى والصلح وحصل
لرعاياه السفر الى بنادر كجرات وغيرها كما كان قبل وحصل
سفر مركبَيْن من كاليكوت الى برّ العرب فى اخر الموسم
اصلح الله احوال المسلمين وجبر كسرهم وقضى حوائجهم *

امين امين

امين

2, 10 *C* falta و.

4, 5 *C* وحبر.

لافرنج والسامرى على المصالحة على بناء قلعتهم فى فتّان وردّ من كان فى اسارى المسلمين من لافرنج الى كبيرهم وردّ من عند لافرنج من رعيته الى السامرى فردّ المسلمون من فى اسرهم من لافرنج الى كبيرهم وردّ لافرنج من كان عندهم حاضرًا من اسارى المسلمين وهم قليل الى السامرى ووقع الوعد بين لافرنج والسامرى ببناء القلعة اذا وصل كبيرهم الى السامرى فى الموسم الذى بعده وفى اوّل الموسم الذى بعده وصل اربعة مراكب من پرتكال فيها كبيرهم الذى عيّنه سلطانهم اثنان عند كوه واثنان قريب كولم فانعزل الكبير الذى كان اوّلاً فلم يحصل لاجتماع بين السامرى وكبيرهم لانّ كبيرهم الواصل فى هذا الموسم لم يواجه السامرى بل راح كوه ولم يتوقّف فى كاليكوت وكان السامرى مهيّأ اشياء كثيرةً للاهداء لكبيرهم عند الملاقاة فلم ينفع ولمّا وصل الى كوه

1, 8–9 *C* ففات.
2, 4 *C* اسار.
3, 9–10 *C* قد.
5, 2 *C* كبار.
9, 6 *C* له; 7 *C* فاتعزل.
10, 7 *C* falta و.
11, 9 *C* يراح.
12, 2 *C* يتفق.
13, 1 *C* للاهذاء.

كلّهم وحاربوا السامرى مع كون جماعته قليلين فخذل الله لفضله الافرنج وراى كشى وقُتل من جماعتهم كثيرون وانهزموا ولم يصب السامرى واصحابه ضررًا مع قلّتهم ثم خرجت غربان الافرنج من كشى لتعطيل اسفار المسلمين واخذ مراكبهم وغربانهم خذلهم الله وآخذهم اخذ عزيزٍ مقتدرٍ ثم فى موسم سنة تسعين او احدى وتسعين اشتدّوا فى المرابطة على متعلّق السامرى من اهل كاليكوت والبندر الجديد وكاپكات وفندرينة وتركوڊ وفتّان ولازموا عليها دوام الاوقات من اوّل الموسم الى اخره فتعطّل بذكر سفرهم بالكلية والخروج منها الى البلد القريب وتعطّل وصول الارز من تلناد ووقع فيها القحط العظيم الذى لم يعهد قطّ مثله الملازمة البنادر المذكورة من غير فوت ولا تقصير واخذوا مراكبنا وغرباننا حتى اشتدّ لسان حالهم ربّنا اخرجنا من هذه القرية الظالم اهلها واجعلنا من لدنك وليًّا واجعل من لدنك نصيرًا ولكن فى موسم السنة الثانية اتّفقوا

4, 5, *A* termina aqui.

5, 6 *C* falta و.

8, 4 *B C* تركوره. Suspeitamos que seja تركوڊ, que já occorreu precedentemente mais de uma vez.

11, 1 *C* السامرى.

12, 2 *C* مثل; 8 *C* فوق.

13, 2 *C B* مراكب.

والهدايا وقد ارسل اليه اذراجا وكولترى الورقة فى ردّ الاموال والهدايا فلم ينفع ولو لم يهرب القاصد لسلمه ومن معه الى الافرنج وكان ذلك فى سنة ستّ وثمانين وفى تلك السنة دخل على السامرى بعض كبراء الافرنج وتكلّم معه فى امر الصلح وكان السامرى حينئذ فى بيت صنم محترم عند جميع كفرة مليبار قريب كدنكلور فرضى السامرى بذلك على ان يبنوا قلعتهم فى كاليكوت فالتمسوا بناها فى فتّان فلم يرض بذلك السامرى ثم ارسل السامرى الى كووه لاجل الصلح ثلثة من المعتبرين من رعيته مع ذلك الافرنجى الذى كان يتكلّم بالصلح فدخلوا كووه معه فتلقّاه كبيرها المسمّى بيزرو بتعظيم واكرام زائد على الحدّ واحسن اليهم ثم رجعوا الى السامرى وانقطع امر الصلح لطلبهم بناء قلعتهم فى فتّان وكان انقطاع امر الصلح سنة سبع وثمانين وفيها وقع الصلح بين عادلشاه والافرنج على اعطاء اموال له ثم انّ راءى كشى تهيّأ لحرب السامرى لاخراجه من بيت الصنم المتقدّم ذكره وجمع جموعًا كثيرين وارسل الى كبير الافرنج بيزرو فى وصوله اليه لاعانته فى حرب السامرى فارسل لذلك غربانًا فاجتمعوا

2, 6 *C A* هرب.

6, 4 *C* وقريب.

16, 5 *A* المقدم.

السبب ثم اخراجهم من سائر البنادر التى استولوا عليها باذن الله تعالى وحسن توفيقه انّه على ذلك قديرٌ وبالاجابة جديرٌ ثم انّه قد دخل بعض اصحاب الاغربة فى نهر بندر عادلاباد فقصدهم الافرنج لياخذوهم فدخلوا ورانهم فلمّا تمكّنوا من اخذهم احرقوا البندر جميعه والغربان والمراكب التى فيها قولهم واوراقهم من اهل درمفتن وكنّنور وغيرهما ثم احرقوا بندر قرافتن ولذا اخذ نائب بندر دابول حرسها الله مائة وخمسين فرنجيًّا من كبارهم وشجعانهم خديعةً فقتل اكثرهم وارسل بعضهم الى عادلشاه ثم اذ عادلشاه نصره الله عيّن بعض وزرائه وعساكره للمرابطة حلى كوة ومنع اهل بلاده وغيرهم ان يوصلوا اليهم القوت ثم ارسل قاصده بمراسم مع هدايا الى اذراجا والسامرى وكولترى طالبًا اعانتهم فى حرب كوة ومنع القوت عنهم فلمّا وصل القاصد ومن معه وما معه الى كونوكلّم حبسه ومن معه راعيها وهو ثالث كولترى وهو الذى يتولّى مملكته بعد موته وموت واحد بعده وكان ذلك باشارة من الافرنج ولكن هرب القاصد وحده خفيةً وسلم واخذ راعيها جميع ما كان عنده من الاموال

3, 1 *C* جدى.

6, 9 *C* وغيرها.

12, 1 *B* بمراسيم ; 1 *A* بمراسيمه ; 6 *C A* falta و.

نحو ثلثة آلاف نفس حتى كادوا يتعطّلون عن الخروج للتجارة وغيرها بتقدير الله العزيز الحكيم لحكم ومصالح لا يعرفها الّا هو اعظمها الثواب الذى يحصل لهم بسبب الجهاد والشهادة والمصيبة والصبر ونرجوا من الله سبحانه ان يجعل لهم فرجًا قريبًا ويوليهم صبرًا جميلاً فقد قال الله تعالى سيجعل بعد عسرٍ يسرًا فإنّ مع العسر يسرًا إنّ مع العسر يسرًا وفى اوّل موسم السنة المذكورة ايضا اخذ الافرنج لعنهم الله جملةً من مراكب جزرات المسافرة من بندر سورة الى بندر جدّة المحروسة عند الرجوع منها مراكب للسلطان الاجلّ السلطان جلال الدين الاكبر بادشاه اعزّ الله انصاره وكان فيها مالٌ عظيمٌ فحصل بذلك الاختلاف بينه وبيهم ولم يهن على الافرنج خذلهم الله تسليم المال اليه لاجل الصلح لكثرته ونرجوا من الله سبحانه ان يهدى السلطان جلال الدين الاكبر نصره الله نصرًا عزيزًا ويوفقه لمحاربتهم واخراجهم من بنادره مثل ديو جزرات ودمون ووسى وغيرها بهذا

1, 6 *C* تكاد.

6, depois de 2 *C A* الله.

9, 9 *C* السلطان.

10, 5 *C* falta; 8 *C B A* انصارة.

13, depois de 5 *B* وتعالى.

15, 6 *C B A* دون ; دوت no ms. da Soc. Asiatica, de Londres.

الفصل الرابع عشر فى بعض احوال الافرنج بعد فتح شاليات ✲

اعلم انّ الافرنج الملاعين بسبب فتح قلعة شاليات ازدادوا غيظًا على غيظٍ وعداوةً على عداوةٍ للسامرى والمسلمين ينتهزون الفرصة فى تخريب بلدان السامرى وبناء القلعة فى فتّان او شاليات ممّا يتعلّق ضرره بالسامرى والمسلمين عوضًا عن اخذ قلعة شاليات فما يسّر الله ذلك لهم الى تمام سنة سبع وثمانين الّا انّهم نزلوا فى شاليات واحرقوا بعض بيوتها ودكاكينها فى الثانى والعشرين من شهر شوّال سنة ثمانين وفى السنة التى بعدها نزلوا فى پرپورانكاڈ واستشهد من المسلمين اربعة ومات من الافرنج اكثر من ذلك وليس الافرنج ميل الى صلح السامرى بعد اخذ حصار شاليات متحمّلين عليه وعلى المسلمين طالبين ثارهم ثم فى موسم سنة خمس وثمانين اخذوا من غربان المسلمين الكبار مع الغربان الصغار المسافرة لجلب الارز من تلناد خمسين فاكثر واستشهد من استشهد ووقع فى حبسهم من المسلمين واصحاب الهليس

1, 1–3 *A* فصل.

5, 3 *C* تخليد.

13, 1 *C* متحلّين.

14, 9 *C* غربان.

القلعة وما فيها من الحوائج والمدافع ويخرجهم سالمين من القتل ولا يتعرّض لما معهم ويوصلهم الى مأمنهم فقبل ذلك السامرى واخرجهم منها ليلة الاثنين السادس عشر من جمادى الاخرى ووفى لهم بذلك وارسلهم اذلّا مع راعى تانور وهو الذى قبلهم واعانهم وكان باطنًا معهم وظاهرًا مع السامرى وصرف عليهم ما يحتاجون اليه وجاء بهم الى بلده تانور ثم وصلت اليها غربانهم من كشى فطلعهم فيه واحسن اليهم وجعل ذلك يداله عندهم فوصلوا الى كشى مقهورين مخزين ثم انّ السامرى اخذ ما فى القلعة من المدافع وغيرها وهدم القلعة حجرًا حجرًا وجعل موضعها كالصحراء ونقل اكثر الحجار والاخشاب الى كاليكوت وسلّم بعضها لعمارة المسجد الجامع القديم الذى هدموا عند بناء القلعة وسلّم الارض التى بنوها فيها وما حولها الى راعى شاليات على ما وقع القرار عند ابتداء الحرب وبعد ما حصل القلعة وما فيها بقبضة السامرى وصل لهم المدد من كوه فى غربان ومراكب فرجعوا خائبين مخزين باذن الله تعالى وحسن توفيقه وذلك من فضل الله علينا وعلى المسلمين ورحمته *

4, 5 *C* falta و; 6 *C* اذلالا.

13, 10 *C* القدار.

17, 1 *C* افضل.

من القلعة وبيعهم وهدموا القلعة البرّانيّة واستشهد من المسلمين ثلثةٌ وقتل من الافرنج جماعةٌ والتجأوا الى القلعةِ الاصيلةِ الحجريّة واستقرّوا فيها فحاصرهم المسلمون ونيّار السامرى ووصل اليها المسلمون من سائر البلدان للجهاد وحفروا خنادق حول القلعة واحتاطوا فى المحاصرة فلم يصل اليهم القوّة الّا نادرًا خفيةً وصرف السامرى لذلك اموالاً جزيلةً وبعد نحو شهرَين من ابتداء الحرب وصل السامرى بنفسه من فنّان الى شاليات وحصل الاحتياط التامّ فى المحاصرة حتى نفد ما عندهم من القوت واكلوا الكلاب وامثالها من المستقذرات وكان يخرج برضاهم من القلعة فى اكثر الايّام من معهم من العبيد وممّن تنصّر ذكورًا واناثًا لقلّة القوت وارسل الافرنج القوت الى شاليات من كشى وكتّنور فلم يصل اليهم مع اجتهادهم ومقاتلتهم على ذلك الّا قليلاً لا يسدّ سدًّا وفى ايّام المحاصرة ارسلوا الى السامرى يطلبون الصلح على تسليم بعض المدافع الكبار التى فى القلعة والمال والمصروف فى الحرب مع زيادة فلم يرض به السامرى مع انّ وزرائه كانوا راضين به فلمّا اضطرّوا بعدم القوت ولم يجدوا طريقًا للصلح ارسلوا الى السامرى فى ان يتسلّم

1, 9 *C A* المستقدرات.

16, depois de 3 *B* له.

طلبهم وحبسهم وعذبهم وازال نعمهم ثم انّ عادلشاه صالحهم لبعض الضرورات ولكن لافرنج فى هذه الفترة قد حصنوا كوه تحصينًا عظيمًا منيعًا بحيث لا يقدر على الدخول فيها من الخارج ذلك تقدير من الله العزيز الحكيم وايضا قد خدعه ونظام شاه ووزرائهما واخذوا الرشوة من لافرنج اعداء الدين واوصلوا اليهم لارزاق واعانوهم جزاهم الله حقّ الجزاء *

الفصل الثالث عشر فى حرب قلعة شاليات وفتحها *

ولمّا قوى عزم السامرى على حرب قلعة شاليات لصدور بعض التعدّى منهم وتحريض المسلمين له على ذلك وتاكيدهم خصوصًا فى ايّام حرب كوه انتهازًا للفرصة فانّهم لا يقدرون على ارسال المراكب والغربان فى ذلك الوقت للمدد ارسل اليها بعض وزرائه ومعهم اهل فنّان وجمع من اهل شاليات ووافقهم فى الطريق اهل پرونور وتانور وپرپورانكاڊ فدخل هولاء المسلمون فى شاليات ليلة لاربعاء الخامس والعشرين من شهر صفر سنة تسع وسبعين ووقع الحرب بينهم وبين لافرنج فى صبيحته فاحرقوا بيوتهم الخارجة

3, 2 *C* falta و.

6, 9 *C* falta.

7, 1–3 *A* فصل.

16, 5 *C A* صبيحة.

وقع الاتّفاق بين عادلشاه ونظام شاه وفّقهما الله لرضاه عقب تخريب بجانكر وقتل راعيها ان يفتحا كووه وشيول وعقب وصول اوراق اذراجا الى عادلشاه خرج هو ووزرائه وحطّوا فوق كووه وشرعوا فى حربهم ومنع الاقوات عنهم وارسل عادلشاه الى السامرى مرسومًا ذكر فيه شروعه فى حرب كووه والتمس منه اعانته ومنع القوّة عنهم مع انّ السامرى ورعاياه مخالفوهم ومحاربوهم قبل ذلك بسنين عديدة ووصل قاصده اليه وهو فى شاليات مشتغل بحربهم وحطّ نظام شاه ووززائه على شيول وشرعوا فى الحرب وكسروا حصارها بالمدافع الكبار وكان فتحها ممكنًا ولكنه تهاون بسوْ الظنّ بعادلشاه وتعظيم امر الافرنج وترك الحرب وصالحهم وامّا عادلشاه فمعذور فانّ كووه بعيدة عن عسكره والنهر حائل بينهما وهى حصينةٌ منيعةٌ فيها حصنٌ كثيرةٌ لايقدر عليها الّا بتوفيق من الله عزيز مع انّ بعض وزرائه اتّفقوا مع الافرنج على اخذه وتولية غيره من اقاربه الذى كان فى كووه عند الافرنج فاحسّ بذلك عادلشاه وخاف وخرج من المعسكر خفيةً فلمّا استقرّ

2, 2 *C* بجانكر.

4, 2 *A* وشركوا.

11, 8 *A* فمعذورهم.

15, 5 *C* falta.

16, 4 *B* فخرج ; 6 *C A* المعسكر.

وشولمندل وغيرها وكان فيها ثلثة افيال صغار وجاءوا بها الى فنّان وادخلوها فى نهرها وفى العشر الاخير من جمادى الاخيرى سنة ثمان وسبعين دخل كتّ پوكر المذكور ليلًا فى داخل نهر منجلور فى ستّة اغربة واحرق اكثر القلعة التى للافرنج فيها واخذ غرابًا صغيرًا وخرج منها سالمًا مع الاغربة التى كانت معه فلمّا وصل قريب كتّنور لقى نحو خمسة عشر غرابًا من غربان الافرنج فحاربهم واستشهد وفقد جسده رحمه الله رحمةً واسعةً وما سلم ممّا معه من الاغربة الا غرابان وكان رحمه الله خالص النيّة فى جهاد الافرنج خذلهم الله ثم انّ المقدّم الكبير مقدّم كتّنور علىّ اذراجا وفقه الله للخيرات لمّا راى تمادى ما حلّ بالمسلمين من الضعف والفقر الشديد وتعطّل التجارات بسبب الافرنج الملاعين ارسل الى السلطان الاعظم والشاه الاكرم علىّ عادلشاه نصره الله ووفقه لمّا يرضاه اوراقًا فيها الشكاية عمّا حلّ بمسلمى مليبار من ظلم الافرنج وايذائهم والاستعانة فى تخليص هولاء المستضعفين من شرورهم بالجهاد فى سبيل الله مع هدايا فالقى الله سبحانه فى قلبه ان يتهيّأ لحرب بندر كووه فانّها دار مملكتهم فى الهند وكانت اوّلًا من بنادر جدّه الاعلى رحمه الله وايضا قد كان

4, 5 *C* ست.

15, 2 *C* falta و; 2 *B* استعانة.

18, 5 *C* جدة.

وغيرهما فى نحو اثنى عشر غرابًا واخذوا برشة للافرنج واصلة من بنجالة فيها الارز والسكر قبالة فتّان وفى يوم السبت الثامن من جمادى الاخرى سنة ستّ وسبعين خرج من فتّان اهل الغربان من اهل فتّان وفندرينة وغيرهما فى سبعة عشر غرابًا فيهم كتّ پوكر واخذوا برشةً كبيرةً خرجت من كشى فيها نحو الف من الافرنج الشجعان والمتنصّرين معهم وعبيدهم باستعداد تامّ فيها مالٌ جليلٌ قبالة شاليات ووقت الحرب وقعت النار فى البرشة فاحترقت وحصل للمسلمين بعض المدافع الكبار ووقع فى حبسهم اكثر من مائة افرنجى من الشجعان والكبراء غير الخدّام والعبيد والباقون هلكوا واغرق بعضهم واحترق الاخرون والحمد لله على ذلك وعقب ماضى ايّام من هذا خرجوا الى طرف قائل واخذوا اثنين وعشرين مركبًا من مراكب الافرنج ومن تنصّر معهم مملوّة ارزًا وصلت من قائل واطرافها

1, 6 *C* غربا.

5, 4 *B A* بوكر.

8, 1–3 *C* ووقعت الحرب ووتعت.

11, 3 *C A* falta و.

12, 4 *C* مضىّ; 4 *B A* مضى; 8 *C* اخرجوا.

13, 1 *C* قاتل.

14, 8 *C* قاتل.

وغربانهم واسروا كثيرين وحصل للمسلمين اموالٌ كثيرةٌ منهم واراهم الله اثار النصر والفتح خلاف ما كانوا عهدوا اوّلاً فى حروبهم من غلبة الافرنج عليهم واخذوا ايضا جملةً كثيرةً من مراكب كفرة جزرات وكنكن وغيرهم وقلّ اسفار الافرنج الّا باحتراس تامّ او بين غربان ومراكب كثيرة فلمّا قلّ مال الكفرة شرعوا فى نهب اموال المسلمين ظلمًا وعدوانًا والسبب الاكثرىّ فى ذلك انّ اكثر اهل الغربان ضعفاء ليسوا باصحاب الاموال الكثيرة ولذا غالب الغربان مشترك بين جماعة فاذا لم يحصل لهم من اموال الكفرة ما يفى بمصروفهم اخذوا ما وجدوه ولو مال المسلم حتى يحصل لهم مثل ما صرفوه مع انّهم يعاهدون وقت خروجهم ان لا يتعرّضوا لمال المسلم فاذا اخذوا مال المسلم لا يردونه الى صاحبه اذ ليس فيهم من يحكم عليهم بالقوّة وراى البلد ياخذ قسطًا ممّا ياخذونه وقُلّما ينفع فيهم النهى المجرّد الّا من كان ملازمًا للتقوى وقليل ما هم وفى العشر الاوسط من رمضان سنة اربع وسبعين خرج من فتّان اهل فتّان وفندرينة

4, 2 *C* المراكب.

9, 11 *C A* بقى.

13, 1 *C* صاحب.

14, 2 *C* قطا; 5 *C B A* قلّما (compare-se com كُلّما); 9 *C* والمجرد.

16, 6–7 *A* faltam.

اخذوا فى كووه جمعًا كثيرين من تجار المسلمين الحبوش والزموهم بالرجوع الى النصرانيّة واذوهم حتى تنصّر اكثرهم ظاهرًا وخرجوا منها بما معهم من الاموال ثم رجعوا الى الاسلام بحمد الله ولكن امراةً حبشيّةً الزموها بذلك فابتْ وامتحنتْ حتى قُتلتْ بذلك رحمها الله *

الفصل الثانى عشر فى سبب الاختلاف بين السامرى والافرنج وخروج الاغربة لمحاربتهم *

ولمّا تعدّد منهم هذا الفعل وامثاله وقلّت حيلة المسلمين بانقطاع سفرهم انتدى جماعة من اهل پدفتن وترکوڈ وفندرينة وغيرها فى تهيئة غربان صغار وآلات حرب وخرجوا فى البحر بغير اوراقهم وجاهدوهم واخذوا جملة من غربانهم ومراكبهم ثم من اهل كاپكات والبندر الجديد وكاليكوت وفتّان من رعايا السامرى واخذوا كثيرًا من مراكبهم

3, 3 *C A* اوخرجوا.

5, 5 *C* رحمهما.

6, 1-3 *A* فصل.

8, 7 *C A* قتلت.

9, 3 *C B A* افتدب; 7 *A* فدفتن; 8 *C* وترکواد.

10, 1 *B* فندرينه.

12, 5 *B* کاپکاد.

اسفار البحر الّا بامانهم واوراقهم وكثرت تجاراتهم ومراكبهم وقلّت تجارات المسلمين الّا فى مراكبهم والقلعات التى بنوها لم ياخذها احد الّا السلطان المجاهد السلطان علىّ الاشىّ نوّر الله مرقده فانّه فتح شمطرة وجلع جعلها دار اسلام جزاه الله عن المسلمين خير الجزاء والّا السامرى راعى بندر كاليكوت فانّه فتح قلعتىْ كاليكوت وشاليات والّا راعى سيلان فانّه فتح جملة من القلاع التى بنوا فيها ولكنها غير مستحكمه كغيرها وكان الافرنج اوّلاً يراعون امانهم واوراقهم فما كانوا يوذون اصحاب المراكب الذى هو فيه ورقتهم الّا بسبب من الاسباب ثم من سنة ستّين تقريبًا صاروا يعطون اصحاب المراكب الورقة عند السفر واذا ظفروا بهم فى الباحة اخذوا المركب وما فيه وقتلوا من فيه من المسلميں وغيرهم شرّ قِتْلة ذبحًا واغراقًا بربطهم بالحبال وادخال كثيرين منهم فى امثال الشباك واغراقهم فى البحر وفى سنة سبعين او ما قبلها

4, 9 *C* الاسلام.

7, 10 *B* مستحكمة.

8, 6 *A* اماناتهم.

9, 5 *C A* falta.

12, 1 *C A* المراكب.

13, 5 *C* بالحبل.

14, 1 *B* مثال.

كثيرة من سيلان ووصلوا الى الصين وصارت التجارة لهم فى هذه البنادر وغيرها وتجار المسلمين فيها متذلّلون مطيعون لهم كالخدمة لا يمكن لهم التجارة الّا فيما قلّت رغبتهم فيه وامّا ما رغبوا فيه من البضائع وكثرت فائدته فهو مختصّ بهم لا يمكن لغيرهم التجارة فيه ففى اوّل امرهم قطعوا عن المسلمين من التجارة تجارة الفلفل والزنجبيل ثم تجارة القرفة والقرنفل والبسباس وغيرها ممّا الفائدة فيه اكثر ومن الاسفار سفر برّ العرب وملاقة واشى وڊناصرى وغيرها فلم يبق لمسلمى مليبار الّا تجارة الفوفل والنارجيل والثوب ونحوها والاسفار جزرات وكنكن وشولمندل اطراف قائل وايضا بنوا قلعتهم لمنع الارز من اهل مليبار فى هنّور وباسلور ومنجلور فانّ الارز يجلب منها الى مليبار وكووه وكذا الى برّ العرب وهم خذلهم الله صاروا يجلبون البضائع من اقاصى الاراضى وامتلؤا اطراف الاقطار وكثروا وانقادت لهم رعاة البنادر حتى صار الحكم فيها حكمهم وانقطعت

2, 2 *C A* هذا.
3, 10 *C* رغيبتهم.
5, 1 *C* لهم.
7, 1 *B* قرفه.
8, 7 *C A* ودناصرى. ڊ = ط. Cf. Lepsius, pp. 318 e 320.
9, 6 *A* القرنفل.
12, 1 *B* منچلور.

وقبل دخولهم فى امينى وصلوا الى شيتلاكم وقتلوا بعض من فيها وسبّوا بعضهم واهل تلك الجزائر كلّهم غُفّل لاسلاح لهم وليس فيهم من يقاتل ومع هذا استشهد منهم جماعة منهم قاضيها وكان رجلاً فاضلاً صالحًا مسنًّا رحمه الله وامراةً صالحةً وهم مع انّهم ليس لهم سلاح تسبّبوا فى شهادتهم فرموهم بالتراب والاحجار وضربوهم بقطع من الاخشاب حتى قتلوهم رحمهم الله رحمةً واسعةً وجزائرها كثيرة ولكن كبارها التى هى مدنها خمس جزائر امينى وكورديب واندرو وكلفينى وملكى ومن الصغار كثيرة العامرة منها اكتى وكنجمنجلا وكلتن وشيتلاكم والله سبحانه وتعالى لمّا اراد امتحان عباده اهل الافرنج ومكّنهم فى كثير من البنادر كبنادر مليبار وجزرات وكنكن وغيرها واستولوا بحكمتهم واجتماع رائهم على كثير من البلدان فبنوا القلعة فى هرموز ومسكت وديو محل وشمطرة وملاقة وملوكو وميلاپور وناك فتن والاخيران من بنادر شولمندل وبنادر

2, 1–3 *C* بعضهم ; 9 *C A* لاصلاح.

3, 2 *C A* falta و.

5, 10 *C A* قوّموهم.

8, 6 *B A* كلتى.

9, 5 *C B* اكتى; 6 *C B* falta و.

12, 4 *C* اذانهم.

13, 9 *A* ملوكوت.

14, 1 *C A* falta و; 2 *C* فليكات ; 2 *A* ميلانور; 5 *C* falta.

الفصل الحادى عشر فى مصالحة السامرى الافرنج مرّة خامسة *

ولمّا تمادى امر الافرنج على هذا المنوال وازداد ضعف المسلمين وفقرهم صالحهم السامرى وسافرت رعيته باوراقهم كغيرهم وكان الصلح فى اوّل سنة ثلاث وستّين وبعد نحو سنتين فاكثر منها وقع الاختلاف بين الافرنج وبين مسلمى كنّنور ودرمفتن وما حواليهما وكانوا على الاختلاف دون سنتين ثم صالحوهم فسافروا باوراقهم كما تقدّم من عادتهم وقد اجتهد فى جهادهم ايّام الخلاف المقدّم الكبير علىّ آذراجا وفقه الله الخيرات وسعى فى ذلك سعيًا بليغًا وصرف اموالاً ولكن لم يوافقه فى ذلك راعيها كولترى وسائر اهل بلاده وفى تلك الايّام ذهب الافرنج الملاعين خذلهم الله فى غربان الى جزائر مليبار المتعلّقة بآذراجا ارغامًا له ونزلوا فى جزيرة امينى وقتلوا من اهلها جمعًا كثيرين وسبّوا منهم اكثر من اربع مائة نفس من رجالهم واناثهم ونهبوا اكثر ما فيها من الاموال واحرقوا اكثر بيوتها ومساجدها

1, 2 *A* فصل.

5, 7 *B A* ثلث.

6, 1 *C* سنين.

8, 1 *C* سنين; 3 *C* صانوهم.

11, 9 *B* كوكترى.

فى استعداد عظيم ونزلوا فى تركوڈ واحرقوا اكثر بيوتها ودكاكينها والمسجد الجامع الذى فيها وذلك فى صبيحة يوم السبت الرابع عشر من شوّال من السنة المذكورة وفى ثانى ذلك اليوم نزلوا فى فندرينة واحرقوا اكثر بيوتها ودكاكينها والجامع الذى كان من اوّل ما عمر فى مليبار وفى صبيحة يوم الخميس بعده نزلوا فى فتّان واحرقوا اكثر بيوتها واربعة مساجد منها الجامع الكبير الذى فيها واستشهد فى كلّ من البلدان الثلاثة جمعٌ وفى اخر جمادى الاخرى سنة ستّين وصل خبر وفاة الرئيس علىّ الرومىّ شهيدًا فى حرب الافرنج قبالة كِرْكِرَ ووقوع الاغربة التى كانت معه فى قبضتهم اهلكهم الله هلاك عاد وثمود انّا لله وانّا اليه راجعون ذلك تقدير العزيز العليم وقبل ذلك اخذ بعض مراكب الافرنج ونزل فى فُنّ قائل قرية قريب قائل وكان يسكن فيها الافرنج وحاربهم وهزم من فيها من الافرنج وخرّبها وفى رجب من سنة ستّين وصل يوسف التركىّ من ديو محل الى فتّان فى غير الموسم بالمدافع الكبيرة التى اخذها من الافرنج الساكنين فيها *

4, 6–8 *B* faltam. O ms. *A* apresenta tambem varias lacunas nas nove linhas anteriores.

6, 2 *A* الخمس.

13, 5 *C A* قاتل.

16, 7 *C* الكبير.

[illegible]

[illegible] A significação [illegible]
de Dozy, no Supplément aux dictionnaires arabes, não convém.

الفصل التاسع فى مصالحة السامرى لافرنج مرّةً رابعةً *

وذلك انّ الافرنج جاءوا الى السامرى للصلح فصالحهم وكان السامرى حينئذ فى فنّان وكان راعى تانور وراعى كڊنكلور حاضرين فى الصلح وساعيين فيه وكان الصلح فى شهر شعبان سنة ستّ واربعين فشرع رعاياه فى السفر برقعاتهم ثم فى ثامن شهر محرّم الحرام سنة ثنتين وخمسين قتل الافرنج المقدّم الكبير الذى فى كتّنور وهو ابو بكر علىّ مع صهره كنج صوفى والاوّل خال علىّ آدِراجا والثانى ابوه رحمهما الله ووقع الخلاف بينهم ايّامًا ثم صالحوهم *

الفصل العاشر فى وقوع الخلاف بين السامرى والافرنج *

وسببه انّه وقع الاتّفاق فى اوّل محرّم سنة سبع وخمسين بين السامرى وبين واحد من رعاة مليبار اكبر معينى راعى كشى ومملكة قريب كشى فى جنوبيها يسمّيه الافرنج صاحب الفلفل لما انّه يجلب من بلاده كثيرًا وصار من جمله

3, 6 *C* falta.

5, 9 *A* برفقاتهم.

6, 8 *C A* ثنين.

10, 1–2 *A* فصل.

13, 7 *C A* جنوبها.

14, 9 *C* falta.

معينى السامرى واعطى السامرى مملكته وٱلتَمَسَ من السامرى ان يجعل اخاه رابعًا له وهو من يصير سامريًا بعد موته وبعد موت اثنين بعده فجعله رابعًا كما تقدّم من انّه من عادة اهل مليبار فلمّا رجع صاحب الفلفل الى بلده وصل اليه راعى كشى والافرنج لحربه ووقع الحرب حتى هلك بالحريق وكان ذلك فى جمادى الاولى من تلك السنة ولمّا وصل خبر هلاكه خرج السامرى من غير توقّف من كاليكوت لمحاربتهم ووصل الى بلد صاحب الفلفل وحارب الافرنج وراعى كشى وصرف اموالًا جزيلةً ورجع لا عليه ولا له وفى ثامن جمادى الاخرى منها دخل جمع كثير من عساكر صاحب الفلفل فى كشى مع حيلولة النهر بينهم وبينها واحرقوا كثيرًا من بيوتها وحصلت الخسارة العظيمة لاهلها بذلك وانّما فعلوا هذا لكون راعيهم هلك فى حرب راعى كشى والافرنج آخذهم الله اخذ عزيزٍ مقتدرٍ وبهذا السبب وقع الاختلاف بين السامرى والافرنج فخرجوا من كووه

1, 6 *C* falta.

2, 3 *C* رايعا.

3, 5 *C* رايعا.

6, 5-6 *C A* جماد الاول.

10, 4 *C* الاخر; 7 *C* جميع.

11, 6 *C B A* حيلولة formado como عيلولة e قيلولة. A significação de Dozy, no *Supplément aux dictionnaires arabes,* não convem.

الفصل التاسع فى مصالحة السامرى الافرنج مرّةً رابعةً *

وذلك انّ الافرنج جاءوا الى السامرى للصلح فصالحهم وكان السامرى حينئذ فى فنّان وكان راعى تانور وراعى كپنكلور حاضرين فى الصلح وساعيين فيه وكان الصلح فى شهر شعبان سنة ستّ واربعين فشرع رعاياه فى السفر برقعاتهم ثم فى ثامن شهر محرّم الحرام سنة ثنتين وخمسين قتل الافرنج المقدّم الكبير الذى فى كنّنور وهو ابو بكر علىّ مع صهره كنج صوفى والاوّل خال علىّ آدِراجا والثانى ابوه رحمهما الله ووقع الخلاف بينهم ايامًا ثم صالحوهم *

الفصل العاشر فى وقوع الخلاف بين السامرى والافرنج *

وسببه انّه وقع الاتّفاق فى اوّل محرّم سنة سبع وخمسين بين السامرى وبين واحد من رعاة مليبار اكبر معينى راعى كشى ومملكة فريب كشى فى جنوبيها يسمّيه الافرنج صاحب الفلفل لما انّه يجلب من بلاده كثيرًا وصار من جمله

3, 6 *C* falta.

5, 9 *A* برفقاتهم.

6, 8 *C A* ثنين.

10, 1–2 *A* فصل.

13, 7 *C A* جنوبها.

14, 9 *C* falta.

ابراهيم مركار رحمه الله رحمةً واسعةً وفى منتصف شهر شوّال من تلك السنة اخذ الافرنج اهلكهم الله اغربة اهل كايكات مقابل كنّنور *

الفصل الثامن فى وصول سليمان باشة الى ديو ونواحيها *

وقد وصل فى تلك السنة سليمان باشه وزير السلطان سليمان شاه المذكور فى استعداد عظيم تامّ فى نحو مائة من الغربان والبرشان وغيرهما الى بندر عدن وقتل سلطانها الشيخ عامر بن داود رحمه الله مع بعض كبرائها وجعلها فى قبضته ثم وصل الى جزرات فشرع فى حرب ديو وكسر اكثر القلعة بالمدافع العظام السلطانيّة ثم القى الله هيبة الافرنج فى قلب سليمان باشه فرجع من غير فتح الى مصر ثم الى الروم وذلك ما قدر الله سبحانه امتحانًا لعباده ثم انّ الافرنج اصلحوا المنكسر من القلعة واحكموها احكامًا بليغًا تامًّا وبعد سنة من موت علىّ ابراهيم مركار رحمه الله خرج فقيه احمد مركار واخوه كنج علىّ مركار فى احد عشر غرابًا الى سيلان فوصل اليهم الافرنج وقاتلوهم واخذوا الغربان التى كانت معهما واستشهد من استشهد وخرج الباقون معهم المقدمان المذكوران الى راعى سيلان فقتلهما غيلةً انّا لله وانّا اليه راجعون *

4, 1–2 *A* فصل.

راد لمراده وفى سنة اربع واربعين نزل الافرنج فى پرونور وقتلوا كتّ ابراهيم مركار ابن عمّ علىّ ابراهيم مركار واخرين معه واحرقوها ورجعوا مع انّهم مصالحون راى تانور ورعاياه وهم اهل تانور وپرونور مسافرون فى البحر باوراقهم وسببه انّه سفر المركب الى بندر جدّة بالفلفل والزنجبيل بغير اوراقهم فان بعض الامور اليهم السفر بالفلفل والزنجبيل خصوصًا الى بندر جدّة وخرج السامرى الى كپنكلور لحرب الافرنج وراى كشى ووقع الحرب ايّامًا ثم القى الله هيبتهم فى قلب السامرى فرجع منها من غير شئ ثم انّ الافرنج بنوا فيها قلعةً وصارت حاجزًا عظيمًا للسامرى عنهم ثم خرج علىّ ابراهيم مركار وفقيه احمد مركار واخوه كنج علىّ مركار رحمهم الله فى اثنين واربعين غرابًا الى طرف قائل فلمّا وصلوا الى بيتاله ونزلوا فيها وتركوا فيها غربانهم ولبثوا فيها ايّامًا وافسدوا وصل الافرنج فى غربان اليهم وحاربوا واخذوا جميع الغربان التى كانت معهم بحكم الله وقدره واستشهد من استشهد وكان اخذها فى اخر شعبان سنة اربع واربعين وخرج الباقون من بيتاله الى مليبار فلمّا وصلوا الى نَلَّاَيْظِ فى اثناء الطريق توفّى علىّ

5, depois de 6 *C* a **7**, 5 *C* falta.

8, 7 *B* falta.

17, 8 *C* بيثاله.

دهلى وولايتها الى جزرات وخرّب بعض مدائنها وانهزم بهادر شاه رحمه الله فارسل الى الافرنج خوفًا من همايون پادشاه طالبًا لاعانتهم فوصلوا اليه مسرعين ووقع بينه وبينهم الاتّفاق والصلح فاعطاهم بنادر من بنادره مثل وسى وبهايم وغيرهما فتملّكوها واضافوا اليها ما قاربها من البلدان والاراضى وحصل بذلك لهم فوائد كثيرة وعظم امرهم وسلم ديو اليهم وامرهم باحكامها وجعل نصف عشورها لهم فاحكموها وحصّنوها وكانت الافرنج يتمنّون قبل ذلك حصولها فى قبضتهم ووصلوا اليها مرّات بهذا القصد فى زمان مالك اياس ثم فى زمان اولاده فما تمكّنوا مان ذلك بل رجعوا خائبين باذن الله تعالى فلمّا وافق ارادتهم ارادة الله تعالى سهل ذلك عليهم ثم قدّر الله سبحانه وتعالى فوّته على ايديهم فقتلوه وفقد جسده فى البحر انّا لله وانّا اليه راجعون وكان امر الله قدرًا مقدورًا وكان قتله فى ثالث رمضان سنة ثلث واربعين فلمّا استشهد السلطان بهادر شاة تملّكوا ديو جميعها واستقوا ذلك تقدير العزيز الحكيم لا دافع لقضاء ولا

1, 6 *C* مرابها.

4, 8 *B* وشى; 9 *C A* مهاثم; 9 *B* مهايم. Damos no texto a lição do ms. da Sociedade Asiatica, de Londres.

11, 5 *A* وفق.

13, 2 *C A* وقد.

16, 1 *C A* واسنقوا.

على اعطاء الاراضى التى له قريب فتّان والجزيرة التى له عند شاليات للسامرى وكان الافرنج الذى جاء من كشى لبناء قلعة شاليات متوسّطًا فى الاصلاح بينهما وعقب وقوع الصلح بينهما جاء خواجة حسين سنجقدار الرومىّ وكنج علىّ مركار اخو الفقيه احمد مركار فى اغربةٍ بهدايا عظيمة من السلطان بهادر شاه للسامرى وبمال للطلب مسلمى مليبار اليه ليخرجوا الى جزرات لمحاربة الافرنج فى البحر فلم يتمّ ذلك وكان دخولهما فى كاليكوت فى سادس عشر ربيع الاوّل سنة احدى واربعين *

الفصل السابع فى صلح السلطان بهادر شاه مع الافرنج واعطائه بنادر لهم رحمه الله *

وذلك انّه فى اواخر تلك السنة توجّه السلطان همايون پادشاه بن بابر پادشاه نوّر الله مرقدهما بعد ما ملك

1, 9 *B* falta.

3, 5 *C* falta.

4, 8 *B* وكنج.

6, 7 *C A* لطلب.

8, depois de 10 *B* من.

10, 1-2 *A* faltam.

11, 4 *C A* رحم.

13, 6 *C* falta.

دهلى وولايتها الى جزرات وخرّب بعض مدائنها وانهزم بهادر شاه رحمه الله فارسل الى الافرنج خوفًا من همايون پادشاه طالبًا لاعانتهم فوصلوا اليه مسرعين ووقع بينه وبينهم الاتّفاق والصلح فاعطاهم بنادر من بنادره مثل وسى وبهايم وغيرهما فتملّكوها واضافوا اليها ما قاربها من البلدان والاراضى وحصل بذلك لهم فوائد كثيرة وعظم امرهم وسلم ديو اليهم وامرهم باحكامها وجعل نصف عشورها لهم فاحكموها وحصّنوها وكانت الافرنج يتمنّون قبل ذلك حصولها فى قبضتهم ووصلوا اليها مرّات بهذا القصد فى زمان مالك اياس ثم فى زمان اولاده فما تمكّنوا مان ذلك بل رجعوا خائبين باذن الله تعالى فلمّا وافق ارادتهم ارادة الله تعالى سهل ذلك عليهم ثم قدّر الله سبحانه وتعالى فوّته على ايديهم فقتلوه وفقد جسده فى البحر انّا لله وانّا اليه راجعون وكان امر الله قدرًا مقدورًا وكان قتله فى ثالث رمضان سنة ثلث واربعين فلمّا استشهد السلطان بهادر شاة تملّكوا ديو جميعها واستقوا ذلك تقدير العزيز الحكيم لا دافع لقضاء ولا

1, 6 *C* مرابها.

4, 8 *B* وشى; 9 *C A* مهائم; 9 *B* مهايم. Damos no texto a lição do ms. da Sociedade Asiatica, de Londres.

11, 5 *A* وفق.

13, 2 *C A* وقد.

16, 1 *C A* واسنقوا.

على اعطاء الاراضى التى له قريب فتّان والجزيرة التى له عند شاليات للسامرى وكان الافرنج الذى جاء من كشى لبناء قلعة شاليات متوسّطًا فى الاصلاح بينهما وعقب وقوع الصلح بينهما جاء خواجة حسين سنجقدار الرومىّ وكنج علىّ مركار اخو الفقيه احمد مركار فى اغربة بهدايا عظيمة من السلطان بهادر شاه للسامرى وبمال للطلب مسلمى مليبار اليه ليخرجوا الى جزرات لمحاربة الافرنج فى البحر فلم يتمّ ذلك وكان دخولهما فى كاليكوت فى سادس عشر ربيع الاوّل سنة احدى واربعين *

الفصل السابع فى صلح السلطان بهادر شاه مع الافرنج واعطائه بنادر لهم رحمه الله *

وذلك انّه فى اواخر تلك السنة توجّه السلطان همايون پادشاه بن بابر پادشاه نوّر الله مرقدهما بعد ما ملك

1, 9 *B* falta.

3, 5 *C* falta.

4, 8 *B* وكنج.

6, 7 *C A* لطلب.

8, depois de 10 *B* من.

10, 1-2 *A* faltam.

11, 4 *C A* رحم.

13, 6 *C* falta.

فشكى المسلمون اليه فاجاب بانّ راعى بلدكم باع لنا المسجد وموضعه فرجعوا محزونين وبعد ذلك جمعوا فى مسجد صغير بعيد عنهم ثم انّ الملاعين حفروا قبور المسلمين واخذوا احجارها لاتمام بناء قلعتهم وقبل تمام بنائها مات ذلك السامرى وتولّى اخوه المذكور مملكته وانقطع امر الصلح ثم انّه حارب راعى شاليات وخرّب بلدانه حتى دان السامرى وصالحه على ما يقتضيه عرفهم وفى تلك السنة وصل الامير مصطفى الرومىّ من مخا الى ديو جزرات بمدافع واموال جزيلة وكان الملك توغن بن مالك اياس متولّيًا فيها من جهة السلطان بهادر شاه وبعد وصوله اليها وصل الافرنج اليها بقصد اخذها فحاربهم الامير مصطفى الرومىّ المذكور ورماهم بالمدافع العظيمة فانهزموا باذن الله خائبين ذليلين خائفين *

الفصل السادس فى صلح السامرى مع الافرنج مرّة ثالثة *

وكان ذلك فى سنة اربعين صالحهم السامرى بشروط منها الاجازة فى تسفير اربعة مراكب الى برّ العرب من كاليكوت فسافرت المراكب فى ذلك الموسم الى برّ العرب وسافر رعاياه الى سائر البلدان باوراقهم ثم خرج السامرى لحرب راعى تانور فحاربه واتعبه حتى وقع الصلح بينهما

10, 5 *C* falta.

13, 1–2 *A* faltam.

ذا جراءة وهمّة غير مطيع له على العادة المتقدّمة فيما بينهم فحصل لذلك راجى تانور والسامرى ومن وافقهما ما يتعب به من يتولّى بعد ذلك السامرى وهو بناء الافرنج القلعة فى شاليات فانّها ممرّ السامرى وعساكره وسائر المسافرين وبه يتعطّل سفر برّ العرب من كاليكوت فانّ بينها وبين شاليات دون فرسخَين واذن لهم السامرى فى بناء القلعة فى شاليات بعد موافقة راعيها ثم وصل اليها الافرنج فى مركب عظيم واستعداد تامّ مستصحبين معهم آلة بناءها ودخلوا فى نهر شاليات فى اخر ربيع الاخر سنة ثمان وثلثين وبنوا فيها القلعة باستحكام تامّ وهدموا الجامع القديم الذى عمر فى اوّل دخول الاسلام فى مليبار كما تقدّم ذكره مع مسجدين اخرين وعمروا بما فيها من الاحجار القلعة والبيعة وفى اثناء بناء القلعة اخذ واحد من الافرنج حجرًا واحدًا من احجار المسجد الجامع الذى تقدّم ذكره فشكى مسلمون شاليات ذلك الى كبيرهم فجاء هو بنفسه مع جماعته بالحجر والنورة فاصلح ذلك الموضع ببناء الحجر بالنورة فسرّ بذلك المسلمون ورجعوا شاكرين وفى ثانى ذلك اليوم جاءوا فى جمع عظيم وهدموا جميع المسجد الجامع ولم يبقوا منه حجرًا

3, 3 *C* falta. Não entendemos esta phrase.

12, 4 *C A* falta.

14, 6 *B* فشكو; 7 *C B* مسلموا; 7 *A* مسلمو.

الاموال وسلم ما كان فى بروج وايضا وقع بقبضتهم قبل ذا التاريخ اكثر الغربان التى اشتغلها السلطان بهادر شاه الجزراتىّ نوّر الله مضجعه لمجاهدتهم وكذا اكثر غربان المليباريّين بمرّات بتقدير الله وحكمه الغالب انّا لله وانّا اليه راجعون حتى ضعف المسلمون وافتقروا *

الفصل الخامس فى بناء الافرنج قلعتهم فى شاليات وصلح السامرى معهم مرّة ثانية *

وذلك انّ واحدًا من كبراء الافرنج خرج من كشى فى طريق البرّ باسم الصلح خديعةً ومكرًا باستئذان من السامرى وكان فى غاية المكر والدهاء والحيلة وبينه وبين بعض كبراء تجار المسلمين معرفة ومعاملة ايّام الصلح السامرى ووصل الى فتّان ثم الى راعى تانور وجلس عنده حتى اصلح بينه وبين السامرى فانّ السامرى الذى فتح قلعة كاليكوت كان ضعيفًا وقليل العقل ومداومًا على استعمال المُسْكِر وكان اخوه نبيادر وهو الذى يتولّى مملكة السامرى بعد موته قويًّا

5, 1–7 *B* faltam.

6, 1–2 *A* faltam.

8, 3 *C A* واحد.

9, 5 *C A* وخديعة; 7 *C A* باسيداء; 7 *B* باسيذان. Lemos assim com o ms. da Sociedade Asiatica, de Londres.

11, 1 *C* پتبيادر; 1 *A* بنقاقة; 8 *A* falta.

باجمعهم وتخريب فنّان وخرج الافرنج بهذا القصد من كشى فى مراكب وغربان مستعدّين مستصحبين معهم الاجار والنورة وارسوا عند فنّان فمن فضل الله تعالى هبّتْ ريحٌ شدبدةٌ حتى سقطتْ مراكبهم فى جنوبى بلينكوت ولم يسلم منها الّا غرابٌ واحدٌ صغيرٌ وهلك جمّ غير منهم ومن اتباعهم وعبيدهم غرق من غرق ومن طلع منهم الى البرّ قتلهم المسلمون وسلم جمع كثيرون من الماسورين عندهم وحصل للسامرى مدافعهم الكبار وخيّب الله امال الافرنج واعوانهم رحمةً منه وفضلًا ثم فى سنة سبع او ثمان وثلثين سافر رعايا السامرى وغيرهم فى ثلثين غرابًا تقريبًا فيهم علىّ ابراهيم مركار وابن عمّه كتّ ابراهيم مركار وغيرهما من الكبراء الى جزرات للتجارة فدخل اكثرها فى جوجارى وسورت وبعضها فى بروج فقصدهم الافرنج فى غربان ومراكب فدخلوا فى نهر جوجارى وسورت واخذوا ما كان فيها من الغربان واكثر

2, 6 *C A* مصحبين.

3, 1 *B* والنور; 9 *C* هيت.

4, 7 *C A* بكينكوت.

5, 1 *C* سلم.

7, 3 *C* جميع.

11, 4 *C A* كتب.

13, 2 *B* پروج.

عشر محرّم الحرام سنة اثـنتيـن وثلثين وقـتـل من ابـتـداء الحرب الى الفتح من نيّار السامرى والعمّال والمسلمين اكثر من الفى نفس فازداد بفتح القلعة غيظهم وعداوتهم للسامرى والمسلمين واستدام ذلك مدّةً طويلةً وبعد ما اتّفق المسلمون على حرب الافرنج هيّأوا غربانًا صغارًا وخرجوا فى اسفارهم الى جزرات وغيرها بغير اوراقهم مستعدّيـن للحرب بالفلفل والزنجبيل وغيرهما فسلم بعضها والاكثر وقع فى قبضة الافرنج او سقط فى البرّ بسببهم فالدرمفتنيّون ومن تابعهم صالحوهم فى اخر ذلك الموسم وسافروا باوراقهم على عادتـهـم المتقدّمة فى مصالحة الافرنج وامّا رعايا السامرى ومن تبعهم فداموا على مخالفتهم لهم سنين عديدة حتى ضعفوا وافتقروا وفى سنة خمس وثلثين تـقـريـبًا سقط مركب من مراكب الافرنج عند تانور فى اوائـل ايّام المطر فآواهم راعيها اليه فارسـل السامرى اليه يطلب منه الافرنـج الذيـن كانوا فيه والمال الذى كان فيه فلم يردّ اليه شيـًا من ذلك ثم وقع الصلح بينهم وبيـن راى تانور وسافر راعـايـاه باوراقـهـم واتّفق هو والافرنج على بناء الافرنج قلعتهم فى شماك نهر فنّان المتعلّق براى تانور لاضرار السامرى والمسافرين

1, 6–7 *C* اثنين.

18, 5 *B A* الاضرار.

من كشى فى استعداد عظيم ونزلوا فى فنّان صبيحةَ يوم السبت الثالث من جمادى الاولى من السنة المذكورة واحرقوا اكثر بيوتها ودكاكينها وبعض المساجد وقطعوا اكثر اشجار النارجيل التى فى ساحل نهرها واستشهد من استشهد وخرجوا منها فى الليلة الثانية ووصلوا الى فندرينة واخذوا من هنالك من الغربان نحو اربعين لاهل فندرينة وغيرها واستشهد من استشهد ولمّا وقعت الفتنة فى كاليكوت بين الافرنج وبعض مسلمى فندرينة وعزم السامرى على محاربتهم وكان السامرى اذذاك غائبًا الى مسافة بعيدة فى حرب بعض اعدائه ارسل وزيره الكبير المسمّى باليذ للقيام بمحاربتهم فسعى فى حربهم سعيًا بليغًا وصرف اموالًا جزيلةً وحاصرهم المسلمون ونيّار السامرى ووصل اليها المسلمون للجهاد فى سبيل الله من بلدان كثيرة ثم وصل السامرى بنفسه الى كاليكوت ونفد ما عندهم من القوت وانقطع طمعهم من وصوله اليهم من خارج القلعة فطلعوا جميع ما فيها فى مراكبهم وقطعوا القلعة من الداخل بحيث لا يتبيّن لمن هو فى خارجها وركبوا فى مراكبهم وذهبوا وكان ذلك فى سادس

2, 5 *A* الاول.

9, 4 *C* عاما.

14, 9 *A* a **15**, 6 *A* falta,

لافرنج ولا يصالحوهم باذن من السامرى ورضاه وكان ذلك سنة احدى وثلثين ثم خرج اهل هذه البلدان الى كپنكلور فى غربان صغار دون المائة وقتلوا من اليهود كثيرًا وخرج الباقون الى قرية قريب كپنكلور فى شرقيها واحرق المسلمون بيوتهم وكنائسهم ثم شرعوا فى احراق بيوت نصاريها وبيعهم فوقعت الفتنة بين المسلمين ونيّارها فقتلوا بعض النيّار فلم يتمكّن لمسلميها القرار فيها فانتقلوا الى غيرها من البلدان وفى تلك السنة اتّفق الدرمفتنيّون وهم سكّان درمفتن واڊكاڊ وكتّنور وترونكاڊ وهيلى وچمنپا على مخالفة لافرنج وحربهم وكذا غيرهم وفى تلك السنة ايضا رغب فى حرب لافرنج بعض كبراء كشى من فقيه احمد مركار واخيه كنج علىّ مركار وخالهما محمّد علىّ مركار واتباعهم فخرجوا من كشى وانتقلوا الى كاليكوت ولمّا تحقّق عند لافرنج لعنهم الله مخالفة اكثر المسلمين والسامرى لهم خرجوا

1, 5 *A* falta.

5, 6 *C* الى.

6, 4 *C* التفتنة.

7, 8 *C* فنقلوا.

8, 4 *C* ذلك.

11, 8 *C* فضية.

12, 2 *B* كنچ.

الفصل الرابع فى سبب وقوع الخلاف بين السامرى والافرنج وفتح قلعة كاليكوت ❊

اعلم انّه كان يزداد تعدّيهم وافسادهم فى كاليكوت يوما فيومًا وكان السامرى مغمضًا عن ذلك وطال امره حتى وقعت الفتنة بينهم وبين بعض مسلمى فندرينة فى كاليكوت بتاريخ عاشر محرّم سنة احدى وثلثين فانقطع الصلح وحصل الخلاف والمحاربة وايضا خرج بعض اهل فندرينة وچمنپا وترونكاڊ وپرپورانكاڊ وغيرها فى اغربة صغار مختفين واخذوا من مراكب الافرنج الصغار الخارجة للتجارة نحو عشرة وكان ذلك فى سنة ثلثين وما قبلها وايضا وقعت الفتنة بين مسلمى كڊنكلور ويهودها فقتلوا رجلًا من المسلمين فوقع القتال بينهم فيها فارسلوا الى مسلمى سائر البلدان لاعانهم واخذ الثأر منهم فاجتمع اهل كاليكوت والفندرينيّون وهم سكّان فندرينة وقراها وكاپكات وتركوڊ والشالياتيّون وهم سكّان شاليات وپرپورانكاڊ وترورنكاڊ وتانور وپرونور وفتّان وبلينكوت فى جامع شاليات واتّفقوا على ان يخرجوا الحرب اليهود الى كڊنكلور وعلى ان يحاربوا

4, 8 *C A* امده.

7, 6 *B* falta; 8 *B* چمنبا; 8 *A* جمنپا.

8, 1 A *B C*: será ترورانكاڊ ? 2 *B* وپرپرانكاڊ.

15, 1 *C* والشاليات.

هديّة عظيمة له من راى پرتكال قاصدين اسره فاحسّ به السامرى باشارة بعض الافرنج بذلك فخرج من بينهم باسم قضاء الحاجة الانسانيّة حتى بَعُدَ عنهم وتخلّص من مكرهم باذن الله تعالى وبسبب ذلك اخرجوا ذلك الافرنجى من كاليكوت ونقلوه ومن يتعلّق به الى كنّنور ثم فى محرّم سنه ثلث وعشرين وتسعمائة اخرجوا من كووة باستعداد عظيم فى ثمانية وعشرين مركبًا قاصدين بندر جدّة المحروسة ليتملّكوها ووصلوا الى البندر فتحيّر من ذلك المسلمون وخافوا خوفًا شديدًا وكان الامير سلمان الرومىّ فيها ومعه من العساكر مائتان والغربان التى جهّزها الغورىّ الى مليبار لحربهم متروكة فيها فرماهم اهلها بالمدافع من البرّ فاصابت بعض مراكبهم فرفعوا بشراعهم وارسوا فوق العلم خوفًا من المدافع ثم شردوا فارسل الامير سلمان وراءهم سنبوكَين فيهما ثلثون رجلًا فاخذوا منهم غرابًا صغيرًا فى كمران وفيه اثنا عشر نصرانيًّا ووصلوا بهم الى جدّة ثم انّ الملاعين توهّوا فى كمران لانقطاع الموسم الهندىّ ثم رجعوا الى كووه خائبين باذن الله تعالى وذلك من فضل الله *

1, 3 *C* falta; 9 *C A* فاحسن.

3, 8 *C* ويخلص.

12, 7 *C A* اشراعهم.

17, 7 *C A* falta.

اذا راوا شيًّا منهما فى مركب اخذوه مع ما فيه من الاموال والنفوس وكان يصدر منهم الظلم والايذاء للمسلمين وغيرهم والسامرى مقيم على صلحهم صابر على ايذانهم خوفًا من شرورهم ومع هذا كان يراسل سلاطين المسلمين خفيةً فى الحثّ على التجهيز لمحاربتهم فلم يجد شيًّا لما لم يرد الله تعالى وهم لعنهم الله اهل مكر وخديعة عارفون بمصالح امورهم فيتذلّلون لاعدائهم وقت الحاجة غاية التذلّل واذا نقضت سطوا عليهم بكلّ ممكن وكلّهم على كلمة واحدة لا يخالفون امر كبرائهم مع بعد المسافة عن رعاتهم وكُلّمَا يصدر بينهم الاختلاف ولم يسمع انّ احدًا منهم قتل كبيرهم لاجل الولاية ولذا دانت لهم مع قلّتهم رعاة مليبار وغيرها بخلاف ما عليه عساكر المسلمين وامراؤهم من الاختلاف وطلب الاعتزال على الغير ولو بقتله ثم انّ الافرنج الملاعين بعد ما استقرّوا فى كاليكوت وتمكّنوا طلبوا السامرى الى بيت عند قلعتهم باسم تسليم

1, 6 *B* مراكب.

2, 6 *C* والايداء.

3, 7 *C* ايدابهم.

5, 2 *C A* falta; 8-11 *C* لم. يره الله.

7, 7 *C* تومنت.

9, 6 *A* فالما; 7 *C* يصد.

12, 6 *C B* الاعتلا.

الفصل الثالث فى مصلحة السمرى الافرنج وبنائهم القلعة فى كاليكوت ٭

وذلك انّه لمّا طال زمان المحاربة واشتدّ ضعف المسلمين ومات السامرى الذى كان صرف الاموال الجزيلة فى حروبهم وتولّى اخوه راى انّ المصلحة صلحهم لتحصل لرعاياه المسلمين التجارة كما حصلت لاهل كشى وكنّنور ويزول ضعفهم وفقرهم فصالحهم واذن لهم فى بناء القلعة فى كاليكوت بشرط تمكين رعاياه من تسفير اربعة مراكب الى برّ العرب جدّة وعدن فى كلّ علم فشرع الملاعين فى بناء القلعة باستحكام وشرع رعاياه فى تسفير اربعة مراكب الى برّ العرب بالفلفل والزنجبيل والسعر للتجارة الى جزرات وغيرها باوراقهم كغيرهم وكان ذلك سنة عشرين او احدى وعشرين وتسعمائة فلمّا رجعت المراكب الاربعة الى كاليكوت وتمّ بناء قلعتهم منعوهم من سفر برّ العرب ومن تطليع الفلفل والزنجبيل فى المراكب وجعلوا تجارتهما خاصّة بهم حتى

1, 1–2 A فصل.

5, 1 B حرابهم; 1 A حربهم.

6, 1 C A لرعايات.

7, 7 C falta.

8, 8 C مراكب.

15, 5 C تجارتهم.

المذكور فوصلا بالغربان الى بندر جدّة المحروسة ثم الى بندر كمران فتعلّق الامير حسين بحرب اليمن ونهب بلدانها وعزم الامير سلمان الى بندر عدن ثم رجع الى جدّة فحصل بينه وبين الامير حسين حربٌ فخرج الامير سلمان من جدّة لكون الامير حسين حارب المسلمين ونهب بلدانهم فلذا امسكه سلطان الحجاز الشريف بركات فغرّقه فى البحر وبعد ذلك وصل الخبر الى جدّة بوقوع الحرب بين الغورىّ وبين السلطان سليم شاه الرومىّ رحمهما الله وحصول ما حصل من انكسار الغورىّ وقتله ووقوع مملكته فى قبضة السلطان سليم شاه رحمه الله والله غالب على امره وفى يوم الخميس الثانى والعشرين من شهر رمضان سنة خمس عشرة وتسعمائة نزل الافرنج فى كاليكوت محاربين واحرقوا المسجد الجامع الذى عمّره الناخوذا مثقال ودخلوا بيت السامرى زاعمين انّهم تملّكوا وكان السامرى حينئذ غائبًا لبعض الحروب غيبةً بعيدةً فهجم عليهم من حضر من النيّار وحاربوهم واخرجوهم منه وقتلوا

6, 7 *A* الشريفة.

9, 1 *C* رحمه.

10, 10 *A* falta.

11, 1 *A* falta.

16, 7 *C* falta و.

ووطى المصاحف والكتب بارجلهم واحراقها بالنار وهتك حرمات المساجد وتحريضهم على قبول قول الردّة والسجود لصليبهم وعرض الاموال لهم على ذلك وتزيين نسوانهم بالحلى والثياب النفيسة لتفتين نسوان المسلمين وقتل الحجّاج وسائر المسلمين بانواع العذاب وسبّ رسول الله صلى الله عليه وسلّم جهارًا واسرهم وتقييد اساريهم بالقيود الثقيلة وترديدهم فى السيوق لبيعهم كما يباع العبيد وتعذيبهم حينئذ بانواع العذاب لزيادة العوض وجمعهم فى بيت مظلم منتن مخطر وضربهم بالنعل اذا استنجوا بالماء وتعذيبهم بالنار وبيع بعضهم وتعبيد بعضهم وتعيين بعضهم فى الاعمال الشاقّة بلا شفقة والخروج الى مناتح جزرات وكنكن ومليبار وبرّ العرب مستعدّين والاقامة فيها لاخذ المراكب والاكتساب بذلك اموالًا جزيلةً واسارى عديدة وكم من نساء اصيلات اسروا وتسرّروا بهنّ حتى حصل لهم منهنّ اولاد نصارى اعداء دين الله يوذون المسلمين وكم

1, 2 *C A* المصاعف; 4 *C* بارحلهم; 7 *C* هتك.

3, 7 *C A* وترين.

4, 2 *C* والشياب.

11, 8 *C A* مناتح.

12, 5 *C* مستعدّن.

14, 6 *C A* وسروا; 6 *B* وتسرّوا.

ويقال وفّقهم اميرها وكبراؤها حتى سهل عليهم اخذها ثم بنوا فيها قلاعًا عديدةً منيعةً فازادوا قوّة على قوّة فإنّ الله اذا اراد امرًا بلغه وصارت قوّتهم تزداد عامًا فعامًا وشهرًا فشهرًا *

الفصل الثاني في الاشارة الى شيئ من قبائح افعالهم *

وذلك انّ مسلمي مليبار كانوا في نعمة ورفاهية من العيش لقلّة ظلم رعاتهم ورعايتهم عاداتهم القديمة ورفقهم بهم فبطروا النعمة واذنبوا وخالفوا فلذلك سلّط الله عليهم البرتكاليّين من الافرنج النصارى خذلهم الله تعالى فظلموهم وافسدوا فيهم وفعلوا فعائل قبيحة شنيعة لا تحصى من ضربهم والاستهزاء بهم والضحك عليهم اذا امروا بهم استخفافًا وجعلهم مراكبهم في محالّ الماء والوحل والبصق على وجوههم وابدانهم وتعطيل اسفارهم خصوصًا سفر الحجّ ونهب اموالهم واحراق بلادهم ومساجدهم واخذ مراكبهم

1, 2 *C* وافقهم; 2 *A* رافقهم.

2, 6 *C* فازداد.

3, 9–10 *A* faltam.

4, 1–2 *A* فصل.

5, 8 *A* ورفاهة.

6, 5–6 *B* faltam.

7, 6 *C* سلطه; 6 *A* تسلط; 7 *A* falta.

منهم نحو خمسمائة افرنجى وقد غرق من غرق وهم اكثر ومن سلّم منهم ركبوا فى مراكبهم خائبين باذن الله تعالى وقبل ذا التاريخ او بعده نزلوا فى فتان واحرقوا نحو خمسين من المراكب التى كانت متروكة فى ساحلها واستشهد من المسلمين نحو سبعين رجلاً وكذا نزلوا فى عدن وحاربوا اهلها فنصر الله المسلمين وخذل الافرنج انهزموا باذن الله وخاب قصدهم وكان ذلك فى ايّام الامير مرجان رحمه الله وبعد ما تمكّن الافرنج فى كشى وكننور صالحوا راعى كولم وبنوا فيها قلعةً فإنّ الفلفل يجلب اليها والى كشى اكثر ممّا يجلب الى غيرهما وايضا حاربوا اهل كووه واخذوها عنوةً وتملّكوها وكانت من بنادر عادلشاه جدّ علىّ عادلشاه الاعلى نوّر الله ضريحه وجعلوها دار ملكهم فى الهند واحكموها ثم انّ عادلشاه رحمه الله حاربهم وفتحها واخرجهم منها وجعلها دار اسلام فاخذتْهم لعنهم الله الغيرةُ فوصلوا اليها فى استعداد عظيم وحاربوا حتى اخذوها واستولوا عليها

2, 7 *A* خائفين.

3, 4 *B A* و.

5, 5 *C* falta و.

10, 3 *B* غيرها; 9 *C* غنوة.

11, 6 *C* جدة.

14, 5 *C* فاخذهم.

من سادات وعلماء وكبراء اسروا وعذّبوا حتى قتلوا وكم من مسلمين ومسلمات نصّروا وكم من امثال ذلك من فضائح وقبائح تَكِلُّ الالسنةُ عن ذكرها وتأنف عن افصاحها آخذهم الله اخذِ عزيزٍ مقتدرٍ ثم انّ بغيتهم العظمى وهمّتهم الكبرى قديمًا وحديثًا تغيير دين المسلمين وادخالهم فى النصرانيّة نعوذ بالله من ذلك وانّما صلحهم للمسلمين لضرورة العشرة معهم فانّ اكثر سكّان البنادر التى فى ساحل البحر المسلمون ولذا قال الافرنج الواصلون من پرتكال جديدًا فى بعض المواسم لمّا راوا المسلمين وصورهم فى كشى الى الآن لم يتغيّر صورهم ولاموا كبيرهم حيث لم يغيّرهم عن دينهم يريدون ليطفؤا نوّر الله بأفواههم ويأبى الله الّا ان يتمّ نوره ولوكره الكافرون ولذا قال كبيرهم لراعى كشى أَخْرِجْ المسلمين عن كشى فانّ الفائدة الحاصلة منهم قليلةٌ ويحصل لك منّا الفوائدُ اضعافَ ما يحصل منهم فاجاب بانّهم رعيتنا من قديم الزمان وبهم عمارة بلدنا فلا يمكن لنا اخراجهم وليستْ لهم عداوةٌ الّا للسلمين ولدينهم لا للنيّار ولا لغيرهم من الكفرة *

1, 6 *C A* او.
3, 3 *C A* تكال.
4, 9 *C* العظما.
14, 6 *B A* من.
17, 1 *C* المسلمين.

الافرنج ووقع الحرب فاخذ غرابًا كبيرًا لهم وحصل النصر ورجع بما معه من الغربان الى ديو واقام فيها شهورًا فى ايّام المطر ثم وصل اليه بامر السامرى نحو اربعين غرابًا كلّها صغارًا من بلاد السامرى وغيرها وامّا الافرنج قاتلهم الله فلمّا سمعوا باستقراره فى ديو استعدّوا وخرجوا فى نحو عشرين مركبًا ووصلوا الى ديو فجاءةً فلمّا بلغ الى ديو خبر وصولهم اخرج الامير حسين الغربان التى كانت معه من غير استعداد والمليباريّون غربانهم ومالك اياس غربانه والافرنج لعنهم الله لمّا التقوا ما قصدوا الّا غربان الامير حسين فاخذوا بعض غربانه وطاح البواقى ورجع الملاعين بتقدير الله تعالى وحكمه الغالب الى كشى غالبين ولكن سلّم الامير حسين نفسه وبعض من كان معه وغربان مالك اياس والمليباريّين ثم انّ الامير المذكور رجع الى مصر فاخذتْ الغوريّ الغيرةُ فارسل نحو اثنين وعشرين غرابًا كبيرًا فى استعداد تامّ وامّر الامير سلمان الروميّ مع الامير

1, 3 *C* falta.

2, 9 *C* شهور.

10, 4 *A* وطلع.

11, 1–2 *A* faltam.

15, 7 *B* سليمان, e assim tambem nas outras passagens em que esta palavra apparece, com poucas excepções. Cutbadím tambem lhe chama سلمان (David Lopes, ***Extractos da Historia da Conquista do Yaman,*** pp. 15, 16 e 19).

الافرنج فى كشى وكننور وتمكّنوا اشتغال اهلهما ومن تبعهم بالسفر فى البحر مصالحين لهم آخذين اوراقهم معهم لكلّ مركب علامةً لامانهم ولو صغيرًا وعيّنوا لكلّ ورقة مالاً معلومًا لرعاتهم يعطيهم اياه اصحاب المراكب عند السفر وأروْا ذلك فائدةً لهم ليوافقوهم على ذلك فان وجد الافرنج مركبًا ليس فيه ورقتهم اخذوا المركب وما فيه ومن فيه والسامرى ورعاياه واتباعهم كانوا محاربين لهم وصرف السامرى فى محاربتهم اموالاً كثيرةً حتى ضعف السامرى ورعاياه وكان يراسل سلاطين المسلمين طلبًا لاعانتهم فلم ينفعوا ولكن سلطان جزرات السلطان محمود شاه والد السلطان الفاضل مظفّر شاه وعادلشاه جدّ علىّ عادلشاه الاعلى نوّر الله مرقدهم امر بتهيئة المراكب والغربان ولم يوفّقا للاخراج فى البحر وامّا سلطان مصر قانصو الغورىّ رحمه الله فقد ارسل من امرائه الامير حسينا مع بعض العساكر فى ثلثة عشر غرابًا فوصل بها الى بندر ديو جزرات خرج منها الى بندر شيول ومعه مالك اياس نائب ديو بغربانه فلقى بعض مراكب

4, 8 *C A* وأَدَوْا.

9, 6 *C* طالبًا.

12, 1 *C* من تدرهم.

13, 4–10 *C* پندر ; 6 *C* falta.

16, 5 *C* بغربان.

العشرين او ما قاربها جاءوا فى عشرة مسطريات سبعة منها جديدةً وثلثة كانت مع المسطريات التى وصلت قبل سنة منها ولكنها تأخرت فى الطريق ووصلت مع السبعة ثم سافرت السبعة الى بلادهم بالبضائع وبقيت ثلاثة فى كشى فقصدهم السامرى مع قريب من مائة الف نآئر ومعه جمع كثيرون من المسلمين ولم يمكن له دخول كشى لمحاربة الافرنج بالرمى بالمدافع ولكن جهّز المسلمون من اهل فنّان ثلاثة سنابيق فحاربوهم واستشهد بعضهم وفى اليوم الاخر جهّز اهل فنّان وبلينكوت اربعة سنابيق واهل فندرينة وكاپكات ثلثة سنابيق فحاربوهم محاربةً شديدةً ولم يصب المسلمين فيه شيئٌ ثم لم يتيسّر الحرب لقرب عهد المطر فرجع السامرى ومن معه الى بلادهم سالمين بحمد الله ثم تتابع فى كلّ سنة على هذا المنوال وصول مراكبهم العديدة من پرتكال بالرجال وبالاموال وسفر مراكبهم الكثيرة من مليبار بالفلفل والزنجبيل وسائر البضائع الى پرتكال وبعد ما استقرّ

4, 1 *C* العربى.

4, 5 *C* بالبه نالبه نائع.

6, 1 *C B A* مع.

8, 4 *C* سنابق.

14, 4 *B* وكالاموال.

فيها قلعةً وعاملوا اهلها وسافروا بالفلفل والزنجبيل الى پرتكال وهو مقصودهم الاعظم الذى لاجله قطعوا المسافر البعيدة وبعد سنة منها جاءوا فى اربعة مسماريات ونزلوا فى كشى وكتنور وسافروا الى بلدهم بالفلفل والزنجبيل وبعد سنين منها جاءوا فى عشرين مسماريا او احدى وعشرين او اثنين وعشرين او ثمانية عشر وسافروا الى بلدهم بالفلفل والزنجبيل وسائر البضائع وعظم امرهم ثم قصد السامرى كشى وخربها على ما هو عادته من قديم الزمان وقتل اثنين او ثلثة من رعاتها ورجع الى كاليكوت وسبب كونهم قتلوا لاجل الافرنج صار اولاد اخوانهم مختصّين بمملكة كشى وما حواليها دون سائر قرابتهم بقوّة الافرنج خلافًا لرسمهم القديم تولية الاكبر سنًّا من قراباتهم وصار لهم عزّةٌ وحرمةٌ عندهم واعانوهم كثيرًا فى حروبهم وحوائجهم واعطوهم اموالاً وعيّنوا لهم العشور فى تجاراتهم حتى عظم امرهم وبعد سنة من مجيئ المراكب

4, nesta altura lê-se à margem do ms. *C:* محاربة السامرى راعى كشى وقتل رعاتها.

9, 6–7 *C* قتلهم لاجل.

10, 2 *B A* اخواتهم.

11, 2 *C* a **12**, 1 *C* faltam.

12, 5 *C* وحرمتهم.

13, 4 *C* اموالا.

العشرين او ما قاربها جاءوا فى عشرة مسماريات سبعة منها جديدةً وثلثة كانت مع المسماريات التى وصلت قبل سنة منها ولكنها تاخّرت فى الطريق ووصلت مع السبعة ثم سافرت السبعة الى بلادهم بالبضائع وبقيت ثلاثة فى كشى فقصدهم السامرى مع قريب من مائة الف نآئر ومعه جمع كثيرون من المسلمين ولم يمكن له دخول كشى لمحاربة الافرنج بالرمى بالمدافع ولكن جهّز المسلمون من اهل فنّان ثلاثة سنايق فحاربوهم واستشهد بعضهم وفى اليوم الاخر جهّز اهل فنّان وبلينكوت اربعة سنابيق واهل فندرينة وكاپكات ثلثة سنابيق فحاربوهم محاربةً شديدةً ولم يصب المسلمين فيه شيئٌ ثم لم يتيسّر الحرب لقرب عهد المطر فرجع السامرى ومن معه الى بلادهم سالمين بحمد الله ثم تتابع فى كلّ سنة على هذا المنوال وصول مراكبهم العديدة من پرتكال بالرجال وبالاموال وسفر مراكبهم الكثيرة من مليبار بالفلفل والزنجبيل وسائر البضائع الى پرتكال وبعد ما استقرّ

1, 1 *C* العربى.

4, 5 *C* بالبه نالبه نائع.

6, 1 *C B A* مع.

8, 4 *C* سنابق.

14, 4 *B* وكالاموال.

فيها قلعةً وعاملوا اهلها وسافروا بالفلفل والزنجبيل الى پرتكال وهو مقصودهم الاعظم الذى لاجله قطعوا المسافر البعيدة وبعد سنة منها جاءوا فى اربعة مسماريات ونزلوا فى كشى وكتنور وسافروا الى بلدهم بالفلفل والزنجبيل وبعد سنين منها جاءوا فى عشرين مسماريا او احدى وعشرين او اثنين وعشرين او ثمانية عشر وسافروا الى بلدهم بالفلفل والزنجبيل وسائر البضائع وعظم امرهم ثم قصد السامرى كشى وخربها على ما هو عادته من قديم الزمان وقتل اثنين او ثلثة من رعاتها ورجع الى كاليكوت وسبب كونهم قتلوا لاجل الافرنج صار اولاد اخوانهم مختصّين بمملكة كشى وما حواليها دون سائر قرابتهم بقوّة الافرنج خلافًا لرسمهم القديم تولية الاكبر سنًّا من قراباتهم وصار لهم عزّةٌ وحرمةٌ عندهم واعانوهم كثيرًا فى حروبهم وحوائجهم واعطوهم اموالاً وعيّنوا لهم العشور فى تجاراتهم حتى عظم امرهم وبعد سنة من مجيئ المراكب

4, nesta altura lê-se à margem do ms. *C:* محاربة السمامرى راعى كشى وقتل رعاتها.

9, 6–7 *C* قتلهم لاجل.

10, 2 *B A* اخوانهم.

11, 2 *C* a **12**, 1 *C* faltam.

12, 5 *C* وحرمتهم.

13, 4 *C* اموالا.

بالتجارة بل رجعوا الى بلدهم پرتكال وسبب وصولهم الى مليبار على ما يحكى عنهم طلب بلاد الفلفل ليختصّ تجارته بهم فانّهم ما كانوا يشترونه الّا من الذين يشترونه ممّن يجلبونه من مليبار بوسائط وبعد سنتين منها جاءوا فى ستّة مسماريات ودخلوا فى كاليكوت على هيئة التجّار واشتغلوا بالتجارات وقالوا لعمّال السامرى ينبغى منع المسلمين من تجاراتهم ومن السفر الى برّ العرب والفوائد الحاصلة منهم يحصل منّا اضعافها ثم انّهم تعدّوا على المسلمين فى اثناء المعاملات فامر السامرى بقتلهم فقتل منهم نحو سبعين او ستّين رجلًا وهرب الباقون وركبوا فى مراكبهم ورموا بالمدافع على اهل البرّ واهل البرّ عليهم ثم ذهبوا الى بندر كشى وصالحوا اهلها وبنوا فيها قلعةً صغيرةً وهى اولى قلعة بنوها فى الهند واتّخذوها مسكنهم وهدموا مسجدًا كان فى ساحل البحر وبنوا بيعةً وعاملوا اهلها ثم صالحوا اهل كنّنور وبنوا

1, 6 فرنكال; e assim tambem nas passagens seguintes em que esta palavra apparece; mas anteriormente com پ.

4, 6 *C* سنين.

6, nesta altura lê-se à margem do ms. *C:* سبب وقوع المخالفة بين السامرى والافرنج وصلحهم مع راى كشى وكنّنور.

9, 9 *C* واو.

12, 8 *C B A* اول.

بالتجويع ونحوه ولا يتعرّضون لمن اسلم منهم بأذاى بل يحترمون كاحترام سائر المسلمين ولو كان عندهم من اسافلهم وكان التجار المسلمين فى الزمان القديمة يجمعون له ما يرتفق به *

القسم الرابع فى ذكر وصول الافرنج الى مليبار وشئ من افعالهم القبيحة وفيه فصول *

الفصل الاوّل فى ابتداء وصولهم الى مليبار ووقوع الخلاف بينهم وبين السامرى وبناء قلعتهم فى كشى وكننور وكولم واخذهم بندر كووه وتملّكهم لها *

وذلك انّ ابتداء وصولهم الى مليبار كان سنة اربع وتسعمائة من الهجرة النبويّة وصلوا الى فندرينة فى ثلثة مسماريات بعد انقطاع موسم الهند ثم خرجوا منها الى بندر كاليكوت فى طريق البرّ واقاموا فيها شهور يتعرّفون اخبار مليبار واحوالها ولم يشتغلوا

5, 1–2 *A* فصل.

7, 1–2 *A* فصل.

10, 6 *A* فُشِماريان ou فُتِماريات (?); e assim tambem nas outras passagens em que esta palavra apparece.

امير ذو شوكة يحكم عليهم بل رعاتهم الكفرة يحكمون عليهم بضبط امورهم وتغريمهم المال اذا صدّر من احد منهم ما يقتضى الغرامة عندهم ومع هذا فللمسلمين فيما بينهم حرمةً وعزّةً لانّ اكثر عمارات بلادهم بهم فيمكنون من اقامة الجمع والاعياد ويعيّنون الوظائف القضات والمؤذنين ويعيّنون فى اجراء الاحكام الشرعية بين المسلمين ولا يرخّصون فى تعطيل الجمعة فمن عطّلها اذوه وغرّموه المال فى اكثر البلاد واذا صدّر من مسلم ما يقتضى قتله عندهم قتلوه باذن كبراء المسلمبن ثم ياخذه المسلمون ويغسلونه ويكفنونه ويصلّون عليه صلوة الجنازة ويدفنونه فى مقابر المسلمين واذا صدّر من كافر ما يقتضى قتله قتلوه وصلبوه او تركوه فى مقتله حتى ياكله الكلاب وابناء آوى ولا ياخذون منهم الّا العشور فى التجارات والّا الغرامات اذا صدّر منهم ما يقتضى الغرامة عندهم ولا ياخذون الخراج من اصحاب الزراعات والبساتين ولو كثرت ولا يدخلون داخل بيوت المسلمين بغير اذنهم اذا صدّر منهم جرأةً ولو قتلاً بظلم بل يكفونهم اخراج صاحب الجرأة من بينهم بالملازمة والاضرار

1, 7 *B A* رعايتهم.

10, 3 *C* الجازة.

16, 8 *C* قتل; 11 *B* يكلفونهم.

ذكرهم لمّا دخلوا مليبار وعمروا المساجد فى البنادر المذكورة وفشى فيها دين الاسلام دخل اهلها فى الدين قليلاً قليلاً ووصل اليها التجار من اطراف كثيرة وعمرت بلاد غيرها مثل كاليكوت وبلينكوت وترورانكاڊ ثم تانور ثم فتّان وپرپورانكاڊ ثم پڊونور من حوالى شاليات ومثل كاپكات وتركوڊى وغيرهما من حوالى فندرينة ومثل كتّنور واڊكاڊ وپرّونكاڊ وهيلى وچمّنپا من حوالى درمفتن وفى جنوبيها پدفتن ونَاذَاوَرَمْ وفى جنوبى كڊنكلور كشى وبَبَّ وپَلّپرّمْ وكذا غيرها من البنادر وكثر فيها سكّانها وعمرت بالمسلمين وتجارتهم لقلّة ظلم رعاتها مع كونهم وكون عساكرهم كفرة وبرعايتهم عاداتهم المتقدّمة وعدم مخالفتهم لها الّا نادرًا والمسلمون فيها رعايا وقليلون لا يبلغون عشر معاشيرهم واعظم بنادر مليبار من قديم الزمان واشهرها ذكرًا بندر كاليكوت ولكنها ضعفت وخرجت بعد وصول الافرنج الى مليبار وتعطيلهم اسفار اهلها وليس للمسلمين فى جميع ديار مليبار

2, 1 *C A* وفسى.
4, *A B C* وترووبرانكاڊ.
3, 5 *C A* الاطراف.
5, 1 *A* وپوپورانكاڊ ; 3 *B* پرونور.
8, 2 *B* نادورم ; 8 *A* وپلّپرّم.
11, 1 *C* ولر عايتهم.

واحد من الدنيّين على احدى النساء اللاتى فوق مرتبته فى ليالى معروفة عندهم من السنة انحطّت عن مرتبتها إنْ لم يستصحبها ذكر ولو حَمْلاً فامّا ياخذها الوالى ويبيعها او تجيئ الينا وتسلم او تصير نصرانيّة او جوكيّة وكذا اذا وقع الوطئ بين عليّة دنى او بالعكس فينحطّ العلىّ عن مرتبته فلا قرار له الّا باحد الامور المذكورة الّا اذا وطئ اصحاب الخيوط نسوان النيّار فلا يخرجونهم عن مرتبتهم وجعلوا هذا عادة فيما بينهم لمّا تقدّم انّه لا يتزوّج الّا اكبر الاخوة فى البراهمة والباقون ينضمّون الى نسوان النيّار وكم مثل هذا من التكليفات التى التزموها على انفسهم جهلاً وسفاهةً وقد جعل الله سبحانه وتعالى ذلك سببًا غالبًا لدخولهم فى دين الاسلام بفضله وهذه الكلمات انّما وقعت فيما بين الكلام استطراد فانّ الكلام يجرّ الى الكلام عُدْنا الى مقصودنا بهذه الاوراق وذلك انّ شرف بن مالك ومالك بن دينار وحبيب بن مالك وغيرهم ممّن تقدّم

1, 3 *C* الدنبّين.

3, 2 *C* يستصحبها; 5 *C* حمل.

4, 3 *C* falta; 4 *C* و; 10–11 *C* ان اوقع.

6, 9 *C* إنّ او.

11, 2 *B* até **12,** 5 *B* faltam.

جوكيًّا ونصرانيًّا وكذا لا يجوّزون الاعلى ان ياكل طعامًا طبخه الادنى فإنْ اكل خرج عن مرتبته واصحاب الخيوط وهم الذين يلتزمون لبس الخيوط فى عوانقهم اعلى جميع كفرة مليبار وهم ايضا طوائف منهم الاعلى والادنى وما بينهما والبراهمة اعلى اصحاب الخيوط وهم ايضا اصناف ودون اصحاب الخيوط النيّار وهم عساكر اهل مليبار واكثرهم عددًا وشوكةً وهم ايضا اصناف كثيرة منهم الاعلى والادنى وما بينهما ودونهم الشانانيّون وهم الذين يعتادون صعود اشجار النارجيل لتنزيل حبوبها الى الارض واخراج مائها الذى يصير خمرًا او يطبخ ويجعل سكرًا ودونهم النجّارون والحدّادون والصائغون والسمّاكون وغيرهم ودونهم طوائف كثيرة منهم الدنبّيين وهم الذين يعتادون الحرثة والزراعة وما يتعلّق بهما وهم ايضا اصناف واذا وقعت حجره من

2, 5-7 يترتّب عليه ما ذكر آنفا.

4, 5 *C* طوئف.

8, 4 *C* الفانرانيون ; 4 *B A* الفازانيون. Cf. p. ٢٩.

9, 2 *C* الناجيل.

10, 1 *C* الذين.

12, 3 *C* الدنبّيين ; 7 *C* الحرائة.

13, 7-8 *C* وان اوقعت.

احمق او اعمى او ضعيفًا او من اولاد الخالات ولم يسمع ان احدًا من الاخوة او اولاد الخالات قتل من هو اكبر منه سنًّا ليتولّى الملك عجلاً ومنها انّ اذا انقطع الورثة او قلّوا ياخذون اجنبيًّا ولو كبيرًا ويجعلونه وارثًا فى مقام الولد او الاخ او ولد الاخت ثم لا يفرّقون بينه وبين الاصلى فى الارث والملك وهذه العادة جارية بين جميع كفرة مليبار ملوكهم وسوقتهم اعاليهم وادانيهم فبذلك لا ينقطع ورثتهم ومنها انّهم التزموا تكليفات كثيرة لا يعدلون عنها لانّهم منقسمون على اجناس عديدة منهم الاعلى والادنى وما بينهما واذا وقع اِلْتِماس بين الاعلى والادنى وكذا القرب الى حدّ معلوم عندهم بالنسبة الى الدنيّين فلا بدّ للاعلى من الغسل ولا يجوّزون له اكل الطعام قبل الغسل فإنْ اكله قبله انحطّ عن مرتبته فلا يدخلونه معهم فى مرتبتهم العليا ولا خلاص له الّا بالهرب الى موضع لا يعرف اهله بحاله والّا اخذه راعى البلد وباعه لمن هو ادنى منه مرتبةً إنْ كان صبيًّا او امراةً او جاء الينا واسلم او صار

9, 5 *C* اخناس.

10, 3-4 *C* ان اوقع.

13, 2 *B* فلو; 4 *C B A* قلبه.

14, 2 *C* illegivel.

لاحدهم من احديهنّ الولد فلا يورّثونه واذا تحقّق انّ الاكبر لا يولد له نكح غيره ومنها انّه يجمّع على امرأة واحدة من طوائف النيّار ومن قاربهم اثنان او اربعة او اكثر ويتناوب كلّ منهم ليلةً كما يقسم الزوج المسلم بين زوجاته ووقوع العداوة والشحناء بينهم فى ذلك قليل وتبعهم النجّارون والحدّادون والصاغة وامثالهم فى انّ يجمّع على امرأة اكثر من واحد ولكن من الاخوة والّا فمن القرابة لئلّا يتفرّق الورثة ويقلّ الاختلاف بينهم فى الارث ومنها انّهم كاشفون ابدانهم ولا يسترون منها الّا السوأتين وشيئا ممّا يليها وباقى البدن مكشوف ويستوى فى ذلك الذكور والاناث والملوك والكبراء ولا يحتجب نسوانهم عن احد الّا نسوان البراهمة فلهنّ احتجاب وامّا النيّار فيزيّنون نسوانهم بالحلىّ والثياب النفيسة ويخرجونهنّ فى مجامعهم الكبيرة حتى يشاهدهنّ الرجال ويستحسنوهنّ ومنها انّه لا يتملّك فيهم الّا من هو اكبر سنّا ولو بلحظة وانْ كان

1, 3 *C A* احدفهن.

2, 8 *B* يجتمع.

4, 2 *C* يتناون.

6, 7 *B* يجتمع.

13, 3 *C* النياب.

قربة الى الاموات ومنها انّ الارث فى طوائف النيّار ومن قاربهم لاخوتهم من الامّ او اولاد اخواتهم او لخالاتهم او قرابتهم من جهة الامّ لا لاولاد مالاً وملكًا وقد انجرّ هذا اعنى عدم توريث الاولاد الى اكثر مسلمى كنّنور وما حواليها تبعًا لهم مع انّ فيهم من يقرأ القران ويحفظه ويحسن قراءته ويتعلّم العلم ويشغل بالعبادة وامّا البراهمة والصاغة والنجّارون والحدّادون والشانانيّون والسمّاكون وغيرهم فالارث فيهم للاولاد ولهم نكاح وامّا النيّار فليس لهم من النكاح الّا عقدُ خيطٍ فى عنق المرأة فى اوّل مرّة ثم الامر على حسب الحال العاقد وغيره سواء وامّا البراهمة فاذا كانوا اخوة لا ينكح الّا اكبرهم سنًّا ما لم يتحقّق انّه لا يولد له والباقون لا ينكحون لئلّا يكثر الورثة فيقع الخلاف بل ينضمّون الى نسوان النيّار من غير نكاح كالنيّار واذا حصل

3, 3 *A* جمعة; 5 *C* falta; 9 *B* نجز.

4, 9 *C* حوالها.

7, 3 *C B A* والفازانيون. Rowlandson diz p. 63 «labourers», «the cultivators and shanars», e sem duvida esta ultima palavra devia estar no seu texto. As palavras que dão os nossos mss. são-nos desconhecidas. As duas castas dos Xānān e Tiyan são as mais numerosas do Malabar (em Logan, *Malabar*, pp. 114, são: 559, 717), e occupam-se nos trabalhos dos campos. Cf. p. ٣٢.

9, 4 *A B* خط.

القسم الثالث فى ذكر نبذة يسيرة من عادات كفرة مليبار الغريبة ۞ اعلم انّ فى كفرة مليبار عاداتٍ غريبةً ليست فى غيرها من الاقطار منها انّه إنْ اقتل راعيهم فى الحرب يتهجّم عساكره على خصمه وعساكره وبلاده حتى يقتلوا جميعهم او يخربوا مملكة خصمه جميعها ولهذا يهابون من قتل الراعى هيبةً عظيمةً وهذا عادتهم القديمة وانّ قلّة المحافظة على ذلك فى هذا الزمان ومنها انّ رعاة مليبار صنفان صنف معين السامرى وصنف معين راعى كشى ولا يخلو ذلك الّا لعارض فاذا زال العارض رجعوا الى طريقتهم الاولى ومنها انّهم لا يخدعون فى حروبهم بل يعيّنون يومًا معلومًا للحرب لا يخالفونه ويرون الخداع فى ذلك هوانا ومنها انّه اذا مات كبيرهم كالأب والامّ وكبير الاخوة بالنسبة الى البراهمة والنجّارين وامثالهم وكالامّ والخال وكبير الاخوة بالنسبة الى النيّار ومن قاربهم يجتنبون سنةً كاملةً غشيان النسوان واكل الحيوانات والتنبول وحلق الشعور وقلم الاظفار ولا يخالفون هذه العادة ويرون ذلك

1, 1-2 *A* فصل.

4, 5 *C A* خصمة.

8, 3-6 *B A* معينوا ; 8 *C* كشين.

11, 6 *C* يخالفون.

لاف الى ثلثين الفا الى مائة الف او اكثر وبعض البلد ان يشترك فيها اثنان او ثلثة او اكثر مع ان بعضهم اقوى واكثر عسكرًا من الاخر ويقع الحرب والشحناء بينهم ومع هذا لا يتغيّر امر الشركة واكثرهم عسكرًا تِرْوَدِى راعى كولم وكمهرى وما بينهما وفى شرقيّهما ممالك كثيرة ثم كولترى راعى هيلى ماراوى وجرفتن وكنّنور واپّكاپ ودرمفتن وغيرها واكثرهم شوكة واشهرهم ذكر السامرى وله ظهور فيما بينهم وذلك ببركة دين الاسلام وحبّه للمسلمين واكرامه لهم خصوصًا الغرباء واما الكفرة فيزعمون انّ ذلك باعطاء الملك المتقدّم ذكره السيف له وذلك السيف موجود عند السامرى الى الآن على ما يزعمون محترمًا معظّمًا ويحمل بين يديه اذا خرج لحرب او مجمع عظيم واذا حارب السامرى احد رعاتها الذين هم غير الاقوياء بسبب من الاسباب يعطيه المال او بعض المملكة اذا اضطرّ واذا لم يعط لا يتسلّط قهرًا مع قدرته على ذلك ولو طال الزمان وذلك لانّ اهل مليبار يراعون العادات والرسوم القديمة ولا يخالفونها الّا نادرًا واما غير السامرى فليس له فى المحاربة شيئ الّا اهلاك النفوس وتخريب البلدان إنْ امكن *

1, 2 *C A* يشرك ; 5 *C* و.

5, 6 *A* كنتور.

وماء ويسرّجون فيه فى ليلة معروفة عندهم ومشهور عندهم ايضا انّه قسم ولايته عند قرب سفره على اصحابه الاّ السامرى الذى كان اوّل رعاة بندر كاليكوت فانّه كان غائبًا عند القسمة فلمّا حضر اعطاه سيفًا وقال له اضرب بهذا وتملّك فعمل بمقتضى قوله فتملّك كاليكوت وبعد زمان سكن فيها المسلمون وصل اليها التجار واصحاب الصنائع من اطراف شتّى وكثرت التجارة فيها حتى كبرت وصارت مدينة عظيمة اجتمع فيها صنوف النلس من المسلمين والكفّار وظهرت قوّة السامرى فيما بين رعاة مليبار ورعانها كلّهم كفرة وفيهم القوى والضعيف ولكن لا ياخذ القوى بلد الضعيف بقوّته وذلك بوصيّة ملكهم الكبير الذى اسلم ودعائه بذلك وببركة النبى صلّى الله عليه وسلّم وببركة دينه فانّ منهم من يكون له مملكة فرسخ ومنهم من يكون له زيادة على ذلك وفيهم من يكون له من العساكر مائة او دونها او مائتان وثلثمائة الى الف الى خمسة آلاف وعشرة

5, *C B A* بعد.

7, 4 *C A* ستى ; 9 *B* كثرت.

10, 8 *C* يواخذ.

11, 5 *C* لومية.

12, 1 *C A* ورعانه ; 9 *C* وبدكة.

13, 12 *C A* falta.

تَرَكَ بعض اولاده في كولم الى كدنكلور وتوفّى فيها هو وزوجته هذا خبر اوّل ظهور دين الاسلام فى بلاد مليبار وامّا تاريخه فلم يتحقّق عندنا وغالب الظنّ انّه انّما كان بعد المائتين من الهجرة النبويّة على صاحبها افضل الصلوة والتحيّة وامّا ما اشهر عند مسلمين مليبار انّ اسلام الملك المذكور كان فى زمان النبى صلّعم برؤية انشقاق القمر ليلة وانّه سافر الى النبى صلّى الله عليه وسلّم ويتشرّف بلقياه ورجع الى شحر قاصد المليبار مع الجماعة المذكورين وتوفّى فيها فلا يكاد يصحّ شىٔ منها والمشهور الآن بين الناس انّه مدفون فى ظفار لا شحر وقبره مشهور هنالك يتبرّك به واهل تلك الناحية يسمّون له السامرى وخبر غيبة الملك المذكور مشهور عند جميع اهل مليبار المسلمين والكفرة الّا انّ الكفرة يقولون عرج به الى فوق ويتوقّعون نزوله ولذلك كانوا يهيّئون فى موضع فى كدنكلور قبقابًا

4, 2 *C* الماتين.

5, 4 *B* اشتهر; 6 *B* مسلم, 6 *A* مسلمى.

6, 3–6 *A* faltam; 10 *C B A* ليلته.

10, 6 *A C* لو.

11, 6–7 *B A* يسمونه.

13, 10 *C* ويتوقعوا; 10 *B A* وينونعون.

14, 9 *C B A* فبقابا.

فيها الى هيلى ماراوى وعمر بها مسجدا ثم خرج الى پاكنور وعمر بها مسجدا ثم رجع منها الى منجلور وعمر بها مسجدا ومنها الى درمفتن وعمر بها مسجدا وخرج منها الى كانجركوت وعمر بها مسجدا ومنها الى هيلى ماراوى واقام بها ثلثة اشهر ومنها الى جرفتن وعمر بها مسجدا ومنها الى درمفتن وعمر بها مسجدا ومنها الى فندرينة وعمر بها مسجدا ومنها الى شاليات وعمر بها مسجدا واقام بها مدّة خمسة اشهر ومنها الى كدنكلور عند عمّه مالك بن دينار ثم سافر منها الى المساجد المذكورة وصلّى فى كلّ مسجد منها ورجع الى كدنكلور شاكر الله وحامد اله بظهور دين الاسلام فى ارض ممتلئة كفراء ثم خرج مالك بن دينار ومالك بن حبيب مع الاصحاب والعبيد الى كولم وتوطّنوا فيها غير مالك بن دينار وبعض اصحابه فانّهم سافروا الى شحر وزاروا قبر الملك المتوفّى فيها ثم سافر مالك الى خراسان وتوفّى فيها ورجع مالك بن حبيب مع زوجته بعد ما

1, 7 *A* accrescenta: ثم الى كانتور (l. كاننور) وعمر بها مسجدا وخرج منها ثم رجع منها الى منجلور وخرج منها الى كانجركوت وعمر بها مسجدا. — 11 *C* فاكنور.

2, 8 *B* منجلور.

12, 9 *C A* غيرة.

يبطأوا سفر الهند بعد موته فقالوا نحن لا نعرف موضعك ولا حدّ ولايتك وانّما اردنا السفر صحبتك فتفكّر الملك ساعةً وكتب لهم ورقةً بخطّ مليبار عيّن فيها مكانه وقرابته واسماء ملوكها وامرهم ان ينزلوا فى كدنكلور او درمتن او فندرينة او كولم وقال لهم لا تخبروا بشدّة مرضى ولا بموتى إنْ مُتُّ احدًا من المليباريّين ثم انّه توفّى رحمه الله برحمة واسعة وبعد ذلك بسنين سفر شرف بن مالك ومالك بن دينار ومالك بن حبيب وزوجته قُمريّة وغيرهم مع الاولاد والاتباع الى مليبار فى مركب فوصل الى كدنكلور ونزلوا فيها واعطوا ورقة الملك المتوفّى الى الملك الذى فيها واخفوا خبر موته فلمّا قراءها وعلم مضمونها اعطاهم الاراضى والبساتين على مقتضى ما كتبه فاقاموا فيها وعمروا فيها مسجدًا وتوطّن فيها مالك بن دينار واقام ابن اخيه مالك بن حبيب مقامه لبناء المساجد فى مليبار فخرج مالك بن حبيب الى كولم بمال وزوجته وبعض اولاده وعمر بها مسجدا ثم خرج منها بعد ما خلّى زوجته

4, 2 *B* ملكوها.

6, 11 *B A* رحمة.

7, 6 *A* falta.

12, 6 *C* كتب.

فى البندر المذكور مراكب كثيرة للتجار الغرباء فقال الشيخ لصاحب مركب انا وجماعة من الفقراء يتوقّعون ان يركبوا فى مركبك فرضى بذلك صاحب المركب ولمّا قرب وقت السفر نهى الملك اهل بيته ووزرائه ان يدخل احد منهم عليه مدّة سبعة ايّام وعيّن فى كلّ بلدة من بلدانه شخصًا وكتب لكلّ كتابًا مفصلاً بتعيين الحدود حتى لا يتجاوز احد عن حدّه الذى عيّنه والحكاية في ذلك مشهورة عند كفرة مليبار ايضا وكان ملكًا متولّيًا فى جميع مليبار وحدّها من الجنوب كمهرى ومن الشمال كانجركوت ثم انّ الملك ركب مع الشيخ والفقراء فى المركب ليلاً وسار المركب حتى وصل الى فندرينة فنزل فيها ولبث يومًا وليلةً ومنها سار المركب الى درمفتن ونزل فيها ولبث ثلثة ايّام ومنها سار المركب حتى وصل الى شحر ونزل فيها هو ومن معه وبعد مدّة طويلة رافقه وجماعة فى السفر معه الى مليبار لعمارة المساجد واظهار دين الاسلام فيها ثم انّ الملك مرض واشتدّ مرضه فوصّى اصحابه الذين رافقوه وهم شرف بن مالك واخوه من الامّ مالك بن دينار وابن اخيه مالك بن حبيب بن مالك وغيرهم بان لا

2, 2 *C* المركب.

12, 5 *B* falta; 9 *A* ومكث.

القسم الثانى فى بداء ظهور الاسلام فى مليبر ٭ وذلك انّ جمعًا من اليهود والنصارى دخلوا بلدة من بلاد مليبار يقال لها كڔنكلور وهى مسكن ملكها فى مركب كبير بعيالهم واطفالهم وطلبوا منه الاراضى والبساتين والبيوت وتوطّنوا فيها وبعد ذلك بسنين وصل اليها جماعة من فقراء المسلمين معهم شيخ قاصدين زيارة قدم ابينا ادم عليه السلام بسيلان فلمّا سمع الملك بوصولهم طلبهم واضافهم وسالهم عن الاخبار فاخبره شيخهم بامر نبينا محمّد صلّى الله عليه وسلّم وبدين الاسلام وبمعجزة انشقاق القمر فادخل الله سبحانه فى قلبه صدق النبى صلّى الله عليه وسلّم فآمن به ودخل فى قلبه حبّ النبى صلّى الله عليه وسلّم وامر الشيخ بان يرجع هو واصحابه اليه بعد زيارة قدم ادم عليه السلام ليخرج هو معهم ومنعه ان يحدّث بهذه السرّ المليباريّين ثم انّهم سافروا الى سيلان ورجعوا اليه فامر الملك الشيخ بان يهيّئ مركبًا لسفرة من غير ان يعلم به احد وكان

1, 1–2 *A* فصل. Aqui principia o ms. *A*.

3, 2 *B* كڔنكلور. ڔ = ر ; Zinadím representa assim uma especie de *r* aspero do malaialam. Cf. Lepsius, ***Standard Alphabet***, pp. 318 e 320.

5, 1 *C B* فيهما.

15, depois de 2 *C* من.

الجنّة ولا يتكلّموا عند الحرب فقال الله سبحانه وتعالى انا ابلّغلم عنكم فانزل الله تعالى ولا تحسبنّ الذين قُتلوا فى سبيل الله امواتًا بل احياء الى اخر الآية وروى الحاكم عن ابى موسى الاشعرى عن النبى صلّعم قال الجنّة تحت ظلال السيوف وروى ابن ماجة عن انس قال قال رسول الله صلّعم من راح روحةً فى سبيل الله كان له بمثل ما اصابه من الغبار مسكًا يوم القيامة وروى الطبرانىّ فى الكبير عن ابن عمر قال صلّعم من صدع راسه فى سبيل الله فاحتسب غفر له ما كان قبل ذلك من ذنب وعن وآثلة انّ النبى صلّعم قال من فاته الغزو معى فليغز فى البحر وروى الديلمعىّ فى مسند الفردوس عن ابى هريرة قال قال النبى صلّعم ساعةٌ فى سبيل الله خيرٌ من خمسين حجّة اى ثواب الجهاد فى ساعةٍ اكثرُ من ثواب خمسين حجّة ووجه الافضلية انّ المجاهد خرج عن نفسه وماله لله وتعدّى نفع عمله بخلاف الحاجّ *

2, *C B* ابلّغكم.

11, 4 *B* الديلمىّ.

فواق ناقة وجبتُ له الجنّة وروى الترمذى والنسائى عن ابى هريرة عن رسول الله صلّعم قال الشهيد لا يجد الم القتل الّا كما يجد احدكم الم القرحة وعن حرام بن فاتك قال صلّعم من انفق نفقةً فى سبيل الله كتب له بسبع مائة ضعف وروى ابن ماجة عن علىّ وابى الدرداء وابى هريرة وابى امامة وعبد الله بن عمرو وجابر بن عبد الله وعمران بن حصين رضى الله عنهم اجمعين كلّهم يحدّث عن رسول الله صلّعم انّه قال من غزا بنفسه فى سبيل الله او ارسل نفقةً فى وجهه فَلَهُ بكلّ درهم سبعمائة الف درهم ثم تلى هذه الآية والله يضاعف لمن يشاء والله واسعٌ عليمٌ وروى ابو داود عن ابن عبّاس رضى الله عنهما انّ رسول الله صلّعم قال لاصحابه انّه لمّا اصيب اخوانكم يوم أُحُد جعل الله ارواحهم فى جوف طير خضر تَرِد انهار الجنّة وتأكل من ثمارها وتأوى الى قناديل من ذهب معلّقة فى ظلّ العرش فلمّا وجدوا طيب مأكلهم ومشربهم ومقيلهم قالوا من يبلغ اخواننا عنّا انّنا احيا فى الجنّة لئلّا يزهدوا فى

1, 3 *B C* وحببت.

9, 5 *B* سبيل الله واتام فى بيته; 10 *B* falta; depois de 11 *B* من غزا بنفسه فى سبيل الله وانفق فى وجهه فله بكل درهم سبعمائة الف درهم.

13, 6 *C* الطير; 6 *B* اطير.

ثم قاتلهم حتى قتل وروى الترمذى وابو داود عن فضالة ابن عبيد عن رسول الله صلّعم قال كلّ ميّتٍ يختم على عمله الّا الذى مات مرابطًا فى سبيل الله فانّه ينوله عمله الى يوم القيامة ويامن فتنة القبر وروى ابو داود عن ابى امامة عن النبى صلّعم قال من لم يغزو لم يجهّز غازيًا او يخلف غازيًا فى اهله بخير اصابه الله بقارعة قبل يوم القيامة وعن عمران بن حصين قال صلّعم لا يزال طائفةٌ من امّتى يقاتلون على الحقّ ظاهرين على من ناواهم حتى يقاتل اخرهم المسيح الدجّال وروى الترمذى عن ابن عبّاس عن رسول الله صلّعم قال عينان لا يمسّهما النار عينٌ بكت من خشية الله وعين باتت تحرس فى سبيل الله وعن ابى هريرة قال مرّ رجلٌ من اصحاب رسول الله صلعم بشعب فيه عُيَيْنَةٌ من ماء عذبةٌ فعجبتْه فقال لو اعتزلتُ الناس فاقمتُ فى هذا الشعب فذكر ذلك رسول الله صلّعم فقال لا تفعل فإنّ مقام احدكم فى سبيل الله افضل من صلوته فى بيته سبعين عامًا الّا تحبّون ان يغفر الله لكم ويدخلكم الجنّة اغزوا فى سبيل الله من قاتل فى سبيل الله

1, 6 *C* الترمدى.
3, 10 *C* يتوله.
6, 7 *C* اصابها.
13, 2 *C* عنينة.

ترك بعض اولاده في كولم الى كپنكلور وتوفّى فيها هو وزوجته هذا خبر اوّل ظهور دين الاسلام فى بلاد مليبار وامّا تاريخه فلم يتحقّق عندنا وغالب الظنّ انّه انّما كان بعد المائتين من الهجرة النبويّة على صاحبها افضل الصلوة والتحيّة وامّا ما اشهر عند مسلمين مليبار انّ اسلام الملك المذكور كان فى زمان النبى صلّعم برؤية انشقاق القمر ليلة وانّه سافر الى النبى صلّى الله عليه وسلّم ويتشرّف بلقياه ورجع الى شحر قاصدا المليبار مع الجماعة المذكورين وتوفّى فيها فلا يكاد يصحّ شئ منها والمشهور الآن بين الناس انّه مدفون فى ظفار لا شحر وقبره مشهور هنالك يتبرّك به واهل تلك الناحية يسمّون له السامرى وخبر غيبة الملك المذكور مشهور عند جميع اهل مليبار المسلمين والكفرة الّا انّ الكفرة يقولون عرج به الى فوق ويتوقّعون نزوله ولذلك كانوا يهيّئون فى موضع فى كپنكلور قبقابًا

4, 2 *C* المائنين.

5, 4 *B* اشتهر; 6 *B* مسلم, 6 *A* مسلمى.

6, 3–6 *A* faltam; 10 *C B A* ليلته.

10, 6 *A C* لو.

11, 6–7 *B A* يسمونه.

13, 10 *C* ويتوقعوا; 10 *B A* وينونعون.

14, 9 *C B A* فبقابا.

فيها الى هيلى ماراوى وعمر بها مسجدا ثم خرج الى پاكنور وعمر بها مسجدا ثم رجع منها الى منجلور وعمر بها مسجدا ومنها الى درمفتن وعمر بها مسجدا وخرج منها الى كانجركوت وعمر بها مسجدا ومنها الى هيلى ماراوى واقام بها ثلثة اشهر ومنها الى جرفتن وعمر بها مسجدا ومنها الى درمفتن وعمر بها مسجدا ومنها الى فندرينة وعمر بها مسجدا ومنها الى شاليات وعمر بها مسجدا واقام بها مدّة خمسة اشهر ومنها الى كدپنكلور عند عمّه مالك بن دينار ثم سافر منها الى المساجد المذكورة وصلّى فى كلّ مسجد منها ورجع الى كدپنكلور شاكر الله وحامد اله بظهور دين الاسلام فى ارض ممتلئة كفراء ثم خرج مالك بن دينار ومالك بن حبيب مع الاصحاب والعبيد الى كولم وتوطّنوا فيها غير مالك بن دينار وبعض اصحابه فانّهم سافروا الى شحر وزاروا قبر الملك المتوفّى فيها ثم سافر مالك الى خراسان وتوفّى فيها ورجع مالك بن حبيب مع زوجته بعد ما

1, 7 *A* accrescenta: ثم الى كانتور (l. كانور) وعمر بها مسجدا وخرج منها ثم رجع منها الى منجلور وخرج منها الى كانجركوت وعمر بها مسجدا. 11 *C* فاكنور.

2, 8 *B* منجلور.

12, 9 *C A* غيرة.

يبطأوا سفر الهند بعد موته فقالوا نحن لا نعرف موضعك ولا حدّ ولايتك وانّما اردنا السفر صحبتك فتفكّر الملك ساعةً وكتب لهم ورقةً بخطّ مليبار عيّن فيها مكانه وقرباته واسماء ملوكها وامرهم ان ينزلوا فى كدنكلور او درمفتن او فندوينة او كولم وقال لهم لا تخبروا بشدّة مرضى ولا بموتى إنْ مُتُّ احدًا من المليباريّين ثم انّه توفّى رحمه الله برحمة واسعة وبعد ذلك بسنين سافر شرف بن مالك ومالك بن دينار ومالك بن حبيب وزوجته قُمْرِيَّة وغيرهم مع الاولاد والاتباع الى مليبار فى مركب فوصل الى كدنكلور ونزلوا فيها واعطوا ورقة الملك المتوفّى الى الملك الذى فيها واخفوا خبر موته فلمّا قراءها وعلم مضمونها اعطاهم الاراضى والبساتين على مقتضى ما كتبه فاقاموا فيها وعمروا فيها مسجدًا وتوطّن فيها مالك بن دينار واقام ابن اخيه مالك بن حبيب مقامه لبناء المساجد فى مليبار فخرج مالك بن حبيب الى كولم بماله وزوجته وبعض اولاده وعمر بها مسجدا ثم خرج منها بعد ما خلّى زوجته

4, 2 *B* ملكوها.

6, 11 *B A* رحمة.

7, 6 *A* falta.

12, 6 *C* كتب.

فى البندر المذكور مراكب كثيرة للتجار الغرباء فقال الشيخ لصاحب مركب انا وجماعة من الفقراء يتوقّعون ان يركبوا فى مركبك فرضى بذلك صاحب المركب ولمّا قرب وقت السفر نهى الملك اهل بيته ووزرائه ان يدخل احد منهم عليه مدّة سبعة ايّام وعيّن فى كلّ بلدة من بلدانه شخصًا وكتب لكلّ كتابًا مفصلاً بتعيين الحدود حتى لا يتجاوز احد عن حدّه الذى عيّنه والحكاية فى ذلك مشهورة عند كفرة مليبار ايضا وكان ملكًا متوليًّا فى جميع مليبار وحدّها من الجنوب كمهرى ومن الشمال كانجركوت ثم انّ الملك ركب مع الشيخ والفقراء فى المركب ليلاً وسار المركب حتى وصل الى فندرينة فنزل فيها ولبث يومًا وليلةً ومنها سار المركب الى درمفتن ونزل فيها ولبث ثلثة ايّام ومنها سار المركب حتى وصل الى شحر ونزل فيها هو ومن معه وبعد مدّة طويلة رافقه وجماعة فى السفر معه الى مليبار لعمارة المساجد واظهار دين الاسلام فيها ثم انّ الملك مرض واشتدّ مرضه فوصّى اصحابه الذين رافقوه وهم شرف بن مالك واخوه من الامّ مالك بن دينار وابن اخيه مالك بن حبيب بن مالك وغيرهم بان لا

2, 2 *C* المركب.

12, 5 *B* falta; 9 *A* ومكث.

القسم الثانى فى بداء ظهور الاسلام فى مليبر. وذلك انّ جمعًا من اليهود والنصارى دخلوا بلدة من بلاد مليبار يقال لها كڊنكلور وهى مسكن ملكها فى مركب كبير بعيالهم واطفالهم وطلبوا منه الاراضى والبساتين والبيوت وتوطّنوا فيها وبعد ذلك بسنين وصل اليها جماعة من فقراء المسلمين معهم شيخ قاصدين زيارة قدم ابينا ادم عليه السلام بسيلان فلمّا سمع الملك بوصولهم طلبهم واضافهم وسالهم عن الاخبار فاخبره شيخهم بامر نبينا محمّد صلّى الله عليه وسلّم وبدين الاسلام وبمعجزة انشقاق القمر فادخل الله سبحانه فى قلبه صدق النبى صلّى الله عليه وسلّم فآمن به ودخل فى قلبه حبّ النبى صلّى الله عليه وسلّم وامر الشيخ بان يرجع هو واصحابه اليه بعد زيارة قدم ادم عليه السلام ليخرج هو معهم ومنعه ان يحدّث بهذه السرّ المليباريّين ثم انّهم سافروا الى سيلان ورجعوا اليه فامر الملك الشيخ بان يهيّئ مركبًا لسفره من غير ان يعلم به احد وكان

1, 1–2 *A* فصل. Aqui principia o ms. *A*.

3, 2 *B* كڊنكلور. ڊ = ر; Zinadím representa assim uma especie de *r* aspero do malaialam. Cf. Lepsius, *Standard Alphabet*, pp. 318 e 320.

5, 1 *C B* فيهما.

15, depois de 2 *C* من.

الجنّة ولا يتكلّموا عند الحرب فقال الله سبحانه وتعالى انا ابلّغلم عنكم فانزل الله تعالى ولا تحسبنّ الذين قُتلوا فى سبيل الله امواتًا بل احياء الى اخر الآية وروى الحاكم عن ابى موسى الاشعرى عن النبى صلّعم قال الجنّة تحت ظلال السيوف وروى ابن ماجة عن انس قال قال رسول الله صلّعم من راح روحةً فى سبيل الله كان له بمثل ما اصابه من الغبار مسكًا يوم القيامة وروى الطبرانىّ فى الكبير عن ابن عمر قال صلّعم من صدع راسه فى سبيل الله فاحتسب غفر له ما كان قبل ذلك من ذنب وعن وآثلة انّ النبى صلّعم قال من فاته الغزو معى فليغز فى البحر وروى الديلمعىّ فى مسند الفردوس عن ابى هريرة قال قال النبى صلّعم ساعةً فى سبيل الله خيرٌ من خمسين حجّة اى ثواب الجهاد فى ساعةٍ اكثرُ من ثواب خمسين حجّة ووجه الافضلية انّ المجاهد خرج عن نفسه وماله لله وتعدّى نفع عمله بخلاف الحاجّ *

2, *C B* ابلّغكم.

11, 4 *B* الديلمىّ.

فواق ناقة وجبتْ له الجنّة وروى الترمذى والنسائى عن ابى هريرة عن رسول الله صلّعم قال الشهيد لا يجد الم القتل الّا كما يجد احدكم الم القرحة وعن حرام بن فاتك قال صلّعم من انفق نفقةً فى سبيل الله كتب له بسبع مائه ضعف وروى ابن ماجة عن علىّ وابى الدرداء وابى هريرة وابى امامة وعبد الله بن عمرو وجابر بن عبد الله وعمران بن حصين رضى الله عنهم اجمعين كلّهم يحدّث عن رسول الله صلّعم انّه قال من غزا بنفسه فى سبيل الله او ارسل نفقةً فى وجهه فَلَهُ بكلّ درهم سبعمائة الف درهم ثم تلى هذه الآية والله يضاعف لمن يشاء والله واسعٌ عليمٌ وروى ابو داود عن ابن عبّاس رضى الله عنهما انّ رسول الله صلّعم قال لاصحابه انّه لمّا اصيب اخوانكم يوم أُحُد جعل الله ارواحهم فى جوف طير خضر تَرد انهار الجنّة وتأكل من ثمارها وتأوى الى قناديل من ذهب معلّقة فى ظلّ العرش فلمّا وجدوا طيب مأكلهم ومشربهم ومقيلهم قالوا من يبلغ اخواننا عنّا انّنا احيا فى الجنّة لئلّا يزهدوا فى

1, 3 *B C* وحببت.

9, 5 *B* سبيل الله وانام فى بيته; 10 *B* falta; depois de 11 *B* من غزا بنفسه فى سبيل الله وانفق فى وجهه فله بكل درهم سبعمائة الف درهم.

13, 6 *C* الطير; 6 *B* اطير.

ثم قاتلهم حتى قتل وروى الترمذى وابو داود عن فضالة ابن عبيد عن رسول الله صلّعم قال كلّ ميّت يختم على عمله الّا الذى مات مرابطًا فى سبيل الله فانّه ينوله عمله الى يوم القيامة ويامن فتنة القبر وروى ابو داود عن ابى امامة عن النبى صلّعم قال من لم يغزو لم يجهّز غازيًا او يخلف غازيًا فى اهله بخير اصابه الله بقارعة قبل يوم القيامة وعن عمران بن حصين قال صلّعم لا يزال طائفةً من امّتى يقاتلون على الحقّ ظاهرين على من ناواهم حتى يقاتل اخرهم المسيح الدجّال وروى الترمذى عن ابن عبّاس عن رسول الله صلّعم قال عينان لا يمسّهما النار عينٌ بكت من خشية الله وعين باتت تحرس فى سبيل الله وعن ابى هريرة قال مرّ رجلٌ من اصحاب رسول الله صلعم بشعب فيه عُيَيْنَةٌ من ماء عذبةٌ فعجبتْه فقال لو اعتزلتُ الناس فاقمتُ فى هذا الشعب فذكر ذلك رسول الله صلّعم فقال لا تفعل فإنّ مقام احدكم فى سبيل الله افضل من صلوته فى بيته سبعين عامًا الّا تحبّون ان يغفر الله لكم ويدخلكم الجنّة اغزوا فى سبيل الله من قاتل فى سبيل الله

1, 6 *C* الترمدى.
3, 10 *C* يتوله.
6, 7 *C* اصابها.
13, 2 *C* عنينة.

رَبّهم يرزقون فرحين بما آتيهم الله الى اخر الآية قال انا سئلنا عن ذلك فقال ارواحهم فى جوف طير خضر لها قناديل معلّقة بالعرش سرح من الجنة حيث شاءت ثم تآوى الى تلك القناديل فاطلع اليهم ربّهم اطّلاعةً فقال هل تشتهون شيئًا قالوا اى شىء نشتهى ونحن نسرح من الجنّة حيث شئنا ففعل بهم ثلاث مرّات فلمّا راوا انّهم لن يتركوا من ان يسئلوا قالوا يا ربّ نريد ان ترد ارواحنا فى اجسادنا حتى نقتل فى سبيلك مرّة فلمّا راى ان ليس لهم حاجةٌ تُركوا وعن عبد الله بن عمرو بن العاص انّ النبى صلّعم قال القتل فى سبيل الله يكفر كلّ شئ الّا الدين وعن انس قال انطلق رسول الله صلّعم واصحابه حتى سبقوا المشركين الى بدر وجاء المشركون فقال رسول الله صلّعم قوموا الى جنّة عرضها السموات والارض قال عمير ابن الحمام بخ بخ فقال رسول الله صلّعم ما حملك على قول بخ بخ قال لا يا رسول الله الّا رجاء ان اكون من اهلها قال فانّك اذا من اهلها قال فاخرج تمرات من قرنه فجعل ياكل منهنّ ثم قال لئن حببتُ حتى أكُل تمراتى انّها الحيوة طويلة قال فرمى بما كان معه من التمر

1, de 3–8 *B* falta.

9, 4 *B C* sem duvida melhor تركهم; 9 *C* عمر (Cf. p. ١٩).

15, depois de 5 *B* والله.

غنيمة فى رأس شعفة من هذه الشعف او بطن وادى هذه الاودية يقيم الصلوة ويؤتى الزكاة ويعبد ربّه حتى يأتيه اليقين ليس من الناس الّا فى خير وعن جابر بن سمرة قال صلّعم لن يبرح هذا الدين قائمًا يقاتل عليه عصابة المسلمين حتى تقوم الساعة وعن سلمان الفارسى قال سمعتُ رسول الله صلّعم يقول رباط يومٍ وليلةٍ خيرٌ من صيام شهرٍ وقيامه وان مات جرى عليه عمل الذى كان يعمله واجرى رزقه وامن الفتان وعن عقبه بن عامر قال سمعتُ رسول الله صلّعم وهو على المنبر يقول واعدّوا لهم ما استطعتم من قوّة الّا انّ القوّة الرامى الّا انّ القوّة الرامى الّا انّ القوّة الرامى وعنه قال سمعتُ رسول الله صلّعم يقول من علم الرامى ثم تركه فليس منّا وعن ابى مسعود الانصارى قال جاء رجلٌ بناقةٍ مخطومةٍ فقال هذه فى سبيل الله فقال رسول الله صلّعم لك بها يوم القيامة سبعمائة ناقة كلّها مخطومة وعن مسروق قال سئلنا عبد الله بن مسعود عن هذه الآية ولا تحسبنّ الذين قتلوا فى سبيل الله امواتًا بل احياء عند

1, 4 e 7 *C* شعفة e الشغف.

3, 10 *C* falta.

6, 7 *C* حير.

7, 5 *B* عمله.

10, 3, 7, 11 *B C* الرمى.

صلّعم ان فى الجنّة مائة درجة اعدّها الله للمجاهدين فى سبيل الله ما بين الدرجتين كما بين السماء والارض فاذا سألتم الله فسئلوه الفردوس فانّه اوسط الجنّة واعلى الجنّة وفوقه عرش الرحمان ومنه تفجر انهار الجنّة وعن ابى عبّاس قال صلّعم ما اغربت قدمًا عبدٍ فى سبيل الله فتمسّه النار وعن ابى قَيس قال سمعتُ سَعْدًا يقول إنّى لاوّل العرب رمى فى سبيل الله وكنا نغزوا مع رسول الله صلّعم وما لنا طعامًا الّا ورق الشجر حتى ان احدنا يضع كما يضع البعير والشاة ما له خلطٌ وعن ابى هريرة رضى الله عنه قال صلّعم من احتبس فرسًا فى سبيل الله ايمانًا بالله وتصديقًا بوعده فانّ شبعه وربّه وروثه فى ميزانه يوم القيامة وروى مسلم عنه قال صلّعم من مات ولم يغزو لم يحدث به نفسه مات على شعبته من نفاق وعنه قال صلّعم لا يجتمع كافر وقاتله فى النار وعنه قال صلّعم مَنْ خير معاش الناس لهم رجلٌ ممسك عنان فرسه فى سبيل الله يطير على متنه كلّ ما سمع هيعة او فزعه طار عليه يبتغى الموت او القتل مظانه او رجلٌ فى

5, 4–5 *C* اغبر اقدما.

8, 8 e 10 lição duvidosa; talvez مضغ.

12, 6–7 *B* ولم يغز.

13, 1 *B* شعبة.

14, 8 *C* النار.

ولا صلوة حتى يرجع المجاهد فى سبيل الله وعنه قال صلّعم لا يكلّم احدٌ فى سبيل الله والله اعلم بمن يكلّم فى سبيله الّا جاء يوم القيامة وجرحه يثعب دماء اللون لون الدم والريح ريح المسك وعن انس قال قال رسول صلّعم لغدوةٌ فى سبيل الله وروحةٌ خيرٌ من الدنيا وما فيها وعنه قال قال صلّعم ما من احد يدخل الجنّة يحبّ ان يرجع الى الدنيا وله ما فى الارض من شئ انّ الشهيد يتمنّى ان يرجع الى الدنيا فيقتل عشر مرّات لما يرى من الكرامة وعن جابر رضى الله عنه قال قال رجلٌ للنبى صلّعم يوم أُحُد ارايتُ ان قتلتُ فأين انا قال فى الجنّة فالقى تمرات فى يده ثم قاتل حتى قتل وعن سَهْل بن سَعْد قال صلّعم رباط يوم فى سبيل الله خيرٌ من الدنيا وما عليها وعن ابى موسى قال جاء رجلٌ الى رسول الله صلّعم فقال الرجل يقاتل للمغنم والرجل يقاتل للذكر والرجل يقاتل ليرى مكانه فمن فى سبيل الله قالَ من قاتل ليكون كلمة الله هى العليا فهو فى سبيل الله وعن ابى سعيد الخدرى انّ النبى صلّعم قال افضل الناس مؤمنٌ مجاهدٌ فى سبيل الله بنفسه وماله وروى البخارىّ عن ابى هريرة قال قال رسول الله

4, 9 *C* لغزوة.

6, 8 *B* لاّ.

امواتًا بل احياء عند ربّهم يرزقون فرحين بما اتيهم الله من فضله ويستبشرون بالذين لم يلحقوا بهم من خلفهم ان لا خوفٌ عليهم ولا هم يحزنون وروى البخارى ومسلم فى صحيحهما عن ابى هريرة رضى الله عنه قال سئل رسول الله صلّعم ايّ العمل افضل قال ايمان بالله ورسوله قيل ثم ماذا قال الجهاد فى سبيل الله قيل ثم ماذا قال حجٌّ مبرورٌ وفيهما عنه قال قال رسول الله صلّعم انتدب الله لمن خرج فى سبيله لا يخرجه لايمان بى وتصديق برُسُله إنّ ارجعه بما نال فراجرا اجروا غنيمةٌ او ادخله فى الجنّة وعنه قال قال رسول الله صلّعم والذى نفسى بيده لولا ان رجلًا من المؤمنين لا يطيب انفسهم ان يتخلّفوا عنى ولا احد ما احملهم عليه ما تخلّفتُ عن سريّة تغزوا فى سبيل الله والذى نفسى بيده لوددتُ ان أُقتَلَ فى سبيل الله ثم أُحيى ثم اقتل ثم احيى ثم اقتل ثم احيى ثم اقتل وعنه قال قال رسول الله صلّعم مثل المجاهد فى سبيل الله كمثل الصائم القائم القانت بآيات الله لا نيّته من صيام

1, 9 *C* آيتهم.

8, 5 *C* لاّ ايمان; 8 *B C* برسلى.

9, 4–5 *B C* (*sic*): Não atinámos com a verdadeira lição.

15, 3 *B* falta.

16, 8 *C* ينته, 8 *B* يفته.

واحدٍ كربةً واحدةً ولو حقيرةً فكيف حال من نفّس الكرب الكثيرة العظام عمّن لا يحصى من المستضعفين بالجهاد فى سبيل الله فلا يحصى ثواب ذلك الّا الله سبحانه وتعالى وقد اخصّ الله سبحانه وتعالى على الجهاد فى تخليص المستضعفين فقال وما لكم لا تقاتلون فى سبيل الله والمستضعفين من الرجال والنساء والولدان وقد ورد فى فضائل الجهاد والمرابطة وانفاق الاموال فى ذلك والشهادة اياتٌ واحاديثُ كثيرةٌ فقد قال الله سبحانه وتعالى كُتب عليكم القتالُ وهو كرهٌ لكم وعسى ان تكرهوا شيئًا وهو خيرٌ لكم وعسى ان تحبّوا شيئًا وهو شرٌّ لكم والله يعلم وانتم لا تعلمون وقال إنّ الله اشترى من المؤمنين انفسهم واموالهم بانّ لهم الجنّة يقاتلون فى سبيل الله فيقتلون ويقتلون وعدًا عليه حقًّا فى التورية والانجيل والقران ومن اوفى بعهده من الله فاستبشروا ببيعكم الذى بايعتم به وذلك هو الفوز العظيم وقال مثل الذين ينفقون اموالهم فى سبيل الله كمثل حبّة انبتت سبع سنابل فى كل سنبلة مائة حبّة يضاعف لمن يشاء والله واسعٌ عليمٌ وقال لا تحسبنّ الذين قُتلوا فى سبيل الله

4, 2 *B* خصّ.

14, 8 *C* الفور.

16, depois de 8 *C* والله.

وعجزوا ولم يعتن باحوالهم سلاطين المسلمين وامراؤهم اعزّ الله انصارهم مع وجوب الجهاد عليهم فمن قام من ذوى السلطنة نصرهم الله تعالى لمجاهدتهم بانفاق الاموال واعداد العدد اللائقة بمقاومتهم واخراجهم من ديار مليبار واستخلاص البنادرات التى تملّكوها واستولوا عليها فهو الموافق السعيد الذى صار مؤدّبًا باذن الله لما وجب عليه ورافعًا للخروج على الباقين وجائزًا من الثواب الجزيل ما لا يحصى ومن الثناء الجميل من اهل الشرق والغرب ما لا يدرى ومرضيًا عند الله وملئكته وانبيائه ورسله فائزًا بالدعاء والمصالح من عباد الله الصالحين والضعفاء والفقراء والمساكين اذ فيه مع ثواب الجهاد وانفاق الاموال فى سبيل الله ثواب تنفيس كرب هؤلاء المستضعفين لقد قال النبى صلّعم من نفّس عن مؤمنٍ كربةً من الدنيا نفّس الله عنه كربةً من كرب يوم القيامة رواه مسلم فاذا كان هذا فيمن نفّس عن مؤمنٍ

2, 9 *C* قوى.
4, 3 *C* بمقاونهم.
5, 7 *B* الموقت.
6, 3 *B* مؤدّيا ; 10 *B* للخرج.
7, 3 *B* وجائز, 3 *C* وحائز.
9, depois de 5 *B* واولياءه ; 8 *B* والصالح.
14, 5 *B* فان.

ومركوبه وسرجه ولجامه ثم قسمها خمسة اسهم. فسهمٌ منها يقسم خمسة اسهم. سهمٌ منها لمصالح المسلمين كسدّ ثغر وعمارة حصنٍ وقنطرةٍ ومسجدٍ وارزاق القضاة والائمّة وسهم لذوى القربى النبى صلّعم بنى هاشم وبنى المطّلب وسهم لليتامى وسهم للمساكين ويدخل فيه الفقراء وسهم لابناء سبيلٍ والاخماس الاربعة الباقية للغانمين وهم من حضر الواقعة للحرب كاملاً ويسنّ للمجاهد الدعاء والتماس بالنصر من الله وليقدم التقوى والاعتماد على الله تعالى قبل الشروع فى الجهاد والله الموفّق وليحذر كلّ احد للخيانة فى الغنيمة وردّ فى ذلك التهديد البليغ ولا يخفى انّ مسلمى مليبار ليس لهم اميرٌ ذو شوكة يحكم عليهم ويراعى مصالحهم بل كلّهم رعايا الكفرة ومع هذا كانوا جاهدوهم وصرفوا فى جهادهم. الاموال على قدر طاقتهم بمعونة محبّ المسلمين السامرى وانفاقه الاموال فى اوّلِ مرّةٍ حتى ضعف المسلمون بتعطيل تجاراتهم واهلاك نفوسهم وتخريب ديارهم واموالهم وهكذا مرارًا حتى ازداد ضعفهم واشتدّ فقرهم وفاقتهم

2, 5 *C* falta.

3, 4 *B* وازراق ; 8 *B C* الذوى.

5, 8 *B* السبيل.

7, 1 *C* الحرب.

9, 8 *B* الخيانة.

بين السامرى والافرنج وخروج الاغربة لمحاربتهم الفصل الثالث عشر فى فتح قلعة شاليات نصر الله الاسلام والمسلمين واعزّ الدين بحقّ محمّد وآله الفصل الرابع عشر فى بعض احوالهم بعد فتحها وفى انّ قصدهم الاعظم تغيير دين الاسلام واذلال المسلمين *

القسم الاول فى بعض احكام الجهاد وفضله والتحريض عليه

اعلم انّ الكفار حالتَيْن احديهما ان يكونوا مستقرّين فى بلادهم فالجهاد حينئذ فرضُ كفايةً اذا قام به من فيهم كفاية سقط الخروج عن الباقين والّا اثموا كلّهم وثانيهما ان يدخلوا بلاد المسلمين كما فى قضيّتنا هذه فالجهاد فرضٌ عينٌ على كلّ مسلم مكلف قوى بها ولو عبدًا وامراةً ومدنيًا وفرعًا بغير اذن سيّده وزوج وغريم واصل وعلى من دون مسافة القصر وكذا على من فوقها ان لم يكن فى غيرهم كفاية ويندب لامير الجهاد ان يشاور اصحابه فى امر الجهاد ويرتّبهم صفوفًا واذا ظفر بالغنيمة امر يجمعها واعطى سلب المقتول للقاتل وهو ما كان على الكافر من ثياب وخفٍّ ومنطقةٍ وهميانٍ وما فيه من النفقة وسوار وآلة حرب

6, *B* falta.

13, 2 *B* القصير.

كشي وكنّنور وبناء قلعتهم فيهما وفى كولم واخذهم بندر كووه الفصل الثانى فى ذكر شيء من قبائح افعالهم الفصل الثالث فى مصالحة السامرى اياهم وبنائهم قلعتهم فى كاليكوت الفصل الرابع فى وقوع الخلاف بينهم وبين السامرى وفتح قلعتهم الفصل الخامس فى وقوع الصلح بينهم وبين السامرى مرّةً ثانيةً وبناء قلعتهم فى شاليات الفصل السادس فى صلح السامرى مع الافرنج مرّةً ثالثةً الفصل السابع فيما فعل السلطان بهادر شاه بن مظفر شاه الكجراتىّ رحمهم الله معهم من مصالحتهم مع اعطاء جملة من بنادره الكبار لهم الفصل الثامن فى وصول سليمان پاشا وزير السلطان الاعظم المرحوم السلطان سليمان شاه الرومىّ نوّر الله مرقدهما الى ديو ونواحيها ورجوعه الى مصر من غير فتح الفصل التاسع فى وقوع الصلح بين السامرى والافرنج مرّةً رابعةً الفصل العاشر فى وقوع المخالفة بين السامرى والافرنج الفصل الحادى عشر فى مصالحة السامرى والافرنج مرّةً خامسةً الفصل الثانى عشر فى سبب الاختلاف

1, 5 *B* فيها; 10 *B* كوده.

10, 1 *C* اكبار; 8 *B* باشه.

12, 4 *C* دنب. Preferimos *B* para uniformizar; no respectivo capitulo é esta a forma usada. É o vocabulo sanscritico द्वीप, *duipa,* «ilha».

فى المحافل والامصار والمكرمات التى شاعت اثارها فى الاقطار الساعى فى قطع دابر الكافرين واستيصال المبطلين ناشر العدل والاحسان باسط اكفّ الفضل والامتنان السلطان الاعظم المظفر الاوآه السلطان علىّ عادل شاه رفع الله بعزّه قواعد الدين وشيّدها وقمع بإزه اولياء الطغيان واباد فرقهم وفرقها وملّكه بساط الارض شرقًا وغربًا وسلّطه عليها برًّا وبحرًا وعجمًا وعربًا وهو الامام الذى شهد بمكارمه الخافقان ورغب فى خدمته الثقلان حبّه لاهل العلم والورع طبيعىّ ورفعه لمقامهم ومقالهم امتثال شرعىّ خلّد الله على العالمين احسانه وعدله وصبّ عليهم كرمه وفضله بحقّ محمّد وآله وقسمتُ المجموع على اربعة اقسام القسم الاوّل فى بعض احكام الجهاد وثوابه والتحريض عليه القسم الثانى فى بداء ظهور الاسلام فى ديار مليبار القسم الثالث فى نبذة يسيرة من عادات كفرة مليبار الغريبة القسم الرابع فى وصول الافرنج الى بلدة مليبار وبعض افعالهم القبيحة وفيه فصول الفصل الاوّل فى ابتداء وصولهم الى مليبار ثم حصول المخالفة بينهم وبين المسلمين والسامرى ومصالحتهم راعى

1, 7 *C* اثاهم.

3, 1 *B* فاشر ايات.

4, 6–7 *B* عادلشاه.

17, 7 *B* واعى.

والتحريض عليه بنصّ التنزيل والاثار وشيئا اختصّ به كفرتها من غرائب الاخبار وجعلتُها تحفةً لحضرة افخر السلاطين واكرم الخواقين الذى جعل جهاد الكفرة قرّة عينه واعلى كلمة الله بالغزّاء وقرط اذنه وارصد نفسه الشريفة لنصر اهل الله وهمّته لعليّة لتدمير اعداء الله محيى دين الله الضلال ماحى الكفر عن بلاد الله الذى صيّر محبّة العلماء نصب عينه واغاثة الغرباء والضعفاء مطمح نظره مالك ازمّة المعالى حسنته الايّام والليالى الفائز مع حداثة سنة بالسعادة الابديّة والجائز مع كثرة حسنائه بالمفاخر السرمديّة الذى طبق ارجاء الوجود سير مكارم اياديه وعبق نواحيه شذّا نفحات ذكر محاسنه ودانت لهيبته رقاب الاعاظم وذلّت لعظمة صولته كرام الاعارب والاعاجم الكريم الذى امطرت سحائب كفّه على فضلاء البلاد البعيدة الحليم الذى اسنى حلمه حلم العقلاء المتقدّمة صاحب النصر والفتوح والعمل الخالص النصوح ذى الغزوات التى تليت ايات فتحها

6, 8 *B* صبّه.

7, 6 *B* مطيح.

9, 2 *C* والحائز

12, 1 *B* لعزيز.

13, 2 *B* اكفّه.

15, 4 *B* الغزّوات, 4 *C* الغزاوات.

الله كفرانًا اذنبوا وخالفوا فسلّط الله عليهم اهل پرتكال من الافرنج خذلهم الله تعالى فظلموهم وافسدوا واعتدوا عليهم بما لا يحصى من اصناف الظلم والفساد الظاهرة بين اهل البلاد ومضوا على ذلك برهة من الازمنة تنيّف على ثمانين سنة حتى آلت أحوال المسلمين الى شر مآلٍ من الضعف والفقر والذلّ وصاروا لايستطيعون حيلةً ولا يهتدون سبيلاً ولم يعتن بدفع ما حلّ بهم من البلاء والفتنة سلاطين المسلمين وامراؤهم اعزّ الله انصارهم مع كثرة عساكرهم واموالهم بالجهاد وانفاق الاموال فى سبيل الله لقلّة اعتنائهم بامور دينهم وايثارهم الدنيا الفانية على اخرتهم فجمعتُ هذا المجموع ترغيبًا لاهل الايمان فى جهاد عبدة الصلبان فإنّ جهادهم فرضُ عينٌ لدخولهم بلاد المسلمين وايضا اسّروا منهم من لا يحصى كثرة وقتلوا منهم كثيرين وردّوا جملة منهم الى النصرانيّة واسّروا المسلمات المأسوات حتى خرج لهم منهنّ اولاد نصارى يقاتلون المسلمين ويؤذونهم وسمّيتُه تحفة المجاهدين فى بعض احوال البرتكاليين ذكرتُ فيها مع بعض ما مضى من مساويهم ظهور دين الاسلام فى ديار مليبار ونبذة يسيرة من احكام الجهاد وعظيم ثوابه

5, 7–8 *B* سر مال.

12, 7 *B* até **15,** 5 *B* falta.

18, 8 *C* ثوابى.

الله صلّى الله عليه وآله وسلّم انا سيّد ولد ادم ولافخر واذا صحّ انّه صلّعم سيّد ولد ادم فهو خيرهم وخيريّة الائمة تابعة لخيريّته وروى الامام احمد عن المقداد رضى الله عنه انّه سمع رسول الله صلّعم يقول لا يبقى على ظهر الارض بيت مدرٍ ولا وبرٍ الّا ادخله الله كلمة الاسلام يعزّ عزيز ويذلّ ذليل امّا يعزّهم الله فيجعلهم من اهلها ويذلّهم فيدينون لها قلتُ فيكون الدين كلّه لله وممّا لا يخفى انّ الله سبحانه وتعالى ادخل دين الاسلام فى اكثر الاراضى العامرة ففى اكثر الاقطار بالسيف والارغام وفى بعضها بالدعاء الى الاسلام وقد اكرم الله اهل مليبار من الهند بقبول دين الاسلام طائعين راغبين لا راهبين ولا مخزيين وذلك انّ جمعًا من المسلمين دخلوا فى بنادر مليبار وتوطّنوا فيها ودخل اهلها فى دين الله يومًا فيومًا وظهر فيها الاسلام ظهورًا بالغًا حتى كثر المسلمون فيها وعمر بهم بلدانها مع قلّة ظلم رعاتها الكفرة وعدم تعدّهم عن رسومهم القديمة واتاهم الله نعمة وسيعة فعبروا على ذلك زمانًا ثم بدّلوا نعمة

1, 5 *B* falta.

2, 4 *B* por extenso, e assim tambem nas outras passagens.

4, 1 *B* وذلّ; 10 *C* فيدنيون.

15, 9 *C* رسوم.

16, 4 *C* موسعة; 5 *B* فغبروا.

بسم الله الرحمن الرحيم

الحمد لله الذى اظهر دين الاسلام على كلّ الاديان واعزّ المتمسّكين به على تعاقب الازمان والصلوة والسلام على رسوله الهادى الى الدين المتين وعلى آله واصحابه وذرّيته اجمعين وبعد فانّ الله تعالى منّ على عباده بان وهب لهم تميّزًا ضميرًا وعقلاً واعدّ لهم ما يحتاجون اليه وبيّن لهم ما يفوزون به فضلاً وارسل اليهم رُسُلاً مبشّرين ومنذرين مخبرين عن الله هادين وشرّفنا خاصّةً بان جعلنا من امّة خير خلقه محمّد صلّى الله عليه وسلّم وفضلنا به على سائر الامم قال الله تعالى كنتم خيرَ امّةٍ اخرجت للناس وقال رسول

5, 5 *B* سبحانه.

6, 3 *B C* ضاميزًا.

10, 10 *C* قالِ.

تُحفَةُ ٱلمُجَاهِدِينَ

فى بعض احوال البرتكاليّين

تاليف

الفقيه الشيخ زين الدين

TRADUCÇÃO

Em nome de Deus piedoso e misericordioso!

Gloria a Deus que elevou o islamismo acima de todas as religiões, e ennobreceu em todos os tempos os seus seguidores; benção e paz seja com o seu Propheta, o guia da forte fé, com a sua familia, companheiros e todos os seus descendentes!

Na verdade Deus concedeu aos seus servos um entendimento, uma consciencia, e uma intelligencia, e preparou-lhes tudo aquillo que podiam precisar d'elle, e fez-lhes conhecer a mercê que recebiam. Enviou-lhes Prophetas, portadores da boa nova, que lhes annunciaram o bom caminho de Deus. Mas ennobreceu-nos, sobretudo, porque nos fez do povo da melhor das suas creaturas, Mohamede, e nos fez superiores aos outros povos. Deus disse: Vós sois o melhor povo que existe entre os homens[1]. O Propheta de Deus disse: Eu sou um principe descendente de Adão, e certamente o mais glorioso. E se é verdade que elle é um principe descendente de Adão, é porque elle é superior a todos os outros homens, e a superioridade da sua nação é uma consequencia necessaria da sua excellencia.

---

[1] *Alcorão*, III, 106.

Refere o sacerdote Ahmede[1], citando Almequedade[2], que elle ouvira o Propheta de Deus dizer: Não ficará à face da terra habitação de povoação ou tenda, onde não penetre a palavra de Deus, elevando o homem de bem, e abaixando o perverso; e aquelles que Deus elevar, elle os fará dos seus; aquelles que elle abaixar, serão banidos d'esse numero, porque eu disse: Toda a fé está em Deus[3].

Na verdade Deus fez penetrar o islamismo em paises muito numerosos, em muitos d'elles pela força da espada, e nalguns por conversão livre. Deus honrou os habitantes do Malabar, país da India, com a acceitação do islamismo que elles quiseram abraçar, sem temor nem vergonha. Effectivamente um grupo de muçulmanos penetrou nos portos do Malabar, e estabeleceu-se nelle, e foram pouco a pouco os seus habitantes convertendo-se, e começou o islamismo a brilhar; por fim os muçulmanos vieram a tornar-se muito numerosos, morando com os naturaes nas suas cidades, graças á boa harmonia em que viviam com os principes infieis, e ao respeito dos seus antigos usos; e a troco d'isso Deus fez-lhes grandes mercês.

Passou-se assim bastante tempo; mas elles vieram a pagar os favores de Deus com a ingratidão, peccaram, e desobedeceram-lhe. Então elle mandou-lhes como senhores um povo frange, os portugueses — queira Deus

---

1 Provavelmente Ahmede bem Hambal, fundador d'uma das quatro escolas orthodoxas do islamismo; morreu em 855. Foi tradicionista celebre, isto é, occupou-se a recolher as tradições attribuidas a Mohamede, as quaes reunidas constituem a *Sonna*. Cf. Dugat, *Histoire des philosophes et des théologiens musulmans*, pp. 119, 295–298; Bem Callicám, *Biographical Dictionnary*, trad. de Slane, t. I, pp. 44–46.

2 Nome d'um dos companheiros do Propheta. Cf. a nota 4 de p. 12.

3 *Alcorão*, II, 187; VIII, 40.

abandoná-los! —, que os opprimiram, vexaram e hostilizaram com toda a sôrte de oppressões e vexames, bem manifestos para os habitantes do país.

Decorreu assim um longo periodo de tempo, superior a oitenta annos[1], em que os muçulmanos attingiram um extremo de fraqueza, pobreza e vexames, sem verem um meio de sair de tão criticas circumstancias. Quanto aos soberanos e principes muçulmanos não se importavam com o seu soffrimento e desgraça, não empregando os seus poderosos exercitos e fortuna na guerra santa e caminho de Deus, porque pouco se interessavam com as cousas da fé, e preferiam os gosos d'este mundo mortal aos do outro.

Por isso fiz esta compilação para incitar os crentes á guerra contra os adoradores da cruz, porque fazer-lh'a é uma obrigação imperativa, por terem invadido o territorio muçulmano, aprisionado um sem numero de crentes, matarem grandissimo numero d'elles, converterem muitos ao christianismo, aprisionarem muçulmanas que violentaram a ponto d'ellas terem filhos christãos, que combatiam os muçulmanos e os prejudicavam.

Eu dei-lhe por titulo *O presente dos defensores da fé* (ou *O mimo do campeão da fé*), no qual se referem algumas noticias acêrca dos portugueses; descrevo nelle tambem as suas violencias contra a fé islamica no país do Malabar, e dou algumas noticias das prescripções legaes a respeito da guerra santa, as grandes recompensas e a incitação que nesse sentido se acha no livro santo, assim como os antigos costumes e outras cousas dignas de menção, que dizem particularmente respeito

---

1 De 1498 a 1585 ou 1586 (propriamente 1579, cf. p. XCVI), anno em que termina esta historia; neste anno fez-se um tratado de paz e amizade com o Samorim, que pôs fim à tão longa hostilidade com os nossos, como se verá na p. 87.

بسم الله الرحمن الرحيم

الحمد لله الذى اظهر دين الاسلام على كلّ الاديان واعزّ المتمسّكين به على تعاقب الازمان والصلوة والسلام على رسوله الهادى الى الدين المتين وعلى آله واصحابه وذرّيّته اجمعين وبعد فانّ الله تعالى منّ على عباده بان وهب لهم تميّزًا ضميرًا وعقلاً واعدّ لهم ما يحتاجون اليه وبيّن لهم ما يفوزون به فضلاً وارسل اليهم رُسُلاً مبشّرين ومنذرين مخبرين عن الله هادين وشرّفنا خاصّةً بان جعلنا من امّة خير خلقه محمّد صلّى الله عليه وسلّم وفضلنا به على سائر الامم قال الله تعالى كنتم خيرَ امّةٍ اخرجت للناس وقال رسول

5, 5 *B* سبحانه.

6, 3 *B C* ضاميزًا.

10, 10 *C* قال.

تُحْفَةُ ٱلْمُجَاهِدِينَ

فى بعض احوال البرتكاليين

تاليف

الفقيه الشيخ زين الدين

TRADUCÇÃO

messa será executada, dí-lo a Biblia, o Evangelho e o dispensador de soccorro, e que todos se abstenham de fraude na partilha da presa, nem se deixem vencer com ameaças.

É sabido que os muçulmanos do Malabar não teem principe que os governe, e administre os seus bens, antes todos são subditos de infieis; mas apesar d'isso luctam com os inimigos da fé, e gastam em guerras grandes sommas, segundo as suas posses, ajudados do Samorim, o amigo dos muçulmanos. Ainda com este auxilio pecuniario a lucta no primeiro momento terminou pela fraqueza a que ficaram reduzidos os muçulmanos, despojados os seus moradores, perdidas as suas vidas, arrasadas as suas moradas, e tomados os seus bens; nas luctas posteriores esse enfraquecimento foi crescendo, a sua pobreza e miseria augmentando, emfim chegaram á impotencia; e os soberanos e principes muçulmanos — torne-os Deus seus auxiliadores! — não obstante a obrigação imposta nestes casos, em nenhuma maneira os soccorreram![1] Mas aquelle que se erguer com o poder real para combater os infieis, dispendendo a sua fazenda e preparando as munições de guerra devidas para os combater e expulsar do país do Malabar e fazer abandonar os portos de que se assenhorearam nelle, esse será cheio de louvores, feliz; elle será o punidor do que faltou ao dever, como executor da vontade de Deus, e premiador dos que permaneceram fieis á causa da fé. E então elle receberá uma recompensa

[1] Estes soberanos muçulmanos da India são: o Adilxá ou Idalcão, rei de Bijapor, possuidor da costa ao sul e norte de Goa; o Nizamxá, rei de Ahmedenagar, possuidor da costa ao sul e norte de Chaul; e o rei do Guzerate, onde tivemos Diu, Baçaim e mais tarde Damão. Fora da India o auctor quer sem duvida referir-se aos soberanos do Egypto, da Persia e da Arabia. No interior da India havia outros estados muçulmanos; mas a sua posição impedia-os de favorecer os muçulmanos do Malabar.

dos seus anjos, prophetas e enviados; os servos de Deus cobri-lo-hão de preces e saudações; os homens de virtude, os fracos, os pobres e abandonados da fortuna, elevarão até elle com a recompensa da guerra santa e do dispendio da sua fortuna no caminho de Deus a recompensa d'aquelle que libertou da oppressão estes infelizes. Porque na verdade disse o Propheta: Aquelle que livrar um crente de uma pena do mundo, Deus o livrará de uma das penas do dia de juizo, refere Moceleme[1]. Ora se é assim para aquelles que livraram um só crente de uma só pena, ainda que insignificante, como não ha de ser d'aquelles que livraram de penas numerosas e grandes um sem numero de infelizes, por meio da guerra santa no caminho de Deus? Certamente só Deus, excelso e grande, poderá apreciar essa recompensa, elle que prescreveu particularmente a guerra santa para libertação dos opprimidos! Elle disse: Porque não luctaes pelo amor de Deus[2] e dos opprimidos, homens, mulheres e creanças?

Citam-se a respeito das excellencias da guerra santa, seu zêlo, despesa com ella, e martyrio por ella, versiculos e tradições numerosas. Assim Deus disse: Ordenou-se-vos a lucta e ella repugna-vos; e provavelmente as cousas que vos são de aversão são para vós as melhores, assim como as cousas que amaes são as peores para vós, porque Deus tudo sabe, e vós nada sabeis![3] Elle disse tambem: Deus deu o paraiso aos crentes que combatem por amor d'elle, a troco da vida e dos bens; e na verdade quer matando quer sendo mortos a pro-

---

1 Afamado auctor tradicionista, discipulo de Ahmede bem Hambal; morreu em 874. Cf. Dugat, p. 300; Bem Callicám, t. III, pp. 348-350.

2 Luctar pelo amor de Deus, seguir no caminho de Deus, e expressões analogas aqui usadas, querem dizer, combater pela religião de Mohamede.

3 *Alcorão*, II, 212, 213.

bella, illimitada, um bello, infinito louvor dos crentes do Oriente e Occidente; será bem acolhido de Deus, Alcorão, e quem será mais fiel á sua alliança do que Deus? Regozije-se, pois, com a troca aquelle de vós que fez com elle pacto, porque assim alcançou uma grande victoria[1]. E elle disse mais: Assim como o grão germinou sete espigas, e em cada espiga ha cem grãos, assim tambem fez elle duplicar, conforme a sua vontade, a fortuna d'aquelles que gastaram seus bens por amor d'elle, porque Deus é grande, sabio![2] E elle disse: Não julgueis que estão mortos aquelles que succumbiram por amor de Deus, porque elles estão vivos na presença do seu Senhor, gozando alegres os beneficios concedidos por elle, e folgando da bemaventurança que espera os que virão após elles, sem temor nem tristeza[3].

Contam Albocarí e Moceleme[4], nos seus livros *O Authentico,* que Abú Horeira referira, que interrogado o

1 *Alcorão,* IX, 112.

2 *Alcorão,* II, 263.

3 *Alcorão,* III, 163 e 164.

4 Os muçulmanos orthodoxos acceitam como auctoridade em materia de fé o Alcorão e a Sonna. Esta é a reunião de todas as tradições attribuidas ao Propheta, referentes a algum acto da vida civil ou religiosa, em que teve de tomar alguma decisão. Estas tradições foram recolhidas posteriormente por alguns doutores da lei islamica; os mais celebres são Albocarí e Moceleme, de que se falla aqui. Foram recolhidas da boca dos companheiros do Propheta, isto é, d'aquelles individuos, seus contemporaneos, que o viram, ou com elle viveram, e d'elle ouviram o que contam, ou d'aquelles que as ouviram dos companheiros do Propheta; e por fim d'outros que as houvessem recebido de pessoa de auctoridade. Não daremos noticias especiaes a respeito de cada um dos companheiros do Propheta ou tradicionistas aqui citados, não só porque de alguns as não encontrámos, mas porque são desnecessarias nesta obra, onde elles apparecem incidentemente. Acêrca de Albocarí, que morreu em 869, veja-se Callicám, II, p. 594; Dugat, p. 299; de Abú Horeira, Callicám, I, p. 570, nota 2; Dugat, pp. 22, 262; de Anas (bem Málique), Callicám, III, p. 306, nota 20;

Propheta de Deus sobre qual era o acto mais meritorio, elle respondera: A crença em Deus e no seu Propheta. E depois? perguntaram-lhe. Elle respondeu: A guerra santa por amor de Deus. E depois? A santa peregrinação a Meca.

Contam os mesmos auctores, como referido por Abú Horeira: Disse o Propheta de Deus: Deus favoreceu aquelles que obraram por amor d'elle, que acreditam em mim e nos seus Prophetas; se elles voltarem sãos e salvos terão a presa em recompensa, mas se forem mortos ganharão o paraiso[1].

Os mesmos dizem: O Propheta de Deus disse: Juro por aquelle em cujo poder está a minha vida que não ha um só crente que se regosije de me renegar, como não ha nenhum que affirme que eu reneguei aquelles que se bateram por amor de Deus; juro por aquelle em cujo poder está a minha vida que eu desejei morrer por amor d'elle; resuscitar tres vezes, e tres vezes morrer por elle!

Os mesmos dizem: O Propheta de Deus disse: Aquelle que faz a guerra santa por amor de Deus é tão meritorio como o jejuador constante, o devoto dos preceitos de Deus, e não é obrigado ao preceito do jejum e da oração até que volte da guerra.

Os mesmos dizem: O Propheta disse: Ninguem ha de enganar Deus no amor d'elle, porque elle sabe quem o engana; quando vier o dia de juizo a sua ferida verterá um sangue que terá a côr do sangue, e um cheiro que será o do almiscar.

Dugat, pp. 6, 251; de Abú Daúde, Callicám, I, pp. 589–591; de Sahl bem Sahde, Callicám, III, p. 607; de Ocba Benamir, Callicám, I, p. 35; de Attirmedí, Callicám, II, pp. 679–680; Dugat, pp. 119, 125, 300; de Amrám bem Huçáim, Callicám, II, p. 588, nota 4; de Annaçái, Callicám, I, pp. 58–59; de Bem Maja, Callicám, II, p. 680; de Attibraní, Callicám, I, pp. 592–593.

1 É duvidosa a traducção, como tambem o é o texto arabe.

Anas refere: O Propheta disse: Certamente uma manhã e uma tarde empregadas por amor de Deus são melhores do que a vida d'este mundo e os seus prazeres.

O mesmo diz: O Propheta disse: Ninguem que entre no paraiso quer voltar a este mundo; e só do mundo elle ambiciona uma cousa, é a de martyr, e como tal desejaria voltar e morrer dez vezes pela mercê que recebe.

Jaber refere: Um homem disse ao Propheta na batalha de Ohode: Eu sinto-me morrer: para onde vou eu? Elle respondeu: Para o Paraiso. Elle atirou as tamaras que tinha na mão, e correu a batalhar até que foi morto.

Refere Sahle bem Sahde: O Propheta disse: A vida de um dia combatendo por amor de Deus vale mais do que o mundo e os seus prazeres.

Refere Abú Muça: Um homem apresentou-se ao Propheta de Deus, e perguntou-lhe: Qual procede no caminho de Deus, o homem que se bate para ganhar a presa, o que se bate para adquirir fama, ou o que se bate para subir em dignidade? Elle respondeu: Aquelle que combate pela exaltação da palavra de Deus, que é o mais nobre fim, esse na verdade vae no caminho de Deus.

Refere Abú Saíde Aladirí que o Propheta dissera: O mais meritorio dos homens é o crente que lucta por amor de Deus, e por elle gasta os seus bens.

Conta Albocarí citando Abú Horeira: O Propheta de Deus disse: No paraiso ha cem degraus que Deus preparou para os que luctam por amor d'elle; entre cada dois degraus ha a distancia que medeia entre o ceu e a terra. Depois de Deus vos perguntar que quereis, respondei-lhe: *Alfirduce,* porque elle é o logar melhor e mais elevado do paraiso; por cima d'elle está o throno do Piedoso, e d'elle correm os rios do paraiso.

Refere Abú Abaz: O Propheta disse: Quem não se preparou um logar de servo no amor de Deus, consumi-lo-ha o fogo do inferno.

Refere Abú Queis: Eu ouvi Sahde dizer. Eu fui dos primeiros que luctei por amor de Deus; um dia que nós combatiamos junto do Propheta de Deus, e não tinhamos outro alimento mais que folhas de arvore, um de nós comeu-as como o poderia fazer um camello ou uma ovelha, e esse foi o seu unico alimento.

Refere Abú Horeira: O Propheta disse: Áquelle que apanhar um cavallo por amor de Deus, tendo crença nelle, e fé nas suas promessas, certamente elle sacia-lo-ha; e no dia de juizo pesará na sua balança, o dono e o escremento.

Conta Moceleme á fé do mesmo: O Propheta disse: Aquelle que morreu sem combater [por amor de Deus], nem formou esse proposito, morreu hypocritamente.

Refere o mesmo: O Propheta disse: O infiel e o seu matador não se juntarão no fogo do inferno.

Refere o mesmo: O Propheta disse: Aquelle que tomou as redeas do seu cavallo para ir combater por amor de Deus, voando-lhe sobre o dorso todas as vezes que ouve uma alerta ou rebate, e voou sobre elle desejando a morte ou ser morto, seu supremo designio, comparado ao homem a que a presa arrebata o espirito, ou que no meio do deserto ergue a oração a Deus, pratica uma vida pura e serve seu Senhor até possuir a verdade, aquelle outro é ainda o melhor.

Refere Jaber Samara: O Propheta disse: Não acabará esta religião, porque por ella combaterão os muçulmanos até ao dia de juizo.

Refere Soleimão Alferecí: Eu ouvi o Propheta de Deus dizer: Vale mais o serviço militar por amor de Deus de um dia e de uma noite do que um jejum de um mês, e as respectivas orações; se morrer deu o que tinha a dar, cumpriu o seu destino, e fica ao abrigo da tentação de Satanaz.

Refere Ocba Benamir Eu ouvi o Propheta, quando estava no pulpito, dizer: Preparae para elles, quanta força puderdes, mas sobretudo archeiros.

O mesmo refere: Eu ouvi o Propheta dizer: Aquelle que aprendeu a atirar o arco, e abandona depois esta arte, não é dos nossos.

Refere Maçude Alançarí: Veiu um homem com uma camêla com freio, e disse ao Propheta: Esta camêla consagro-a ao serviço de Deus; e o Propheta respondeu: Terás no dia de juizo setecentas camêlas todas com freio.

Refere Masruque: Nós interrogámos Abdallá bem Maçude acêrca do versiculo que diz: Não julgueis que aquelles que succumbiram por amor de Deus estão mortos; elles estão vivos junto de seu Senhor, gosando aquillo que Deus lhes concedeu, etc.[1] Elle disse: Nós perguntámo-lo ao Propheta, que disse: Os seus espiritos estão no paraiso alumiados por lampadas suspensas do throno divino, e ali todas as suas necessidades são satisfeitas. Então elles collocam-se debaixo d'essas lampadas; e depois o seu Senhor apparece-lhes, e pergunta: Desejaes alguma cousa? e elles respondem: Que podemos nós querer, nós que estamos no paraiso, onde tudo nos é satisfeito? Tres vezes lhes fez Deus a mesma pergunta, e vendo elles esta insistencia disseram: Ó Senhor, nós desejamos que os nossos espiritos voltem aos nossos corpos para podermos morrer outra vez por amor de ti; mas Deus quando viu que nada precisavam deixou-os[2].

Refere Abdallá Benomar Benalace que o Propheta dissera: O que morre por amor de Deus renega tudo menos a sua fé.

Refere Anas: Partiu o Propheta de Deus com os seus companheiros de armas, e chegado a Bedre apparece-

---

[1] *Alcorão*, III, 163.

[2] A nossa traducção d'este trecho é duvidosa.

ram os polytheistas; então elle disse aos seus: Preparae-vos para irdes para o paraiso, cuja grandeza é a dos ceus e da terra. Omeir Benalhamame exclamou: Bravo! Bravo! O Propheta perguntou-lhe o que queria significar com aquellas palavras, e elle respondeu: Simplesmente que tenho esperança de entrar nelle. O Propheta disse: Pois bem, assim será! Depois Omeir tirou a pelle às tamaras que trazia, e pôs-se a comê-las; mas o Propheta disse: Na verdade se eu quizesse comer as minhas tamaras eu obteria por ellas uma vida prolongada; e então elle atirou fora as tamaras que tinha na mão, começou a batalhar, e por fim foi morto.

Refere Attirmedí e Abú Daúde, citando Fadalla Benobeide, que ouvira ao Propheta: Todo aquelle que morre termina ahi o seu destino, mas não aquelle que morreu luctando por amor de Deus, porque elle proseguirá o seu até o dia de juizo, e estará isento da prova do tumulo.

Refere Abú Daúde citando Abú Amama que ouvira o Propheta dizer: Aquelle que não combateu, nem equipou um combatente, ou que dissuadiu um combatente de seguir no bom caminho, Deus fa-lo-ha soffrer a pena antes do dia de juizo.

Refere Amrám bem Huçáim: o Propheta disse: Nunca deixará uma parte do meu povo de combater pela verdade, distinguindo-se exteriormente dos seus adversarios, e combaterá, até ao ultimo d'elles, o Anti-Christo.

Refere Attirmedí, citando Benabaz, que ouvira o Propheta de Deus dizer: Ha dois olhos que o fogo do inferno não attinge, o que chora com receio de Deus, e o que se não fecha a velar por amor de Deus.

Refere Abú Horeira: Um dos companheiros do Propheta de Deus passou por um outeiro onde corria uma fonte de boa agua, e agradou-lhe, e disse: Se eu abandonasse a companhia d'estes homens, na verdade eu ficaria neste outeiro. Foi isso sabido do Propheta que

lhe disse: Não faças isso, porque o merito de um de vós no caminho de Deus é maior do que a oração em sua casa durante setenta annos. Se quereis que Deus vos perdoe e vos dê entrada no paraiso, combatei por amor d'elle; aquelle que lucta por amor de Deus, ainda que seja só durante o intervallo entre duas ordenhas de camela, ganha o paraiso.

Referem Attirmedí e Annaçái, citando Abú Horeira, que ouvira o Propheta de Deus dizer: O martyr da fé não soffre de morrer, antes sente uma grande alegria.

Refere Harame bem Fatique: o Propheta disse: Áquelle que gastou a sua fortuna no caminho de Deus é concedido setecentas vezes o dobro do que dispendeu.

Refere Bem Maja citando Alí, Abú Adrada, Abú Horeira, Abú Amama, Abdallá Benamrú, Jaber Benabdallá e Amrám bem Huçáim que ouviram ao Propheta dizer: Aquelle que combateu em pessoa por amor de Deus, ou pagou a alguem em seu logar, receberá por cada direme setecentos mil, e em seguida recitou este versiculo: Deus duplica a quem quer, Deus é grande, sabio![1]

Refere Abú Daúde citando Benabaz que ouvira o Propheta dizer: Quando os vossos irmãos foram mortos na batalha de Ohode, Deus collocou os seus espiritos no ventre das aves verdes[2], onde correm os rios do paraiso, comendo as suas tamaras e abrigando-se debaixo das lampadas de ouro suspensas do throno de Deus; e quando elles viram que era bom o seu alimento, a sua bebida e morada, disseram: Quem fará saber aos nossos irmãos que estamos vivos no paraiso, para que conheçam que não terão mortificação no paraiso, nem se trata de guerra? Então Deus disse: Eu lho farei saber da vossa parte; e revelou ao Propheta estas pala-

---

[1] *Alcorão*, II, 263.
[2] É um outro nome para designar o paraiso.

vras: Não julgueis que os que succumbiram no caminho de Deus estão mortos, antes estão vivos, etc.[1]

Refere Alaqueme citando Abú Muça Alaxarí que ouvira o Propheta dizer: O paraiso está á sombra das espadas.

Refere Bem Maja citando Anas: O Propheta disse: Os restos d'aquelle que exhalou o espirito no caminho de Deus, cheirarão a almiscar no dia de juizo.

Refere Attibraní no livro *Grande*, citando Benomar, que ouvira o Propheta dizer: Àquelle que foi em romaria a Meca ser-lhe-hão perdoados os peccados praticados até então.

Refere Ueila que o Propheta dissera: Aquelle que não combateu comigo, terá de bater-se no mar[2].

Refere Addilamí no seu livro intitulado *O throno do paraiso*, citando Abú Horeira, que ouvira o Propheta dizer: Uma hora gasta por amor de Deus vale mais do que cincoenta peregrinações a Meca, isto é, a recompensa do guerreiro é durante uma hora superior a cincoenta peregrinações, e a razão de tal superioridade está em que o guerreiro arrisca a vida e bens por amor de Deus, e por consequencia a vantagem que tem excede a do peregrino.

PARTE SEGUNDA

Origem do estabelecimento do islamismo no Malabar

Certo numero de judeus e de christãos embarcaram com suas familias num grande navio, e vieram aportar a uma cidade do Malabar, chamada Cranganor, capital

---

[1] *Alcorão*, III, 163.

[2] Não percebemos o que o auctor quer dizer com isto.

do reino do mesmo nome; e pedindo ao rei terras, hortas e casas, ficaram morando nella[1].

Annos depois chegaram ali alguns faquires muçulmanos, tendo á sua frente um xeque, os quaes pretendiam visitar a pègada do nosso pae Adão em Ceilão[2]. Soube o rei de tal, e mandou-os vir á sua presença, e acolhendo-os com favor, perguntou-lhes que novas lhe traziam, e a que vinham. O xeque contou-lhe a vinda do nosso propheta Mohamede, a fundação do islamismo, e o milagre da bipartição da lua. Então entrou no peito do rei a verdade do nosso propheta, e creu nelle, e manifestou amor por elle; e mandou

---

1 Já discutimos estes factos na nossa Introducção, pp. LXIV–XC.

2 «Esta serra (Pico de Adão) é uma das maravilhas do mundo, porque ficando pela terra dentro vinte legoas, os mariantes outras tantas em dia claro no mar a descobrem. Tem de altura duas legoas, coberta de grande arvoredo, e para se subir ao cume de uma planicie ou aba que faz a serra antes de chegar ao Pico, é com muito trabalho, por ser muito ingreme, e se gasta de pela manhã até às duas horas da tarde. Esta aba que faz a serra, é toda coberta de arvoredo com muitos ribeiros que formam-se com a agoa que se despenha do Pico, onde tambem tem alguns valles aprazíveis. Neste logar os gentios que vão em romaria, lavam o corpo, e vestem roupas limpas, que levam para este fim..... depois que tem feito aquellas superstições, começam a subir para o cume do Pico, que tem mais de um quarto de legoa, por cadeas de ferro feitas a modo de escadas, e senão fosse d'esta sorte, por inexpugnavel, não seria possivel o subir-se. No fim se chega a uma planicie mui redonda, e tem de diametro duzentos passos, onde vê uma alagoa mais profunda que dilatada, de excellente agoa se manancial..... Em o mais d'aquelle terreiro se vê uma lagem grande sobre algumas pedras lavradas, e nella estampada, como em cera, uma pegada de dous palmos em comprido e oito dedos de largo. Esta pegada é mui venerada de toda a gentilidade da India, e assim muitos d'elles vão em romaria pela ver, e cumprir seus votos e promessas». Cf. João Ribeiro, *Fatalidade historica da ilha de Ceilão*, pp. 67–68 (in *Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*, t. v); Correa, *Lendas da India*, t. I, pp. 650–651; Barros, *Decadas da Asia*, dec. III, liv. II, cap. I; Couto, *Decadas da Asia*, dec. V, liv. VI, cap. II.

ao xeque que na volta da peregrinação á pègada de Adão, elle e os seus companheiros viessem pela sua cidade, para que partisse com elles, prohibindo-lhes porem que revelassem esse segredo aos habitantes do Malabar. Elles assim fizeram; seguiram para Ceilão, e procuraram-no na volta.

Elrei mandou ao xeque que procurasse um navio para se embarcarem, sem que tal fosse conhecido de ninguem. Havia no porto muitos navios de mercadores estrangeiros; o xeque dirigiu-se a um capitão d'elles, e disse-lhe que elle e alguns faquires desejavam seguir viagem no seu navio, ao que elle accedeu.

Quando chegou a occasião da partida, elrei prohibiu á sua côrte e ministros que communicassem com elle durante sete dias; nomeou um governador a cada uma das suas cidades, e determinou a jurisdicção de cada um, para que nenhum saisse das suas attribuições; isto é tradição corrente ainda hoje entre os pagãos do Malabar.

Este rei dominava todo o Malabar, cujos limites eram ao sul o cabo Comorim, e ao norte Canjarcote. Depois d'estas disposições embarcou com o xeque e faquires durante a noite, e foram ter a Pandarane, onde desembarcou, e passou um dia e uma noite. Embarcaram d'ali novamente para Darmapatam, onde tambem foi a terra, e descansou tres dias; e d'aqui foram para Xael, onde desembarcou com os seus companheiros. Após uma longa estada ali resolveu-se a voltar com alguns companheiros ao Malabar, para nelle edificar mesquitas, e propagar o islamismo[1].

Mas no entretanto elrei adoeceu muito gravemente, e vendo que não escaparia pediu aos seus companheiros que não desistissem da viagem da India, se viesse a morrer. Estes, que eram entre outros, Xarfe bem Mé-

---

[1] Já anteriormente, na Introducção, pp. LI–LXIV, referimos o que se sabe acêrca da historia do Malabar.

lique, e seu irmão materno Mélique bem Dinar, e seu sobrinho Mélique bem Habibe bem Mélique, responderam: Nós não sabemos de onde tu és, nem quem tu és, e se acceitámos de emprehender esta viagem foi confiados em que nos acompanharias. Elrei ficou um momento irresoluto, e por fim escreveu na lingua do Malabar uma carta, em que dizia quem era, os seus parentes, e nomes dos seus governadores. Recommendou-lhes em seguida que fossem a algum d'estes portos, Cranganor, Darmapatam, Pandarane ou Coulão; e mais lhes disse: Não informeis nenhum dos malabares, nem do meu grande soffrimento, nem da minha morte; depois do que deu a sua alma a Deus misericordioso e grande!

Annos depois partiram para o Malabar num navio, entre outros Xarfe bem Mélique, Mélique bem Habibe e sua molher Comría, com seus filhos e parciaes. Chegados a Cranganor, e desembarcando nella, entregaram a carta d'elrei ao governador d'ella, occultando-lhe porem a sua morte. Depois que elle a leu e se informou do seu conteúdo distribuiu-lhes terras e hortas, conforme se mandava na carta, e elles estabeleceram-se ali e edificaram na cidade uma mesquita; mas o sobrinho de Melique bem Dinar, Mélique bem Habibe, foi em seu logar levantar outras mesquitas no resto do Malabar.

Saiu pois Mélique bem Habibe para Coulão com seus bens, molher e alguns filhos, e edificou nella uma mesquita; foi d'ali, em seguida a ter ali perdido sua molher, para Eli Marabia, onde edificou uma mesquita, e tambem em Bacanor, Mangalor, Darmapatam e Canjarcote. Voltou novamente a Eli Marabia, onde se demorou tres meses, e d'aqui foi a Jarpatam, Darmapatam, Pandarane e Chalé, construindo mesquitas em todas estas povoações; e depois de uma demora de cinco meses nesta ultima voltou a Cranganor, junto do seu tio Mélique bem Habibe. Não tardou que partisse

a visitar e orar em cada uma d'estas mesquitas, voltando depois a Cranganor, agradecendo e louvando a Deus por ter permittido a propagação do islamismo em país cheio de infieis; depois Mélique bem Dinar e Mélique bem Habibe partiram para Coulão, onde este se estabeleceu com os seus companheiros e escravos, e Mélique bem Dinar com alguns d'aquelles seguiu para Xael, onde foi em romaria ao tumulo do rei morto, e d'ali para o Coraçám, onde morreu. Quanto a Mélique bem Habibe, tendo deixado alguns filhos em Coulão, voltou com sua molher a Cranganor, onde ambos falleceram.

Tal é a historia do primeiro estabelecimento do islamismo no Malabar. Com respeito á sua data nada se sabe ao certo, mas eu supponho que não terá sido posteriormente ao principio do seculo IX[1]. É, porem, tradição muito corrente entre os muçulmanos do Malabar que a conversão d'este rei foi no tempo do Propheta, com a visão que teve uma noite da partição da lua; que depois fôra até o Propheta, e este o acolhera muito honradamente; que voltara a Xael com a tenção de seguir d'ali para o Malabar, com os companheiros de que fallámos, e que morrera nella; mas isto é pouco verosimil. O que é certo é que agora é voz geral que foi enterrado em Dofár[2] ou Xael[3], e ali é o seu tumulo

---

[1] O dr. Burgess encontrou em Pandarane uma inscripção tumular, onde parece poder ler-se a data de 782, porque esta acha-se bastante apagada; mas isto não basta para infirmar a asserção de Zinadím. Logan, *Malabar*, t. I, pp. VII e 195. Veja-se o que a este respeito dissemos nas pp. LVII-LVIII.

[2] «Dofar, é um logar no estreito [do mar Roxo], grande e de grande trato, povoado de muita gente, todos mouros». Cf. Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India*, liv. VI, cap. XXXIV.

[3] «Xael, é logar de mouros, que está na mesma costa d'Arabia, cincoenta e cinco legoas d'Adem, indo para o estreito [do mar Roxo]: está em quatorze graos e um quarto, situado em costa

tido em grande reverencia, e os naturaes do país chamam-lhe Samorim; assim como de todos os habitantes do Malabar, muçulmanos e infieis, é bem conhecida essa partida. Para os infieis comtudo elle subiu ao ceu, e esperam a sua vinda; e em lembrança de tal facto, trazem a um certo sitio, em Cranganor, um tamanco e agua[1], e durante uma certa noite illuminam-no. É tambem bem sabido entre elles que este rei, proximo da sua partida, dividiu o governo do reino pelos seus companheiros, com excepção do Samorim, que foi o primeiro principe do porto de Calicute, por estar ausente da côrte nesse momento. Como chegasse antes do embarque d'elrei, este presenteou-o com uma espada[2], dizendo: «Bate com ella, e serás rei»; elle fez conforme lhe fôra recommendado, e assim se assenhoreou de Calicute.

Algum tempo depois que começou a ser habitada por muçulmanos, principiaram a affluir ali mercadores e capitães de navios de todas as partes, e tanto cresceu o commercio que ella veiu a ser uma grande e nobre cidade, onde se cruzavam todas as classes de homens, quer muçulmanos, quer infieis, e d'este modo o poderio do Samorim foi superior ao de todos os principes do Malabar[3]. Eram todos estes infieis uns mais poderosos

---

brava, em que o mar de contino anda rolado... É logar de grande trato, por haver nelle muitos muitos cavallos e encenso que levam os mouros do Malabar e de Cambaia, que levam alli suas mercadorias a vender. Neste logar invernam as naos que vão para o mar Roxo se não podem passar por irem já tarde, e ventarem os ponentes que lhe são por davante». Cf. Castanheda, liv. VI, cap. XXXIII.

1 O texto diz assim, mas não sabemos para que apparece aqui um tamanco e agua. Todos os mss. de Londres (incluindo o da Sociedade Asiatica) são concordes neste ponto.

2 Uma gravura d'esta espada serve de frontispicio ao tomo I do *Malabar*, de Logan.

3 Compare-se com o que dissemos nas pp. LXIII–LXIV.

do que outros, mas nem por isso o forte expoliava o fraco, abusando da sua força, e isso graças ás prescripções d'aquelle grande rei, que se converteu ao islamismo, e ao favor do Propheta e da sua religião. Estes reinos são de grandeza muito variavel, ha-os de uma farçanga, outros são maiores; os seus exercitos são tambem de cem, (e até abaixo d'este numero), de duzentos, trezentos, mil, cinco mil, dez mil, trinta mil, cem mil ou mais homens.

Algumas cidades confederam-se em numero de duas, tres ou mais, apesar de mais poderosas umas do que outras, e ainda que rebente a guerra e a desintelligencia entre ellas, nem por isso quebram o seu pacto de alliança.

Os soberanos mais poderosos do Malabar são Tiruare, principe de Coulão, Comorim, e do territorio comprehendido entre estes dois pontos; para o oriente d'elle estendem-se numerosos reinos; Colátiri, principe de Eli Marabia, Jarpatam, Cananor, Iracole, Darmapatam, etc.; porêm mais poderoso do que elles, e de maior fama, é o Samorim, cujo dominio vae de um a outro reino; é grande soberano graças ao favor do islamismo, e ao seu amor pelos muçulmanos, e ao modo liberal como os trata, sobretudo sendo estrangeiros. Os infieis pretendem que o é graças á espada com que o presenteou aquelle rei de que fallámos, a qual elles pretendem que o Samorim guardou até hoje com veneração e respeito, e a leva comsigo todas as vezes que vae á guerra ou á grande assemblea[1].

O Samorim quando faz guerra por um qualquer motivo a um dos principes menos poderosos do Malabar, depois de desaffrontado restitue ao vencido a fazenda ou qualquer parte do territorio que haja tomado, e

[1] Veja-se o que dissemos a este respeito na nossa Introducção, pp. LX–LXI, nota 2.

senão logo fá-lo mais tarde, porque não conserva violentamente o que tomou; e a razão d'este procedimento está em que isso é uso e tradição antiga dos malabares, que elles raras vezes infringem. Isto faz o Samorim; os outros principes nas suas guerras limitam-se tambem a matar os seus adversarios e destruir as cidades, se podem.

PARTE TERCEIRA

De alguns usos e costumes estranhos entre os infieis do Malabar.

É de saber que entre os infieis do Malabar ha estranhos usos, que se não encontram entre os outros povos[1]. Assim, se um dos seus principes é morto em batalha, o seu exercito faz guerra sem treguas ao principe inimigo, ás suas tropas e cidades, e só depois de mortos todos os adversarios, ou destruido todo o reino do adversario, elles se dão por satisfeitos. É por isso que elles evitam sempre que tal succeda; mas este antigo uso já no tempo de agora se não guarda tanto.

Os principes do Malabar estão divididos em duas parcialidades, a dos alliados do Samorim, e a dos do principe de Cochim, mas esta opposição é puramente occasional, e logo que as circumstancias mudem, desapparecerão, e voltarão ás suas boas relações[2].

---

[1] Os factos aqui referidos são verdadeiros; e isto mostra que Zinadím, ou foi natural do Malabar, ou lá viveu bastante tempo. Cf. Duarte Barbosa, pp. 312-347, onde dá abundantes informações acêrca dos usos e costumes do Malabar; Pyrard, *Viagem*, trad. de Rivara, t. I, pp. 313-358; Logan, *Malabar*, I, pp. 108-178.

[2] Couto tambem falla d'esta divisão dos principes do Malabar em duas parcialidades; aos do partido de Calecute chama *Paydaricuros;* aos do de Cochim *Logiricuros* (ou *Yogreculo* em Simão

Tambem são leaes nas suas guerras, e por isso escolhem um certo dia para a batalha, a que não faltam, e toda a fraude empregada consideram-na como uma affronta.

Depois da morte de um proximo parente, como pae, mãe ou irmão mais velho, entre os brahmanes, carpinteiros e castas vizinhas; ou como mãe e tio materno, e irmão mais velho entre os naires e castas vizinhas, abstem-se durante um anno inteiro de relações carnaes com suas molheres, e de comer carne e betel, não cortam o cabello, nem as unhas; e não só não quebram este uso, mas antes o consideram como preito aos mortos.

O direito de herdar pertence entre os naires e castas vizinhas aos irmãos da mãe, ou filhos dos irmãos ou tios maternos, ou parentes proximos pelo lado da mãe, nunca aos descendentes directos, quer bens moveis, quer immoveis, e este uso de não fazér herdar os filhos foi adoptado pela maioria dos muçulmanos de Cananor e seu termo, apesar de existir entre elles quem leia o Alcorão, cumpra os seus preceitos, tire proveito da sua leitura, adquira saber e execute os seus deveres religiosos. Entre os brahmanes, ourives, carpinteiros, ferreiros, xanáns, pescadores, etc., porém herdam os filhos, e celebram contracto de casamento; mas entre os naires o casamento consiste apenas em atar ao pescoço da molher um collar, podendo ella depois desposar o que lh'o atou ou outro que quiser[1].

Botelho, *Tombo do Estado da India,* p. 31). O elemento commum d'estas duas palavras, *curo,* significa em malaialam *partido, facção;* mas não sabemos a significação do primeiro elemento. (Communicação do sr. Donald Ferguson). Cf. Couto, dec. v, liv. I, cap. I.

[1] «As molheres nayras de sua linhagem são mui isentas, e fazem de si o que querem com bramenes e nayres, porem não dormem com homem mais baixo que sua casta sob pena de morte: a estas como são de doze annos, suas mães lhe fazem uma grande cere-

Entre os brahmanes, havendo varios irmãos só se casa o mais velho, excepto se houver certeza que não terá descendencia; os outros irmãos não se casam, para evitar o fraccionamento da herança, de onde resulte disputa; apenas cohabitam com molheres de naires, sem outra forma de casamento, como os naires, e se a alguns succede fazerem-lhes filhos estes não herdam; mas se houver certeza de que o mais velho não terá filhos, é permittido a um dos outros irmãos casar-se.

Tambem é de uso no país entre os naires e castas vizinhas, juntarem-se em numero de dois, quatro ou mais com uma só molher, indo cada um d'elles alternadamente passar a noite com ella, do mesmo modo que o muçulmano faz com as suas esposas, sem que d'ahi advenha inimizade ou discordia entre elles[1]. É

---

monia; e como uma molher vê que sua filha é d'esta idade, roga a seus parentes e amigos que se façam prestes para lhe honrarem aquella filha; então roga a seus parentes, e especialmente a um seu parente ou grande amigo que lhe case aquella filha, e elle lh'o promette de boa vontade, e manda fazer uma joia pequena que terá meio ducado, comprida como uma fita, com um buracó no meio que passa da outra banda, e enfiada em um fio de retros branco..... Este seu parente ou amigo chega com aquella joia, e fazendo certa ceremonia à moça, lança-lh'a ao pescoço, que toda a sua vida traz em sinal, e pode fazer de si o que quiser; elle se vae sem dormir com ella, porquanto é seu parente, e se o não é então pode dormir com ella, porem não o obrigam a isso». Cf. Duarte Barbosa, p. 326.

[1] «E como entre elles (os naires) não ha este contracto de casamentos, nem por lei nem por obrigação, ajuntam-se tres e quatro, e tomam uma mulher de que usam, que todos sustentam. Esta mulher está em casa sobre si; e quando algum d'elles a quer communicar deixa a rodela à porta, para que vindo qualquer dos outros, saiba que está a casa occupada; e isto corre entre elles com tanta singelesa, que nunca se achou serem tocados da raivosa peste dos ciumes. E por isso, louvando o nosso Luís de Camões este costume nas suas Lusiadas, diz: Ditosa condição, ditosa gente, que não é de ciumes offendida». Cf. Couto, dec. VII, liv. X, cap. XI; Duarte Barbosa, p. 327.

assim tambem que fazem os carpinteiros, ferreiros, ourives, etc., com a differença de que são só irmãos ou proximos parentes que teem uma só molher, para d'este modo se não dividir a herança, e impedir questões entre os herdeiros.

Os malabares não cobrem o tronco, com excepção das partes vergonhosas, e do que as mais approxima, ficando descoberto o resto d'elle, e isto tanto homens como molheres, reis como grandes personagens.

Tambem não escondem as molheres aos olhos dos outros homens, com excepção das dos brahmanes; mas os naires enfeitam as suas, e vestem-nas de atavios, e levam-nas ás grandes assembleas para as mostrarem aos homens, e estes as admirarem.

Na realeza o successor de direito é o irmão mais velho, ou um dos sobrinhos maternos, ainda que o seja por uma differença minima, e quer seja idiota, quer cego ou doente; e comtudo não consta que nenhum dos irmãos ou sobrinhos maternos, tenha morto o mais velho para mais cedo se apossar do poder. Se faltam os herdeiros, ou escasseiam, tomam um estranho, comtanto que seja de idade, e fazem-no herdeiro em logar do filho, do irmão, ou do filho da irmã, e não fazem depois differença entre elle e o legitimo herdeiro. Este uso é geral entre todos os infieis do Malabar, para os reis como para os subditos das castas superiores ou inferiores; e d'este modo não se interrompe a successão à herança.

Os malabares estão sujeitos a numerosas peias de que se não podem eximir, por estarem divididos num sem numero de castas, umas superiores, outras inferiores, outras intermedias; e se entre a casta superior e inferior houver contacto, ou se os das castas inferiores excederem os limites entre si de parentesco, é obrigatoria para a casta superior a purificação, e não podem tomar alimento antes d'isso, porque de contrario são excluidos da sua casta, e elles não tornarão a entrar

mais na casta superior. Só resta a estes um de dois caminhos: ou refugiarem-se em povoação onde o seu acto não seja conhecido, porque de contrario é licito ao senhor do país prendê-lo e vendê-lo a pessoa de casta inferior, quer seja homem ou molher; ou então converterem-se ao islamismo, ou tornarem-se jogues[1] ou christãos. Tambem não é permittido aos das castas superiores comerem alimento preparado pelos das castas inferiores, porque se o fizerem saem da sua. Os que envolvem o pescoço da donzella com collares formam a casta mais nobre de todo o Malabar, e ella propria subdivide-se em outras sub-castas, umas superiores, outras inferiores e intermedias; os brahmanes constituem a mais alta d'ella, e elles por sua vez tambem se subdividem.

A casta a seguir a estas, é a dos naires; estes são a casta guerreira, a mais numerosa e de maior poder; tambem se divide em muitas sub-castas, — superiores, inferiores e intermedias.

Logo abaixo dos naires veem os xanáns, os quaes se occupam a colher os fructos dos coqueiros, e extraem d'elles o liquido de que fazem uma especie de vinho, ou preparam e fabricam o açucar. Abaixo

---

1 Isto é, ascetas. «São homens que leixando o mundo, se dedicam todos a Deos, e fazem grandes peregrinações por visitarem os templos dedicados a elle». Cf. Barros, dec. III, liv. III, cap. I. «São uns bramenes que tomam por religião andarem em penitencia por todo o mundo, com umas cadeias derredor de si, cheios de bosta de vacas por mais desprezo de suas pessoas». Cf. Barros, dec. I, liv. V, cap. VIII. «Vestiam [os jogues de certo convento] pobrissimamente um saio velho e remendado, moravam em cavernas mais que em cellas, pallidos e macilentos dos continuos jejuns, os pés descalços, a cabeça sempre coberta de cinza, solitarios e retirados, e só algumas vezes saíam a pregar da morte, ou chegando às portas da cidade tocavam uma corneta, pedindo com este sinal, sem fallarem palavra, alguma esmola». Cf. Fr. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado,* t. I, p. 750.

d'estes ha as dos carpinteiros, dos ferreiros, ourives, pescadores, etc.; e abaixo ha ainda muitas outros inferiores, que tratam da cultura e sementeira dos campos, e o mais que a isso diz respeito; dividem-se tambem em castas, e se um homem de casta inferior commetter acto illicito com molher de casta superior á sua durante certas noites do anno, ella será excluida da sua, a não ser que tenha sido fecundada. De contrario pode seu marido prendê-la e vendê-la, a não ser que tenha fugido para entre os muçulmanos, e se tenha convertido á sua fé, ou á christã, ou tornado jogue; assim como se um individuo de baixa casta tiver relações com uma molher de casta superior da casta inferior, ou vice-versa, o individuo da casta superior é excluido da sua, ou tem de proceder como dissemos acima, excepto se é algum dos que atam os collares das donzellas que teve relações com uma molher naire, porque assim não sae da sua casta, sendo a razão d'esta excepção o facto de que já fallámos, de que só o irmão mais velho entre os brahmanes pode casar, e os outros estabelecem concubinagem com as molheres dos naires.

Muitas outras particularidades semelhantes a estas poderiamos citar, as quaes os malabares praticam ignorante e estupidamente; e esta foi a razão principal porque Deus os favoreceu, fazendo-os entrar no seio do islamismo. Estas considerações constituem certamente uma digressão, mas palavra puxa palavra, e por isso nos fomos alargando. Voltemos ao nosso proposito.

Assim pois Xarfe bem Mélique, Mélique bem Dinar e Habibe bem Mélique, etc., aos quaes já anteriormente nos referimos, tendo entrado no Malabar, e edificado mesquitas nos portos sobreditos, e nelles implantado o islamismo, começaram os muçulmanos a engrossar pouco a pouco, e a affluirem ali em grande numero de todas as partes os mercadores. Fundaram-se

então novas cidades, como Calecute, Baliancote, Tirurangar, Tanor, Panane, Purpurangar, Paronor, do termo de Chalé, Capocate, Tiracole e outras do termo de Pandarane, Puriangar, Eli, Cananor, Iracole, Chombá, do termo de Darmapatam, ao sul Pudepatam, Nilachiram[1], ao sul d'estas Cranganor, Cochim, Vaipim[2], Palipuram e muitos outros portos. Cresceu o numero dos seus moradores, e nelles se estabeleceram os muçulmanos e os mercadores d'esta religião, graças ao benevolo tratamento dos seus principes, apesar de serem pagãos, tanto elles como as suas tropas, e ao respeito dos seus velhos usos, nem exercerem oppressão senão raras vezes; os muçulmanos são seus subditos, e em pequeno numero, pois não attingem um decimo da população.

Os portos do Malabar foram desde antigos tempos de grande importancia, sendo mais notavel entre elles o de Calecute, mas depois que chegaram os franges ao Malabar, e tolheram o seu commercio, teem diminuido bastante.

Os muçulmanos não teem em todo o Malabar um principe com poder para os governar, são pelo contrario os principes pagãos que presidem aos seus negocios; impõem as multas, quando algum dos muçulmanos commette um delicto punivel entre elles com multa, mas nem por isso deixam de lhes manifestar honra e favor, porque a maior parte das suas cidades foram edificadas com o auxilio d'elles. São elles que fazem celebrar a oração da sexta feira e as festas; são elles que determinam os honorarios dos magistrados e dos muedins, e que ordenam a execução dos preceitos legaes entre os muçulmanos. Não permittem o abandono da oração de sexta feira; e aquelles que o fazem soffrem

---

1 Não estamos bem certo da nossa identificação.

2 É duvidosa a nossa identificação.

grandes damnos, e obrigam-nos a multa na maior parte das cidades.

Quando um muçulmano commette um crime punivel entre elles com a pena de morte, matam-no, mas com a permissão dos chefes dos muçulmanos, e depois estes tomam-no, lavam-no, vestem-no, rezam sobre elle a oração final, e enterram-no no seu cemiterio. Quando é um pagão que commette um crime punivel com a pena de morte, matam-no, e crucificam-no, ou deixam-no no logar onde foi morto, até que venham comê-lo os cães e os chacaes. Apenas percebem os dizimos sobre as suas mercadorias, e as multas, quando algum d'elles commette um delicto que entre elles soffre multa; não taxam os proprietarios de terras e hortas, ainda que sejam grandes; e não entram nas casas dos muçulmanos sem sua licença.

Quando algum d'elles commette um delicto, ainda que seja morte injusta, elles contentam-se com a sua expulsão d'entre os muçulmanos, procurando constantemente castigá-lo com a fome ou cousas parecidas; mas áquelles dos pagãos que se convertem ao islamismo não fazem damno, antes honram como aos demais muçulmanos, mesmo que tenham sido das castas inferiores. É por estas razões favoraveis que os mercadores muçulmanos se estabeleceram ali desde tempos antigos[1].

---

[1] Não sabemos até que ponto estas affirmações são verdadeiras, porque não temos elementos que confirmem ou infirmem o que aqui se diz; é bem certo em todo o caso que os muçulmanos gosavam em Calecute de grandes vantagens pela sua preponderancia commercial, e como Zinadím estava em boas condições de o saber, tudo nos leva a crer que aqui tambem falla verdade. Já vimos precedentemente na nossa Introducção as razões adduzidas em favor d'estas nossas asserções, e não temos, pois, que voltar a ellas.

PARTE QUARTA

De como os franges vieram ao Malabar, e alguns actos affrontosos praticados por elles.

Esta parte divide-se nos seguintes capitulos:

CAPITULO I

De como vieram os franges ao Malabar pela primeira vez; a sua inimizade com o Samorim; edificação das fortalezas de Cochim, Cananor e Couláo; conquista do porto de Goa, e o seu estabelecimento nesta cidade.

A primeira vez que os franges appareceram no Malabar foi no anno de 1498[1]; e vieram a Pandarane[2] em tres navios no fim da monção da India, e d'ahi dirigiram-se por terra ao porto de Calecute, onde permaneceram durante meses, tomando informações acêrca do

---

[1] Vasco da Gama chegou effectivamente neste anno à India, depois de uma viagem de onze meses. A primeira terra que avistou foi o monte de Eli, ao noroeste de Cananor, a 17 de maio; a 20 de maio surgiu em Calecute.

[2] Os nossos escriptores não estão de accôrdo neste ponto com Zinadím. Barros, Goes e o *Roteiro de Vasco da Gama* dizem que surgiram num logar duas leguas abaixo de Calecute; mas não tardaram a ir surgir deante d'esta cidade, d'onde elrei depois os mandou, por ser inverno, para porto mais seguro, Capocate, segundo Barros, Pandarane, segundo Goes e Castanheda, a cinco eguas de Calecute. D'aqui foi Vasco da Gama visitar elrei a Calecute por terra. Segundo Correa e Castanheda, Vasco da Gama foi surgir em Capocate, e foi recebido d'elrei, não em Calecute, mas em Panane. Cf. Barros, dec. I, liv. IV, cap. VI, VIII-X; Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel*, parte I, cap. XXXVIII-XLIII; Gaspar Correa, *Lendas da India*, t. I, pp. 68-121; Castanheda, liv. I, cap. XII e XV; *Roteiro da Viagem que em descobrimento da India fez D. Vasco da Gama*, p. 50.

Malabar, e das suas condições actuaes, depois do que voltaram a Portugal, sem terem tratado de commercio. O motivo da sua vinda ao Malabar, segundo se diz, foi entrar em relações com o país da pimenta, a fim de que monopolizassem o seu commercio, porque antes só a podiam haver comprando-a a intermediarios, que por vez a compravam aos que a importavam do Malabar, e estes tambem indirectamente.

Dois annos depois voltaram em seis navios[1], e foram a Calecute como mercadores, e disseram aos ministros do Samorim que prohibissem que os muçulmanos commerciassem com os seus subditos e navegassem para a Arabia, «porque as vantagens que haveis d'elles as havereis muito maiores de nós»[2]. Effectivamente os fran-

[1] Armada de Pedro Alvares Cabral, que partiu de Lisboa em 1500; era de dez naus grossas, diz Correa, mas perderam-se quatro na passagem do Cabo da Boa Esperança, chegando a Calecute as outras seis. Segundo Barros e Goes eram treze, de que se perderam cinco no caminho, com um grande temporal, e outras se desgarraram, de modo que só chegaram a Calecute seis. Cf. Barros, dec. I, liv. V, cap. IV; Goes, parte I, cap. LIV, LV e LVII; Correa, t. I, pp. 146-169; Castanheda, liv. I, cap. XXX-XXXI; *Carta de elrei D. Manuel ao rei catholico,* pp. 9-11 (diz doze naus e uma caravela, que voltou ao reino depois do descobrimento do Brazil, e chegaram a Calecute só seis naus), nas *Memorias da commissão portuguesa, Centenario do Descobrimento da America.*

[2] Os nossos escriptores não são concordes sobre quem fez esta imposição. Barros diz que foi Vasco da Gama, em 1502, o qual intimou a que lançasse fora do seu reino os mouros de Meca e Cairo; ao que elle se oppôs, por serem para cima de 4:000, e a causa da sua grande prosperidade. Thomé Lopes diz que foi Cabral que fez esta imposição ao Samorim, o qual deu a resposta sobredita, differindo em que o numero de mouros é nelle de 4:000 ou 5:000. Como a resposta fosse negativa Cabral disse que elle era tenente do poderoso rei de Portugal, que d'um tambor poderia fazer um rei como elle. Segunde Goes, D. Francisco de Almeida levava no seu regimento ordem de fazer egual pedido. Cf. Barros, dec. I, liv. VI, cap. V; Goes, parte II, cap. I; *Noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas,* t. II, p. 190.

ges começaram logo a mostrar-se adversos aos muçulmanos nas suas transacções commerciaes; por isto o Samorim mandou-os matar, e d'elles morreram cêrca de 70 ou 60 pessoas, escapando os restantes pela fuga e por terem embarcado nos navios, de onde bombardearam quem estava em terra, e os de terra responderam-lhes do mesmo modo[1]. Por fim partiram para Cochim; aqui fizeram amizade com os seus moradores, conseguindo levantar nella uma fortaleza pequena, que foi a primeira que tiveram na India, e para a qual se serviram dos materiaes das casas dos moradores; e arrasaram tambem uma mesquita, que ficava á beira do mar, e no seu logar edificaram uma egreja, fazendo trabalhar nella os moradores. Depois fizeram tambem amizade com os moradores de Cananor, onde edificaram uma fortaleza, empregando nisso os ditos morado-

---

1 As delongas propositadas do Samorim e os vexames soffridos por Vasco da Gama deixaram neste um rancor, que veremos em acção na segunda viagem. Cabral já levava recommendação de lhe fazer guerra, se não acceitasse as suas condições. O Samorim permittiu que se estabelecesse na sua capital uma feitoria, de que ia feitor nomeado, Aires Correa, o qual se alojou na casa muito grande que tinha sido feitoria dos Chins, e por esse facto se chamava Chinacota, que quer dizer fortaleza dos Chins. Cabral fez desembarcar cem homens, diz Correa, sessenta, diz Barros, e setenta, diz Goes, que estivessem sempre de guarda a ella, para acudirem a qualquer surpresa dos naturaes ou dos mouros. Depois de muito tempo, Cabral vendo que tudo eram difficuldades para carregar as naus do reino, tomou uma nau dos mouros; a população de Calecute amotinou-se, e foi contra a feitoria. Dos nossos foram mortos, alem do feitor, muitos dos que a guardavam, e poucos se puderam salvar para as nossas naus, trinta e seis diz Correa; mas segundo Goes perdemos cincoenta entre mortos e captivos, cincoenta e quatro diz a *Carta de D. Manuel.* Como represalia Cabral queimou os navios que estavam no porto, e durante dois dias bombardeou Calecute. Cf. Barros, dec. I, liv. V, cap. V–IX; Goes, parte I, cap. LVIII–LIX; Correa, t. I, pp. 169–225; Castanheda, liv. I, cap. XXXVIII–XXXIX; *Carta de D. Manuel,* p. 17.

res[1]; em seguida partiram para Portugal, com os navios carregados de pimenta e gengibre, porque foram as especiarias a razão principal da sua tão longinqua travessia do seu país á India.

Um anno depois vieram novamente em quatro navios[2], e foram aportar a Cochim e Cananor, regressando em seguida ao seu país com pimenta e gengibre.

Dois annos depois voltaram com vinte, vinte e um, vinte e dois ou dezoito navios[3], e regressaram ao reino com pimenta, gengibre e outras mercadorias. Aproveitando a sua ausencia foi o Samorim contra Cochim, e destruiu-a, como era costume desde muito tempo, e matou dois ou tres dos seus principes, e em seguida

---

1 Isto que se diz de Cochim e de Cananor não é verdade. Cabral estabeleceu feitorias nestas duas cidades; mas fortalezas só lá as tivemos alguns annos mais tarde. A de Cochim, mas de madeira, foi levantada em 1503, a de pedra em 1506, por D. Francisco de Almeida; a de Cananor, de madeira em 1505, de pedra em 1507. No Malabar só os pagodes e as casas dos reis podiam ser de pedra e telha; e assim se comprehende a resistencia dos seus principes em conceder esse direito aos portugueses. Cf. Barros, dec. I, liv. IX, cap. IV; Goes, parte I, cap. LXXVIII; parte II, cap. VII; Correa, t. I, pp. 384-393; 625-642; 515, 583, 712-716, 727-729; Castanheda, liv. II, cap. XVII, XXVIII.

2 Em 1501 D. Manuel mandou uma nova armada de quatro naus, de que era capitão mór João da Nova. Cf. Barros, dec. I, liv. V, cap. X; Goes, parte I, cap. LXIII; Correa, t. I, pp. 234-235; Castanheda, liv. I, cap. XLIII; *Carta de D. Manuel,* p. 21.

3 Segundo Zinadím esta armada teria ido à India em 1503, mas deve ser 1502. É a armada de Vasco da Gama, que pela segunda vez ia à India, já com o titulo de almirante do mar das Indias; esta armada era de quinze velas, de vinte se contarmos as cinco de que ia capitão mór Vicente Sodré, que devia à entrada do mar Roxo dar caça às naus de Meca; porêm de vinte e cinco segundo a *Carta de D. Manuel* (doze do estado e treze dos mercadores). Cf. Barros, dec. I, liv. VI, cap. III-VII; Goes, parte I, cap. LXVIII-LXIX; Correa, t. I, pp. 269-339; Castanheda, liv. I, cap. XLIV-XLVIII; *Carta de D. Manuel,* pp. 21-23.

voltou a Calecute[1]. O motivo da sua morte foi terem collocado os sobrinhos, a quem competia em proprio a successão ao reino de Cochim e dependencias, abaixo dos outros parentes, ajudados dos franjes e com violação dos antigos usos, que mandam investir do poder os de maior idade; encherem os franges de favores e honras, auxiliarem-nos nas suas guerras e necessidades, concederem-lhes fazendas e o dizimo das suas mercadorias, augmentando-lhes assim grandemente o poder.

Um anno depois, pouco mais ou menos, da vinda dos vinte navios, reappareceram em dez navios, dos quaes sete vinham pela primeira vez, e os tres restantes já haviam estado na India com outros navios um anno antes; mas tendo soffrido atrazo no caminho juntaram-se aos sete que vinham do reino, e com elles vieram até o Malabar; partiram os sete para o reino com mercadorias, deixando os tres em Cochim[2]. Então

---

1 O favor com que elrei de Cochim nos acolhera e servia, irritara o Samorim, que aproveitando-se da partida de Vasco da Gama para o reino, e de Vicente Sodré para o estreito do mar Roxo, foi contra elle e pô-lo em grande extremidade; e elrei, desbaratado, recolheu-se com os portugueses de Cochim à ilha de Vaipim, em frente da cidade de Cochim. Nesta guerra foram mortos dois principes herdeiros de Cochim, diz Correa, o principe herdeiro e dois sobrinhos seus, diz Goes e Castanheda. A vinda da armada de Francisco de Albuquerque em 1503 repôs as cousas no anterior estado de antes da guerra. Cf. Barros, dec. I, liv. VII, cap. II; Goes, parte I, cap. LXXIII-LXXVII; Correa, t. I, pp. 349-365; Castanheda, liv. I, cap. L-LXI.

A guerra accendeu-se de novo depois da partida de Francisco e Affonso de Albuquerque, mas de novo foi o Samorim desbaratado e vencido. Aqui e então se immortalizou Duarte Pacheco. Cf. Barros, dec. I, liv. VII cap. I-VIII; Goes, parte I, cap. LXXXV-XCII; Correa, t. I, pp. 424-499; Castanheda, liv. LXII-LXXXVIII.

2 Em 1503 partiram de Lisboa nove naus divididas em tres capitanias, de que iam por capitães mores Francisco de Albuquerque, Affonso de Albuquerque e Antonio Saldanha, com tres naus cada um. Francisco de Albuquerque foi o primeiro que che-

o Samorim reuniu perto de cem mil naires, e numerosissimos muçulmanos, e foi contra elles. Atacou os franges com peças de artilheria, mas sem exito, e não pôde penetrar em Cochim; os muçulmanos de Panane vieram em tres zambucos contra elles, mas debalde, ficando ainda mortos bastantes dos crentes. No dia seguinte os moradores de Panane e de Baliancote vieram em quatro zambucos, os de Pandarane e os de Capocate em outros tres; fizeram-lhes crua guerra, mas nada conseguiram os muçulmanos; e como se approximava a estação das chuvas, durante a qual seria impossivel a guerra, voltou o Samorim com a sua gente para o seu país, são e salvo graças a Deus. Por esta forma chegavam todos os annos sem interrupção grandes frotas e armadas de Portugal com homens e fazendas, e todos partiam em grande numero do Malabar para Portugal com pimenta, gengibre e outras especiarias.

Depois que os franges se estabeleceram em Cochim e Cananor puderam os seus moradores e alliados fazer o seu commercio por már, graças ao estado de paz em que estavam com elles, e desde que tomassem os seus cartazes. Cada navio tinha um para seu seguro, por mais pequeno que fosse; cada cartaz paga uma certa somma para os seus principes, e concediam-nos aos capitães dos navios no momento da partida; e era de toda a vantagem que se conformassem com esta

---

gou à India, e juntou-se-lhe a armada de Vicente Sodré, que andava perdida nas costas da India, e de que era capitão mór Pero de Ataide, depois da morte de Vicente Sodré, e o navio de Antonio do Campo, que se perdera da armada de Vasco da Gama e fôra invernar na costa de Melinde; e em Cochim se lhe juntaram ainda as tres naus de Affonso de Albuquerque. Deviam todos prefazer cerca de dez velas. Cf. Barros, dec. I, liv. VII, cap. I; Goes, parte I, cap. LXXVII e LXXXI; Correa, t. I, pp. 376-404; Castanheda, liv. I, cap. LV.

obrigação, porque se os franges encontravam um navio sem cartaz apresavam-no com pessoas e fazendas[1].

Entretanto o Samorim e os seus principes e alliados faziam-lhes guerra constantemente; o Samorim gastou nella grandes sommas, e por fim elle e os seus viram-se a ponto de succumbir. Mandou embaixadores aos soberanos muçulmanos, pedindo-lhes o seu auxilio, mas debalde, porque apenas o rei do Guzerate, elrei Mahmudexá, pae do excellente soberano Mozaffarxá, e Adilxá, avô do muito illustre Alí Adilxá, —queira Deus illuminar-lhes o futuro!—, mandaram aprestar navios e galés, que comtudo não puderam saír ao mar.

Tambem o soberano do Egypto, Cansú Algurí, enviou um dos seus capitães de nome Hocem, com tropas em treze galés. Partiu para um porto do Guzerate, e d'elle para o de Chaúl, acompanhado já de Mélique Iaz, governador de Diu, com galés; encontrou aqui alguns navios dos franges, e travou peleja com elles, e conseguiu tomar-lhes uma galé grande, e vencê-los[2]; depois voltou para Diu, e aqui se deteve durante os meses da estação chuvosa. Passado algum tempo, vieram juntar-se-lhe da parte do Samorim cêrca de quarenta galés pequenas, procedentes do país d'este e de outros; mas os franges, —queira Deus combatê-los!—, quando souberam que elle estava em Diu, fizeram gran-

[1] Effectivamente assim era; os nossos concediam cartazes ou seguros aos alliados para livre trafico nas costas da India; a viagem do mar Roxo era expressamente prohibida. Todos os navios encontrados sem cartaz eram presa dos nossos; os mercadores de Calecute eram os que mais tinham a soffrer pelo estado de guerra contínua comnosco, e esses cartazes não lhes eram dados.

[2] Batalha de Chaul em 1507, em que a armada de D. Lourenço de Almeida, filho do viso-rei, foi desbaratada e elle morto, e a sua nau tomada pelo emir Hocem. Cf. Barros, dec. II, liv. II, cap. VII–VIII; Goes, parte II, cap. XXV–XXVI; Correa, t. I, pp. 741–771; Castanheda, liv. II, cap. LXXVI-LXXX.

des preparativos, e partiram de subito com cêrca de vinte navios para ali. Logo que chegou a Diu noticia da sua vinda, o emir Hocem, sem a prevenção que o caso requeria, com os malabares e Mélique Iaz[1], partiu ao seu encontro com todas as suas galés. Os franges, —amaldiçoe-os Deus!—, quando os encontraram, apenas atacaram as galés do emir Hocem, tomando-lhes algumas d'ellas, e destruindo as outras; e voltaram os malditos franges vencedores para Cochim, porque assim o determinou Deus na sua sabedoria infinita, mas ficando sãos e salvos, não só o proprio emir Hocem, mas tambem alguns dos seus companheiros, assim como as galés de Mélique Iaz e as dos malabares[2].

O emir Hocem voltou ao Egypto, e Algurí irritado da derrota soffrida resolveu mandar nova armada de vinte e duas galés grandes e bem apercebidas, e deu o commando d'ella a Salmám Arrumí e ao emir sobredito. Partiram ambos nas galés para o porto de Juda, e depois para o de Camarám. O emir Hocem empenhou-se na guerra do Iamam, cujas cidades pôs a saque; o emir Salmám seguira para o porto de Adem, mas não tardou que voltasse a Juda, onde tendo tambem vindo Hocem, chegaram a mão armada um contra o outro; e porque este atacava os muçulmanos, e roubava as suas cidades, resolveu-se o emir Salmám a saír de Juda; e Hocem foi apanhado e lançado ao mar pelo

---

1 Mélique Iaz era o governador de Diu. A palavra Mélique, que propriamente tem a significação de *rei, principe,* era na India synonima de *emir.* Cf. Dozy, *Supplément aux dictionnaires arabes.*

2 Batalha de Diu em 1509, em que o viso-rei D. Francisco de Almeida foi procurar os rumes para vingar a morte de seu filho, e deitá-los fóra da India; e compunha-se a armada de dezanove velas. Hocem, quando soube da approximação do viso-rei, foi ao seu encontro, mas ficou completamente desbaratado. Cf. Barros, dec. II, liv. III, cap. VI; Goes, parte II, cap. XXXVIII–XXXIX; Correa, t. I, pp. 923–958; Castanheda, liv. II, cap. XCV–CI.

soberano do Hejaz, o xerife Baracate[1]. Pouco depois chegou á India a nova de que havia rebentado a guerra entre Algurí e o soberano de Constantinopla, Celimxá, e de o primeiro ter sido vencido e morto, e ter ficado Celimxá senhor do seu reino.

Na quinta feira 3 de janeiro de 1510, vieram os franges contra Calecute, queimaram a mesquita cathedral que havia sido mandada fazer pelo capitão de navios Mitcal[2], e invadiram o paço de Samorim, esperando assenhorearem-se d'elle. O Samorim estava ausente naquelle tempo, com guerras em terras distantes da capital, mas os naires que tinham ficado na cidade investiram denodadamente com elles, e obrigaram-nos a abandoná-lo, matando cêrca de quinhentos d'elles, afogando-se tambem grandissimo numero, e os que conseguiram escapar refugiaram-se nos navios, ficando assim mal succedidos os franges, graças a Deus[3].

---

1 Esta armada, de vinte e sete velas, segundo Goes, saiu de Suez em 1515, e devia não só vingar o destroço do emir Hocem, mas ajudar os principes da India contra nós. Não chegou a sair do mar Roxo, e em 1517 Lopo Soares foi procurá-la, e tentou queimá-la em Juda, não o conseguindo. Cf. p. 50; e Barros, dec. III, liv. I, cap. III; Goes, parte IV, cap. XII; Castanheda, liv. IV, cap. XI.

2 Contemporaneo de Bem Batuta (seculo XIV) que se refere a elle no seu livro de viagens. Era homem de grossos cabedaes, proprietario de grande numero de navios que commerciavam com a India, China, Arabia e a Persia. Cf. Bem Batuta, *Voyages*, t. IV, pp. 89-90, trad. de Defrémery e Sanguinetti.

3 Este ataque, em principio de 1510, foi dirigido por Affonso de Albuquerque e o marechal D. Fernando Coutinho, que com a sanha de pelejar e ganhar louros, o tornou em desastre. Os paços d'el-rei, que estava ausente, foram tomados, roubados e queimados, mas na retirada para as naus os nossos soffreram um grave revés, morrendo o marechal e setenta e oito portugueses, alem de trezentos feridos, entre os quaes Affonso de Albuquerque. Cf. Barros, dec. II, liv. IV, cap. I; Goes, parte II, cap. XLIII; Correa, t. II, pp. 11-26; Castanheda, liv. III, cap. I-IV.

Faremos notar aqui um facto extraordinario em dois escriptores portugueses. Pinheiro Chagas, na sua *Historia de Portu-*

Por este tempo tambem foram contra Panane, queimaram cêrca de cincoenta navios que estavam varados na praia, e mataram cêrca de setenta muçulmanos; e do mesmo modo fizeram contra Adem, cujos moradores atacaram, mas quís Deus que os muçulmanos ficassem vencedores e desbaratados os franges, por mercê de Deus, que os abandonou e lhes frustrou o intento; e passaram-se estes acontecimentos sendo senhor de Adem o emir Merjám[1].

Depois que os franges se fizeram senhores de Cochim e Cananor trataram com o principe de Coulão, que lhes permittiu que construissem uma fortaleza[2], e a razão d'isto foi porque ahi affluia a pimenta em tanta quantidade como a Cochim, os dois mais importantes portos de onde ella vinha.

Finalmente os franges atacaram Goa, e tomaram-na por surpresa, e nella estabeleceram a sede do seu governo na India. Pertencia ella ao muito alto Adilxá, avô de Alí Adilxá, —queira Deus allumiar o seu tu-

---

gal, t. v, p. 541, diz que a decadencia de Calecute fôra tão grande e rapida que em 1509 perdera a sua dynastia indigena, que era substituida por uma muçulmana; e affirma isto à fé de duas cartas publicadas por João de Sousa, *Documentos arabicos para a historia portuguesa,* pp. 28-30, 44-47, escriptas a D. Manuel por elrei de Calecute em 1509 e 1511. Parece incrivel que Chagas acceitasse sem reflexão taes factos; uma ligeira leitura dos nossos chronistas deixa-lo-hia ver logo o absurdo d'elles; a dynastia de Calecute só acabou com a passagem do Malabar ao poder dos ingleses. Onde se lê, nas duas cartas, Calecute, deve ler-se Quíloa!

1 Com effeito Affonso de Albuquerque quís em 1513 tomar Adem, mas não o conseguiu. Cf. Barros, dec. II, liv. VII, cap. IX; Goes, parte III, cap. XLIII; Correa, t. II, p. 336-344; Castanheda, liv. III, cap. CIII-CVII; *Commentarios do Grande Affonso de Albuquerque,* parte IV, cap. III-V; *Cartas de Affonso de Albuquerque,* t. I, pp. 207-213.

2 A fortaleza de Coulão foi levantada em 1514, segundo Correa; em 1519, segundo Castanheda. Cf. Correa, t. II, pp. 393-395; Castanheda, liv. V, cap. V-VI.

mulo! —, que os veiu atacar nella e conseguiu rehavê-la, depois de os ter expulsado, e a ter feito voltar ao islamismo. Irritou isso os malditos franges que vieram contra ella com grandes forças; e atacando-a a tomaram e senhorearam por terem peitado, diz-se, o seu governador e principaes, que lhes facilitaram a conquista. Depois edificaram os franges ali grande numero de poderosas fortalezas; e foi augmentando o poder d'elles de anno para anno, de mês para mês, porque Deus omnipotente assim o quís![1]

CAPITULO II

Actos dos franges affrontosos dos muçulmanos

Os muçulmanos do Malabar viviam no bem estar e commodidade da vida graças á brandura dos principes do país, ao respeito dos seus antigos usos e á amenidade do seu trato. Elles porem esqueceram o beneficio, peccaram e revoltam-se contra Deus. Por isso, pois, Deus mandou-lhes como senhores os Portugueses, franges christãos — queira elle abandoná-los! — que os tyrannizaram, corromperam e praticaram contra elles actos ignobeis e infames. Eram sem conta as violencias, o desdem, o escarneo, quando os obrigavam a trabalhar; punham as suas embarcações a seco; lançavam-lhes lama ao rosto e ao resto do corpo, e escarravam-lhes; despojavam-nos no seu trafico, impediam sobretudo a sua peregrinação [a Meca], roubavam-nos, queimavam

---

1 A narração de Zinadím é exacta. Affonso de Albuquerque foi, em 1510, duas vezes contra Goa, e depois de conquistada nella estabeleceu a séde do nosso governo no Oriente. Cf. Barros, dec. II, liv. IV, cap. VI; liv. V, cap. I–III; Goes, parte III, cap. III–VII e XI; Correa, t. II, pp. 142–172; Castanheda, liv. III, cap. VII–XIII; *Commentarios*, parte II, cap. XIX–XXII, XXVII–XXXV; parte III, cap. II–III; *Cartas*, t. I, pp. 26-29.

as suas cidades e mesquitas, e apresavam-lhes os navios, maltratavam o seu Livro Santo [Alcorão] e os livros [da sua religião], pisando-os e queimando-os; profanavam os recintos sagrados das mesquitas; incitavam os muçulmanos á apostasia [da sua fé] e á adoração da cruz, peitando-os para tal; enfeitavam suas molheres com as joias e os ricos vestidos arrancados ás molheres dos muçulmanos; assassinavam os peregrinos [de Meca], e os demais muçulmanos com toda a especie de violentações; insultavam o Apostolo de Deus publicamente; captivavam os muçulmanos, e aos captivos punham pesadas cadeias; arrastavam-nos ás praças do mercado para os venderem como escravos, e violentavam-nos então de um modo incrivel para obterem maior resgate; amontoavam-nos num edificio lobrego, infecto e sinistro[1]; davam-lhes pancadas com as botas quando faziam as suas abluções; suppliciavam-nos com o fogo; vendiam uns, escravizavam outros; contra outros praticavam actos crueis em que revelavam falta de sentimentos humanos; [emfim] exerciam o cruzeiro[2] das costas do Guzerate, do Concám, do Malabar e da Arabia, bem armados e pairando nellas para apresar os navios, tomar as fazendas em grande quantidade, e fazer numerosos captivos. Quantas molheres de distincção elles captivaram e violaram até terem d'ellas filhos christãos, inimigos da fé de Deus e damnosos dos muçulma-

---

1 É talvez o carcere da inquisição em Goa, onde foi estabelecida em 1560, a qual excedeu a de Portugal em horrores; mas pode tambem o auctor querer referir-se às prisões das cidades portuguesas, que eram logares infectos.

Acêrca da inquisição de Goa, e prisão de Damão, pode ler-se Dellon, *Narração da inquisição de Goa,* trad. de M. Vicente de Abreu, sobretudo de pp. 69-74, onde se diz como eram tratados os presos da inquisição.

2 A palavra arabe que traduzimos assim não a encontrámos nos diccionarios com esta significação.

nos! Quantos senhores, homens de sciencia e principaes captivaram ou violentaram até que os mataram! Quantos muçulmanos e muçulmanas elles converteram ao christianismo! E muitos outros actos semelhantes cometteram tão affrontosos e ignobeis que a lingua se cança a narrá-los, e tem repugnancia em pô-los a claro: — queira Deus, glorioso e omnipotente, puní-los![1] Com effeito o seu grande desejo e preocupação, de velhos e moços, é arrancá-los á fé dos muçulmanos, e fazê-los entrar na egreja christã — Deus nos livre d'isso! — ; e se vivem em paz com elles é a necessidade de viverem juntos que a isso os forçou, porque é muçulmana a maioria da população dos portos do mar. E certamente os franges que chegaram de Portugal nas primeiras monções vendo a tolerancia para com os muçulmanos em Cochim, — e que elles teem continuado até hoje — e que se lhes não punham peias, censuraram o seu capitão porque não os obrigava á conversão, querendo assim apagar calumniosamente a luz de Deus; mas Deus certamente impedirá que a sua luz se extinga e pelo contrario quererá que os infieis sejam aborrecidos. E tambem na verdade o capitão dos Franges disse ao rei de Cochim: «Expulsa os muçulmanos de Cochim, porque as vantagens que tu auferes d'elles são pequenas em comparação das que auferirás de nós, que serão dobradas; mas elle respondeu-lhe: «Elles são nossos subditos desde antigos tem-

---

[1] Zinadím tem razão. A India foi um campo aberto a todas as oppressões, senão piraterias: ia-se à India para roubar e enriquecer, com raras excepções, e se ha verdadeiros heroes ha tambem verdadeiros bandidos. Mas a inversa tambem é verdadeira, e é isso que se esqueceu de dizer Zinadím. Se assim procedemos para com os muçulmanos, elles pagavam-nos na mesma moeda, a violencia existia de parte a parte. Os tempos, ainda de fé viva, explicam e attenuam, até certo ponto, estes factos, que hoje vemos tão negros.

pos, e com elles construimos nossas cidades; é-nos pois impossivel expulsá-los»[1]. [Diga-se para melhor comprehensão d'este pedido que] a inimizade dos Franges é só com os muçulmanos, e a sua crença, e não com os naires ou outros quaesquer infieis[2].

CAPITULO III

Os franges fazem paz com o Samorim, e construem uma fortaleza em Calecute.

Durante a prolongada lucta com os franges, em que os muçulmanos vieram a succumbir, morreu o Samorim que com ella gastara grandes sommas. Seu irmão e successor[3] vendo a utilidade da paz, para que os seus subditos muçulmanos adquirissem as vantagens commerciaes concedidas aos moradores de Cochim e Cananor, e saissem do abatimento e pobreza em que haviam caido, fez paz com elles[4], e permittiu-lhes que construis-

---

1 Como vimos anteriormente, esta imposição foi feita ao Samorim (cf. p. 35), que a repelliu: tê-lo-hia sido tambem a elrei de Cochim? Os nossos escriptores nada dizem a esse respeito; pelo menos nós nada encontrámos nelles.

2 É verdadeira a observação de Zinadím; a razão já a demos na p. XLII.

3 Barros chama-lhe Nambeadarij, dec. I, liv. VII, cap. I; Goes e Castanheda, Nambeadarim, parte III, cap. XXX; liv. III, cap. CXIX; Correa, t. I, p. 450, Nabeamarim; e Zinadím, Nambeadar, p. 58.

4 Segundo os nossos chronistas este tratado de paz fez-se em 1512 (Correa) ou 1513 (Goes) a pedido do Samorim, e esta paz e amizade manteve comnosco até o anno de 1525, em que se a nossa fortaleza desfez. Neste tratado dizia-se que os franges concederiam cartazes aos subditos d'elrei de Calecute, mas não se lhes permittia que navegassem para o mar Roxo. Eram as vantagens que já possuiam os povos nossos alliados e amigos, Cochim, Coulão e Cananor. Numa entrevista que Affonso de Albuquerque teve com elrei, este pediu-lhe por uma só vez para mandar duas naus de pimenta a Meca, o que lhe foi concedido por excepção. Cf. Barros, dec. II, liv. VII, cap. VI; dec. II, liv. VIII, cap. VI; dec. II,

sem uma fortaleza em Calecute, pondo-lhes por condição que os seus subditos pudessem equipar todos os annos quatro navios para a costa da Arabia, Juda e Adem. Começaram pois os malditos franges a levantar a dita fortaleza com solidez, e começaram tambem os seus subditos a commerciar em pimenta e gengibre nos quatro navios permittidos, com a costa da Arabia, assim como a traficar com o Guzerate e outras regiões, com cartazes dos franges. Passavam-se estes factos no anno de 1514 ou 1515; ora quando os quatro navios estiveram de volta a Calecute, e acabada a sua fortaleza, os franges prohibiram aos muçulmanos o trafico com a costa da Arabia e o commercio da pimenta e do gengibre, reservando para si o monopolio de ambos; e se encontravam algum d'estes dois productos nalgum navio, tomavam-no com os bens e pessoas. Recomeçava, pois, a oppressão dos franges e o damno para com os muçulmanos e as outras populações. O Samorim, não querendo quebrar a paz estabelecida, soffria os seus damnos com receio das violencias; mas occultamente mandava embaixadores aos soberanos dos muçulmanos exhortando-os a que se armassem contra elles, porem em balde, porque assim o quís Deus todo poderoso. Elles, falsos e astuciosos, apesar de saberem a vantagem da empresa, humilhavam-se na occasião propicia perante os seus inimigos na ultima das subserviencias! Quando o trama se descobriu, os franges como um só homem caíram sobre os muçulmanos com todas as suas forças[1]; porque elles não obstante a grande distancia a que se acham os seus principes não deso-

liv. x, cap. i; Goes, parte iii, cap. xxx; Correa, t. ii, pp. 329-334; Castanheda, liv. iii, cap. cxxii; *Commentarios,* parte iii, cap. vii; parte iv, cap. xiii-xv; *Cartas,* t. i, pp. 132-134.

[1] Os nossos escriptores não fallam d'estes factos, aqui referidos tão obscuramente, apesar de parecerem de importancia; pelo menos nada encontrámos nelles.

bedecem aos seus capitães, e ainda que ha desintelligencias entre elles nunca se ouviu dizer que um dos capitães fôra assassinado por cobiça do poder. E na verdade elles, [graças a estas qualidades], apezar do seu pequeno numero, conseguiram sujeitar as populações do Malabar e outras mais, aproveitando-se das rivalidades e competições dos soldados e capitães muçulmanos, e da gula do poder de outrem, ainda que seja á custa da sua vida. Posteriormente, estando já os malditos franges solidamente estabelecidos e senhores de Calecute, procuraram attrahir o Samorim a uma casa que jaz junto da fortaleza, com o pretexto de lhe entregarem um magnifico presente offerecido pelo rei de Portugal. A sua intenção era prendê-lo, mas elle, sabedor d'isso por informação de um frange, retirou-se d'entre elles pretextando uma necessidade corporal, salvando-se assim e pondo-se ao abrigo das suas intrigas com o auxilio de Deus; e quanto ao frange denunciador foi por esta razão remettido com todos os que foram presos na mesma occasião para Cananor[1]. Entre 24 de janeiro e 22 de fevereiro do anno de 1517 os franges fizeram-se prestes com uma grande armada de vinte e oito navios, e partiram de Goa para o porto de Juda, que elles se propunham tomar. A sua chegada apavorou os muçulmanos; mas [felizmente] o emir Salmám Arrumí achava-se nesta cidade com duzentos soldados, e no porto estavam abandonadas as galés que Algurí havia equipado, e enviado ao Malabar contra os franges. Os moradores de Juda dispararam tiros de canhão de terra, que foram attingir um dos seus navios; receosos estes içaram as velas, e foram ancorar fora do seu alcance, e por fim fugiram. O emir Salmám mandou em perseguição d'elles dois zambucos tripulados por trinta homens; e estes conseguiram tomar-lhes uma

1 Nada encontrámos nos nossos escriptores a este respeito.

galé pequena, na altura de Camarão, com doze christãos que trouxeram para Juda; e quanto aos malditos franges conservaram-se em Camarão até á monção favoravel, depois do que voltaram a Goa, mal succedidos na sua empresa, por graça e mercê de Deus[1].

CAPITULO IV

Razão da desintelligencia entre o Samorim e os franges, e conquista da fortaleza de Calecute.

É de saber que a hostilidade e violencias dos franges augmentavam de dia para dia em Calecute. O Samorim foi soffrendo tudo, até o momento em que rebentaram disturbios entre elles e alguns muçulmanos de Pandarane em Calecute, a 8 de novembro do anno de 1524. Estava rota a paz; a guerra começou. [Outros acontecimentos a tinham preparado].

Pouco antes, com effeito, approximadamente por 1523, alguns moradores de Pandarane, Chombá, Te-

1 A armada de 1517, do commando de Lopo Soares, foi contra uma outra dos rumes que em Suez se formara, segundo noticias vindas ao reino por via de Rodes, e que era destinada não só a auxiliar os principes da India, mas a vingar o emir Hocem, que D. Francisco de Almeida desbaratara nas aguas de Diu. A armada portuguesa compunha-se, não de vinte oito velas, mas de quarenta e tres, segundo diz Goes. Lopo Soares encontrou a armada dos rumes fundeada em Juda, e quís queimá-la, mas não o pôde fazer por o porto ser estreito, perigoso e cheio de muitos baixos, penedos e restingas, e receber grande damno de terra; e acima de tudo isto a inhabilidade do governador, que se conservou numa inacção, que impacientou os capitães da armada. A partida da nossa armada nestas condições era confissão de impotencia, e era para os nossos adversarios uma verdadeira victoria. Na volta morreram de sêde e fome cêrca de quinhentos portugueses. Comtudo os nossos chronistas não fallam de velas que nos fossem tomadas. Cf. Barros, dec. III, liv. I, cap. II-IV; Goes, parte IV, cap. XII-XIV; Correa, t. II, pp. 491-498; Castanheda, liv. IV, cap. X-XIII.

rungar, Purpurangar, etc., sairam de surpreza em galeotas, e apresaram cêrca de dez navios pequenos, dos franges, empregados no commercio. Tambem entre os muçulmanos de Cranganor e os judeus d'esta cidade haviam rebentado desordens, de que resultou a morte de um muçulmano, e d'ahi a guerra entre elles. Os muçulmanos mandaram emissarios aos seus correligionarios das outras cidades, pedindo-lhes auxilio para tomarem vingança dos judeus. Então os moradores de Calecute, de Pandarane e seu termo, de Capocate, de Chalé, de Tanor, Panane e Baliancote, reuniram-se na mesquita cathedral de Chalé, e decidiram a guerra contra os judeus de Cranganor e contra os franges, guerra sem treguas, em que se empenharam com a permissão e contentamento do Samorim; e foi isto em 1524. Partiram, pois, os habitantes d'estas cidades para Cranganor em galeotas, cêrca de cem em numero, e mataram grande numero de judeus, e os que escaparam refugiaram-se numa aldeia que fica perto de Cranganor, ao oriente da cidade; e queimaram-lhes as casas e synagogas, assim como as casas e igrejas dos christãos[1]. [Não ficaram por aqui as façanhas dos muçulmanos, porque] em seguida a lucta travou-se entre elles e os naires, matando alguns d'estes; por isto os muçulmanos não puderam manter-se na cidade, e foram morar para outras povoações.

Neste mesmo anno os moradores de Darmapatam, Iracole, Cananor, Tirungar[2], Eli e Chombá, accordaram na resistencia e guerra a fazer aos franges. Igual-

---

1 Os nossos escriptores não fallam d'estes acontecimentos, de importancia local, e provocados pelo antagonismo dos nossos e dos muçulmanos.

Os christãos de que se falla aqui são os nestorianos, cuja historia demos no capitulo IV da nossa Introducção, pp. LXIV–LXXXI; veja-se tambem o que dissemos dos judeus, p. LXXXVIII.

2 É talvez Tirurangar. Cf. p. 32, linhas 1-2.

mente neste anno alguns principaes de Cochim, entre os quaes Ahmede Mercar, seu irmão Cunhale Mercar, e seu tio materno Mohamede Alí Mercar[1] e seus partidarios, quiseram combater contra os franges, e para isso sairam de Cochim e juntaram-se aos seus correligionarios de Calecute[2]. Quando os franges viram

[1] Esta familia dos Mercar representa nas luctas dos principes do Malabar contra nós um papel importantissimo. Elles foram os capitães das armadas do Samorim; e em todas as guerras de aquella costa nos apparecem, recebendo às vezes serios golpes dos nossos capitães, mas sempre promptos para recomeçarem as suas piratarias, como se verá no decurso d'esta historia.

Mais tarde esta familia estabeleceu se em Pudepatão e Cottacal, de onde saía às presas, e era temida em toda a costa. Em 1597 quis o Samorim destruir o seu ninho de pirata, para o que pediu auxilio aos portugueses. Era conhecida pelo nome de Cunhalle, talvez do nome de Cunje Alí Mercar. Cf. Logan, *Malabar*, t. 1, p. 332.

[2] A ganancia e violencias dos nossos iam produzindo os seus naturaes effeitos. Queriamos levar tudo a ferro e fogo, e não sabiamos guardar as sympathias que vinham a nós. Alguns mouros poderosos, e tão ricos que armavam grandes frotas por sua conta, tão más pagas recebiam de nós em troca da sua amizade, violentando-os e roubando-os, que passaram a ser os nossos maiores inimigos. Assim Cotiale, de Tanor, e Patemarcar, de Cochim, mouros riquissimos, tendo sido roubados, e não tendo as suas reclamações sido attendidas, transportaram-se a Calecute, onde foram a alma da tenaz resistencia do Samorim contra nós. Elle fê-los capitães-móres das suas armadas, que saíam a comboiar as naus que os seus mercadores mandavam com especiarias a Meca, ou a tomar as nossas naus que se punham fora do alcance do cruzeiro, que os nossos exerciam na costa do Malabar, e muitas vezes tambem saíam a pelejar com as nossas armadas; e estes dois capitães, juntamente com outros membros da familia, de que nos falla Zinadím, foram, com Baleacem, mouro principal e rico de Cananor, por muitos annos o terror dos nossos em toda a costa do Malabar, sendo preciso sairem muitas armadas a combatê-los. Isso ensoberbecia os mouros: e a frouxidão do governo de D. Duarte de Menezes, que desejava entregar em 1524 a governação da India em paz ao seu successor, que foi D. Vasco da Gama, mais os tornou atrevidos; em Calecute, o capitão da

o levantamento da maioria dos muçulmanos e do Samorim contra elles, sairam de Cochim com uma forte armada, e deram em Panane na manhã do domingo 26 de fevereiro de 1525, e queimaram quasi todas as casas e lojas de commercio e algumas mesquitas, cortaram quasi todos os coqueiros da margem do rio, e fizeram soffrer o martyrio a muitos muçulmanos[1]; d'ali sairam na noite seguinte para Pandarane, onde apresaram cêrca de quarenta galés dos seus moradores e de outros logares, e mataram muitos muçulmanos[2].

Quando rebentou em Calecute a rixa [de que fallámos] entre os franges e alguns moradores de Panda-

---

nossa fortaleza, D. João de Lima, era homem de pouca prudencia, que exerceu com os naturaes e os mouros algumas crueldades. Chegaram as cousas a ponto de que em 1523, estando o governador em Cochim, passou à vista do porto uma armada de Calecute, que ia dar caça às nossas naus que vinham de Choromandel, e elles (porque ventava a viração do mar, e os de terra não podiam sair do porto) com bandeiras, tangeres e deitando foguetes, fizeram zombaria dos nossos, e o governador que isto via da sua janella, sorrindo, disse: Pouca vergonha de ladrões! Não tardou pois que a guerra se reaccendesse em Calecute, e a nossa fortaleza fosse cercada, a qual os nossos abandonaram em 1525. Os negocios da India estavam tão mal que foi necessario mandar Vasco da Gama em 1524 restabelecer o nosso prestigio bastante abatido. Cf. Barros, dec. III, liv. IX, cap, II–VI; Correa, t. II, pp. 518-522, 679-680, 776-778; Castanheda, liv. VI, cap. XLIX.

Baleacem (Mamele diz Castanheda) foi enforcado por D. Henrique de Menezes em Cananor em 1524. Cf. Barros, dec. III, liv. IX, cap. III; Castanheda, liv. VI, cap. LXXX.

1 D. Henrique de Menezes, governador da India, atacou effectivamente neste anno Panane com cincoenta velas, e destruiu a povoação. Cf. Barros, dec. III, liv. IX, cap. IV; Castanheda, liv. VI, cap. LXXXIV; Correa, t. II, pp. 865-870.

2 Depois do feito de Panane D. Henrique de Menézes foi queimar Coulete, diz Barros, a seis leguas ao norte de Calecute, mas ao passar deante d'esta queimou dez ou doze velas que estavam no seu porto, talvez Pandarane. Cf. Barros, dec. III, liv. IX, cap. IV–V; Castanheda, liv. VI, cap. LXXXVII; Correa, t. II, pp. 872–879.

rane, e o Samorim se decidiu a fazer guerra aos franges, por se achar a uma grande distancia de Calecute, em guerra com alguns dos seus inimigos, enviou o seu primeiro ministro chamado Palenade para a dirigir. Elle, com effeito, fez um grande esforço, dispendeu grandes sommas; os muçulmanos e os naires do Samorim cercaram os franges; chegaram para a guerra santa muçulmanos de muitas cidades; e por fim chegou o Samorim em pessoa a Calecute. [Na fortaleza] tinham-se acabado os viveres; o inimigo tornara impossivel a sua entrada de fóra; [decidiram-se pois os franges] a transportar tudo o que possuiam aos navios, e abriram uma brecha sem que os de fóra o notassem, embarcaram e partiram; e isto em 2 de novembro do anno de 1525, tendo morrido desde o principio da guerra até á conquista da fortaleza muitos milhares de pessoas, entre naires do Samorim, capitães e muçulmanos[1].

Com a conquista da fortaleza o odio e hostilidade dos franges para com o Samorim e os muçulmanos recrudesceu; e isto durou muito tempo, e depois que os muçulmanos accordaram em fazer guerra aos franges aquelles prepararam galeotas, e partiram a commerciar com o Guzerate e outros paises, sem cartazes dos franges, — mas bem apercebidos para a guerra — com pimenta, gengibre, etc. Alguns chegaram salvos, mas o maior numero caiu nas mãos dos franges ou vararam em terra por causa d'elles. Então os moradores de Dar-

[1] Esta fortaleza fôra fundada em 1512, e era seu capitão, como já dissemos, D. João de Lima. D. Henrique de Menezes trouxe poderoso soccorro; mas quando o Samorim veiu pedir paz, os nossos, depois de minada a fortaleza, abandonaram-na, por ser de difficil conservação num reino inimigo. Quando os moradores penetraram nella foi pelos ares, morrendo muitos d'elles. Cf. Barros, dec. III, liv. IX, cap. VII–X; Correa, t. II, pp. 810-814, 860-885, 890-914, 918-964; Castanheda, liv. VI, cap. LXIX–LXX; LXXXII–LXXXVIII; CIV–CXXIV.

mapatan e os alliados fizeram paz no fim d'aquella monção, e commerciaram com os cartazes dos franges, como anteriormente, quando em paz com elle. Os subditos do Samorim e seus alliados continuaram por muitos annos a guerra, e assim se esgotaram e empobreceram[1].

Approximadamente no anno de 1528 um navio dos franges deu á costa perto de Tanor, nos primeiros dias da estação chuvosa, e os habitantes do país soccorreram-no[2]. [Conhecedor d'este facto] o Samorim mandou-lhes exigir a entrega dos franges que haviam acolhido e suas fazendas, ao que elles se oppuseram. Então o rei de Tanor fez alliança com os franges, e aos seus subditos foi permittido commerciar com os seus cartazes e aos franges que construissem uma fortaleza na margem norte do rio Panane, e pertencente ao rei de

---

1 Depois do abandono da fortaleza de Calecute as hostilidades com o Samorim continuaram. Os nossos exerciam um cruzeiro cada vez mais rigoroso nas costas de Calecute: e as armadas que conseguiam sair d'esta cidade difficilmente chegavam a destino. Assim o governador Lopo Vaz de Sampaio desbaratou uma em 1527 em Bacanor, de que era capitão mór Cotiale; em 1528 João d'Eça desbaratou outra em Mangalor, prendendo China Cotiale, o qual se resgatou, e prometteu sob juramento que nunca mais faria guerra aos portugueses. A vigilancia exercida pelos nossos navios foi tão estreita que houve por este tempo grande fome no reino do Samorim, porque os nossos não deixavam entrar os mantimentos. Cf. Barros, dec. IV, liv. I, cap. I; dec. IV, liv. II, cap. IX; dec. IV, liv. IV, cap. III; Castanheda, liv. VII, cap, LXVI; Correa, t. III, p. 330. Note-se o desaccordo entre Barros e Correa. Segundo o primeiro Cotiale commandava as armadas do Samorim de 1527–1528; mas segundo Correa, Cotiale era ainda nosso amigo em 1529.

2 Segundo Correa, t. III, p. 330, no inverno de 1529, o navio de Bastião Ferreira carregado de breu foi demandar a costa da India, já em maio, onde lhe deu um temporal através de Tanor, e foi perder-se em terra, salvando-se toda a gente e artilharia, e muitas cousas do navio, graças aos esforços de Cotiale «mouro grande nosso amigo, o mór que nestas partes tiveram os portugueses, e houve d'isto tal galardão que se fez corsario pelo mar com paráos armados».

Tanor, para d'ella molestarem o Samorim e todos os traficantes [que por alli passavam], e destruirem Panane. Os franges partiram pois de Cochim neste proposito em navios e galés bem apercebidas e carregadas com as pedras e cal [necessarias para levantar a fortaleza]. Aportaram a Panane, mas quís o favor de Deus que se levantasse um grande vento que lançou os navios á costa ao sul da cidade de Baliancote, salvando-se apenas uma galiota e perecendo muitos dos franges, dos seus alliados, e escravos, uns afogados, outros, que se tinham salvado em terra, ás mãos dos muçulmanos. Das fazendas dos franges salvou-se uma grande quantidade, que elles tomaram, assim como grandes canhões que o Samorim tomou para si. Assim quís Deus frustrar o intento dos franges, e conceder aos muçulmanos a sua misericordia e favor.

Em 1530 ou 1531 alguns subditos do Samorim e outros foram a commerciar ao Guzerate, em cêrca de trinta galés, e a seu bordo iam Ali Ibrahim Mercar, seu sobrinho, Cutte Ibrahim Mercar, e alguns principaes. O maior numero desembarcou em Gogarim e Surate, e outros em Baroche; quando os franges souberam isto foram com navios e galés ao rio de Gogarim e Surate, e apresaram as galés e a maior parte das fazendas que ahi encontraram, salvando-se apenas os que foram a Baroche[1].

Tambem antes d'esta data os mesmos franges apresaram a maior parte das galés que o rei do Guzerate Bahadurxá tinha ao seu serviço, —queira Deus illuminar

---

[1] Em 1530 Antonio da Silveira andou com uma armada nas costas de Cambaia roubando e queimando os logares accessiveis, e entre outras povoações as de Reinel, Surate e Damão. Talvez Zinadím queira referir-se a taes factos; mas os nossos chronistas não fallam de armada do Malabar naquella costa naquelle anno. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. VIII-X; Correa, t. III, pp. 347-349; Castanheda, liv. VIII, cap. VIII-IX.

a sua camara para os guerrear! — assim como a maior parte das galés dos habitantes do Malabar por differentes vezes[1], com o poder de Deus e a sua vontade invencivel; por isso os muçulmanos cairam em abatimento e empobreceram! Certamente nós pertencemos a Deus, e a elle havemos de volver![2]

CAPITULO V

Os franges construem uma fortaleza em Chalé, e o Samorim faz paz com elles pela segunda vez.

Foi da seguinte maneira que se fez a paz. Um principal dos franges saiu de Cochim por terra, pretextando com manha e astucia que queria sollicitar a paz do Samorim. Era homem muito astucioso, fino e perspicaz, relacionado com alguns dos principaes mercadores muçulmanos, com os quaes tivera negocios em tempo de paz com o Samorim; partiu pois para Panane, e depois para junto do rei de Tanor, onde residiu algum tempo na sua côrte, até que a paz se fez entre elle e o Samorim[3]. Este Samorim, que conquistara a fortaleza de

---

[1] Para os factos d'esta ordem, succedidos antes de 1530, já fallámos nas notas precedentes. Mas neste anno partiu Patemarcar com sessenta paráos para Mangalor a carregar arroz, que durante muitos annos chegara a faltar pela apertada vigilancia que os nossos exerciam na costa de Calecute; foi contra elle Diogo da Silveira, que conseguiu tomar-lhe alguns, e os outros recolheram-se a Calecute. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. III–VI; Castanheda, liv. VIII, cap. XII–XIII; Correa, t. III, pp. 353-354.

[2] *Alcorão*, II, 151.

[3] Os muitos damnos causados por Diogo da Silveira, capitão mór do Malabar, na costa de Calecute, obrigaram o Samorim a pedir paz a Nuno da Cunha; mas as condições eram tão duras que não foram acceitas; comtudo d'ahi a pouco tempo viu se na necessidade de as acceitar. Fez o tratado Diogo Pereira, que foi mandado a Calecute para isso «por ser homem», diz Barros, «que

Calecute, era homem fraco de corpo e de espirito, e pouco resoluto nas suas decisões; pelo contrario seu irmão Nambeadar, que depois lhe succedeu no throno como Samorim, era valente, audaz, e de preocupações muito outras que as velhas prescripções tradicionaes do reino. Graças a estas qualidades veiu a ser rei de Tanor e Samorim[1].

Foi no tempo d'aquelle que os franges construiram uma fortaleza em Chalé, [porto de grande importancia estrategica], porque era passagem do Samorim, dos seus soldados e dos navegantes, e dominava o roteiro de Calecute á costa da Arabia, pois entre as duas cidades haverá quando muito uma distancia de duas farçangas; e a permissão do Samorim só foi dada depois da acquiescencia do principe de Chalé. Os franges partiram para ella em um grande navio levando a seu bordo todas as ferramentas necessarias para a sua construcção, e cêrca do dia 10 de dezembro do anno de 1531 chegaram ao rio de Chalé, onde levantaram uma fortaleza da mais perfeita solidez[2]; e para a sua construcção

---

tinha uma antiga experiencia das cousas do Malabar, e de grande autoridade ante os reis e principes d'elle, por a pratica que em negocios passados com elle tiveram; o qual alem de ser um varão prudente e de muita capacidade para semelhantes cousas, tinha a outra vantagem que era saber a lingua da propria terra, de maneira que não tinha necessidade de interprete». Por outro lado Couto diz que Nuno da Cunha fizera paz com o Samorim à instancia de elrei de Tanor, a quem o Samorim tomou por medianeiro. Fica assim elucidado o texto de Zinadím. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. XVIII; Couto, dec. IV, liv. VII, cap. XII.

1 Ha aqui no texto arabe uma phrase que não traduzimos por ser para nós duvidoso o seu sentido.

2 Pelo tratado de que fallámos na nota anterior o Samorim consentiu que se levantasse fortaleza em Chalé; era governador da India Nuno da Cunha, que pôs a maior pressa em fazê-la, sabendo que o Samorim se havia de arrepender, como succedeu, mas já tarde. Segundo Castanheda esta fortaleza foi feita não o sabendo o Samorim; os portugueses compraram ao senhor da

e de uma igreja demoliram uma antiga mesquita cathedral, que fôra construida nos primeiros tempos da introducção do islamismo no Malabar [de que atrás fallámos], e duas outras mesquitas para se servirem dos seus materiaes[1].

E succedeu que durante a construcção da fortaleza um dos franges tomou uma das pedras da mesquita cathedral sobredita; os muçulmanos de Chalé [indignados] queixaram-se ao capitão dos franges, que, acompanhado de muitos dos seus, veiu elle proprio collocar a pedra com a cal no seu logar. Folgaram com isto os muçulmanos e retiraram-se agradecidos; mas um dia depois vieram os franges em grande numero e demoliram toda a mesquita cathedral sem que ficasse pedra sobre pedra. Queixaram-se de novo os muçulmanos ao capitão, mas elle respondeu: «O rei da vossa cidade vendeu-nos a mesquita e o seu terreno» [i. é, as vossas reclamações são sem fundamento]; [depois d'esta resposta] os muçulmanos retiraram-se tristes, e desde então reuniram-se numa mesquita pequena distante d'elles. Os malditos franges tambem quebraram as sepulturas dos muçulmanos para se servirem das suas pedras no acabamento da construcção da fortaleza[2]; e

terra o logar para isso por mil pardáos de ouro, o que é confirmado por Zinadím algumas linhas mais abaixo. Cf. Correa, t. III, p. 386-390; Castanheda, liv. VIII, cap. XLIII.

Pela sua posição esta fortaleza dominava a costa de Calecute, a duas leguas da cidade do mesmo nome, e impedia o commercio clandestino com o resto da India e da Arabia. A fortaleza fez-se em 1531. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. III e XVIII; Correa, t. III, pp. 434-438; Couto, dec. IV, liv. VI, cap. IX; dec. IV, liv. VII, cap. XII; Castanheda, liv. VIII, cap. XII e XLIII.

1 Isto é verdade. Derrubou-se uma mesquita grande e antiga porque incommodava a nossa fortaleza. Fez-se com grande opposição dos mouros e do seu principe, que só cedeu depois de peitado. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. XVIII; Couto, dec. IV, liv. VII, cap. XII.

2 A narração pode ser verdadeira, mas não a achámos referida nos nossos escriptores.

antes que a terminassem morreu este Samorim, succedendo-lhe no throno seu irmão, de que fallámos anteriormente; este rompeu a paz, atacou o principe de Chalé, e destruiu a sua cidade; então este submetteu-se ao Samorim, e fez paz com elle segundo as condições que lhe impôs.

Neste anno chegou a Diu, no Guzerate, vindo de Mocá, o emir Mustafá Arrumí[1] com canhões e grande quantidade de munições, sendo governador da cidade Mélique Togão, filho de Mélique Iaz, por parte de elrei Bahadurxá[2]. Logo depois vieram os franges com o intento de a tomarem; porem o emir Mustafá Arrumí atacou-os com grandes forças de artilharia, conseguindo desbaratar com a permissão de Deus os franges [que se retiraram] mal succedidos, humilhados, atemorizados![3]

CAPITULO VI

O Samorim faz paz com os franges pela terceira vez

A paz celebrou-se no anno de 1533. O Samorim pôs por condição que fosse permittido a quatro navios irem de Calecute á costa da Arabia a commerciar, e naquella

---

1 Mais conhecido pelo nome de Rumecão, que recebeu depois do cêrco de Diu.

2 Os reforços turcos da expedição de Mustafá chegaram a Diu tres dias antes da numerosa armada de Nuno da Cunha; e elle foi, com Coge Sofar, que com elle viera, a alma da resistencia contra os nossos, tornando inuteis as forças tão numerosas reunidas pelo governador. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. XIV; Couto, dec. IV, liv. VII, cap. IV; Castanheda, liv. VIII, cap. XXXI.

3 A poderosa armada que o governador Nuno da Cunha preparou contra Diu, para ahi levantar uma fortaleza, como lhe fôra recommendado em Lisboa, teve de retirar sem cumprir o seu proposito. Cf. Barros, dec. IV, liv. IV, cap. XIV-XV; Couto, dec. IV, liv. VII, cap. IV; Correa, t. III, pp. 405-417; Castanheda, liv. VIII, cap. XXXI-XXXIII.

monção esses navios partiram para a Arabia[1]; e aos seus subditos ficou tambem livre, mas com cartazes, o commercio dos outros paises. Depois o Samorim declarou guerra ao rei de Tanor, a quem fez crua guerra até que este pediu paz, com a condição da cedencia ao Samorim do territorio vizinho de Panane, e a ilha que está perto de Chalé; e foram os franges, que tinham vindo construir a fortaleza de Chalé, que serviram de medianeiros[2].

Depois de feita paz chegaram a Calecute, a 25 de setembro do anno de 1534, em galés Coje Hocem Sanjaquedar Arrumí e Cunhale Mercar, irmão do faquí Ahmede Mercar, com magnificos presentes de elrei Bahadurxá para o Samorim; e o seu proposito era recrutar os muçulmanos do Malabar que quisessem ir ao Guzerate fazer guerra por mar aos franges; mas não foram bem succedidos na sua pretensão[3].

CAPITULO VII

Elrei Bahadurxá faz paz com os franges, e concede-lhes alguns portos.

No fim d'este anno de 1534, veiu elrei Humaium Padixá, filho de Baber Padixá, —queira Deus illuminar a camara de ambos!— já rei de Delí, sobre o

[1] Não ha noticia d'isto nos nossos escriptores. A paz fizera-se em 1530, como dissemos, mas não com estas condições; e nunca os nossos consentiriam por tratado que naus de mouros se dirigissem da India para Meca.

[2] Nada encontrámos nos nossos escriptores a este respeito.

[3] Não achámos nos nossos chronistas referencia a esta embaixada, senão para o anno de 1536. Cf. Correa, t. IV, p. 753.

Quando se tratava de nós os nossos inimigos congregavam-se todos, e já anteriormente vimos uma armada de Calecute combatendo em Diu contra nós, na peleja que D. Francisco de Almeida travou com o emir Hocem.

Guzerate, destruiu algumas das suas cidades, e desbaratou Bahadurxá. Este, receoso de Humaium, mandou pedir auxilio aos franges, que se apressaram a dar-lho, depois que por um tratado de paz lhes foram cedidos alguns portos, como Baçaim, Bombaim[1] e outros mais, de que tomaram logo posse com todas as povoações e terras em roda.

Os franges auferiram grandes vantagens d'estas possessões, e engradeceram o seu poderio sobretudo com a posse de Diu, onde dominaram com toda a auctoridade, percebendo metade dos impostos, a qual elles ennobreceram e fortificaram[2]. Os franges havia muito que cobiçavam a sua posse, e tentaram-no por differentes vezes no tempo de Mélique Iaz e no de seus filhos, mas sem exito, graças a Deus todo poderoso. Porem, quando a vontade d'elles se encontrou com a vontade de Deus, isso não lhes foi difficil; depois Deus glorioso e excelso entregou nas suas mãos a força, e elles mataram [Bahadurxá], e deitaram o seu corpo ao mar. Certamente nós pertencemos a Deus e a elle havemos de volver![3] A vontade de Deus é o destino

---

1 Ou talvez Mahim, no districto de Tana, presidencia de Bombaim.

2 Couto narra muito longamente os progressos das armas dos mógoes no Guzerate, porque esses acontecimentos permittiram o nosso estabelecimento neste país. Por um tratado de paz de 1534 Bahadurxá concedeu-nos Baçaim. Em 1535 o rei dos mogoes, isto é, o soberano de Delí, invade o reino de Guzerate e desbarata completamente Bahadur, que se refugia em Diu, e pede a toda a pressa soccorros a Nuno da Cunha, a troco dos quaes lhe permitte que levante fortaleza nesta cidade. A 21 de dezembro do mesmo anno é lançada a primeira pedra; e Martim Affonso é mandado com 500 portugueses ajuntar-se ao exercito d'elrei, ao qual prestaram altissimos serviços na guerra de expulsão dos mogoes. Cf. Barros, dec. IV, liv. VI, cap. XII–XVI; Couto, dec. IV, liv. IX, cap. II, V, VII, X; Correa, t. III, pp. 605–626, 651–660; Castanheda, liv. VIII, cap. XCIV–CII.

3 *Alcorão*, II, 151.

decretado por elle! A sua morte foi a 13 de fevereiro do anno de 1536.

E depois da morte d'elrei Bahadurxá elles senhorearam completamente Diu, porque assim o determinou Deus todo poderoso e omnisciente, cujos decretos são inevitaveis e a sua vontade invencivel.

No anno de 1537 os franges atacaram Puronor, mataram Cutte Ibrahim Mercar, sobrinho de Ibrahim Alí Mercar, e as pessoas que com elle se achavam, e lançaram fogo á povoação; depois retiraram-se tendo commettido estas aggressões apesar de estarem em paz com o principe de Tanor e os seu subditos, pois que os habitantes de Tanor e de Puronor commerciavam por mar com os seus cartazes; e a causa d'este ataque foi ter um navio partido para Juda com pimenta e gengibre sem cartazes; e estas especiarias effectivamente vão de preferencia a Juda. O Samorim saiu para Cranganor a combater os franges e o rei de Cochim; durou a guerra algum tempo, mas por fim Deus insuflou no coração do Samorim o temor dos franges, em razão do que elle bateu em retirada, sem nada ter conseguido. Em seguida os franges levantaram ahi uma fortaleza que se tornou para o Samorim um padrasto.

Posteriormente Alí Ibrahim Mercar e seu irmão Cunhale Mercar equiparam quarenta e duas galés, e partiram para os lados de Cael. Quando chegaram a Beadala[1], ancoraram e permaneceram ali algum tempo, pondo a povoação a saque. Então os franges vieram sobre elles com galés, combateram-nos e tomaram todas as galés que elles tinham, porque assim o quís Deus, morrendo dos muçulmanos muitos; e estes factos passaram-se cêrca do fim de janeiro do anno de 1538. Quanto aos

---

[1] As edições dos nossos chronistas têem Beadalá, mas da forma arabe infere-se que o accento deve estar na penultima syllaba. Cf. pp. 7 e 78.

que escaparam partiram de Beadala para o Malabar, e quando estavam a meio caminho, em Nalete [1], morreu Alí Ibrahim Mercar [2]. No meado do mês de março d'este anno os franges, — queira Deus fazê-los perecer! — apresaram em frente de Cananor algumas galés, pertencentes aos moradores de Capocate.

CAPITULO VIII

Chegada do Soleimão paxá a Diu e vizinhança

Neste mesmo anno [de 1537] Soleimão paxá, ministro do imperador Soleimãoxá, com uma forte e bem apercebida armada de cêrca de 100 galés e galeotas e outros navios, chegou ao porto de Adem; assassinou o seu principe, o xeque Amir, filho de Daúde, com alguns dos seus principaes, e tomou posse da cidade; em seguida partiu e chegou ao Guzerate, e começou a combater os franges de Diu cuja fortaleza quasi destruiu com fortes canhões do imperador seu senhor. Mas Deus lançou no coração de Soleimão paxá o temor dos franges, e por isso elle voltou ao Egypto e depois a Constantinopla sem nada haver obtido, porque Deus glorioso e omnipotente quís assim experimentar os seus servos! Os franges depois d'isto repararam as brechas da fortaleza, e tornaram-na grandemente fortificada [3].

---

1 Não estamos certo de haver bem lido este nome, apesar da sua vocalização no texto arabe.

2 Isto é verdade; era capitão dos portugueses Martim Affonso de Sousa. Cf. Correa, t. III, pp. 833–837; Castanheda, liv. VIII, cap. CLXXX–CLXXXVI.

3 Memoravel cêrco em que praticou actos de grande heroismo Antonio da Silveira, capitão da fortaleza de Diu, no tempo do governo de Nuno da Cunha. Cf. Barros, dec. IV, liv. X, cap. VII–XV; Couto, dec. V, liv. IV–V, cap. I–IV; Correa, t. III, pp. 867–897; Castanheda, liv. VIII, cap. CLXXXIV–CXCVIII; Lopo de Sousa Coutinho, *Historia do Cerco de Diu,* liv. II, cap. V–XX.

Depois da morte de Alí Ibrahim Mercar, o faquí Ahmede Mercar, com seu irmão Cunhale Mercar, equipou onze galés e partiu para Ceilão; vieram sobre elles os franges que os combateram e lhes apresaram as galés; dos muçulmanos morreram muitos, e os que escaparam apresentaram-se com os capitães sobreditos ao rei de Ceilão, que os assassinou a ambos á traição[1]. Certamente nós pertencemos a Deus e a elle havemos de volver![2]

CAPITULO IX

Paz entre o Samorim e os franges pela quarta vez

Entre 12 de dezembro do anno de 1539 e 9 de janeiro de 1540 os franges vieram pedir paz ao Samorim, que elle acceitou[3]; elle estava nessa occasião em Panane [e ahi o foram procurar os embaixadores dos franges]; e o principe de Tanor e o de Cranganor ajudaram ao estabelecimento da paz. Em seguida os subditos do Samorim começaram a commerciar com cartazes dos franges; mas tempo depois, a 22 de março do anno de 1545, os franges assassinaram um nobre morador de Cananor, chamado Abú Becre, e seu cunhado Cunje Sofí, o primeiro tio materno de Alí Aderajá, e o segundo seu pae; este assassinato provocou a guerra, que durou algum tempo, fazendo-se por fim a paz[4].

---

1 Isto é verdade. Cf. Correa, t. IV, pp. 79–84.

2 *Alcorão,* II, 151.

3 Nestas pazes, que se celebraram em 1539, serviu de intermediario, segundo Couto, o nosso governador de Chalé, que veiu a Goa com o embaixador do Samorim, China Cotiale. Couto tambem dá o tratado. Cf. Couto, dec. V, liv. VI, cap. VI.

4 Isto é verdade. Pocaralle (Abú Becre Alí), regedor de Cananor segundo diz Correa, foi morto à traição por Belchior de Sousa, por ordem do governador da India Martim Affonso. Foi por uma vergonhosa questão de dinheiro; parece que elle burlara o governador e este quís assim vingar-se. Couto e Correa fallam tambem,

CAPITULO X

Guerra entre o Samorim e os franges

A causa da ruptura das relações foi a seguinte. No dia 20 de janeiro do anno de 1550 foi celebrado um tratado entre o Samorim e um dos principes do Malabar, o mais poderoso alliado do principe de Cochim, e cujo reino era ao sul limitrophe do de Cochim; e porque d'esse país se exportava em grande abundancia a pimenta, os franges chamaram-lhe o principe da pimenta. O Samorim, cujo alliado se tornou, prometteu que lhe concederia o seu reino como herdeiro se elle da sua parte collocasse seu irmão na successão ao seu em quarto logar, o qual por sua morte e de dois [irmãos seus] lhe devia succeder como Samorim; e aquelle principe assim fez, admittindo-o como seu herdeiro, o que, como se disse já, é de costume entre as populações do Malabar. Depois ao regressar o rei da pimenta á sua capital vieram sobre elle o rei de Cochim e os franges, e fizeram-lhe guerra que terminou depois que elle morreu queimado; e isto entre 18 de maio e 16 de junho d'este mesmo anno. Quando o Samorim soube da sua morte [foi grande a sua colera, e] partiu sem perda de tempo de Calecute para a capital do rei da pimenta, com intenção de lhes fazer guerra; combateu os franges e o rei de Cochim, e gastou assim grandes sommas, mas as cousas ficaram no mesmo estado[1].

---

não de um Coge Sofí, mas de um Coge Cemaçadim, que comtudo não dizem ter sido morto naquella occasião. Cf. Couto, dec. v, liv. x, cap. viii; Correa, t. iv, pp. 421–422, 425-427.

1 Couto narra assim, mas mais miudamente, estes factos; e dá tambem o contracto feito entre o Samorim e o rei da pimenta. Os portugueses e seus alliados de Cochim ficaram por fim vencedores. Cf. Couto, dec. vi, liv. viii, cap. ii–iv, viii–ix e xi.

A 24 de junho do mesmo anno numerosas tropas do rei da pimenta penetraram em Cochim, apesar da muita agua[1] do rio que os separava d'ella, e queimaram muitas das suas casas, causando grande damno aos seus moradores; e a razão d'este seu procedimento foi a morte do seu principe na guerra com o rei de Cochim e os franges; queira Deus glorioso e toda poderoso puní-los! Foi esta tambem a razão da guerra entre o Samorim e os franges; estes sairam de Goa com uma poderosa armada e foram desembarcar a Tiracole, e queimaram a maior parte das suas casas e lojas de commercio, e a mesquita cathedral da povoação, na manhã de domingo 26 de outubro do mesmo anno [de 1550]. Dois dias depois desembarcaram em Pandarane, e queimaram a maior parte das suas habitações, lojas de commercio, e a mesquita cathedral, uma das primeiras que foram construidas no Malabar. Cinco dias depois, de manhã, desembarcaram em Panane, e queimaram a maior parte das suas casas e quatro mesquitas d'entre as quaes a mesquita cathedral; e foi morta gente em cada uma das tres cidades sobreditas[2].

Cêrca de 12 de junho do anno de 1553 chegou a nova da morte do almirante Alí Arrumí na lucta contra os franges em frente de Calecare, e de que elles tinham apresado as suas galés: queira Deus dar-lhes a morte que elle deu a Ade e Tamude![3] Certamente nós pertencemos a Deus e a elle havemos de volver[4], porque

---

[1] Duvidamos da verdadeira significação da palavra que aqui traduzimos por «muita agua»; talvez conviesse a palavra «barreira».

[2] Effectivamente em 1550 o governador Jorge Cabral destruiu as cidades de Tiracole, Coulete e Panane. Cf. Couto, dec. VI, liv. VIII, cap. XIII.

[3] Nomes de duas tribus arabes pre-islamicas, de que se falla no Alcorão, como exemplos de castigos divinos. A sua impiedade provocou a sua destruição, a primeira pelo raio, a segunda com grandes tremores de terra.

[4] *Alcorão*, II, 151.

assim o quer o glorioso e omnipotente! Antes porêm da sua morte elle apresou alguns navios dos franges, e desembarcou em Punicale, aldeia perto de Cael em que habitavam alguns franges; elle combateu-os, desbaratou-os e destruiu a cidade[1].

Entre 13 de junho e 13 de julho do anno de 1553 entrou Iúçufe, o Turco, em Panane, vindo de Maldiva com vento contrario, trazendo canhões que tomara aos franges, moradores d'esta ilha[2].

CAPITULO XI

Paz entre o Samorim e os franges pela quinta vez

Como os negocios dos franges estivessem assim florescentes, e o enfraquecimento e pobreza dos muçulmanos augmentassem, o Samorim fez paz com elles no principio de 1555, e aos seus subditos foi permittido commerciar com cartazes, como faziam os outros povos [do

---

1 Neste anno effectivamente saiu do Malabar uma armada com o assentimento do Samorim para ir dar caça às nossas naus de Bengala. Depois de passarem o cabo Comorim foram dar sobre a povoação portuguesa de Punicale, que queimaram e roubaram; mas Gil Fernandes de Carvalho, um particular de Cochim, sabedor d'isto, não lhe soffrendo o animo tamanha affronta, armou à sua custa alguns navios, e foi buscar o capitão da armada inimiga, que conseguiu desbaratar e tomar-lhe todos os navios, sem escapar um só. Couto não diz o nome d'este capitão, diz só que era rume. Cf. Couto, dec. VI, liv. IX, cap. XVIII.

2 Maldiva, nos escriptores arabes Mahaldibe, é a principal ilha do grupo assim chamado, a sudoeste da India meridional. Não sabemos em que circumstancias foram tomados os canhões de que se falla aqui, porque os nossos auctores são muito escassos de noticias a respeito d'estas ilhas. Em 1520 João Gomes foi mandado à ilha principal, Maldiva, fazer fortaleza, mas esse primeiro estabelecimento foi destruido. Cf. a nota de p. 70. Propriamente o texto arabe tem Diu, em Mahal, em opposição a Diu, no Guzerate.

Malabar][1]. Cêrca de dois annos depois, ou pouco mais, rebentou a guerra entre os franges e os muçulmanos de Cananor e de Darmapatam, e povoações vizinhas, e continuaram-na durante quasi dois annos; e feita a paz foi-lhes [de novo] permittido pelos franges commerciar com cartazes, como d'antes[2]. Nesta lucta contra os franges tornou-se notavel o grande capitão Alí Aderajá — queira Deus enchê-lo de beneficios! — que fez os maiores esforços contra elles, e dispendeu grandes sommas[3]; mas [infelizmente] nem o seu principe Colátiri, nem as populações do seu país o secundaram.

---

[1] Isto é verdade. D. Alvaro da Silveira, capitão mór da armada da costa do Malabar, fizera grande guerra ao Samorim, e este viu-se na necessidade de pedir paz. A respeito d'esta guerra diz Couto: «E a mór que se lhe podia fazer foi tomar-lhe todos os portos, porque lhe não entrasse arroz (porque todos os reinos do Malabar se proveem d'estas cousas dos rios do Canará, e do reino de Cambaia, porque não teem mais que palmares), e andou pela costa queimando, abrazando e destruindo os logares d'ella, e lhe tomou muitas embarcações». Cf. Couto, dec. VII, liv. II, cap. XI.

[2] Esta guerra succedeu em 1558. Cf. Couto, dec. VII, liv. VI, cap. IV; dec. VII, liv. VII, cap. III; D. Manuel de Menezes, *Chronica d'Elrei D. Sebastião,* parte I, pp. 97-98.

[3] Assim foi effectivamente. Cf. Couto, dec. VII, liv. X, cap. XIX; Menezes, parte I, pp. 97-98.

Merece algumas palavras este Aderajá. O *Queralolpati* faz remontar a vinda da sua familia para o Malabar ao tempo de Cheramám Perumal, que o encheu de honras. A tradição porêm diz que fôra um naire principal, ministro da dynastia Colátiri, soberana de Cananor, que, tendo-se convertido ao islamismo cêrca do fim do seculo XI ou principio do seculo XII, tomou o nome de Mohamede Alí (nomes do Propheta e do seu genro), que se transformou em Mamade Alí e ainda Mamale. Apesar de convertido os soberanos de Cananor mantiveram-no nas suas funcções, porque se mostrara sempre habil nellas. Esta familia foi tendo prospera fortuna, e quando nós chegámos à India tinha uma importancia preponderante no reino de Cananor. A sua crença e as nossas luctas contra os seus correligionarios criaram relações tensas entre ella e a familia soberana; pouco a pouco foi-se separando da obediencia aos Colátiris, e no meado do

Para se vingarem d'elle, nesse tempo os malditos franges —queira Deus puní-los!— em galés foram sobre as ilhas do Malabar, pertencentes a Aderajá por direito de conquista, e desembarcaram na ilha de Amine; [aqui cometteram grandes atrocidades], mataram um grande numero de pessoas, captivaram para mais de quatrocentas outras entre homens e mulheres, roubaram-lhes a maior parte dos seus bens, e queimaram quasi todas as casas e mesquitas; e antes d'este ataque de Amine os franges tinham atacado os habitantes de Xetelaque, onde mataram uns e captivaram outros. Os habitantes d'estas ilhas andam todos desarmados, nem ha entre

---

seculo XVIII ha já dois soberanos no antigo reino de Cananor, independentes um do outro.

As ilhas de que aqui se falla, como de Aderajá, são as Laquedivas. Os nossos chronistas não as distinguem das Maldivas, e chamam-lhes tambem ilhas de Mamale (ou Aderajá) por pertencerem a esta familia. As noticias que nos nossos auctores ha a seu respeito são muito escassas; nem nelles encontramos referencias aos factos de que falla Zinadím. As informações que acêrca d'ellas correm nos auctores ingleses são tirados da viagem de Pyrard, que passou no principio do seculo XVII algum tempo nas Maldivas propriamente ditas; e acontecimentos passados nestas são considerados como passando-se naquellas.

Diz Pyrard que cêrca de 1552 um rei das Maldivas esbulhado do throno veiu para Cochim e se fez christão; e para o pôrem no throno os portugueses mandaram duas armadas, e que a primeira foi infeliz; a segunda conquistou a ilha de Malé e deixaram nella os portugueses em nome do rei christão um regedor, e nas outras ilhas degolaram muita gente. No fim de dez annos, tendo-se ausentado para Cochim o capitão da fortaleza e muitos portugueses, a fortaleza foi atacada, tomada e mortos trezentos homens com ajuda de corsarios malabares, que alli tinham vindo. Segundo a tradição estas ilhas foram cedidas, com pagamento de tributo, pelo soberano de Cananor (de quem parece ter dependido desde muito tempo) ao seu regedor em 1550, com o titulo de Ali Raja, isto é, rei ou capitão do mar. Diz-se tambem que cêrca de 1545 os portugueses que se tinham estabelecido em Amine foram envenenados; mas nem estes nem os anteriores

elles quem combata; pois apesar d'isso os franges mataram um grande numero d'elles, entre os quaes o cadi, homem de virtude, pacifico e d'idade, e uma molher inoffensiva; e ainda que estavam sem armas foram maltratados, atiraram-lhes com terra e pedras, bateram-lhes tanto com paus que os mataram.

Estas ilhas são numerosas, mas as maiores e as que teem povoações são cinco, a saber: Amine, Caurote, Andaro, Calpene, Malique; as pequenas são tambem muitas, [porêm nem todos habitadas], das habitadas são Acatim, Cangamanjalam, Quiltam, Xitalacam. Porque Deus glorioso e excelso quís experimentar os seus ser-

---

factos veem referidos nos nossos chronistas. O dr. Rivara prometteu numa nota à traducção de Pyrard uma memoria acêrca d'estas ilhas, mas cremos que a não chegou a fazer ou publicar, segundo vemos do *Diccionario bibliographico* de Innocencio da Silva. As poucas referencias que se encontram nos nossos escriptores são muito vagas. Assim, segundo Barros, depois que os nossos começaram a tolher o commercio dos mouros na costa do Malabar, elles vinham de Samatra com especiarias, passavam por fóra de Ceilão, onde recebiam canella e passavam pelas Maldivas na direcção de Cambaia ou Mar Roxo e Golfo Persico. D. Francisco de Almeida mandou lá seu filho D. Lourenço, que foi a Ceilão, mas que não consta que fosse às Maldivas. João Gomes cheira-dinheiro foi mandado a estas ilhas para fazer fortaleza, mas viu que bastava uma feitoria, que fez; foi porêm surprehendido por uns mouros de Cambaia que o mataram e os seus. Diz tambem Barros que Lopo Soares mandou lá D. João da Silveira para assentar pazes com um rei d'ellas. Todas estas referencias, e outras que omittimos, são comtudo vagas, e nada nos permittem dizer de certo sobre estas ilhas. Pocaralle, que foi assassinado em 1545 pelos nossos, como dissemos na p. 65, era tio d'este Aderajá. Cf. Logan, *Malabar,* t. I, pp. 236 e 359-361; t. II, pp. CCLXXVIII-CCLXXIX; Francisco Pyrard, *Viagem,* trad. de Rivara, t. I, pp. 200-203; Barros, dec. I, liv. X, cap. V; dec. III, liv. I, cap. X; Castanheda, liv. V, cap. IX.

Quatro d'estas ilhas ainda pertencem aos descendentes d'esta familia, e as outras quatro dependem do governo do Canará do Sul.

vos, protegeu os franges e tornou-os senhores de grande numero de portos, taes como os do Malabar, do Guzerate, do Concám, etc.

Elles pelo seu tacto e saber apoderaram-se de muitas cidades; construiram fortalezas em Hormuz, Mascate, Maldiva, Samatra, Malaca, Molucas, Meliapor e Nagapatão entre os portos de Cholomandel, e noutros portos numerosos em Ceilão, e penetraram até á China; o commercio nestes portos e noutros mais passou para as suas mãos, emquanto os commerciantes muçulmanos humilhados, submissos, se comportavam com elles como servos, não lhes sendo permittido o commercio senão de um pequeno numero dos generos com que desejavam traficar. Estas mercadorias, de que se auferiam grandes lucros, mas de que elles se reservaram o monopolio, excluindo absolutamente os mercadores muçulmanos, são: a pimenta, o gengibre, a canella, o cravo, o funcho e outros productos de grande utilidade; e das viagens a da costa da Arabia, de Malaca, de Achem, de Tenaçarim, etc., não deixando aos muçulmanos mais que o commercio do areque, da noz de coco, roupas e productos analogos, e das viagens a do Guzerate, do Concám e de Cholomandel, para os lados de Cael.

Para impedirem tambem o commercio do arroz aos habitantes do Malabar, construiram fortalezas em Honor, Barcelor e Mangalor[1]; porque o arroz é exportado d'estas cidades para o Malabar, Goa, assim como para a costa da Arabia. Os franges commerceavam com mercadorias das mais remotas regiões, e enchem com ellas paises longinquos; tornaram-se tão numerosos [e poderosos] que os governadores dos portos não reconheceram outra jurisdicção senão a d'elles; as viagens maritimas foram interrompidas, a não ser com a sua permissão e cartazes; o seu commercio e navegação

[1] Estas fortalezas foram levantadas em 1568 e 1569.

augmentaram muito, ao passo que o commercio dos muçulmanos se restringiu ao que se fazia nos seus navios.

As suas fortalezas ninguem podia tomar-lh'as; apenas o esforçado rei Alí, de Achem —queira Deus illuminar a sua camara!—lhes conquistou Samatra, que elle conseguiu restituir ao gremio islamico[1]: queira Deus em nome dos muçulmanos conceder-lhe a maior das recompensas!; o Samorim, senhor do porto de Calecute, que conquistou as duas fortalezas de Calecute e de Chalé[2]; o principe de Ceilão, que conquistou grande numero das suas fortalezas que nella possuiam, as quaes comtudo foram por elles retomadas com outras mais[3].

A principio os franges respeitavam os portadores dos seus cartazes e seguro, sem prejudicarem os capitães dos navios que os tinham, a não ser por outros motivos especiaes; mas do anno de 1552 aproximadamente em

1 Em 1567 elrei de Achem atacou Malaca, mas não a tomou; e havia feito anteriormente varias tentativas, que tinham ficado sem resultado. Na ilha de Samatra tivemos de 1520 a 1524 a fortaleza de Pacem. Cf. Couto, dec. VIII, cap. XXI–XXIV, XXX; Menezes, parte I, pp. 335–336; Barros, dec. III, liv. V, cap. II; dec. III, liv. VIII, cap. IV; Correa, t. II, pp. 611–613, 790–796.

2 Cf. pp. 54 e 81.

3 Zinadím quer sem duvida referir-se a elrei de Candia, que foi sempre nosso grande inimigo. Em 1517 elrei de Cotta permittiu-nos que levantassemos uma tranqueira de madeira em Colombo, a qual em 1520 se mudou em fortaleza de pedra e cal. Os reis de Cotta foram sempre nossos amigos; essa amizade despertou ciumes da parte do partido nacional, à testa do qual estava nestes primeiros tempos Maduné. Este era filho de elrei de Cotta, e revoltando-se contra seu pae conseguiu pôr no throno seu irmão a quem elle competia; mas como este se mostrou tambem favoravel aos portugueses partiu em guerra contra elle e os portugueses, auxiliado do Samorim, que de 1536 a 1540 lhe mandou varias vezes soccorros. Os seus successores vieram a ser reis de Candia, e no seculo XVII, com ajuda dos hollandeses, conseguem expulsar-nos da ilha. Veja-se no appendice de p. 112 a p. 116. Cf. Couto, dec. V, liv. I, cap. VI; liv. II, cap. IV–V; liv. V, cap. VI.

deante passaram a dar aos capitães o cartaz no momento da partida em viagem, mas logo que entravam no alto mar apresavam-lhes os navios [apesar de estarem munidos dos devidos cartazes] e suas fazendas, matavam os muçulmanos que nelles encontravam, e outros mais tripulantes, com requinte de crueldade, quer degolando-os, quer afogando-os, atando-lhes uma corda [ao pescoço], e eram raros os que escapavam a estas atrocidades, e não eram lançados ao mar[1].

No anno de 1562 ou pouco antes os franges aprisionaram em Goa grande numero de mercadores muçulmanos abexins, que quiseram obrigar a converter-se ao christianismo; e taes maus tratos lhes fizeram, que a maioria d'elles converteu-se apparentemente e saiu da cidade com os seus bens, voltando ao governo do islamismo, graças a Deus; porêm uma mulher abexim que tambem obrigaram a converter-se, mas que se recusou a isso, tanto a maltrataram que morreu[2].

---

1 Isto é verdade. Para exemplo este triste feito de Domingos Mesquita em 1564 por conselho do governador da India: «Chegado elle (Mesquita) ao rio de Carapatão, mandou surgir defronte d'elle duas legoas ao mar, porque nem por uma nem por outra passasse embarcação alguma que elle não visse, e alli se deteve de meado de fevereiro até o fim de março, tempo em que os Malavares voltavam de Cambaia, e assim tanto que appareciam a dois e a tres e a quatro os iam pilhando, e levados os tristes a bordo das nossas embarcações a um e um lhe cortavam as cabeças, e lançavam ao mar, e outros botavam vivos, cozidos nas suas proprias velas, e dando furo nos navios os metiam no fundo, e desta sorte destruiu mais de vinte, e matou mais de dois mil mouros, em que entravam alguns de Cananor, que foi causa de se renovar a guerra passada». Cf. Menezes, parte I, p. 325; Couto, dec. VII, liv. X, cap. XVII.

2 Nada encontrámos nos nossos escriptores a este respeito; mas os factos são possiveis, porque em 1560 tinha-se estabelecido a Inquisição em Goa. Por este tempo a intolerancia era grande em Goa. Durante os governos de Francisco Barreto e D. Constantino de Bragança os desejos dos jesuitas, dominicanos

CAPITULO XII

Razões da guerra entre o Samorim e os franges, e apresto de galés para os combater.

A repetição frequente d'estes factos, e de outros semelhantes, junto á inutilização e impotencia dos muçulmanos, determinou grande numero de moradores de Pudepatam, Tiracole, Pandarane, etc., a aprestar galeotas e munições de guerra; depois sairam ao mar sem cartazes, perseguiram os franges, tomando-lhes muitas galés e navios, àssim como aos moradores de Capocate, Porto Novo, Calecute, Panane, todos subditos do Samorim, aos quaes tomaram muitos navios e galés, e captivaram grande numero de gente, de onde os muçulmanos auferiram grandes riquezas: assim quís Deus dar-lhes provas de favor e victoria, depois que nas primeiras luctas contra os franges dera a victoria a estes[1]! Estes muçulmanos tambem apresaram grande

---

e franciscanos satisfizeram-se livremente, e entregavam-se à porfia à conversão de mouros e gentios. A perseguição religiosa era atiçada de Lisboa por D. João III, e depois pelo cardeal D. Henrique, quando regente do reino, que mandavam que nisso se usasse do maior zelo a bem da fé christã. Um facto caracteristico do fanatismo dos nossos é a queima solemne em Goa do dente de Buda, que D. Constantino havia tomado na conquista de Jafnapatão, em Ceilão. Os canticos de louvor entoados por fr. Francisco de Sousa e D. Manuel de Menezes a proposito d'estas façanhas fradescas, de conversões forçadas e apenas transitorias, são um triste symptoma de decomposição da India portuguesa, e um estigma sobre a fronte dos homens que queriam e patrocinavam as atrocidades então commettidas. Os conventos eram tantos que até os proprios crentes se alarmavam com o seu desenvolvimento, como prejudicial ao bom governo do estado. Cf. fr. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado,* t. 1, pp. 128-159; D. Manuel de Menezes, parte 1, p. 156; Chronista de Tissuary, t. 1, p. 66.

[1] Na costa do Malabar estavamos sempre em guerra, e ainda que os nossos escriptores não fallam dos factos aqui referidos

numero de navios dos infieis do Guzerate, Concám e de outras partes; o commercio dos franges diminuiu, e esse mesmo era feito com grandes precauções, ou comboiado por galés e navios numerosos; mas quando viram os bens dos infieis diminuir apressaram-se a roubar os bens dos outros muçulmanos vexatoria e violentamente.

A razão principal d'isto é que a maior parte dos proprietarios das galés é gente de pequenos cabedaes, e por isso associam-se muitos entre si para o trafico; ora quando a prêsa dos pagãos não basta para cobrir a despesa, elles tomam tudo o que podem, ainda que seja de muçulmanos, até prefazer a somma dispendida, isto em menosprezo do estipulado no momento do embarque d'elles, garantindo o bem dos muçulmanos; e fazenda tomada aos muçulmanos não é restituida ao seu dono, por não haver entre elles quem o ordene com sufficiente auctoridade, e o senhor da cidade tambem partilha da prêsa, e de pouco valem para elles os mandamentos da religião, que só seguem os que tem o temor de Deus, e esses são em pequeno numero entre elles!

---

e a seguir, elles são muito provaveis; devem ter sido pequenos incidentes de guerra. Nos annos de 1564 e 1565 houve grande guerra contra a nossa fortaleza de Cananor. Cf. Couto, dec. VIII, cap. I–II, VI, IX; Menezes, parte I, pp. 327–329.

Em fins de 1567 dois fidalgos que iam juntar-se ao viso-rei que estava em Mangalor, em dois navios armados à sua custa, foram mortos pelos corsarios e os navios tomados. O mesmo succedeu ao capitão de Baçaim D. Luis Lobo que indo numa galeota com a maior parte da fazenda que tinha, aos dois dias de viagem encontrou-se com uns paraos de Malabares e foi morto. «E este foi o primeiro dano que os corsarios fizeram nesta costa do Norte, aonde costumavam passar desde o tempo do conde do Redondo, que foi a destruição da India, porque não tem conto os roubos que teem feito, nem conto as cubiças e pecados que de então para cá cresceram na India, pelos quaes Deos nosso Senhor nos tem dado a todos gravissimos castigos». Cf. Couto, dec. VIII, cap. XIX.

Cêrca de 26 de março do anno de 1567 os moradores de Panane, Pandarane e de outras cidades sairam de Panane em cêrca de doze galés, e apresaram em frente d'esta cidade uma galeota dos franges, que vinha de Bengala com uma carregação de arroz e açucar.

No domingo 28 de novembro do anno de 1568 alguns proprietarios de galés de Panane, Pandarane e outros portos, em cujo numero estava Cute Poquer, sairam de Panane em dezasete galés, e tomaram em frente de Chalé uma grande galeota que saira de Cochim, tendo a seu bordo cêrca de mil franges valentes, de conversos ao christianismo, e escravos; os franges estavam perfeitamente apercebidos, e com muitas fazendas. Travou-se lucta de parte a parte, e por fim incendeou-se a galeota, que ardeu; os muçulmanos tomaram algumas peças de grande calibre, e aprisionaram para mais de cem franges valentes e principaes, sem contar os servos e escravos; dos restantes morreram afogados uns, queimados outros: Deus seja louvado! Alguns dias depois elles partiram para os lados de Cael, e tomaram vinte e dois navios dos franges e dos conversos que se achavam com elles, carregados de arroz, que haviam chegado de Cael, do seu termo, de Choromandel e de outras partes; e [entre outras cousas] acharam a bordo tres elephantes pequenos que trouxeram para Panane, e aos quaes fizeram passar o rio.

No fim de novembro do anno de 1570 o sobredito Cute Poquer, entrou a barra do rio de Mangalor com seis galés, queimou quasi completamente a fortaleza que os franges possuiam nesta cidade, e tomou uma galeota, e são e salvo partiu d'alli com as suas galés para perto de Cananor. Aqui encontrou cêrca de quinze galés dos franges; travou-se lucta em que morreram dos muçulmanos muitos, o corpo de Cute Poquer desappareceu e das galés apenas duas escaparam. E certamente era puro o ardor d'este campeão contra os franges!

Depois o grande capitão, o principe de Cananor, Alí Aderajá, vendo a impotencia dos muçulmanos, a sua pobreza extrema, e o definhamento do commercio, por causa dos malditos franges, mandou um embaixador com presentes ao nobre soberano Alí Adilxá, expondo-lhe o vexame e damno que elles causavam aos muçulmanos do Malabar; que viesse em soccorro d'elles, e os livrasse das suas crueldades, porque seria a guerra santa por amor de Deus. Quís Deus que o seu coração acolhesse bem tal pedido, e se preparasse para combater Goa, que era na India a séde do seu governo, e fôra anteriormente do seu illustrissimo avô. Alem d'isso entre Adilxá e Nizamxá, depois da destruição de Bisnaga[1] e morte do seu rei, foi decidido que se conquistasse Goa e Chaul.

Depois de recebida a carta de Aderajá, Adilxá e os seus ministros foram contra Goa, e principiaram a accommettê-la pondo-lhe apertado cêrco, para que as provisões não entrassem nella. No entretanto Adilxá fez saber ao Samorim o começo das suas hostilidades contra Goa, e insistiu por que o ajudasse e lhes cortasse os viveres; ora tanto o Samorim como os seus subditos estavam já havia muitos annos em guerra com elles; e quando o embaixador chegou estava elle em Chalé a combatê-los.

Quanto a Nizamxá foi com os seus ministros sobre Chaul, cercaram-na e abriram brecha na sua muralha com grossas peças, e certamente a teriam conquistado

---

[1] Poderosissimo reino da peninsula indiana ao sul do Crisna ou Quistna, que os soberanos muçulmanos do Decão destruiram em 1565. Cf. David Lopes, *Chronica dos reis de Bisnaga*, pp. XLVIII–L, LXVI–LXVIII.

A forma arabe do nome d'este estado confirma a accentuação d'esta palavra na penultima syllaba, Bisnaga e não Bisnagá, como vem nas edições dos nossos chronistas. Já anteriormente rectificámos Chalé e Beadala, pp. 7 e 63. Cf. p. XXVII da *Chronica de Bisnaga*.

se elrei se não despeitara com Adilxá, e não tivera receio do grande poder dos franges; por isso abandonou a lucta, e fez paz com elles[1].

Quanto a Adilxá tem desculpa, porque Goa estava distante das suas tropas, por estar de permeio o rio[2]; estava bem fortificada, tinha muralhas espessas, que só com o auxilio de Deus poderiam ser tomadas. Alem d'isso alguns dos seus ministros estavam conluidos com os franges para o prenderem, e pôrem no throno um proximo parente, que estava em Goa com os franges; Adilxá, informado do trama, teve medo e fugiu das tropas; e quando esteve em logar seguro mandou prender os conspiradores e metteu-os em prisão, inflingindo-lhes grandes penas e retirando-lhes as suas mercês. Nestas circumstancias foi forçoso a Adilxá fazer paz; e neste entretanto os franges fortificaram Goa, tornando-a inexpugnavel. Em conclusão, tambem elle foi enganado, como o foi Nizamxá; os ministros de um e outro receberam peitas dos franges, inimigos da fé muçulmana, enviaram-lhes provisões, e auxiliaram-nos: Deus os recompense como merecem[3]!

---

1 Era então viso-rei D. Luis de Ataide, que se mostrou à altura das circumstancias, nesta terrivel conjunctura em que tanto perigou o dominio português na India. Cf. acêrca do cêrco de Chaul, Couto, dec. VIII, cap. XXXVI e XXXVIII; Antonio Pinto Pereira, *Historia da India no tempo em que a governou D. Luis de Ataide,* liv. I, cap. I; liv. II, cap. X-XVII, XXII-XXVIII, XXXIV-XLIV, XLVII-LII.

2 Effectivamente Adilxá quis passar o rio de Goa, mas os nossos não lh'o permittiram. Cf. acêrca do cêrco de Goa, Couto, dec. VIII, cap. XXXII-XXXV, XXXVII e XXXIX; Antonio Pinto Pereira, liv. I, cap. I; liv. II, cap. II-IX, XIX-XXI, XXX-XXXIII, XLIV-XLVI, LIII.

3 Não nos dizem explicitamente os nossos chronistas que tenha havido suborno dos ministros de Adilxá; Zinadím pretende assim explicar o mau exito da empresa, de maneira a não haver desaire para o soberano de Bijapor. Comtudo alguma cousa parece ter havido a este respeito, não em Goa, mas em Chaul. Segundo Antonio Pinto Pereira um official do Nizamxá viera á fortaleza sondar o governador sobre a paz, e na volta o seu soberano, com o pre-

CAPITULO XIII

Cêrco da fortaleza de Chalé e sua conquista

Como as atrocidades dos franges se renovassem, e os muçulmanos incitassem o Samorim contra elles, impellindo-o a aproveitar a occasião em que estavam em guerra em Goa, que os impediria de mandar em seu soccorro navios e galés, decidiu-se a enviar contra Chalé alguns ministros com moradores de Panane, e grande numero de Chalé, a que se juntaram de caminho os moradores de Puronor, de Tanor e de Purpurangar[1]. Estes muçulmanos penetraram em Chalé uma quinta feira de noite, 19 de julho, do anno de 1571, e começaram a combater os franges, queimando as casas que elles possuiam fora da fortaleza, e as suas igrejas, e demolindo a parte exterior da fortaleza; dos muçulmanos morreram tres e dos franges grande numero, e os que se salvaram refugiaram-se no castello de pedra, onde se mantiveram. Ahi os cercaram os muçulmanos e os naires do Samorim; aos muçulmanos chegaram reforços das outras cidades para a guerra santa; cavaram fossos em volta da fortaleza, e tornaram tão apertado o cêrco que só raras vezes e furtivamente lhes entravam mantimentos.

O Samorim, que havia dispendido já grandes sommas, veiu de Panane a Chalé, quasi dois meses depois do começo das operações de guerra; então o cêrco estreitou-se mais, aos franges faltaram os mantimentos,

---

texto de que se deixara corromper pelos portugueses com dadivas, mandou-o prender numa fortaleza do interior. Cf. Antonio Pinto Pereira, liv. II, cap. XLIX, pp. 143–144.

1 Estas particularidades, e outras relativas à parte que os muçulmanos tiveram nesta empresa, não veem nos nossos escriptores.

Acêrca d'este famoso cêrco cf. Couto, dec. VIII, cap. XL; dec. IX, cap. II–III; Antonio Pinto Pereira, liv. II, cap. XLV, LIV.

comeram os cães e outras semelhantes cousas immundas, e quasi todos os dias eram lançados fora da fortaleza uma chusma de escravos e de conversos, tanto homens como molheres, porque escasseavam os viveres. Os franges mandaram reforços de Cochim e de Cananor para ali, mas apesar dos seus esforços e tenacidade, muito poucos chegaram a destino, os quaes mal chegariam para tapar uma brecha[1]. Durante o cêrco os franges mandaram pedir paz ao Samorim com a condição de entregarem as grossas peças que tinham na fortaleza e as suas fazendas, e pagarem as despesas da guerra, alem de outras mais vantagens; o Samorim porem rejeitou estas propostas, apesar dos seus ministros serem favoraveis a ellas. Mas a situação aggravou-se pela falta de mantimentos, e os franges não vendo outro meio de obter a paz, propuseram ao Samorim a entrega da fortaleza com todos os seus pertences e peças, e elles sairam com a vida salva, e garantidos até chegarem a logar seguro. O Samorim acceitou estas condições, e fez saír os franges da fortaleza uma segunda feira de noite, 5 do mês de novembro; e cumprindo a sua promessa mandou-os, humilhados, com o principe de Tanor, que os acolheu e protegeu, porque elle estava de coração com elles, ainda que apparentemente com o Samorim; [a prova está em que] lhes satisfez tudo de que necessitavam, e os acompanhou á sua capital, Tanor. Ahi os vieram buscar as galés enviadas de Cochim; o principe de Tanor acompanhou-os a bordo, tratou-os bem ostensivamente, e chegaram por fim a Cochim, quebrados, vexados[2].

O Samorim [depois que elles evacuaram a fortaleza] tomou posse de tudo que nella havia, peças, etc.; demoliu-a, de maneira a não ficar pedra sobre pedra,

---

[1] Isto é verdade. Cf. Couto, dec. VIII, cap. XL.

[2] Tudo o que aqui se diz do principe de Tanor e de Cochim é verdadeiro. Cf. Couto, dec. IX, cap. III.

e do seu sitio fez um deserto, transportando quasi todas as pedras e madeiras para Calecute, á excepção de algumas apenas para a reconstrucção da antiga mesquita cathedral, que os franges tinham demolido no momento de edificarem a sua fortaleza; e deixou ao principe de Chalé o terreno onde levantara a fortaleza, segundo se havia combinado no principio da campanha. Depois de conquistada a fortaleza e o Samorim senhor do que nella se continha, chegaram aos franges soccorros de Goa em galés e navios; e [não achando quem soccorrer] voltaram frustrados no seu intento e vexados, graças ao favor de Deus, que assim quís favorecer-nos aos muçulmanos[1].

CAPITULO XIV

Historia do dominio dos franges depois da conquista de Chalé

É de saber que os malditos franges, depois da conquista de Chalé, ficaram em grande colera e hostilidade com o Samorim e os muçulmanos, aproveitando todas as occasiões de damnificar as cidades do Samorim, e tentar edificar fortalezas em Panane ou Chalé, e exercendo sobre elles grandes vexames pela perda da fortaleza de Chalé; mas não lhes satisfez Deus esse desejo até ao fim do anno de 1579[2]. Comtudo desembarcaram em Chalé, e queimaram algumas das suas casas e lojas de commercio, em 25 do mês de fevereiro do anno de 1573.

No anno seguinte desembarcaram em Purpurangar, e mataram quatro muçulmanos, morrendo dos franges muitos mais[3]. Por aqui se vê que os franges não dese-

---

1 Era a armada de D. Diogo de Menezes, e chegou com effeito tarde, porque já se havia rendido a fortaleza.

2 1585 segundo dizem os nossos escriptores. Cf. p. 87.

3 Segundo Couto, dec. IX, cap. XXIX, os nossos queimaram e roubaram em 1575 Chalé e Paragulem.

javam paz com o Samorim, depois da perda de Chalé, pelos seus ataques a elle e aos muçulmanos, e tirando vingança d'elles.

Na monção do anno de 1577 elles apresaram aos muçulmanos cincoenta (ou mais) galés e galeotas, que se empregavam no commercio do arroz de Tolinate, em que houve mortos entre os muçulmanos, e foram aprisionados d'elles[1] cêrca de tres mil, o que reduziu muito o seu trafico[2]: Deus glorioso e sabio assim o quís, por sua vontade e vantagens que elle só conhece: queira elle conceder-lhes uma grande recompensa por motivo da santa cruzada, martyrios, desgraças e constancia: nós esperamos de Deus que elle lhes dará uma consolação proxima, e uma bella perseverança, porque elle disse [no Livro Santo]: Deus dará o bem depois da pena, pois o bem é seguido de uma pena, e a pena de um bem.

Na monção do mesmo anno tambem os franges apresaram na sua viagem de retorno muitos navios do Guzerate, que de Surate iam commerciar a Juda; entre estes estavam alguns pertencentes ao illustre soberano Jalaladím Ácbar Padixá, —queira Deus beneficiar os seus defensores!— tendo a seu bordo grande quantidade de fazendas; d'este facto resultou a guerra entre elle e os franges, mas não tardaram estes a restitui-las, e a fazer paz com elle, por causa do seu grande poder[3];

---

[1] Ha aqui uma palavra no texto arabe que não soubemos traduzir.

[2] Não achámos confirmação d'esta narração nos nossos escriptores, e comtudo o feito é de vulto para lhes não escapar. Era do Canará, como já dissemos, que os malabares recebiam o arroz; e todos os annos os nossos lá tomavam navios carregados d'elle.

[3] Em 1573 o viso-rei D. Antonio de Noronha conseguiu de Acbar, que havia conquistado o Guzerate, o reconhecimento da posse da cidade de Damão, conquistada em 1559 por D. Constantino de Bragança. O tratado que então se firmou e se renovou em 1575, vem em Couto. Concedeu-se a Acbar que mandasse todos

e nós esperamos de Deus que elle prestará a Jalaladím, o grande, um auxilio poderoso, o favorecerá na guerra com elles para os expulsar dos seus portos, como Diu, no Guzerate, Damão, Baçaim, e outros mais, em primeiro logar; e depois, dos outros portos de que se assenhorearam, com a permissão e auxilio de Deus, que o tornará poderoso e o propiciará.

Posteriormente alguns proprietarios de galés entraram no rio do porto de Adilabade; os franges foram sobre elles para as tomar, e logo que estiveram ao seu alcance lançaram fogo a tudo que puderam no porto, incluindo as galés e navios que se achavam nelle com os seus papeis e os cartazes dos moradores de Darmapatam, Cananor, etc. Depois queimaram o porto de Carapatam, [mas foram menos felizes contra Dabul, porque] o seu governador conseguiu por estratagema aprisionar cento e cincoenta franges, dos principaes e valentes, dos quaes matou o maior numero, e mandou alguns a Adilxá[1].

Em seguida Adilxá, querendo assenhorear-se de Goa, mandou contra elles alguns dos seus ministros e tropas, e prohibiu aos seus subditos e vassallos que fornecessem mantimentos aos franges; e tambem mandou um embaixador com cartas e presentes a Aderajá, ao Samorim e Colátiri, pedindo-lhes o seu auxilio na guerra contra os franges de Goa, e para que lhes fossem cortados os viveres. Porêm quando o enviado de Adilxá

os annos uma nau de Surate a Meca, forra dos direitos e com cartas dos portugueses.

Segundo Couto os portugueses reprezaram uma nau de Acbar, que vinha de Juda, em 1582, mas o viso-rei mandou-a largar, por não convir, a bem do estado, descontentar soberano tão poderoso, e que tanto mal nos podia fazer; e porque, por anteriores tratados, se lhe concedia o direito de mandar uma nau a Meca. Será d'este caso que Zinadím quererá fallar? Não encontrámos outras referencias em Couto a este respeito. Cf. Couto, dec. IX, cap. XIII e XXVIII; dec. X, liv. III, cap. V.

1 Nada encontrámos nos nossos escriptores a este respeito.

com os seus companheiros e presentes chegou a Cotacoulão, o seu principe aprisionou-os; este principe era terceiro na ordem da successão do Colátiri, isto é; succeder-lhe-ia depois da sua morte, e de um outro depois d'elle, e procedeu assim por instigação dos franges; mas o enviado conseguiu salvar-se, fugindo secretamente, [do que este principe se vingou] lançando mão de todas as fazendas e presentes que levava. Aderajá e Colátiri mandaram pedir-lhe a fazenda e presentes, mas debalde, e se o enviado com os seus não tem fugido, elle entregava-os aos franges; passaram-se estes factos no anno de 1578[1].

Neste mesmo anno alguns principaes dos franges vieram ter com o Samorim, propondo-lhe a paz; o Samorim, que então se achava num pagode venerado entre todos os pagãos do Malabar, e situado perto de Cranganor, houve por bem acceitá-la, permittindo-lhes levantar uma fortaleza em Calecute; os franges porem queriam Panane, mas isso não foi do agrado do Samorim. Em vista d'isto o Samorim mandou com os delegados dos franges a Goa tres dos seus principaes; o capitão d'elles chamado *Viso-rei*[2] recebeu-os com provas extremas de consideração e honra, e encheu-os de beneficios; mas elles voltaram para junto do Samorim sem terem conseguido celebrar a paz, porque os franges insistiam em que lhes fosse permittida a construcção de uma fortaleza em Panane; e estas negociações fizeram-se no anno de 1579, no mesmo em que Adilxá fez paz com os franges, depois que estes lhe enviaram [grandes] presentes[3].

---

1 Nada encontrámos nos nossos escriptores a este respeito.

2 Zinadím serve-se aqui, e algumas linhas mais abaixo, do proprio vocabulo português.

3 Estas pazes com Adilxá fizeram-se em 1575 segundo Couto, dec. IX, cap. XXVII. Quanto ao que se diz do Samorim nada encontrámos a esse respeito.

Depois o principe de Cochim fez prestes um grande exercito contra o Samorim, para o expulsar do pagode de que fallámos; mandou pedir auxilio ao capitão dos franges, o *Viso-rei,* na guerra contra elle, o qual lhe enviou galés; e reunido este grande exercito atacou o Samorim; porem este, não obstante o pequeno numero de tropas que tinha a oppor á superioridade dos franges e do principe de Cochim, matou-lhes grande numero, e desbaratou-os, sem que ao Samorim e aos seus capitães fosse feito mal. [D'este revés se vingaram os franges, porque] as suas galés sairam de Cochim a tolher o commercio dos muçulmanos, e apresar-lhes os navios e galés.

Em seguida, na monção do anno de 1582 ou 1583, os franges recrudesceram nos seus ataques contra os subditos do Samorim, moradores de Calecute, Porto Novo, Capocate, Pandarane, Tiracole e Panane, e proseguiram as suas hostilidades desde o principio até ao fim da monção; o commercio dos muçulmanos definou até mesmo com as povoações vizinhas, e o Samorim deixou de receber arroz de Tolinate; d'ahi uma grande fome, como nunca houvera nos sobreditos portos[1].

Os franges continuavam a apresar os navios e galés, e a situação tornou-se intoleravel. Queira Deus, nosso Senhor, fazer sair d'esta cidade os oppressores dos seus moradores; dá-nos da tua parte um protector, dá-nos um defensor! Então na monção seguinte [1583 ou 1584] o Samorim chegou a um accordo de paz com os franges [nas seguintes condições]: Permissão para que os franges edificassem uma fortaleza em Panane; troca reciproca de captivos, devendo os muçulmanos ser resti-

1 Com effeito assim era. Mathias de Albuquerque e Gil Eannes Mascarenhas, capitães móres do Malabar, exerciam naquella costa um cruzeiro rigorosissimo e por vezes cruel. Cf. Couto, dec. x, liv. II, cap. II–III, IX; liv. III, cap. XV; liv. IV, cap. XI.

tuidos ao Samorim, e os franges ao seu capitão; e assim se fez, mas os captivos muçulmanos eram poucos[1].

Estava-se dando execução á promessa do Samorim para a construcção da fortaleza, quando chegou o seu capitão á presença do Samorim na monção seguinte[2] [1584 ou 1585]; e na monção seguinte [1585 ou 1586] chegaram de Portugal quatro navios com o [novo] capitão nomeado pelo seu soberano; dos navios dois foram para Goa, e dois para a vizinhança de Coulão, e o primeiro dos dois capitães foi deposto. O capitão recem-chegado nesta monção não se apresentou deante do Samorim, antes se foi para Goa sem passar em Calecute; o Samorim preparava muitos presentes para lhe offerecer na sua passagem pela sua capital, mas foi em vão. Quando elle chegou a Goa o Samorim mandou-lhe alguns dos seus principaes, celebrando-se então um tratado de amizade e paz, sendo permittido aos seus subditos o commercio com o Guzerate e outros paises, assim como que dois navios de Calecute pudessem ir á costa da Arabia no fim da monção[3]. Queira Deus propiciar a fortuna dos muçulmanos, reparar os seus damnos, e satisfazer as suas necessidades!

---

1 Isto é verdade. Couto tambem dá o tratado, na dec. x, liv. IV, cap. XI.

2 As pazes, anteriormente firmadas, foram juradas em 1585 na presença do Samorim, pelo capitão mór do Malabar, D. Jeronymo Mascarenhas; e a fortaleza edificou-se no fim d'este mesmo anno. Cf. Couto, dec. x, liv. VI, cap. IV; liv. VII, cap. IV–VI.

3 Esta narrativa parece-nos bastante confusa, nem encontrámos nos nossos escriptores referencias aos factos que aqui se dizem. Se a data indicada é verdadeira isto passa-se em 1585 ou 1586; ora desde 1584 era viso-rei da India D. Duarte de Menezes, que a governou até 1588, e não houve por consequencia no periodo indicado mudança de viso-rei.

APPENDICE

I

Os portugueses no Malabar

No anno de 1498 chegaram aos portos de Calecute e Pandarane[1] quatro navios pertencentes ao rei de Portugal, que, depois de fazerem observações acêrca do país e dos seus habitantes, voltaram para Portugal. Nos annos seguintes vieram seis navios; e os portugueses tentaram persuadir o rei de Calecute a fechar os seus portos aos mercadores da Arabia, dizendo que d'esse modo os indios ganhariam mais do que com o pequeno trafico do Mar Roxo; o Samorim porem não consentiu nisto, pelo que os portugueses declararam guerra aos arabes e atacaram os seus navios; e por esta razão elrei irritou-se e mandou atacar bastantes dos portugueses que tinham desembarcado, de que morreram setenta; os restantes refugiaram-se nos navios dos seus,

---

[1] O texto inglês de Briggs, de onde fazemos esta traducção, tem Coilade; mas o respectivo texto persa de Ferista tem Candaria, que cremos ser uma má lição por Pandarane. Em caracteres arabes Pandarane escrever-se-ha Fandarane, como vimos no nosso texto, e a ignorancia dos copistas terá feito do *f* um *c*, o que é facil succeder em arabe.

e fugiram para junto d'elrei de Cochim, inimigo do Samorim. O principe de Cochim permittiu aos portuguezes que edificassem na sua cidade uma feitoria fortificada; tambem destruiram uma mesquita e construiram uma capella no seu logar, e esse foi o primeiro edificio levantado pelos europeus na India. De Cochim navegaram para Cananor, onde foram recebidos como amigos pelo seu rei; construiram aqui tambem uma fortaleza, e nesta estabeleceram uma feitoria; e ao passo que transportavam pimenta e gengibre para a Europa, impediam quaesquer outros navios de o fazer.

Ao saber isto o Samorim atacou elrei de Cochim; e depois de ter morto tres pequenos principes na guerra, e tomado o seu país, voltou à sua capital; mas os herdeiros d'aquelles, reunindo uma grande força, retomaram-lhe esses paises, e os reis de Cochim e de Cananor continuaram a auxiliar e ter amizade com os portuguezes. O Samorim, milhares de vezes mais irritado do que nunca, foi generoso com as suas tropas, e marchou contra Cochim, mas achando os portuguezes já partidos e abandonado o logar, voltou à sua capital, e immediatamente despachou embaixadores para Juda, no Mar Roxo, para o Decam, e para o Guzerate, que informaram os respectivos soberanos que os portuguezes tinham maltratado do modo mais cruel os seus subditos mohametanos, e era incapaz de resistir às suas forças. Elle dizia assim: «Eu nada receio pelo meu proprio país, mas pelos meus subditos mohametanos; porque, ainda que sou indio, eu considero do meu dever protegê-los. Mas o rei de Portugal é mais rico do que eu; e como acho que, apesar de destruir estes invasores, elles augmentam o seu numero no anno seguinte, estou reduzido a sollicitar a assistencia dos reis mohametanos; assim pois eu rogo-vos, por amor da vossa fé, que mandeis navios com tropas victoriosas a estes mares, para atacar os europeus, e fazei que os vossos nomes sejam incluidos na lista dos guerreiros da guerra santa,

que por ajudarem a causa da religião se tornaram habitantes do paraiso».

Mançor Gurí, soberano do Egypto, accedendo a este pedido mandou o seu almirante, o emir Hocem, com treze navios de guerra, às costas da India. Mahmudexá, do Guzerate, e Mahmudexá, da dynastia bahmanida do Decão, tambem enviaram navios de Diu, Surate, Gogo, Dabul, e Chaul, e reuniram-se estas forças na ilha de Diu; e d'aqui partiram para o sul as armadas unidas sob o commando de Mélique Iaz, o almirante do Guzerate, e o emir Hocem, o almirante do Egypto. Esta armada encontrou-se com os portugueses à vista do porto de Chaul, onde se travou uma peleja, em que alguns navios dos arabes cairam em poder dos portugueses, e foi destroçada a sua armada; depois d'isto voltaram os portugueses aos seus portos.

Nesta data chegou ao Egypto um exercito de Constantinopla, e a dynastia de Gurí submetteu-se ao governo turco da Europa. Quando o Samorim soube estas novas, ficou muito desanimado, desesperando de subjugar os portugueses, que cada dia se tornavam mais poderosos.

No anno de 1509, estando ausente o Samorim de Calecute, os portugueses desembarcaram e saquearam a cidade, e queimaram a mesquita principal; mas no dia seguinte, os habitantes atacaram os invasores, mataram quinhentos portugueses, e muitos outros morreram afogados ao quererem refugiar-se nos seus navios. Não obstante isto, elles alcançaram de um chefe vizinho uma concessão de terreno no qual edificaram uma fortaleza a tres milhas de Calecute. Já anteriormente dissemos, na historia do Decão, que no mesmo anno elles atacaram e tomaram de assalto a fortaleza de Goa, que comtudo foi retomada pouco depois por estratagema; mas posteriormente conseguiram rehavê-la subornando o seu governador; e desde então Goa foi considerada como o principal estabelecimento dos portugueses na India, e lá reside um governador geral mandado da

Europa. O Samorim, vendo que todos os seus esforços contra os portugueses eram inuteis, ficou tão impressionado que caindo gravemente doente, veiu a morrer com o coração attribulado no anno de 1515, em que lhe succedeu seu irmão, que não tardou a fazer paz com os portugueses. Pelo tratado que então se celebrou, a estes foi permittido que edificassem uma feitoria em Calecute, e commerciassem sem incommodo, com a condição de consentirem que os navios carregados de pimenta e gengibre pudessem todos os annos ir à costa da Arabia. Os portugueses construiram immediatamente uma feitoria fortificada; e depois de se estabelecerem aqui, não só não permittiram esse trafico da pimenta e do gengibre, como fôra accordado, mas ainda perseguiram os mohametanos a todo o momento com grande crueldade.

Tambem os judeus, que residiam em Cranganor, valendo-se da fraqueza do governo do Samorim, e seguindo o exemplo dos portugueses, mataram muitos mohametanos naquella cidade e seus arredores. O Samorim arrependido das suas condescendencias com estes europeus, e vendo que o seu exemplo havia induzido os judeus a praticarem estes insultos, foi contra Cranganor, e conseguiu expulsar todos os judeus dos portos do seu país; e em seguida chamando os mohametanos do Malabar a que se unissem debaixo da sua bandeira, foi atacar os portugueses da feitoria de Calecute, que conseguiu tomar de assalto; e pôde emfim mandar os quatro navios carregados de pimenta e gengibre.

Comtudo os portugueses desejavam ter uma feitoria perto da cidade de Calecute por duas razões: em primeiro logar, por causa do seu grande commercio; e em segundo logar, porque sendo a sua feitoria proxima d'aquelle porto, elles poderiam bloqueá-lo, e monopolizar completamente a exportação de pimenta e gengibre. A despeito de tudo, pois, elles levantaram uma fortaleza no porto de Chalé, a sete milhas de Calecute,

no anno de 1531 tomaram posse dos portos de Baçaim[1] e Damão, e da ilha de Diu, no Guzerate, pertencentes a Bahadurxá, como já dissemos na historia d'aquelle monarcha; e no anno de 1536 atacaram a cidade de Cranganor, e nella edificaram uma fortaleza, apesar dos esforços que o Samorim empregou para o impedir.

Por este tempo, Soleimão, o grande soberano de Constantinopla, quis arrancar aos portugueses o commercio da India, e atacar as suas feitorias, depois do que se propunha conquistar o imperio do Industão. Para isso mandou o seu ministro, Soleimão Agá, com uma grande armada, superior a cem navios, que partiu do Mar Roxo no anno de 1537. Soleimão Agá atacou e tomou primeiro o porto de Adem, que está na boca do Mar Roxo, de onde navegou em direcção à ilha de Diu, no Guzerate; mas achando-se à sua chegada sem recursos e quasi sem provisões, teve de voltar poucos dias depois, sem nada ter conseguido.

Antes de 1555 outras nações da Europa tinham enviado navios à India, e se tinham estabelecido em varios portos e ilhas do Oriente; e os portugueses edificaram feitorias em Paleacate, Meliapor, Negapatão, Madrasta, Barcelor, Mangalor, e em Bengala. Tambem tiveram estabelecimentos na ilha de Samatra, peninsula de Malaca, e nas ilhas de Timur e Ceilão, e até feitorias na costa da China; mas o soberano Alí, do Achem, atacou os europeus na ilha de Samatra, e expulsou-os da sua feitoria, e assim fez tambem elrei de Ceilão. O Samorim, rei de Calecute, estando muito opprimido pelos portugueses, mandou embaixadores aos reis mohametanos de Bijapor e Decão, pedindo o seu auxilio. No anno de 1571 os monarchas do Decão e de Bijapor foram contra Rivadanda e Goa, emquanto o Samorim atacava

1 O texto inglês diz Swally, que ficava na barra de Surrate; mas não consta que lá tenhamos tido fortaleza.

e tomava a fortaleza de Chalé; mas os reis mohametanos foram obrigados a levantar os cercos de Rivadanda e Goa, e a voltar às suas respectivas capitaes. Depois d'isto os portugueses tornaram-se ainda mais encarniçados inimigos dos mohametanos; e como dominavam completamente os mares saquearam varios navios pertencentes ao soberano de Delí, Acbar, que vinham de Juda, no Mar Roxo, onde tinham transportado peregrinos ao santuario de Meca. Tambem desembarcaram nas cidades de Adilabade e Carapatam, na costa do imperio de Bijapor, e queimaram-nas; foram tambem contra Dabul com o mesmo proposito, mas o governador Coge Alí, do Xiraz, sabedor d'isso, deixou-os desembarcar, e matou para cima de cento e cincoenta.

Desde o tempo em que os navios pertencentes ao Padixá Acbar foram apresados, este soberano prohibiu a todos os seus navios que navegassem para o Mar Roxo ou para o Golfo Persico, como faziam até ahi, e considerou attentatorio da sua dignidade pedir cartazes aos europeus, e se as embarcações fossem saqueadas seria isso ainda uma causa de desagrado de elrei e de perda para os seus subditos. Comtudo alguns governadores da costa, como por exemplo Abdarrahime, de Surate, e outros, pediram cartazes para os seus navios e continuaram a traficar.

No anno de 1611 o imperador de Delí, Jehangir, filho do Padixá Acbar, concedeu aos ingleses um logar para edificarem uma feitoria na cidade de Surate, na provincia do Guzerate, que foi o primeiro estabelecimento que aquelle povo teve nas costas do Industão. A crença d'esta nação é differente da dos outros europeus, sobretudo os portugueses, com os quaes estão constantemente em guerra. Elles crêem que Jesus foi mortal, e propheta de Deus; que ha um só Deus; e que elle não tem igual, nem tem esposa nem filho, como querem os portugueses. Os ingleses teem rei proprio, independente do rei de Portugal, a quem não devem

obediencia; mas pelo contrario onde quer que se encontrem estes dois povos fazem-se guerra de morte. Actualmente, mercê da intervenção do Padixá Jehangir, estão em paz um com o outro, mas só Deus sabe quanto tempo elles consentirão que o adversario tenha feitorias na mesma cidade, e vivam como amigos[1].

II

Os mohametanos e os christãos no Malabar e no Decam

Não é ignorado dos brilhantes espiritos que, antes do apparecimento do mohametanismo, os judeus e os christãos traficavam com a maior parte dos portos de Decám, taes como Palniar[2] e outros. Tendo entrado em boas relações com o povo d'aquelle país, elles estabeleceram a sua residencia em algumas cidades, edificaram casas e crearam vergeis. Assim permaneceram ali durante alguns annos. Quando despontou a grande estrella do mohametanismo, e brilharam de oriente a occidente os raios d'aquelle sol deslumbrante, pouco a pouco os paises do Industão e do Decam receberam tambem o beneficio da luz da lei mohametana, e começaram as relações commerciaes dos muçulmanos com aquelle país, e muitos reis e principes d'elle abraçaram a fé mohametana. Os rajas dos portos de Goa, Dabul, Chaul, etc., permittiram a todos os muçulmanos que vinham ali das differentes partes da Arabia que se esta-

---

1 Cf. Ferista, *History of the rise of the Mohammedan Power in India,* t. IV, pp. 534–541.

Este trecho parece ser um resumo da obra de Zinadím, que anteriormente traduzimos; e como já lá discutimos os factos ahi contidos, abstemo-nos aqui, e nos trechos que se seguem, de dar os respectivos commentarios, para nos não repetirmos.

2 Deve ser Palnade, nome do districto em que está situada a cidade de Calecute.

belecessem na beira-mar, e trataram-nos com grande honra e respeito. Por causa d'isto os judeus e os christãos ardiam no fogo da inveja e da malevolencia. Mas quando o Decám e o Guzerate cairam em poder dos reis de Dáli, e o islamismo se estabeleceu nelles, os europeus puseram o sello do silencio nos seus labios, e nunca pronunciaram uma palavra de animosidade ou opposição, até que finalmente, cêrca do anno de 1495 quando a fraqueza e a anarchia tinham invadido os reinos do Decám, os christãos portugueses receberam ordem do seu rei para irem levantar fortalezas na beira-mar do Oceano Indico. No anno de 1499 quatro navios d'aquelle povo aportavam a Pandarane[1] e Calecute, e depois de feito o reconhecimento do logar, voltaram ao seu país. No anno seguinte seis navios vieram ancorar a Calecute. Os portugueses pediram ao principe do logar, que se chamava Samorim, que prohibisse aos mohametanos o commerciarem com a Arabia, assegurando-lhe que os beneficios recebidos d'elles seriam muito maiores do que os dos mohametanos. Apesar d'isso o Samorim não lhes deu attenção; mas os christãos começaram a tratar asperamente os mohametanos em todos os seus negocios. Finalmente o Samorim provocado deu ordens para que os christãos fossem mortos e espoliados. Setenta dos seus principaes foram mortos, e os que escaparam embarcaram nos seus navios, e assim se salvaram, e foram desembarcar perto da cidade de Cochím, cujo principe estava em guerra com o Samorim. Alcançaram d'elle licença para levantar uma fortaleza, que elles edificaram apressadamente num curto espaço de tempo. Demoliram uma mesquita que estava junto da praia, e com os seus materiaes fizeram

---

1 O texto inglês tem Candaria, de accordo com o texto persa de Ferista, segundo o qual esta narrativa parece ser feita; mas a boa lição parece-nos ser Panderane. Cf. p. 91.

uma igreja: esta foi a primeira fortaleza que os portuguezes levantaram na India. Com identica promptidão levantaram uma fortaleza em Cananor, e entregaram-se livremente ao commercio da pimenta e do gengibre, não permittindo a quaesquer outros esse mesmo trafico. A esta noticia o Samorim levantou um exercito, e depois de matar o filho do principe de Cochim saqueou a região e voltou ao seu país. Os successores dos que foram mortos reuniram novamente as suas forças, levantaram o estandarte da soberania, e repuseram a população no seu anterior estado. Por conselho dos franges construiram navios de guerra, e o principe de Cananor seguiu o seu exemplo. Isto provocou a colera do Samorim, que applicou um immenso thesouro ao equipamento de um exercito com o proposito de atacar Cochim; mas como os franges assistiam sempre o seu principe, o Samorim voltou por duas vezes ao seu país, sem ter obtido vantagens. Por fim viu-se obrigado a mandar embaixadores aos reis do Egypto, Júda, Decám e Guzerate, queixando-se-lhes das affrontas dos christãos, e implorando a sua assistencia. Ao mesmo tempo expunha-lhes a sua irreverencia para com o islamísmo, o que excitou a colera e o zêlo d'estes principes. O soberano do Egypto, Mançor Gurí, enviou um dos seus capitães, chamado Hocem, com treze navios cheios de combatentes e munições de guerra, ás costas do Hindustão. O soberano Mahmude, do Guzerate, tambem equipou bastantes navios contra os franges e expediu-os dos portos de Diu, Surate, Gogo, Dabul e Chaul. Os navios egypcios dirigiram-se primeiro a Diu e juntando-se aos do Guzerate, navegaram em direcção a Chaul, onde os franges se tinham concentrado. Esta força naval foi augmentada com quarenta navios do Samorim, e alguns mais do porto de Dabul. Depois de effectuada a juncção um brulote dos franges veiu de improviso cair sobre a sua rectaguarda, e toda a superficie das aguas ficou um instante em chammas. Mélique

Iaz, o governador de Diu, e o capitão Hocem prepararam-se para se opporem ao inimigo, mas foi em vão. Varios navios egypcios foram apresados pelo inimigo, numerosos mohametanos beberam a agua doce do martyrio, e os franges voltaram victoriosos ao seu porto. Foi neste comenos que o soberano Celím de Constantinopla alcançou uma victoria de Guri, soberano do Egypto, e assim terminou a sua dynastia. O Samorim, que foi o causador de todas estas perturbações, ficou desanimado, e os franges senhores sem contestação; a ponto que no mês de dezembro de 1509 entraram em Calecute, deitaram fogo á mesquita principal, e assolarm a cidade com a vassoura do saque. No dia seguinte os palnadenses[1] reunidos em gande numero cairam sobre os christãos, mataram quinhentos dos principaes e muitos morreram afogados. Os que escaparam ao ferro fugiram para o porto de Coulão. Tendo contraido relações amigaveis com o príncipe d'aquelle logar, levantaram uma fortaleza para sua protecção cêrca de meia farçanga da cidade. No mesmo anno conquistaram a fortaleza de Goa pertencente a Iúcufe Adilxá, que conseguiu rehavê-la por estratagema; mas pouco tempo depois os franges peitando o governador d'ella com fortes quantias de ouro, de novo a reconquistaram, e da sua fortaleza, que tornaram muito forte, fizeram a séde do seu governo. Estes acontecimentos affligiram o Samorim, e a sua magua minou-lhe a saude, vindo a expirar em 1515. Seu irmão, que lhe succedeu, enrolou o tapete da destruição, e entrou no caminho da amizade com os franges. Deu-lhes terreno para uma fortaleza proximo da cidade de Calecute, e foi-lhe permittido por concessão d'elles que mandasse quatro navios carregados de pimenta e gengibre aos portos da Arabia.

[1] Isto é: os habitantes do districto de Palnade, em que estava situada a cidade de Calecute, como já dissemos.

Por algum tempo os franges cumpriram estas clausulas; mas logo que a fortaleza esteve prompta, prohibiram-lhe que commerciasse naquelles artigos e começaram de novo a exercer todas as tyrannias e perseguições contra os mohametanos. Por sua vez os judeus de Cranganor, notando a fraqueza do Samorim, estenderam o pé alem do devido limite e fizeram beber pela taça do martyrio grande numero de mohametanos. O Samorim, arrependido das suas concessões, foi contra Cranganor, e de tal modo exterminou os judeus que não ficaram vestigios d'elles naquelle país. Depois d'isto, tendo-se-lhe aggregado todos os mohametanos de Palnade, seguiu para Calecute, e pôs cêrco á fortaleza dos franges, que conseguiu fazer render com grande trabalho. Isto augmentou o poder e orgulho dos Palnadenses, que conforme as clausulas da primeira concordata com os franges, começaram a mandar os seus navios cheios de pimenta, gengibre, etc., aos portos da Arabia. No anno de 1531 os franges levantaram uma fortaleza em Chalé, a duas leguas de Calecute, e tolheram a navegação dos navios palnadenses. Pelo mesmo tempo, no reinado de Burhám Nizamxá, os christãos levantaram uma fortaleza em Rivadanda, o porto de Chaul, e fizeram residencia ali. No reinado do soberano Bahadurxá do Guzerate, em 1534, assenhorearam-se dos portos de Baçaim[1], Damão e Diu, que pertenciam aos reis de Guzerate; e no anno de 1536 estabeleceram-se como senhores em Cranganor pela força das armas. Por este tempo o Soberano Celím de Constantinopla resolveu expulsar os franges dos portos da India, e substituir-se-lhes na soberania. Com este proposito, no anno de 1537, mandou o seu ministro, Soleimão pachá, com um cento de navios, o qual depois de ter expoliar o

[1] O texto inglês tem Sualh, assim como a traducção de Ferista por Briggs, p. 95.

xeque Ámere, filho do xeque Daude, do porto de Adem, e de o ter matado, navegou para Diu, e aqui fez os seus preparativos de guerra. Elle esteve a ponto de sair victorioso, mas a falta de provisões e de dinheiro obrigou-o a faltar a Constantinopla. No anno de 1556 os christãos estavam de posse dos portos de Ormuz, Mascate, Samatra, Malaca, Mangalor, Negapatão, Barcelor, Ceilão e Bengala, até ás proprias costas da China; e em todos estes logares levantaram fortalezas. Porem o soberano Alí Haí tomou-lhes a fortaleza de Samatra, e o principe de Ceilão tambem, depois de haver submettido os franges, os expulsou dos seus dominios. O Samorim, principe de Calecute, cançado de os soffrer, mandou embaixadores a Alí Adilxá e Mortaza Nizamxá, instigando-os a fazerem a guerra santa contra os franges, e a expulsá-los do seu país. No anno de 1570 o Samorim cercou a fortaleza de Chalé, e Nizamxá e Adilxá cercaram a de Rivadanda. O primeiro, graças á sua coragem, conseguiu tomar a fortaleza, mas os ultimos por causa da infidelidade dos seus servidores, que se deixaram subornar pelos franges, voltaram sem terem conseguido o seu proposito. Desde então os christãos tornaram-se mais audazes na perseguição dos mohametanos, a um ponto tal que os seus bandos de rapinantes chegaram a roubar alguns navios do imperador Jalaladím Mohamede Acbar, quando vinham em torna viagem de Juda, por terem ido a Meca sem a sua licença; e tratavam os muçulmanos com grande aspereza e desdem. Elles deitaram fogo ao porto de Adilabade Faraim, pertencente a Adilxá, e destruiram-no por completo. Disfarçados em mercadores tambem vieram a Dabul, e desejaram apoderar-se d'elle por meio da astucia e ardileza; mas o seu principe Coje Aliulmélique, um mercador do Xiraz, sabedor dos seus projectos, matou cento e cicoenta dos seus principaes, e dedicou-se á extincção do fogo do mal. Mas é sabido dos homens curiosos que, desde que os navios

do imperador Jalaladim Mohamede Acbar foram apresados pelos christãos, cessou inteiramente a navegação com os portos da Arabia, não só do Decám e Bengala, mas das outras provincias do Hindustão, porque foi considerado abaixo da dignidade real entrar em ajustes com os franges, e enviá-los sem entrar em qualquer accordo era por as vidas e as fazendas em risco. Porem os nobres do imperador, como o nababo Abdarrahím Cam-Cauám, e outros, tendo entrado em accordo com elles, trataram de enviar os seus proprios navios, e as cousas correram assim por algum tempo. Quando o imperador Nuradím Mohamede Jahangír subiu ao throno de Delí havia grande desarmonia e animosidade entre os christãos de Portugal, França, etc. Tendo sêde do sangue uns dos outros, elles liam todos pelo mesmo mau livro da inimizade e malevolencia. Ao contrario do modo por que elles tinham sido tratados, o imperador concedeu aos ingleses um logar em Surate para a construcção de uma feitoria. Este foi o primeiro estabelecimento que os ingleses tiveram nas costas da India...[1].

III

A morte de Bahadurxá

No anno de 1536 os europeus, que se tinham estabelecido em muitos pontos da costa, tinham grandes forças em Goa e Chaul. Procuraram, pois, o meio de

---

[1] Este extracto é traduzido de uma historia geral da India desde os gasnevidas até á subida ao throno de Mohamede Acbar II, no fim do anno de 1806, pelo nababo Mohabatecão. É obra de pouco merito, diz o traductor inglês; e o seu auctor parece ter resumido a narrativa de Ferista, que precedeu. Cf. Elliot e Dowson, *History of India, as told by its own Historians: the Muhammadan Period,* t. VIII, pp. 385-390.

se assenhorearem dos portos do Guzerate, e Bahadurxá veiu a Cambaia, onde soube que uma armada, em que estariam quatro mil a cinco mil europeus, tinha chegado á ilha de Diu. Partiu logo para lá com reforço de tropas; porem as disposições pacificas dos europeus desarmaram as suas prevenções. O capitão da armada pretextou um grave incommodo para não ir visitar o rei, e este pela sua parte pensou que poderia na sua guerra com Humaium Padixá utilizar-se dos seus serviços. Portanto Bahadurxá levou a sua boa vontade até visitar o capitão a bordo, e ia bordejando o navio no seu regresso, quando o barco se virou, e o rei caiu á agua. Um europeu que a este tempo estava na amurada do navio, lançou-lhe um chuço que se lhe espetou no cranio, e elle logo foi ao fundo, morrendo assim afogado. O exercito do Guzerate, ao saber da morte do rei, fugiu, e deixou os europeus na posse pacifica da ilha de Diu, os quaes a teem possuido desde então. Assim acabou a vida de Bahadurxá, do Guzerate, depois de um reinado de onze annos e tres meses[1].

IV

De como os portugueses por estratagema se estabeleceram em Diu, e martyrio do rei pelos assalariados do traidor capitão ou governador dos portugueses.

Diz-se que quando Bahadurxá se viu obrigado a fugir, por causa dos desgraçados acontecimentos que já relatámos, veiu ao porto de Diu. Os portugueses offereceram-lhe o seu auxilio, e esforçaram-se por consolá-lo, dizendo que os portos ao longo da costa estavam em seu poder, e que elles estavam promptos a conceder-lhe

[1] Cf. Ferista, *History of the rise of the Mahomedan Power in India*, t. IV, pp. 130–131.

um asylo em qualquer dos portos, que podia escolher para sua residencia. Bahadurxá, na affliçâo em que se achava, recebeu estes offerecimentos cheio de reconhecimento. Certo dia os portugueses disseram-lhe que os seus mercadores, que costumavam vir commerciar a Diu, eram obrigados a armazenar as suas fazendas longe da cidade; elles pediam pois que se lhes permittisse occupar uma *pelle* de terra, sobre que pudessem construir uma cêrca que contivesse e protegesse as suas mercadorias. Concedido este pedido, elrei deixou Diu, e proseguiu na guerra contra os seus inimigos. Os portugueses, aproveitando-se da ausencia do rei, cortaram a pelle de uma vacca em tiras, e mediram um espaço igual ao comprimento das tiras[1], e sobre este terreno levantaram uma fortaleza de pedra, onde collocaram canhões, e occuparam-na com soldados. Logo que elrei o soube ficou muito inquieto, e começou a pensar no modo como havia de expulsar estes infieis. Quís, todavia, fazê-lo por estratagema, de modo que o fim se conseguisse com facilidade. Partiu, pois, de Ahmedabade para Cambaia, e de aqui para Diu. Os portugueses suspeitaram que isto encobria alguma traição, e ainda que o rei fez tudo o que pôde para disfarçar o seu proposito, elles continuaram a crer que o seu procedimento era hypocrita. Diz-se que quando elrei chegou a Gogo, na costa de Diu, elle mandou Nur

[1] Este estratagema, que nos recorda o dos companheiros de Dido em Carthago, foi renovado pelos portugueses no Sião. «Á sua chegada a este país, os portugueses pediram ao rei um canto de terra. Este permettiu-lhes que determinassem elles proprios o espaço de que precisavam. Declararam humildemente que o queriam do tamanho da pelle de um bufalo, depois, renovando o estratagema dos companheiros de Dido, apropriaram-se de um consideravel territorio. Desde esse dia, os cambogianos costumam dizer de um christão que pertence à aldeia da pelle que se estende». Cf. Carné, *Le royaume du Cambodge et l'établissement du protectorat français,* in *Revue des deux mondes,* 1869, p. 859.

Mohamede Culil, um dos seus privados, ao capitão dos portugueses, com instrucções para artificiosamente o persuadir a vir fazer uma visita a elrei. Desde que este enviado esteve na presença do capitão, as provas de consideração e attenção recebidas desarmaram as suas prevenções para com elle. Quando estavam juntos a beber vinho, o capitão perguntou a Nur Mohamede Culil quaes eram as verdadeiras intenções de elrei. O enviado communicou-lhe o que lhe não devera dizer, isto é, o fim secreto do rei. Passou-se essa noite, e na manhã seguinte o capitão disse: «Eu sou um amigo sincero de elrei; mas por incommodo é-me impossivel ir em pessoa vê-lo». Nur Mohamede Culil voltou a dizer o recado. Elrei, suppondo que o capitão nada desconfiava, resolveu ir a bordo do seu navio com o pretexto de saber da sua saude, mas de facto para desfazer as suas suspeitas. Mandou pois apromptar o seu barco, e fez-se acompanhar por cinco ou seis dos seus capitães favoritos, a saber Nur Taruquí, Xujacão, Langarcão, filho de Cadarxá de Mando, Selapsecão, filho de Xuja Gacar, Sicandarcão, governador de Satuas, e Caas Rou, irmão de Medui Rou. Mandou que estes seus capitães nem mesmo levassem armas comsigo; e ainda que os seus ministros e capitães lhe representaram quanto era indigno e imprudente para elrei tal visita, elle a nada quís demover-se, porque na santa escriptura se diz que «quando a morte vem nada a deterá um momento, nem parará na sua marcha». Embarcou e partiu. O capitão decidido a prender elrei, foi ao seu encontro na praia, e recebeu-o a bordo do seu proprio navio, onde se pôs a prodigalizar-lhe attenções e provas de consideração exageradas[1]; ainda que no peito tinha a traição. Bahadurxá tinha em mente alguma cousa da mesma natureza; mas a fortuna não secundou os seus

---

[1] O texto diz «macaqueadores».

planos, que goraram. Durante uma pausa havida na conversação, os cães dos portugueses trocaram alguns signaes convencionados. Elrei percebeu que era traido e que a fortuna lhe virara as costas. Os seus capitães voltando-se para elle disseram: «Não vos dissemos que todos seriamos perdidos?» Elrei respondeu: «Se assim é, mandou-o o destino». Então elrei levantou-se e foi neste momento atacado por todos os lados pelos portugueses. Diz-se que estava proximo do seu proprio barco, quando um soldado português lhe vibrou á cabeça uma pancada com a espada, que o arremessou á agua, partilhando tambem a honra do martyrio aquelles que com elle estavam. Este acontecimento deu-se a 14 de fevereiro de 1537, e foi commemorado com as seguintes palavras, que comprehendem os numeraes que formam a data do anno em que occorreu; esse chronogramma, composto pelo ministro Yequetiarcão, é o seguinte: سلطان البر شهيد البحر «o rei da terra foi martyr no mar». Bahadurxá subiu ao throno de idade de vinte annos, reinou onze, e foi morto por consequencia aos trinta e um[1].

V

Os portugueses

Foi dito no reinado de Jahamxá, que mercadores christãos tinham vindo estabelecer-se nos portos maritimos da India. Os capitães do rei de Portugal occuparam differentes portos vizinhos, e tinham levantado fortalezas em fortes posições e sob a protecção de eminencias. Elles edificaram povoações, e em tudo usaram de muita suavidade para com a população do país, nem

---

[1] Cf. Ferista, t. IV, pp. 132–137. Este trecho é traduzido do *Mirate Iscandarí*, por Briggs.

a vexaram com impostos excessivos. Elles davam um bairro separado aos muçulmanos que com elles habitavam, e nomeavam-lhes um juiz que seperintendesse em tudo que respeitava aos impostos e casamentos; mas nestes estabelecimentos (dos franges) não se permittia que se chamassem os muçulmanos á oração, nem o publico exercicio do culto. Se um pobre viajante tinha que atravessar um possessão sua, ninguem o inquietava, mas era-lhe impossivel fazer as suas orações. Por mar não gostam dos ingleses, mas só atacam os navios que não teem os seus cartazes em devida forma, ou os navios da Arabia ou de Mascate, dois paises com que teem inimisade ha muito tempo, e a esses atacam-nos onde quer que os encontrem. Se um navio de porto distante naufraga e cae em seu poder, consideram-no como prêsa sua. Mas o seu maior acto de tyrannia é este. Se um subdito d'estes infieis morre e deixa filhos creanças, e nenhum crescido, elles ficam sob a guarda do Estado. Elles mandam-nos para as suas praças de guerra e as suas igrejas, que edificaram em muitos logares, e os *padres,* isto é sacerdotes, instruem-nos na religião de Christo, convertendo-os assim á sua fé, quer elle seja um nobre muçulmano, quer um hindú brahmane, e por fim até os fazem servir como escravos. No Concám de Adilxá, junto do mar, no bello e famoso porto de Goa, reside o seu governador; e ha aqui um capitão que exerce um pleno poder da parte de Portugal. Elles estabeleceram ainda alguns outros portos e florescentes povoações; e alem d'isto, os portugueses occupam o país que está desde 14 ou 15 *cos* ao sul de Surate até aos limites do forte de Bombaim, pertencente aos ingleses, e até aos extremos dos territorios dos Halexís, isto é o Concam do Nizamxá. Por detrás dos montes de Baglaná, em fortes posições, difficeis de accesso e perto do forte de Gulxanabade, levantaram sete ou oito fortes, entre pequenos e grandes. Dois d'elles por nome Damão e Baçaím, que alcançaram

fraudulentamente do soberano Bahadur do Guzerate, teem elles tornado muito fortes, e as povoações que estão em roda estão florescentes. As suas possessões teem de comprimento cêrca de quarenta ou cincoenta *cos;* mas a sua largura não é de mais de um *cos* ou *cos* e meio. Elles cultivam as abas dos montes, onde crescem os melhores productos, como cana de açucar, ananaz, arroz, coqueiros e vinhas de betre, em grande quantidade, de onde tiram grandes rendimentos. Elles usam nos districtos uma moeda de prata chamada xerafim, do valor de nove anas. Tambem teem pedaços de cobre a que chamam *buzurgue,* e quatro d'estes valem um foluz. As ordens do rei (da India) não teem execução ali. Entre elles a noiva é dada como dote, e elles deixam a direcção de todos os negocios, dentro e fóra de casa, a suas mulheres. Elles só teem uma mulher, e a concubinagem não é permittida pela sua religião[1].

VI

Conquista de Goa

Em 1510 os christãos surprehenderam a cidade de Goa, e mataram o seu governador com muitos muçulmanos. Ao receber noticia d'este facto Ibrahim Adilxá marchou com 3:000 homens escolhidos, decanís e estrangeiros, com tal rapidez que surprehendem os europeus, retomou o forte e matou muitos d'elles; mas alguns escaparam para o mar nos navios.

Camilcão (regente na menoridade de Ismael) fez paz com os europeus, que depois da retirada de Ibrahím

---

1 Cf. Elliot e Dowson, t. VII, p. 344. É traduzido este trecho por Elliot de Caficão, autor de uma historia muito apreciada que vae desde a invasão de Baber em 1519, até ao reinado do Mohamedexá (principio do seculo XVIII).

Adilxá tinham cercado Goa e rehavido posse d'ella, peitando o governador. Este acontecimento occorreu quando subiu ao throno o moço rei; e finalmente foi Goa deixada aos europeus com a condição de não molestarem as outras cidades e districtos na costa. É em consequencia d'isto que desde então os portugueses teem possuido Goa; e cumprido o tratado nunca depois d'isso invadiram o territorio de Adilxá[1].

VII

Competições entre Ibrahim e Abdallá[2]

Grande parte da nobreza conspirou contra Ibrahím Adilxá I para o desthronar, e collocar seu irmão Abdallá no throno. Descoberta a conspiração, Abdallá fugiu com grande difficuldade para Goa, onde foi honrosamente recebido pelos portugueses, que lhe concederam a sua protecção. Este principe Abdallá, por conselho de alguns nobres de Bijapor, pôs-se em correspondencia com o rei de Ahmedenagar e o de Golconda para o soccorrerem. Estes principes, vendo o estado de perturbação dos negocios em Bijapor, e que Açadacão tinha tomado bem as suas disposições, prometteram o seu auxilio a Abdallá para o collocar no throno; e escreveram aos portugueses de Goa que em virtude da crueldade e tyrannia de Ibrahim Adilxá, elles previam que viessem a rebentar taes desordens no seu governo que elle seria impotente para as refrear; por isso desejavam que lhes mandassem o principe Abdallá, para o assentarem no throno no logar de seu irmão. Os

---

1 Cf. Ferista, t. III, p. 29.

2 Cf. Couto, dec. V, liv. IX, cap. VIII; dec. VII, liv. I, cap. XI; liv. II, cap. II; liv. II, cap. VIII; liv. IV, cap. IX.

Ibrahim Adilxá I reinou de 1535-1557.

portugueses concordaram em appoiar este projecto; mas fizeram notar que só com o concurso de Açadacão se tiraria bom resultado da empreza. Burham Nizamxá ao receber esta carta mandou um bramane a Açadacão, mas elle voltou sem nada conseguir; comtudo os portugueses vendo que todos os soberanos do Decám, á excepção de Açadacão, appoiavam o principe Abdallá, mandaram-no de Goa com forças, o qual em seguida se proclamou rei. No entretanto caíu doente Açadacão, e Burham Nizamxá calculando que morreria, deitou a vista para o forte de Bilgão, em vez de marchar com Abdallá contra Bijapor. A marcha subita de Ibrahím para Bilgão mudou o estado das cousas. Nestas condições, os portugueses retrocederam para Goa, acompanhados do principe Abdallá, e os outros alliados tambem voltaram aos seus dominios[1].

VIII

A vinda dos portugueses a Colombo

No mês de abril de 1522 succedeu que chegou a Colombo um navio de Portugal[2]; e elrei foi informado de que havia no porto uma raça de gente muito branca e bella, que tinha botas e chapeus de bronze, e nunca estava parada no mesmo logar. Elles comem uma es-

---

[1] Cf. Ferista, t. III, pp. 96-99.

[2] Segundo os nossos auctores já antes de 1522 os navios portugueses frequentavam Colombo; em 1517 Lopo Soares de Albergaria mandou lá fazer uma tranqueira de madeira (com assentimento de elrei de Cota), que em 1520 se mudou em fortaleza de pedra e cal. As primeiras relações dos portugueses com Ceilão datam de 1505, anno em que D. Francisco de Almeida mandou seu filho à Ponta de Galle. Cf. João Ribeiro, ***Fatalidade historica da ilha de Ceilão,*** pp. 7-8.

pecie de pedra branca, e bebem sangue; e têem peças que fazem maior estrondo que o trovão, e um projectil disparado de uma d'ellas, depois de percorrer uma legua, pode desmoronar um castello de marmore[1].

IX

Dominio português em Ceilão

E succedeu que neste tempo alguns mercadores vieram traficar ao porto de Colombo, que continuaram a frequentar durante muitos annos, vindo assim com o andar do tempo a tornar-se muito poderosos. Estes homens chamavam-se franges, e eram infieis, maus, crueis e duros de coração. Elles penetraram nas provincias mais fortes, fizeram dos campos e hortas um deserto, queimavam as habitações e as aldeias, raptavam as mulheres de boas familias e enchiam assim de dôr os singaleses. Elles destruiram as cidades, os templos e os idolos domesticos, quebravam as arvores e imagens do Buda e outros objectos sagrados; destruiram o país e a sua religião, construiram fortes em differentes logares, e estavam em continua guerra[2]....... [Elrei Senaratna[3] dividiu o reino por seus tres filhos];

---

[1] Trecho traduzido do Rajávali por A. W. Tocke, na *Imperial and Asiatic quarterly Review*, 1896, p. 110. Cf. a traducção do Rajávali por Upham, p. 278.

[2] Cf. João Ribeiro, pp. 8–23, e a nota 2 a p. 74. A lista das fortalezas que possuiamos na ilha é dada pelo mesmo auctor nas pp. 6–7, e na carta que acompanha a obra.

[3] Senaratna era rei de Candia; João Ribeiro chama-lhe Henar Pandar. Segundo a taboa chronologica que acompanha o Mahávansa, p. XVIII, de onde traduzimos este trecho, reinou desde 1620–1627, mas dos nossos escriptores deprehende-se que o seu reinado foi mais longo, e alem d'esta data. Tennent, *Ceylon*, t. II,

e por algum tempo estes tres principes viveram em paz uns com os outros, nas suas respectivas divisões, gosando os prazeres da realeza, e fazendo guerra aos franges, contra os quaes foram victoriosos em varios logares. Mas depois os tres irmãos reaes desavieram-se e entraram em lucta uns com os outros. Um d'elles, o famoso Rajacinga, desthronou seu irmão mais velho, e reuniu os dominios d'elle aos seus; e o seu principe foi envenenado. O outro principe que isto soube, e estava então em Matalé, metteu-se num carro e abandonou o país; e depois de o ter passado foi refugiar-se num país estranho, acompanhado de um homem que o servia. O terceiro principe, Rajacinga, ficou pois senhor de todo o país, como seu pae o tinha possuido; e este principe era um homem altivo, que ninguem poderia approximar nem vencer, bravo como um leão.

Elle era corajoso e violento na batalha, e dotado de grande força de corpo, como se os deuses da verdadeira fé o tivessem destinado a dar o bem estar ao país e á sua religião. Uma vez, que se divertia com alguns moços [da sua côrte], montou um cavallo e saiu com um companheiro que montava um outro. Dado o signal o seu cavallo correu pela carreira, e foi metter-se num atoleiro que havia ali. Neste momento critico o prin-

---

p. 41, acceita o anno de 1632 para data da sua morte, de accordo com Baldeus e Valentyn, e fá-lo começar a reinar em 1604.

Por sua morte elrei de Cota, D. João Paria Pandar legou o seu reino ao rei de Portugal. Este augmento territorial e algumas fortalezas que os nossos quiseram fazer na ilha crearam um estado de hostilidade entre os nossos e o rei de Candia que nos veiu a ser fatal.

Elrei de Candia Henar Pandar ao fallecer deixou o reino de Candia a seu filho mais velho Raja Cinga; a um outro seu filho deixou o reino de Uva, mas por uma guerra que se moveu entre elle e seu irmão, refugiou-se entre os nossos, e foi para Goa em 1641, onde se fez christão; e ao terceiro filho nada deixou. Cf. João Ribeiro, p. 85-212.

cipe valente e corajosamente saltou do cavallo para a garupa de um que vinha após elle, e derribando o cavalleiro seguiu na garupa do seu corsel.

Uma outra vez, numa passagem perigosa, deu um salto de um lado ao outro do ribeiro, sem lhe acontecer mal nenhum. E depois que elle assim por diversos feitos mostrou o seu esforço, o afamado rei desejou augmentar o bem estar da religião e do reino, e preparou material de guerra, e o mais que era preciso, e reuniu todos os singaleses aptos para a guerra.

Então o gracioso soberano, num momento propicio, saiu da cidade de Sirivadana, com elephantes, cavallos e o sequito real; com homens valentes e fortes, altos personagens do Estado e outras pessoas; com companhias de homens de guerra armados de arcos, espadas, lanças e outras armas de arremêsso, e rodeando-os homens com tambores e outros instrumentos de musica. E tomando comsigo os filhos de Buda para darem esmolas, e fazerem outros actos meritorios, o destemido rei foi de povoação em povoação, tangendo o tambor de guerra, cujo terrivel som se assemelhava ao do trovão. Logo no começo feriu uma grande batalha com o inimigo, que tinha invadido o país de Pancudarata, e matou um grande numero de perversos inimigos. E o principe dos homens expulsou o vil e cruel inimigo das suas differentes posições, rompeu os seus arraiaes e venceu-os. E o inimigo olhou para todos os lados, como poderia escapar e fugiu com grande terror, passou por cima de grandes rochedos, atravessou ribeiros e foi refugiar-se nas montanhas. Como um bando de elephantes em cujo caminho se atravessa um leão, ou como um novelo de algodão arrancado por um pé de vento, assim fugia o inimigo, transido de medo, deante do destemido rei, quando se lançava no campo da batalha. E depois de combater o inimigo em differentes logares e em muitos caminhos, matou-lhe muita gente e expulsou-o deante de si. E elle mostrou o seu poder

libertando da sua oppressão os paises que tomava, e destruiu tambem as fortalezas do inimigo[1].

Mas escaparam muitos dos inimigos que estavam transidos de medo; estes infieis perversos viveram socegados por algum tempo nos seus differentes fortes da costa, mas depois começaram a roubar os districtos em roda. E quando Rajacinga, que era um soberano altivo, soube d'isto, foi outra vez para Digavapi, na parte oriental do país.

Emquanto esteve ali soube da vinda dos hollandeses, e agourando bem do facto, por ser habil nas leis de Manu, mandou dois dos seus ministros ao seu bello país, os quaes os persuadiram a virem ali em muitos navios. E quando elles chegaram á costa, perto de Digavapi, que era um districto rico, prospero e populoso, elle mostrou-lhes muito favor[2]. E para mostrar a valentia do seu exercito singalês, elle mandou-lhes que estivessem ali socegados, emquanto ia combater o inimigo da vizinhança. E o principe dos homens desbaratou e finalmente destruiu o inimigo, e tomou a

[1] Em 1630 o capitão geral da ilha Constantino de Sá e Noronha soffreu em Uva um terrivel revés, em que elle perdeu a vida e grandissimo numero de portugueses que o acompanhavam, na guerra que então sustentavamos com elrei de Candia. O capitão dos inimigos era Raja Cinga, então ainda principe real. Depois d'este grande desastre, os nossos inimigos vieram pôr cêrco a Colombo. Cf. João Ribeiro, pp. 80–84, e o Rajavali, p. 323, que tambem falla d'esta grande matança dos nossos.

[2] Nas luctas contra os nossos elrei de Candia resolveu pedir soccorro aos hollandeses, e para este fim mandou dois dos seus grandes a Batavia a tratarem este negocio. Os soccorros dos hollandeses chegaram à ilha em março de 1639. João Ribeiro dá o pacto celebrado entre as duas partes, em 1638, pp. 91–93. Rajacinga, que reinou até 1687, segundo Tennent, até 1679 segundo o quadro chronologico do Mahávansa, p. XVIII, arrependeu-se mais tarde de ter chamado os hollandeses em seu auxilio, por elles terem guardado para si o que conquistaram aos portugueses, e quís reatar relações de boa amizade com estes.

sua fortaleza e deu-a aos hollandezes, a quem mostrou muito favor, e grande contentamento.

E desde então o principe de Lancá, á frente dos dois exercitos (singalês e hollandês), levou a guerra a todo o país em roda, por terra e por mar. Elle destruiu em differentes logares os fortes [dos franges] protegidos por espessas muralhas de pedra, e matou os inimigos que os defendiam; e finalmente destruiu o inimigo em todo o país de Lancá, e libertou-o da oppressão d'aquelles que por muito tempo lá tinham estado estabelecidos, mercê da fortaleza dos fortes que tinham edificado. Elle estabeleceu os hollandeses nos logares da beira-mar, para que pudessem guardar Lancá, e oppor-se ao inimigo; e depois que ordenou que todos os annos viessem a elle com presentes, o principe dos homens partiu com as suas tropas, e entrou na sua capital, como Indra victorioso após a lucta com os Asuras[1]. Desde então, este principe dos homens, Rajasinha, esteve em segurança[2].

---

[1] Indra, deus indiano da luz e do raio, sempre em lucta e victorioso contra as trevas, isto é, os Ásuras ou espiritos maus.

[2] Cf. *The Mahavamsa,* traducção de L. C. Wisejinha (Colombo 1889), pp. 329-332.

Viso-reis e Governadores da India

(1505-1588)

As datas adeante de cada nome indicam principio do governo e fim do anterior

Viso-rei	D. Francisco de Almeida	1505
Governador	Affonso de Albuquerque	1509
Idem	Lopo Soares de Albergaria	1515
Idem	Diogo Lopes de Siqueira	1518
Idem	D. Duarte de Menezes	1521
Viso-rei	D. Vasco da Gama	1524
Governador	D. Henrique de Menezes	1524
Idem	Lopo Vaz de Sampaio	1526
Idem	Nuno da Cunha	1529
Viso-rei	D. Garcia de Noronha	1538
Governador	D. Estevão da Gama	1540
Idem	Martim Affonso de Sousa	1542
Governador e Viso-rei	D. João de Castro	1545
Governador	Garcia de Sá	1548
Idem	Jorge Cabral	1549
Viso-rei	D. Affonso de Noronha	1550
Idem	D. Pedro Mascarenhas	1554
Governador	Francisco Barreto	1555
Viso-rei	D. Constantino de Bragança	1558
Idem	D. Francisco Coutinho	1561
Governador	João de Mendonça	1564
Viso-rei	D. Antão de Noronha	1564
Idem	D. Luís de Ataide	1568
Idem	D. Antonio de Noronha	1571
Governador	Antonio Moniz Barreto	1573
Idem	D. Diogo de Menezes	1576
Viso-rei	D. Luís de Ataide	1578
Governador	Fernão Telles	1581
Viso-rei	D. Francisco Mascarenhas	1581
Idem	D. Duarte de Menezes	1584

(Cf. Couto, dec. x, liv. i, cap. xv).

Roteiro da costa do Malabar, de Cananor a Cochim

As distancias em leguas são referidas à localidade ou rio immediatamente anterior

Cananor.		
Tremapatão (ilhas de)	2	leguas
Rio do Sal	1/2	»
Rio de Maim	1 1/2	»
Chomamba, que tem defronte umas pedras	1	»
Motangue	1/2	»
Pudepatão (rio de), onde o Cunhalle tem a sua fortaleza (1597)	1/2	»
Tiracole (villa de)	2	»
Coulete ou Couleche (villa de)	2	»
Capocate (rio de)	1	»
Pudiangare	1	»
Calecute	1	»
Chalé	2	»
Paranor	2	»
Tanor	2	»
Paranora	2	»
Panane (rio de)	1	»
Paliporto (barra de)	9	»
Cranganor (rio de)	4	»
Cochim	5	»

(Couto, dec. XII, liv. I, cap. XVIII. Cf. Barros, dec. I, liv. VIII, cap. I; Duarte Barbosa, pp. 340-345).

INDICE ALPHABETICO

CORRIGENDA

Por lapsos de revisão escaparam-nos algumas incorrecções de fórma na nossa Introducção; são as que vão notadas a seguir.

Na parte arabe quebraram-se na impressão algumas letras ou cairam os diacriticos de outras; isso foi devido á fragilidade do typo arabe da Imprensa. Houve comtudo no texto arabe um lapso importante: isto é, o titulo do cap. IX de p. ٦٢ que devia estar a vermelho não o está.

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
XI	4	permittirem	permittiram
»	»	contrariarem	contrariaram
XXII	6	Cosmos	Cosmas
»	27	»	»
XXVII	18	seguiram	seguiam
XL	3	Socotara	Socotora
XLV	17	elle	elles
XLVI	7	levavam-nas	levavam-nos
LII	15	Cosmes	Cosmas
LV	25	elles	ellas
LXI	10	cnttam	cuttam
LXII	13	principios	principes
LXIII	15	lias	familias
LXXVII	13	1546	1540
XCV	29	Sabil	Salil
CII	23	*A*	*C*
»	35	*C*	*A*
٣٧	15	**1**, 6	**1**, 6 *C*
٤٤	8	الافرنح	الافرنج

ERRATA IMPORTANTE

Na p. CI, l. 18 e 19, onde se lê — O da Sociedade Asiatica e o 1:044 IV — leia-se — O do Museu Britannico e o 714.

COSTA OCCIDENTAL DA INDIA

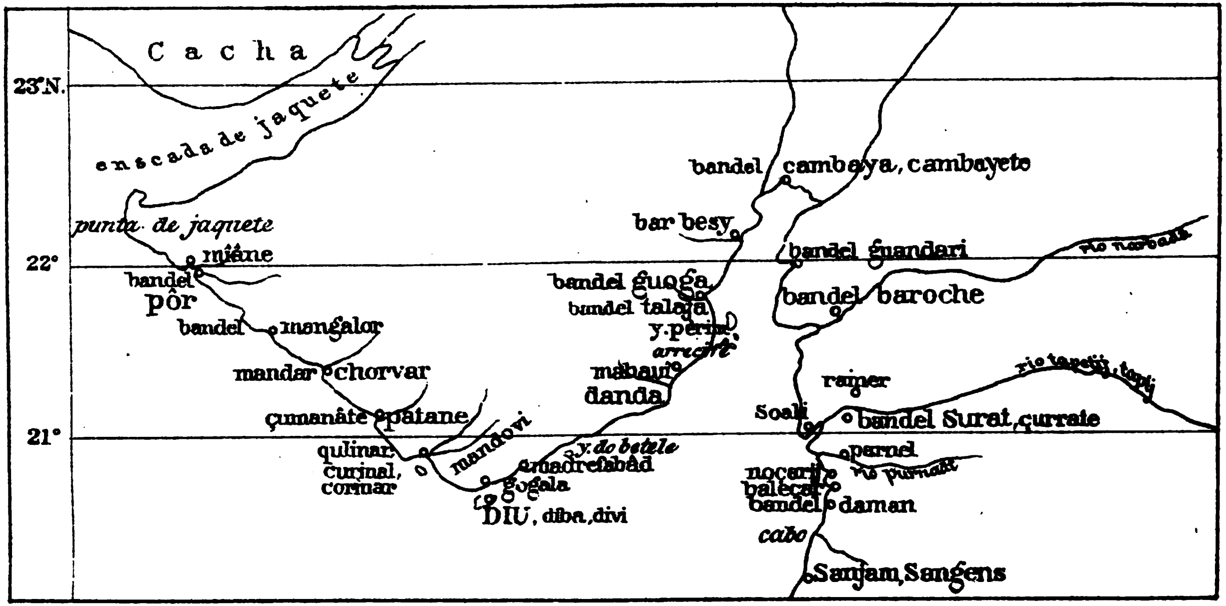
DE DAMÃO AO CABO COMORIM

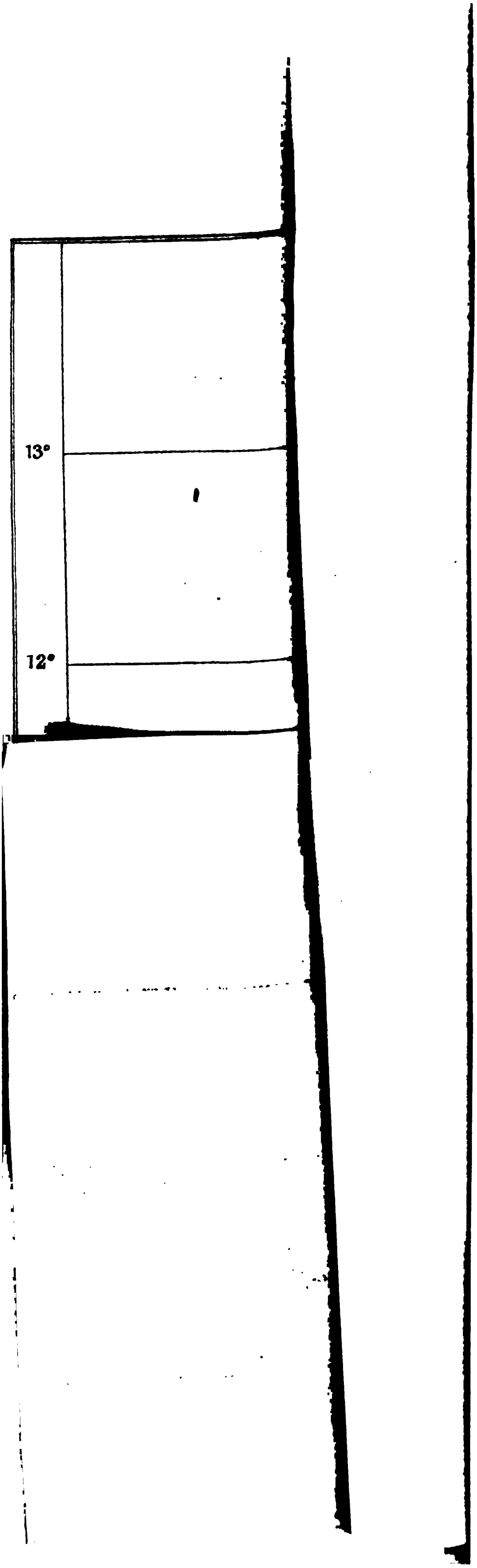
COSTA OCCIDENTAL DA INDIA

DE DAMÃO AO CABO COMORIM

REINO DE GUZERATE

II




13°
12°

Acabou de imprimir-se

Aos 19 dias do mez de novembro do anno

MDCCCXCVIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA

LISBOA—IMPRENSA NACIONAL—1898